UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRÁS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

BÁRBARA DA COSTA E SILVA

Tal pai, tal filho: estudo e tradução das declamações *O Jovem Herói* (*Decl.* 5) e *O Velho Sovina*
(*Decl.* 6) de Corício de Gaza

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2016

Bárbara da Costa e Silva

Tal pai, tal filho: estudo e tradução das declamações *O Jovem Herói* (Decl. 5) e *O Velho Sovina* (Decl. 6) de Corício de Gaza

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre.
Dissertação defendida e aprovada em 15/12/2015.

Área de Concentração: Letras Clássicas

De acordo,

A handwritten signature in blue ink, reading "José Marcos Mariani de Macedo". The signature is fluid and cursive, with a long horizontal stroke at the end.

Prof. Dr. José Marcos Mariani de Macedo

São Paulo

2016

Resumo

SILVA, Barbara da Costa. *Tal pai, tal filho: estudo e tradução das declamações O Jovem Herói (Decl. 5) e O Velho Sovina (Decl. 6) de Corício de Gaza*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2015.

Essa dissertação tem como objetivos a tradução ao português brasileiro e o estudo de duas declamações, quais sejam *O Jovem Herói (Decl. 5)* e *O Velho Sovina (Decl. 6)*, creditadas a Corício de Gaza, um professor de retórica cuja produção se situou na primeira metade do séc. VI d.C. Primeiramente, apresentam-se as traduções. Em seguida, o estudo, que é dividido em dois blocos: o primeiro capítulo busca contextualizar o *corpus* tendo em vista a conjuntura histórico-literária na qual ambas as declamações se inserem. O segundo capítulo corresponde à análise descritiva e interpretativa das principais características estilísticas, linguísticas e argumentativas de ambos os textos.

PALAVRAS-CHAVE: Retórica, Retórica Grega, Ensino da Retórica, Declamação, Corício de Gaza.

Abstract

SILVA, Barbara da Costa. *Like father, like son: study and translation of Choricus of Gaza's declamations The Young Hero (Decl. 5) and The Miser Old Man (Decl. 6)*. Master's Dissertation - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2015.

The main goals of this research are the translation into Brazilian Portuguese and an introductory study of two declamations, *The Young War Hero (Decl. 5)* and *The Miser Old Man (Decl.6)*, credited to Choricus, a teacher of rhetoric who worked and lived in the 6th century Gaza. Firstly, I present the translation, then the study, which is divided into two sections: in the first chapter I contextualize both declamations historically and in the literary sense. In the second chapter I present a descriptive and interpretative analysis of the main stylistic, linguistic and argumentative characteristics of both texts.

KEYWORDS: Rhetoric, Ancient Greek Rhetoric, Lessons of Rhetoric, Declamation, Choricus of Gaza.

Sumário

Nota introdutória.....	6
------------------------	---

PARTE 1 – TRADUÇÃO

Prefácio à tradução.....	11
<i>O Jovem Herói</i>	13
XVIII (=dial. 10).....	15
XIX (= dial. 11).....	16
XX (= decl. 5).....	17
<i>O Velho Sovina</i>	34
XXI (= dial. 12).....	34
XXII (= dial. 13).....	37
XXIII (= decl. 6).....	38

PARTE 2 – ESTUDO

<i>Capítulo 1. Texto e contexto</i>	59
1. O gênero declamação do período clássico a Corício.....	59
2. Corício, declamador: contexto biográfico.....	72
3. As declamações coricianas entre declamação pública e escolar.....	77
4. A temática.....	80
4.1. Pai <i>versus</i> filho nas declamações greco-latinas.....	82
4.2. A guerra em Sofistópolis: o universo do <i>aristeus</i> e <i>O Jovem Herói</i>	86
4.3. Os paradigmas cômicos de velho avaro e <i>O Velho Sovina</i>	90
<i>Capítulo 2. Um olhar analítico sobre O Jovem Herói e O Velho Sovina</i>	99
1. Problematizando o gênero: entre a assembleia e o tribunal.....	99
2. Análise de <i>O Jovem Herói</i>	105
3. Análise de <i>O Velho Sovina</i>	137
Considerações finais.....	163
Referências Bibliográficas.....	167
Anexos.....	185

Nota Introdutória

Esta dissertação é fruto de minha pesquisa de mestrado realizada juntamente ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, Brasil, sob orientação do Prof. Dr. José Marcos Mariani de Macedo. O foco da pesquisa foi a tradução e o estudo de um par de declamações, *O Jovem Herói* (Decl. 5) e *O Velho Sovina* (Decl. 6), do professor de retórica Corício de Gaza (VI d.C.).

As Decl. 5 e Decl. 6 de Corício não foram selecionadas de modo fortuito. Ambas as declamações estão incluídas em um *corpus* declamatório único, o de Corício, que se destaca pela integralidade dos textos e por ser um dos últimos vestígios da prática da declamação na Antiguidade. Além disso, ambas as declamações destoam das demais por serem orações completas, preservadas em conjunto com o *thema*, as *dialexeis* precedentes e as *theoriai*. São também *antilogiai*, i.e. discursos que correspondem às duas partes em litígio, algo muito raro de se encontrar no *corpus* supérstite de declamações greco-latinas. Afora as inúmeras possibilidades de interpretação, esse par de orações aclimata-se em uma temática declamatória bastante popular no período romano, a familiar. Hodiernamente, uma corrente crítica importante busca reconhecer aspectos culturais próprios das sociedades nas quais a declamação foi praticada, visando descobrir se seria possível questionar certos comportamentos utilizando a ficção como escudo protetor. Nessa perspectiva moderna, ambos os textos podem fornecer informações valiosas sobre as relações familiares no período imperial.

A delimitação do *corpus* também foi feita tendo em vista o ineditismo.¹ Até o momento da defesa dessa dissertação, a única tradução para uma língua latina das declamações de Corício é o trabalho de Simona Lupi (LUPI 2010), no qual a autora apresenta

¹ A única tradução integral das declamações *O Jovem Herói* e *O Velho Sovina* é a de Russell, publicada em 2009. Excertos de ambas as declamações foram, contudo, traduzidos em estudos anteriores: o próprio Russell em seu célebre livro *Greek Declamation* (1983) traduz a *dialexis* 12 entre as páginas 83 e 84. J. Walden em *The Universities of Ancient Greece* (New York: Charles Scribner's Sons, 1909) aparentemente traduz trechos iniciais de ambas as declamações entre as páginas 240-41. Não tive acesso a esse trabalho, portanto cito a partir de LITSAS 1980: 62.

uma tradução comentada da *Decl.* 4. A primeira tradução integral das declamações para o inglês data de 2009. Corício é um autor que despertou o interesse da crítica somente a partir dos anos 80, com os trabalhos de Donald Russell (1983) e Fotios Litsas (1980, inédito); os estudos mais aprofundados, porém, só foram iniciados já nos anos 2000, especialmente sob a coordenação de Eugenio Amato (Nantes), que está preparando edições e traduções para toda a obra de Corício.²

O resultado organiza-se em duas partes, sinalizadas como "Parte 1" e "Parte 2":

Parte 1. Essa seção corresponde às traduções em português brasileiro das duas declamações, bem como dos prefácios, dos temas e dos comentários pertencentes a cada um dos discursos. A edição utilizada foi a de Föster e Richsteig (doravante F.-R.), que é a única edição completa da obra de Corício. O texto grego encontra-se em anexo. A tradução vem acompanhada de brevíssimas notas de caráter interpretativo ou textual; o trabalho de notação se resguardou a segundo plano, pois escolhi assinalar as características principais de ambos os discursos no segundo capítulo.

Parte 2. A segunda parte divide-se em duas seções: na primeira, correspondente ao primeiro capítulo, buscou-se contextualizar ambas as declamações historicamente e de um ponto de vista literário. O segundo capítulo trata da análise formal dos dois discursos. O estudo analítico orbitou em torno de cinco pontos, que são: 1. o gênero retórico e a *stasis* nos quais ambos os discursos se inserem; 2. a divisão dos discursos em partes (proêmio, narrativa, provas e epílogo), i.e. como os discursos são estruturados e como as partes se relacionam entre si e com o escopo geral de cada discurso; 3. como o conteúdo visto em cada uma das partes conecta-se àquilo esperado de cada parte segundo os manuais clássicos e àquilo dito pelo próprio Corício nos comentários; 4. os tipos de argumentos empregados e a divisão da argumentação em pontos capitais do gênero deliberativo (a saber, *legalidade*, *utilidade*, *possibilidade*, *honorabilidade*, *consequência* etc.); 5. estilo, especialmente o uso de figuras de linguagem comumente declamatórias.

² Para um panorama geral dos estudos acerca de Corício realizados até o ano de 2005, Cf. AMATO 2005.

As traduções gregas e latinas são de minha autoria, exceto quando indicadas. A edição dos textos gregos e latinos, salvo quando assinaladas, são retiradas do *Thesaurus Linguae Graecae* (doravante TLG) e do *Thesaurus Linguae Latinae* (doravante TLL). As citações aos textos antigos seguem as abreviações propostas pelos dois dicionários consultados: para as obras gregas, utilizei a lista de abreviaturas do *Liddell & Scott* (doravante LSJ), para as latinas as do *Le Grand Gaffiot* (doravante GAFFIOT). A tabela de abreviaturas dos autores antigos mais citados pode ser consultada em referências bibliográficas.

Esse estudo não teria visto a luz do dia sem o apoio financeiro da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e sem a confiança e o estímulo do meu orientador, Prof. José Marcos Mariani de Macedo. Meus mais sinceros agradecimentos vão aos que me ajudaram a superar a deficiência bibliográfica que enfrento estando no Brasil: aos membros do grupo de estudos internacional *L'École de Gaza*, pelo sítio *online* incrivelmente informativo, aos professores Antonio Stramaglia (Cassino), Malcolm Heath (Leeds), Martin Dinter (King's College), Alexander Sens (Georgetown), Ruth Webb (Lille) e aos meus queridos colegas uspianos, Izabella Lombardi, Luciano Ferr e Antônio Silva. Não há palavras suficientes para expressar minha gratidão a essas pessoas que, por pura gentileza e bondade, reservaram um momento de seus dias para pessoalmente copiar material bibliográfico ao qual eu não tinha acesso na USP. Agradeço também ao Prof. Dr. Daniel Rossi (USP), ao Prof. Dr. Pablo Schwartz (USP) e à Profa. Dra. Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho (UFMG), pelos comentários e sugestões por ocasião do exame de qualificação e da defesa. À Profa. Dra. Paula da Cunha Côrrea, ao Prof. Dr. Christian Werner, à Dra. Erika Werner, ao Prof. Dr. Breno Sebastiani, ao Prof. Dr. Paulo Martins, à Profa. Dra. Elaine Sartorelli, à Profa. Dra. Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha, agradeço pelo apoio, que se manifestou de muitas maneiras, ao longo desses anos. Agradeço, de modo geral, à toda comunidade USP, aos meus colegas de graduação e de pós-graduação, aos funcionários do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, que não poucas vezes foram solícitos comigo, e a todos os meus professores, que certamente imprimiram em mim o amor e a dedicação à carreira.

Tudo seria impossível sem a minha enorme família, os Rodrigues, os Costa e Silva, os Alves Ferreira e os Nakakura. Por último, sou imensamente agradecida ao meu amado marido, Fernando Rodrigues Júnior, a quem também dedico essa dissertação, e aos nossos gatinhos, Flor e Fradique.

Muito obrigada.

PARTE 1
TRADUÇÃO

PREFÁCIO À TRADUÇÃO

Apresenta-se nessa dissertação de mestrado a tradução integral de duas declamações creditadas a Corício de Gaza, quais sejam *O Jovem Herói* (*Decl.* 5) e *O Velho Sovina* (*Decl.* 6), bem como de quatro orações introdutórias (prefácios), as *dialexeis* 10, 11, 12 e 13, e as *theoriai* correspondentes a cada declamação. A tradução ao português foi feita a partir do texto estabelecido pelos filólogos Richard Förster e Eberhard Richsteig (Leipzig: Teubner, 1929), texto esse que se encontra digitado em anexo, sem aparato crítico.³ A numeração dos discursos segue a ordenação proposta em F.-R., segundo a qual cada declamação é precedida por seus prefácios, temas e comentários.⁴ Não foi possível manter a paginação da edição F.-R., portanto todas as referências ao texto foram feitas a partir da numeração dos parágrafos e não das páginas.

Optou-se por um trabalho com poucas notas, pois no segundo capítulo os pontos mais importantes de cada discurso são analisados e comentados. No entanto, algumas notas foram necessárias, sobretudo acerca do texto grego e de passagens cujas interpretações causam dificuldade. As notas de caráter interpretativo se encontram como notas de rodapé no corpo da tradução, enquanto as de caráter textual encontram-se como notas de rodapé no

³ Em 1930, G. Middleton afirmou em sua breve resenha da edição da obra de Corício que havia sido recentemente publicada: "this edition is sure to remain the standard one for very many years to come". A edição mencionada tratava-se do trabalho dos alemães Richard Förster e Eberhard Richsteig, publicado em 1929 pela Teubner. A previsão de Middleton se provou correta: até hoje nenhum trabalho suplantou a edição Förster-Richsteig, que se tornou a edição padrão para a obra de Corício. (Cf. MIDDLETON 1930: 44). Apesar da relevância do trabalho de Förster e Richsteig, não possuímos, ao que pude pesquisar, no Brasil nenhum exemplar desse livro. O texto grego está disponível no TLG, mas sem aparato. A edição chegou em minhas mãos por via de uma cópia feita no exterior. Já no fim da pesquisa, tive a notícia de que o grupo de estudos *L'École de Gaza* disponibilizou a edição no site do grupo. A eles sou imensamente agradecida pelo trabalho. Pela dificuldade de encontrar o texto, pareceu mais razoável adicioná-lo como um anexo à dissertação, de modo que o leitor interessado pudesse consultá-lo com mais facilidade.

⁴ Penella (2009), por exemplo, organiza a tradução inglesa das declamações de Corício de forma distinta: apesar de o comentador dizer que as traduções foram feitas a partir da edição de F.-R., ele escolhe traduzir os prefácios em uma seção distinta, anterior às traduções das declamações.

corpo do texto grego em anexo. As adições feitas por mim, tendo em vista a clareza do português, estão indicadas por [].

1. Tradução de *O Jovem Herói* (pp. 221 – 248 F.-R.)

XVIII (= dial. 10)

PREFÁCIO 10 [XVIII]

Este prefácio, construído com o objetivo de impelir os jovens a se esforçarem mais, mostra que as artes são inúteis aos que as praticam sem um exercício sólido.

1. Disse, certa vez, o pastor ascreu⁵ - não quando era pastor, mas depois de ter virado poeta - que, sem exercícios físicos e esforço, as empreitadas humanas tendem a não obterem êxito. ⁶ Muito embora, tu, meu caro, não frequentaste escola quando menino. Tu, ao contrário, recebeste o ramo de loureiro das Musas enquanto pastoreavas e cantaste os versos épicos enquanto o seguravas.⁷

2. Por que recomendas que os outros trabalhem quando tu mesmo de pastor viraste poeta sem esforço? Ou é evidente que queres nos mostrar que nenhum ensinamento das Musas é seguro sem exercício?

3. Eu adoro muito o poema épico e o elogio, por isso, elogiando-o, discursarei. O espartano Lisandro⁸, entre outros hábitos lacônios, mantinha uma dieta regrada, moderada e que enchia a barriga de um espartano. Quando foi à Jônia, de imediato se voltou ao luxo e à abundância.

4. Como a força de seu corpo foi, aos poucos, se tornando efeminada, imitando seu próprio estilo de vida (ele ficou conhecido como "o lanceiro mole"⁹), ele se tornou um aluno de sua experiência e aprendeu, como parece, que nenhum espartano, nem Lisandro, é habilidoso na guerra sendo relaxado.

⁵ O ascreu, natural de Ascrea, uma vila na Beócia, é Hesíodo. Cf. *Ov. Pont.* 4. 14. 32; *Am.* 1.15.11; *Prop.* 2.13.4; 2.34.77.

⁶ Esse tema é, de modo geral, trabalhado em *Hes. Op.* vv. 289 *et seq.*; vv. 410 *et seq.*

⁷ O episódio célebre no qual Hesíodo recebe o ramo das Musas é contado em *Th.* vv. 23 *et seq.*

⁸ Lisandro, na *Ilíada*, é um soldado espartano morto por Ájax. Cf. *Il.* 11. vv. 490 *et seq.* Há também a figura histórica Lisandro, general espartano ativo na Guerra do Peloponeso; sobre a figura histórica Cf. *Plu. Lys.*

⁹ Traduza por "lanceiro mole" o grego *μαλθακὸς αἰχμητής*, que é atribuído a Menelau em *Il.* 17.588.

5. Esse foi seu erro e sofrimento. Eu com prazer vos contaria uma das histórias de Esopo, se não temesse aqueles que me criticam por contar histórias. Então, se trouxesse à tona a história de um cavalo e de uma tartaruga¹⁰, como competiram um com o outro em uma corrida, e como o cavalo perdeu por preguiça, bem sei que vós interromperíeis minha fábula no começo, alegando que eu conduzo ao teatro os assuntos dos que adentraram recentemente a palestra de Hermes.¹¹

6. A velocidade dos pés e a força corporal, a primeira faz o cavalo cair, a segunda o soldado indolente, por que, então, a eloquência suportaria permanecer negligenciada?¹² Os antigos cantavam isto e eu concordo: os deuses negociam dádivas aos homens não por ouro - Por Zeus! - ou prata, como dizem - afinal como os "deuses doadores de boa fortuna" precisariam disso? - mas por exercícios e trabalhos.¹³

¹⁰ A fábula mencionada, a do cavalo e da tartaruga, parece ser uma versão da célebre história da lebre e da tartaruga (Esopo, *Fab.* 254 Hausrath-Hunger/420 420b Halms; Babr. 177 Crusius), já presente em Lib. *Progym. Fab.* 2. Segundo Adrados (1999: 105), não há como saber qual animal, se o cavalo ou a lebre, é o mais antigo. Para o autor, no período helenístico haveria duas ramificações da história: a da lebre, em verso, e a do cavalo, em prosa. É importante, contudo, notar que a moral dessa fábula, que se relaciona ao valor do trabalho árduo, combina bem com o tema geral desse prefácio. Desta forma, é mais fácil compreender a frase subsequente; Corício propõe, metaforicamente, uma comparação entre a eloquência e a tartaruga; ambas, negligenciadas por suas capacidades, precisam de treino e exercício.

¹¹ A "palestra de Hermes" é a escola de retórica. A expressão também é usada por Corício em outro momento (*Or.* 7, §5)

¹² A sintaxe da passagem é complexa. No original, há uma contraposição entre a velocidade dos pés/cavalo e força corporal/soldado, expressa pela combinada de partículas, como destacado:

ἀρα οὖν ποδῶν μὲν ὀξύτης καὶ σώματος ῥώμῃ ἢ μὲν ἵππον, ἢ δὲ στρατιώτην ῥάθυμον ἀποσεύεται, λόγοι δὲ μένειν ἀνέχονται παρορώμενοι;

Desta forma, a tradução proposta deixa clara a sintaxe do original. Em inglês, por exemplo, Penella (2009: 44) ignora essa contraposição de partículas:

But tell me, if swiftness of foot and bodily strength can trip up a horse or a soldier who is heedless of them, can eloquence endure being neglected?

Na verdade, não são ambas que podem derrubar um cavalo e um soldado; a velocidade dos pés faz cair o cavalo, enquanto a força corporal faz cair o soldado.

¹³ A ideia de que os deuses demandam dos homens tarefas árduas ao invés de bens é tradicional no pensamento grego. Cf., por exemplo, Epich. fr. 287-Kaibel (*apud* X. *Mem.* 2.1.20):

τῶν πόνων πολλοῦσιν ἡμῖν πάντα τὰ γὰθ' οἱ θεοί.

"Os deuses negociam tudo que é bom pelos nossos esforços".

7. Pareço, jovens, passar pelo mesmo diante de vós que o micênio diante de Teucro, o qual percebendo que o arqueiro usava sua arte com esmero, o exortou amigavelmente a continuar fazendo o que já fazia.¹⁴

¹⁴ Cf. *Il.* 8.278 *et seq.* O micênio é Agamêmnon.

Feito no meio do discurso, que necessitou de uma segunda reunião, este prefácio mostra que seu posicionamento lhe é adequado.

1. Homero, o poeta, seja por apiedar-se do homem de Ítaca vagando pelo dorso do mar, seja por querer adornar sua poesia, para que ela encante ainda mais os leitores, levando de um a outro prazer, não levou Odisseu diretamente à Ítaca, mas à Feácia, uma ilha grande e próspera. Submeteu-o à corte de Alcínoo, o fez hóspede e conduziu um citarista ao simpósio, um amado pela Musa. Ele, no meio do jantar, tomando a lira, tornou o banquete mais agradável aos comensais pela harmonia de sua canção e pelos intervalos eventuais da comilança.

2. Mas quando aos piseus¹⁵ veio o festival das Olimpíadas, não apenas atletas estavam entre as coisas a serem realizadas, mas também uma pausa na metade dos eventos, que, fornecendo um intervalo, era um descanso das competições aos atletas e ao teatro um alívio do veemente entusiasmo.

3. O prólogo surgiu para tratar brevemente dos assuntos e não para ser demorado. Agora, com certeza, já cumprido de modo conveniente seu papel, meu discurso não precisaria da vossa terceira reunião.

¹⁵ Pisa era uma região mais ao oeste do Peloponeso. Nela, se encontrava a cidade de Olímpia, sede das Olimpíadas.

XX (= Decl. 5)

O JOVEM HERÓI

[Tema]

Um rico sovina tem um filho. Ele quis casá-lo com uma jovem rica, mas feia de rosto. O jovem, ignorando a corte, por ocasião de um festival que acontecia, se apaixonou por outra moça, bonita, mas pobre, ao vê-la na celebração. Ele pediu ao pai que consentisse o casamento com ela, mas falhou em seu pedido. Ele se destacou na guerra que ocorrera e quer pedi-la como prêmio e tem a lei ao seu lado. Ele pensa ser correto tomar a amada, mesmo quando seu pai se coloca contra. Declamemos como o jovem.

Comentário

1. As leis da arte permitem que filhos discordem dos pais. Os casos fictícios mimetizam os casos que a vida dispõe.
2. O jovem ganha o povo para sua causa de várias maneiras: ele afugentou os inimigos, libertou a pátria do perigo, advoga baseando-se na lei e pede uma recompensa moderada, a jovem criada na pobreza. Embora abundante em argumentos, ele jamais deixou de refletir e nunca teve a certeza de que venceria a disputa sem esforço, pois filho opõe-se a pai, pobreza a riqueza, que é mais prazerosa aos homens, e ao sovina, especialmente, é mais preciosa.
3. Sendo assim, é provável que ele aja de modo imaturo em alguns pontos e que seja presunçoso em outros, principalmente quando relembrar a guerra, mas se mostrará submisso ao pai, mesmo depois da vitória, por receio de que alguns dos ouvintes infiram o conjunto de sua vida a partir da presente disputa, imaginando que ela sempre foi belicosa e ele sempre ousado com os pais, dando-lhe assim ouvidos menos favoráveis.

4. Melhor seria se o filho fosse mais poderoso do que o amor. Uma vez que ele falhou nesse quesito, a segunda melhor opção¹, dizem, é fazer com que ele não pareça um depravado, sublinhando que esse é seu primeiro amor, que não tomou a jovem à força e que não fez nada censurável, coisa habitual de ser feita pelos apaixonados. Assim, ao mesmo tempo em que se livra do mau comportamento, ele exalta a amada ainda mais, mostrando que a beleza dela conquistou um rapaz moderado.
5. Isso ele fará e tentará provar que ela é mais adequada do que a rica. Se ele, eventualmente, parecer elogiá-la além do necessário, deve-se dar [essa liberdade] ao apaixonado.
6. Eu deixo o pai como tema aos que são ao mesmo tempo velhos e sovinas, de modo semelhante ao dele. Enquanto a mim, eu, naturalmente, declamei como o jovem. Um antigo provérbio diz que os de mesma idade se atraem.²

Declamação

1. O pai deveria ter unido-me em matrimônio à mulher por quem estou apaixonado antes da guerra, assim eu não pareceria pedir à cidade uma compensação pela bravura e minha vitória soaria muito mais amável a vós, pois seria dada à pátria gratuitamente; pois o homem que pede uma recompensa por ambição toma de volta a gentileza que fez. Mas me parece que alguma sorte afastou o casamento, de modo que eu me tornasse atraente à moça pela vitória. Não é adequado, como penso, receber tamanho prêmio sem uma disputa.

¹ δεύτερος πλοῦς é uma expressão proverbial atribuída a Menandro. O Fr. 6 Kö, retirado de um escólio do *Fédon* de Platão (99c), diz o seguinte:

παροιμία·

δεύτερος πλοῦς

ἐπὶ τῶν ἀσφαλῶς τι πραττόντων, παρ' ὅσον οἱ διαμαρτόντες κατὰ τὸν πρότερον πλοῦν ἀσφαλῶς παρακευάζονται τὸν δεύτερον. ἐμνήσθη δὲ ταύτης...Μένανδρος...Θεοφορουμένη.

“Provérbio:

Segunda melhor opção

[É usado para falar] acerca daqueles que fizeram algo com êxito, bem como aqueles que não obtiveram sucesso na primeira viagem, mas completaram a segunda com êxito. Menandro menciona isso na *Theophoroumene*”.

² O provérbio em questão é mencionado em Pl.*Phdr.*240c.

2. Se fosse adequado a uma senhorita participar de uma assembleia e ser vista em meio à reunião de tanto homens e se fosse habitual à garota encarar olhares alheios, não haveria desavenças entre nós e eu iria embora tendo lucrado uma dupla felicidade ao vencer a disputa pela amada com a ajuda da amada (assim é sua beleza, tão invencível que não precisa de dote como alívio à feiura). Posto que isso seja um despudor e que ela se envergonhe, por sua idade, natureza e criação e pelo fato de a assembleia ser fechada às mulheres por lei, um grande argumento e vantagem tem meu pai, não estando nenhuma delas presente.
3. Se as duas aparecessem juntas, a diferença entre elas seria maior: uma ainda mais pobre de rosto quando vista junto da minha, que pareceria muito mais bonita ao lado daquela.
4. Se a lei permitisse que as moças estivessem presentes, de modo que, por isso, eu tivesse uma vantagem na disputa, eu escolheria brigar em armas com a multidão de pretendentes que desejam a minha mulher ao invés de confrontar meu pai. Eu fui treinado para suportar os perigos da guerra, e isso é mais fácil do que ser mal criado ao meu pai. Sabereis da minha justiça para com ele, se me suportardes enquanto narro a minha versão. Amar uma jovem bonita e igualmente honrar o pai que recusa o casamento com ela, isso é prova de que o filho sabe servir os pais. Vede, portanto, se pareço possuir tais qualidades em meu caráter.
5. A minha vida era como a de um filho que, criado por um pai miserável, odeia a vida desregrada. Assim sendo, eu era receoso dos prazeres carnavais, das farras, dos banquetes e de todas as outras coisas agradáveis, de modo que meus colegas me admoestavam, chamando-me de covarde e esquisito: "Até quando sereis o filhinho escravizado pelo papai sem conhecer absolutamente nada de bom na vida?"
6. Mas eu não me importava com esses escárnios, apenas com o zelo pela boa conduta e o viver de modo imaculado. O excesso de moderação me fez acreditar que as histórias sobre o Amor fossem fábulas, que alguns descontrolados inventaram o deus Amor como pretexto para suas depravações.
7. Ainda há pouco eu era assim enganado. Quando se aproximou o festival, no qual não era uma vergonha mulheres exporem-se aos homens, meu pai resolveu aproveitar a ocasião

de forma mais extravagante do que segundo a natureza que lhe é familiar; e assim ele agiu. No festival, na bebedeira, ele me lembrou do casamento e fez um comentário sobre a moça acerca da qual eu teria uma justificativa para hesitar em falar: seu rosto não poderia ficar impresso em minha memória, mesmo se a imagem da amada repelir de meu pensamento a aparência dessa mulher. Ele já havia me falado sobre ela, me irritando por repetidas vezes em vão. Naquele momento, ele pensava ser mais convincente, pois o festival lhe seria um defensor.

8. Assim que meus ouvidos foram atingidos por suas palavras, me levantei discretamente do jantar, contemplando as celebrações. O que mais faria um jovem criado para ficar em casa quando estivesse em um festival? As coisas prazerosas que não temos o costume de ver, isso, sobretudo, temos vontade de ver.

9. Então, avistei uma jovem, vestida com mantos simples, na flor da juventude, resplandecente em seu caráter genuíno, exultando a inocência de sua alma por sua beleza pura e sua simplicidade de aparência. Quando ela, distanciando-se do coro de jovens, se levantou serena e só, vendo-a assim, me apaixonei, caindo nos pretextos do amor: o festival, a bebida, a bela moça, a muita juventude, e o pai, que tinha esperanças de casamento. Ela, logo ao perceber que eu a encarava, ficou vermelha e pareceu mais bonita, pois em sua face misturavam-se as cores do pudor e da nobreza.

10. Rapidamente anoiteceu, pois o desejo insaciável de ver a jovem revelou aquele dia o mais curto de todos. Quando a noite que caía encerrou o festival, meu pai mencionou o regresso para casa; eu retornei, mas antes dei uma boa olhada na garota, imprimindo em meu pensamento sua face, para que eu a imaginasse quando estivesse em casa.

11. Conversamos sobre o festival durante todo o caminho. Enquanto meu pai me contava os gastos e dizia que festivais são pretextos para o gasto, eu ia elogiando o bom comportamento das jovens. Todos gostam quando seus vizinhos lhes contam seus próprios pensamentos.

12. Assim sendo, como poderia ser a minha noite? Os sonhos, esperanças dos que dormem, mostravam até a aurora um pai que me dava ouvidos e que suportava a noiva pobre. Eu estava entre a vergonha e o desejo: a vergonha comprimia a língua, o desejo odiava o

silêncio, a vergonha mostrava meu pai hesitante, o desejo me dava a esperança de convencê-lo. Eu oscilava a balança, mas a jovem pesava para o seu lado e pus meu pai à prova. Sem revelar minha paixão, fui deixando claro meu pensamento através de pistas: fazia cara de desanimado, para que ele perguntasse o motivo da minha tristeza.

13. Nenhuma suspeita foi levantada contra mim, pois minha costumeira moderação não permitia que tal pensamento avançasse. Resolvi, parando com o disfarce, despir-me da vergonha. Treinei um discurso convincente, mas quando me aproximei do pai, me senti pressionado por tornar público meu sentimento, mudei de cor e fiquei sem palavras.

14. Mas me impeli a falar abertamente, vendo que meu pai estava livre e amável, feliz com algo. Eu lhe falei e ele foi se convencendo daquilo que eu precisava. Assim, o bajulei e jurei a mim mesmo esclarecer as coisas e [jurei] que não havia mais espaço para o silêncio. Comecei meu discurso assim: "um jovem que tem o suficiente de posses deve casar com uma mulher bonita e não com uma rica". Meu pai não suportou um discurso mais claro, me deu uma olhada brava e terrível e drenou toda sua raiva do olhar.

15. O que foi, pai? Fui rude de alguma forma contigo? Reclamei para outros da tua insatisfação para com teu filho? Disse algo precipitado? Prestei a ti um respeito mais indolente que o comum? Se alguma coisa das mencionadas foi feita por mim, que eu me torne marido da feia!

16. Sei que ele se valerá bastante do argumento: "Jovem em disputa com velho, filho contradiz o pai". Isso ele repetirá várias vezes, julgando que filhos devem em tudo servir aos pais. Examinai por um curto tempo, quanto demandar o discurso, mudando vosso pensamento da disputa de ambos para os fatos, considerando que isso de "eu sou pai e velho, ele é jovem e filho" é uma falta de argumentos justos.

17. Eu sempre pensei ser correto honrar os mais velhos como guias do caminho que será preciso cruzar e assim tento me comportar com meu pai, do mesmo jeito que meu filho com a amada se comportaria. Eu tenho a guerra como testemunha do respeito que tenho por ele. Quem não sabe que o sucesso é inconcebível sem o favor dos deuses e que sem essa aliança é impossível que um homem mau para com seu pai alcance o sucesso? Portanto, como mostra

a vitória, sou um querido aos deuses e, como mostra a benevolência dos deuses, sou um belo cuidador do meu pai, não é?

18. Como disse, assim penso. Sei que a natureza não distingue os mesmos limites para mestres e pais. Aos primeiros, a natureza permite usar da força com os criados, aos pais, o persuadir os filhos é mais conveniente do que a força. Tu percebes, pai, que a assembleia se reúne para ambos e que o povo ouve cada caso com seriedade. Qual servo tem tal vantagem para com seu mestre?

19. Por que se precisa de grandeza? Até há pouco estávamos em guerra. O momento exigia a convocação de toda a juventude da cidade. Se todos os pais ficassem em casa, sofrendo de algum sentimento paternal, vigiando o filho, a cidade teria um belo fim, apenas para que o filho não contradissesse o pai. Se fosse obrigatório obedecer aos pais em todas as situações, o legislador não chamaria os heróis para escolher os prêmios que querem; com certeza, penso eu, escreveria: "Se o pai de um herói ainda vive, é necessário que ele escolha o prêmio".

20. Não é apenas a lembrança da lei que pôs esse pensamento em minha mente. Se meu pai me visse vestindo a armadura quando a guerra emergia e me visse carregando a lança e confiando minha salvação ao incerto da guerra, se ele soubesse que me veria no futuro, ele prometeria, por piedade e como incentivo, me dar a amada se eu vencesse. Quando, porém, eu levantasse o troféu e fizesse menção à promessa, ele voluntariamente esqueceria do acordo. Será que a forma pela qual ele agiria seria alheia à condenação?

21. Se é absurdo que uma promessa apenas verbalizada não seja concretizada, mais esquisito, certamente, seria se as promessas escritas de toda a cidade fossem invalidadas. As leis estabelecidas acerca das recompensas são as promessas escritas da cidade. Seria um mal menor, penso eu, não haver leis indulgentes do que transgredir as escritas, de modo que o processo não recairia sobre vossa resolução, mas na constituição ela própria.

22. Sem dúvida outros homens se destacaram em guerras anteriores e tomaram, pelo seu heroísmo, mulheres de cidadãos e donzelas já prometidas, ficando contente com a perda do outro e trazendo infelicidade pelos serviços públicos. De todas as coisas, a mais dura é o

sofrimento pela felicidade coletiva e, sobretudo, ver aquele que lhe fez mal sendo honrado por outros. Eu estou pedindo uma jovem que jamais foi cortejada ou prometida.

23. Já que a lei gratifica heróis por suas honras, mesmo que elas firam o direito de alguns cidadãos, como um homem que cuidou da comunidade na guerra e que não ferirá ninguém com seu pedido não será agraciado por todos? Duas coisas devem influenciar a resolução dos que recebem pedidos em conceder ou não: o que é dado, a eles, é pequeno, mas soa grande a quem o recebe. Ao mesmo tempo que isso não dói aos doadores, faz quem recebe bastante grato a eles.

24. Eu te perguntaria com prazer, pois é razoável que tu, sendo mais velho, já tenhas visto mais guerras: foi a primeira vez que a cidade teve que se defender ou lembras de mais algum caso?

25. Se for a primeira vez, seria horrível o vencedor da primeira guerra não receber aquilo que pediu. O homem precursor em algo que merece reconhecimento é muito mais digno de ser honrado, pois não imitou ninguém e deixa à futura geração um belo modelo de imitação. Se alguém antes de mim já tiver afugentado de forma nobre a guerra e se tiver sido honrado da maneira que pediu, mantende para comigo uma consideração igual. Se ele foi injustiçado, curai, como dizem, um mal com um bem, a vossa ingratidão a ele com a resposta a nós.³

26. Tu talvez reconhecerás que isso é bom, mas dirás que me prometes um casamento mais vantajoso, mencionando o dote da rica e a pobreza da outra, e farás a nós um elogio da riqueza e uma condenação da pobreza. Tu pensas, pai, que o dinheiro é o que define um casamento desejável e que o dote é a virtude da noiva.

27. Considera a beleza de corpo e a feiúra e contrapõe a educação nas tarefas de mulher aos gastos. A pobreza impele ao trabalho, enquanto a riqueza permite outras coisas, dentre elas a indolência e a luxúria. Se alguém dissesse que a pobre se contenta com o trabalho e é moderada em seus modos, haveria uma testemunha muito persuasiva contra a rica. Sendo isso garantido, a beleza compensa os bens materiais.

³ A ideia recorrente na literatura grega é a de curar um mal com outro mal, Cf. *S. Aj.* v. 362.

28. Isso tu compreenderias observando o seguinte: tu presenciaste muitas disputas de lutas, viste prêmios oferecidos aos vencedores, tripés, caldeirões, que valem dinheiro. Contabiliza-se, entre as honrarias para o vitorioso, também a mulher bonita. O homem admirador da beleza jamais discutiu com um juiz, nem fez pouco do prêmio, ele pensa que ela é mais distinta que todas as outras coisas.

29. Não apenas as disputas que têm em vista o entretenimento mostram isso, mas também sempre que um costume semelhante prevalece na guerra. Uma vez que a cidade é capturada e que os espólios jazem em público, com os quais as guerras presenteiam os vencedores, outros dividem o espólio restante, na medida de seu lucro. Por outro lado, o homem que mais se destacou parte tendo escolhido a mais bela das prisioneiras.

30. Aquele que afugentou toda uma falange e ouviu da lei que "não há nada que tu não tomarás" faz pouco de terras, banquetes e tudo que leva à riqueza. Ele, ao invés, diz "Fazei de mim uma pintura e também da batalha e dos inimigos caídos pelo meu punho e o prêmio se completa". Esse é o pagamento que o alegra, é isso que ele pensa ser vantajoso.

31. Assim, a utilidade não se confina aos bens materiais, mas se espalha por diversos canais, ao modo de uma esplêndida nascente que se divide em muitos riachos. Cada um, por assim dizer, tem a capacidade de conseguir aquilo que lhe falta: o pobre, riqueza; o doente, saúde; o covarde inveja o corajoso; a honra é desejada por quem não tem e cada um se agarra àquilo que parece não ter.

32. Como disse, como aqueles que pensam que lhes falta algo de bom, eu recebo de braços abertos o que não tenho. Eu já tenho uma fortuna não pequena e, caso a perca um dia, já fui ensinado pelo pai a viver com o suficiente. Eu penso que a beleza é mais honrável que os bens materiais.

33. Supondo que ambas as moças fossem trabalhadoras e que não tivessem nenhum sentimento de orgulho, eu continuaria pensando que tenho argumentos plausíveis, os quais expus, para preferir a minha amada. A probabilidade fornece provas favoráveis à amada, enquanto levanta suspeitas em cima da outra: a primeira, ciente de ter um noivo mais distinto, tentará de todas as maneiras ser a melhor dona de casa e muito temperante,

recolhendo seu dote a partir dos afazeres com o tear, do cuidado da casa e da modéstia de seu estilo de vida. A outra, que tem folga no luxo, tendo muitas criadas, jóias caras e saindo de casa sempre elegante, cairá na pobreza sem perceber e aos poucos.

34. Se nascesse uma filha cuja aparência lembra a materna, eu precisaria de um volumoso dote para casá-la, um dote que lhe servisse por sua aparência herdada da mãe, de modo que aproveitaríamos as vantagens atuais por um curto tempo, uma vez que nossas propriedades se dividiriam entre a extravagância da esposa e a feiúra da filha.

35. Eu volto o pensamento para ela: a mulher que se orgulha do que tem pensará ser digno ter poder sobre as coisas do parceiro, enquanto a outra preencherá o papel de boa serva, consciente da diferença entre nossas sortes. Quão horrível é suportar uma mulher abominável, cujo domínio não traz prazer ao marido. Quanta felicidade ao homem é comandar uma bela esposa, para a qual a escravidão é um prazer.

36. Em dois pontos todos concordam: nada é mais agradável que um casamento cujo jugo é harmonioso e nada é mais amargo do que um casamento com brigas, diferenças e esses tipos de aborrecimento e de discussão. O prêmio da harmonia entre homem e mulher é o amor, enquanto o ciúme é o início da discórdia.

37. Sendo possível conviver sem distúrbios, por que eu preciso brigar com uma mulher feia? Ela nota meu desejo pela outra e se cala na comparação de aparência, mas pensa que é superior e muitas vezes menciona seu dote. Quando ela for insuportável, colérica, enciumada e fora de si, a cidade cantará a nossa diferença. É difícil que uma mulher enciumada passe despercebida ao brigar com o marido.

38. Dificilmente a lei me reconhecerá no futuro como um dos que administraram os assuntos comuns. O homem que é belicoso e briguento em casa cai sob a suspeita de promover querelas em público, de modo que o casamento que elogias não é nefasto apenas a mim, mas também à comunidade.

39. Além disso, penso que as bonitas são mais fiéis do que as feias. Vós estais vaiando essa minha afirmação como implausível. De fato, o que foi dito é um paradoxo, mas não é alheio à verdade. As mulheres que são amadas pelos maridos, como parece, retribuem da mesma

forma e são gentis e castas. As desprezadas, incapazes de se manterem fiéis (a mulher não desejada pelo marido é escorregadia!) e tendo em vista castigar os parceiros, olham para os prazeres que estão fora de casa.

40. Muito bem. Tu aconselhas ao teu filho algo inútil e danoso. E quanto à terra que te nutriu? As cidades que sabem honrar a virtude produzem guerreiros corajosos para a guerra. Já as cidades nas quais cidadãos inferiores vivem em pé de igualdade aos superiores adoecem e vivem com medo, pois os que foram treinados para lutar perdem a experiência por desânimo e os que não são treinados não treinam uma arte para a qual não há compensação.

41. Um homem sábio e patriota instaurou a lei, ao ver que a vida é instável sem a habilidade bélica, que não há treinamento da força sem ambição e que não é fácil ser ambicioso sem a recompensa. Ele disse: "Se tu salvares o país da guerra, pede tu, confiante, a recompensa que desejares. Eu abri a cidade a ti para que sejas recompensado pelo heroísmo. Seja o que tomares, tu não parecerás tomar algo maior do que os teus esforços. Nós deliberamos isso em assembleia e reunimos a comunidade. Tu és responsável por ti próprio, ainda que teu pai ainda seja vivo".

42. O pai diz: "Procura uma outra casa e que a beleza da esposa te alimente! Tu não aproveitarás dos meus bens ignorando o meu conselho".

43. Isso é cólera, passa rápido. Eu conheço teu amor pelos teus. Tu não suportas ficar longe da família. Eu decidi sair de casa, de modo que tu, na dor, concordasses com a mulher que escolhi para casar. Pai, quanto ao teu dinheiro - a fim de que eu fale um pouco mais livremente do que o usual - quanto mais amares e cuidares dele, menos é preciso te doeres pelo homem que o salvou. O homem que afugentou os inimigos foi capaz de manter a tua riqueza já existente e de dar uma segurança para adicionares mais ao que já existe.

44. O que, então? Ainda resta algum argumento convincente para aqueles que me acusam? O pai diz: "Eu suspeito que tu nutrirás muita má reputação perdendo o autocontrole, de modo a casar com uma mulher inferior ao teu valor".

45. Enquanto tu brigas pela minha reputação, eu me alegro! Vejo o teu cuidado paternal, que tu revelas abertamente, tão abertamente que o teu medo não tem razão. A inata boa

vontade sabe como trazer preocupações, para as quais não há ocasião, ao pai que se preocupa com a família. O que fiz para ser condenado? Aquilo que um intemperante faria? Fiquei de tocaia observando-a sair, esperei o lugar ficar vazio e escuro para a sequestrar? Reuni os amigos e contratei uma flautista e lhe compus uma serenata em sua porta? Ou hesitei em fazer essas coisas repletas de despudor e aliviei minha paixão de um modo menos vergonhoso, através de um criado que me servia, levando e trazendo as respostas, o tipo de coisa inventada para que os amantes se consolem?

46. Eu jamais fui visto fazendo isso e, suspeitando dos criados, jamais falei com a jovem; a uns, o costume parece ser outro, aos que pensam que a vida é insuportável se não se encontram constantemente com as jovens por quem estão apaixonados. Eles, de todos os jeitos, estendem o encontro e, quando a reunião chega ao fim, partem tarde. De imediato, porém, eles se viram para adicionar algo a mais ao que fora dito, pois ninguém se satisfaz ao conversar com a amada. Resistentes, retornam para casa, censurando a si mesmos por terem esquecido muitas palavras importantes à amada. Esse é o costume dos apaixonados.

47. Eu jamais fui movido a fazer nada disso e, embora precisasse desse alívio, não tenho esse costume. O amor é mais pesado para o casto, assim como as doenças para os acostumados a serem saudáveis. Por que me acusas de falta de autocontrole e da vergonha que isso traz? Eu penso que o casto goza de boa reputação e que o homem que persegue o prazer por força merece a chacota e aquele que lida com a situação de forma digna, não fazendo nada de odioso ao pai, não abre espaço para nenhuma acusação.

48. Eu lutei muito para esquecer a jovem, mas ela não é indigna de mim e nem fácil de esquecer. Eu tentei de todas as formas te resguardar. Eu dizia para mim mesmo: "Tu costumavas obedecer ao pai e ser grato por tudo aquilo que não sei o porquê agora abandonas".

49. Dizendo isso, me tornei um péssimo conselheiro a mim mesmo. O contrário me aconteceu, como um homem que se acovarda e se amedronta, como é de se esperar, ao andar por um lugar ermo e escuro. Quanto mais ele tenta afugentar o medo, mais o pavor cresce. Assim, tentei acabar com o encantamento, mas, sem saber, me deixei levar.

50. Apaixonar-se não é algo alheio ao perdão. Se eu tivesse sido impulsionado a isso na velhice, a tua idade, quando há uma certa liberdade de prazeres e calma, uma acusação seria colocada contra mim pela paixão inadequada à idade. No entanto, sendo ainda jovem, se eu tivesse uma mulher ao meu lado e voltasse meu pensamento para outra, uma experiência cotidiana, isso seria uma ofensa, na minha opinião. Condeno os que não são castos, exceto se o homem calhar de ter uma mulher como aquela que o pai quer que eu case.

51. Jovem e solteiro, me apaixonei por uma moça sem marido e sem pretendentes e a peço como prêmio de acordo com a lei. Qual crime, júri, é esse? O pai diz: "Tomando a moça que amas tu não permitirás que os jovens apaixonados tentem superar a paixão, tu forneceras a eles uma esperança de conseguirem o que querem e te tornarás o responsável pela desonra dos pais por parte dos filhos".

52. Um homem que necessita da assembleia, da comunidade e da lei para convencer o pai permite que os filhos se envergonhem menos diante dos pais. Já o homem que se abstém do amor, de modo a não fazer nada absurdo, estimula a juventude aos prazeres vergonhosos. Eu acho que não estou encorajando os jovens a isso, mas ao heroísmo, uma vez que não é à toa que a lei proclama que os que se destacaram na guerra não percam nenhum prêmio.

53. Tomando a mulher que desejo, eu me torno um incentivo aos jovens para a virtude guerreira. Se não conseguir a minha recompensa, a recusa desse único prêmio tornará todos os que virão incertos e o treinamento bélico será destruído pela confiança nas recompensas. A cidade se tornará uma presa fácil aos inimigos.

54. Eu me espanto com meu pai que, cuidando da felicidade dos outros, negligencia a do próprio filho. É claro que o homem casado com uma feia, se for temperante e casto, frequentemente é levado pela feiúra da esposa a procurar o prazer em outros lugares, sobretudo o homem jovem, que tem o pensamento voltado a uma outra mulher, bonita. O homem casado com uma mulher bela e desejada, mesmo se for imoderado, é feliz, mesmo quando escravizado pela parceira.

55. Eu fiquei contente ao ouvir meu pai dizer que é preciso zelar mais pela felicidade do que pela disputa bélica. Ele disse: "Sendo totalmente derrotados, os inimigos desistirão de

tentar uma segunda vez". Fiquei contente ouvindo isso. O que foi dito é um grande elogio a mim, se eu tiver mesmo imposto aos inimigos o retroceder a partir de uma única vitória.

56. É por isso que te convém cuidar, sobretudo, do filho. Talvez tivesses medo antes de os inimigos deixarem a cidade, uma vez que a paixão pelo dinheiro fazia com que os inimigos se materializassem na tua frente. Agora, segundo teu testemunho, a derrota acalmou os ânimos dos inimigos e é possível desfrutar das posses sem medo e adquirir mais delas sem temor. De todo jeito, caso suspeitássemos de outra guerra, a cidade precisaria de homens que soubessem salvá-la. Haveria, mas somente se vissem os homens que se saíram bem anteriormente sendo honrados. Se um troféu imortal fosse o suficiente para acovardar os inimigos, eu faria inválida a tua afirmação que eu forneço uma esperança aos jovens de alcançarem seus desejos.

57. Se a lei não consentisse em dar o prêmio que o jovem deseja sem que ele tenha se destacado na guerra, seria impossível se destacar na guerra, pois não haveria guerra, uma vez que os inimigos retrocederam de uma vez por todas. A origem da escravidão aos prazeres foi extirpada dos jovens, de modo que através de uma única vitória eu vos providenciei um benefício duplo: a liberdade e a temperança.

58. A minha bravura corre o risco de se tornar uma vítima da inveja. Um homem tentou recentemente tornar a minha ambição algo vergonhoso e para muitos disse, apontando para mim: "Esse jovem, ao que parece, mostrou benevolência na guerra não por querer bem a cidade, mas por uma paixão por uma moça". Esse homem, que falou mal de mim, estava fora bem no momento em que a guerra rodeava a cidade. Não era possível pensar em amor naquele momento e naquele dia.

59. Lembrai-vos: quando havia calma e descanso dos preparativos da guerra, a cidade toda, naturalmente, descansava e o homem, inconsciente do malefício, não mantinha guarda. Um mensageiro veio com notícias dos inimigos, que eles já se aproximavam, de modo que os presentes ficaram surpresos. A confusão se instaurou na cidade, como é normal acontecer com o rumor de uma guerra que se aproxima. No furor, todos nós pensamos que a única segurança era abrir mão da segurança. Esses momentos exigem mais rapidez do que razão.

60. Estando tudo suspenso por tamanho medo, a pátria, que corria perigo, afastou a jovem do meu pensamento, ao modo de uma serva que, quando a senhora não está em casa, ri e graceja, mas que, quando a senhora aparece de repente, se cala e se põe no seu lugar, assim a cidade, como a déspota, tem domínio sobre a minha razão.

61. Como a guerra terminou pela nossa estratégia e o meu serviço foi considerado digno da maior recompensa, eu me afrouxei pela sorte e, embriagado pela felicidade da vitória, deixei meu pensamento ser levado pela garota. Como? Eu voltei da batalha, como queria. Homens e mulheres me acompanharam de suas portas até a minha, chamando-me de herói e patriota.

62. Nesse momento, o medo que se apoderou de mim diante da batalha foi embora. Aí, a jovem voltou ao meu pensamento. Parecia que ela me observava e à medida que ela me via, eu andava ainda mais pomposo, mostrando a ela que o homem que a amava era o vencedor. Me agradava pensar que havia ficado mais bonito pela vitória e olhava para todos, na esperança de escutar isso de cada um. Isso é o que me trouxe a lembrança dela. Portanto, eu não escolhi enfrentar o risco em nome da cidade por ela, foi pelo prazer de ter salvado a cidade que eu renovei minha paixão. E havia necessidade de ter prolongado isso? Se a garota for realmente a razão da vitória, dai a ela uma gratificação digna, um noivo apaixonado.

63. Uma outra alegação o pai tem contra mim. Ele diz: "Se tu foges do casamento com a rica por ela ser como uma visão indesejável, aguenta mais um pouco: eu encontrarei uma mulher que seja ao mesmo tempo bonita e rica".

64. Tu jamais te apaixonaste, pai, uma vez que trazes essa alegação ao jovem que já imagina o casamento com a amada. O filho de Afrodite não suporta lentidão, menos ainda quando alguém tem a esperança de encontrá-lo pela lei. Se alguém espera obter algo com certa rapidez, não há como haver paciência no esperar. No entanto, eu permito que ele diga isso ao homem que não controla o seu desejo. Eu próprio o que digo? Por que não aceito o conselho?

65. Primeiramente, é difícil encontrar uma outra que tenha a mesma aparência. Em meio às nossas garotas em idade de se casar, talvez uma pudesse ser encontrada. Uma vez que tu

reduzes o número, procurando-a apenas entre as ricas, assim tu fazes uma coisa que por natureza já é difícil, ainda mais difícil. Em seguida, mesmo que ela tenha uma beleza capaz de rivalizar, ela ficaria com a segunda posição diante de um juiz apaixonado. Quem em sã consciência apresentaria a filha núbil a um juiz parcial? Ele tomaria precauções para que ela não fosse considerada inferior por mim e para que ela não adquira a fama de feia e fique sem marido.

66. Que os pais das jovens núbeis apresentem a mim suas filhas e que uma, parecida com a amada, não me pareça inferior! A existência dela é incerta e quem me garantiria que durante o tempo da procura um outro homem não se anteciparia e a tomaria como esposa? Os pretendentes não abandonam uma jovem assim. Ou precisaremos que os parentes esperem pelo tempo em que procuramos outras e que rejeitem, enquanto isso, os pretendentes? Quem terá piedade ou será tolo a ponto de aguentar a nossa demora?

67. A rica precisava ter a natureza da outra, que, por sua vez, deveria ter a riqueza da afortunada. Se tudo se reunisse em uma, nossa querela teria fim. Uma vez que foram divididas assim, eu tenho uma nobre defesa! A bonita deve ser mais preferível do que a rica, já que poderia adquirir posses (alguns já encontraram dinheiro assim como encontram estátuas), já a outra não pode encontrar um tesouro de beleza. Muitas técnicas e trabalhos produzem dinheiro, de modo que ela pode adquirir a vantagem da rica, mas a rica não pode adquirir a dela.

68. É natural, pai, é natural que tu, já idoso, penses que uma mulher bonita é um presente pequeno ao marido, pois com o passar do tempo, o desejo fenece e não há a preocupação com a beleza. Eu estou em uma idade na qual há um bem pelo qual vale a pena lutar.

69. Tu me fizeste um amante ainda mais ambicioso, impondo a mim uma presa difícil; como os caçadores que pensam ser melhor abater o animal mais feroz, mas fazem pouco daquele que está ao alcance das mãos, de modo que a mulher que tu me propões é, desse modo, desprezível. Se sua inferioridade de aparência não fosse notada, o mal seria leve. Sua feiura é notável entre a comunidade e na assembleia, por isso me envergonho das possíveis zombarias.

70. Quando eu perceber que eles sussurram algo uns para os outros, suspeitarei que falam de mim e da esposa. O que me tornarei ao escutá-los falando ou ao pensar que escuto "Olha o tipo de mulher que o herói tem"? Qual escapatória terei quando a imagem da esposa me conduzir para fora de casa e o rumor de sua aparência me levar para fora da ágora?

71. Aqueles que nos atacaram há pouco que vivam com mulheres assim! Convém a ti ser sogro de uma bonita e a mim, marido. Bota a coroa nela, pai, acende para mim a tocha nupcial. Haverá um casamento público e a cidade será o coro do casamento e regozijará com a forma pela qual o homem, que a salvou no outro dia, conseguiu a amada. Homens cantarão canções auspiciosas, mulheres cantarão também, eles comporão hinos sobre a minha bravura, elas sobre a beleza da noiva. Os velhos, reunidos ao teu redor, invejarão teu filho e destacarão o fato de tu teres preferido o cuidado com o filho do que o com o dinheiro.

72. Espera de mim um acréscimo à tua honra, se é possível adicionar mais. Espera que a jovem guardará com relação a ti um respeito de filha. Tu pensaste pouco dela, mas não esperes dela nenhuma desonra. Esse não é o jeito dela, como ela faz crer a partir de sua aparência. Eu, dando uma folga de alguns dias, para que eu não a perturbe de imediato, enquanto ela ainda é uma noiva, lhe darei muitos conselhos, como um homem que, na visão da mulher, ama seu pai: "Cuida, mulher, do sogro. Isso me fará mais contente do que ser respeitado por ti. Ele preferiu outra a ti. Mostra que ele estava errado em preferi-la através do perdão".

73. E quanto a ti, é isso. Quanto aos meus assuntos com ela, eu lhe deixarei claro desde o começo, talvez ela já compreenda, mas aos amantes é doce descobrir desculpas para conversar, querendo explicar às amadas tudo, até mesmo o que elas já conhecem com certeza. Eu direi a ela que a vi no festival, que a vendo me senti inferior à sua aparência, falarei da guerra, do heroísmo, da lei que me dá o direito de pedir o prêmio que desejo, da assembleia, do pedido, que eu a coloquei acima de tudo. Assim eu farei com que ela seja afável para mim e para ti. A moça pobre também tem um dote esplêndido: esplendor do corpo, um caráter virtuoso, belo cuidado com a casa.

74. Concedei, jurados, minha recompensa. Meu pai não brigará pelo prêmio. Ele já me dá um olhar gentil e paternal, já mostrou pela sua cara que foi convencido por mim. Ele não saiu de casa querendo me causar dor, mas mostrando a vós que eu, durante a disputa presente, não sou levado a dizer nada precipitado. Assim ele com frequência me põe à prova, com um pretexto para uma disputa.

2. Tradução de *O Velho Sovina* (pp. 248 - 280 F.-R.)

XXI (= dial. 12)

<PREFÁCIO>

Que é preciso que aqueles colocados à frente tentem imitar os caracteres das personagens das declamações.

1. Certamente, alguma vez, vós fostes espectadores dos coros na casa de Dioniso⁴; neles, como penso, vistes um dançarino tanto a encantar o palco com gestos masculinos ao representar o tessálio⁵, o filho da Amazona⁶ ou outro homem qualquer, quanto a imitar muito bem a desejada filha de Brises ou a apaixonada Fedra, tentando convencer o teatro de que não imita, mas é aquilo que imita.⁷
2. Assim também Homero dança em seus poemas. Ou não percebeis que o poeta parece ser aquilo que quiser? Ficai sabendo que ele também captura a minha imaginação. Se [Homero] faz as vezes do jovem da Etólia⁸, ou do velho pílio⁹, ou de qualquer aquele ou de um inimigo dos Helenos - quem quer que ele representasse - eu pareceria visualizá-lo. [Isso se

⁴ No teatro.

⁵ Aquiles.

⁶ O "filho da Amazona" é Hipólito, personagem importante na tragédia *Hipólito* de Eurípides, filho de Teseu com uma amazona. Cf. Eur. *Hip.* v. 10. Juntamente com a referência à Fedra, a passagem pode sinalizar a popularidade desse enredo no período imperial tardio.

⁷ Provavelmente, há nesse parágrafo uma alusão ao gênero dramático pantomima: os termos "dançarino" (ὀρχηστής), "gestos" (σχήματα) e o verbo "dançar" (ὀρχοῦμαι) legitimam a alusão. Cito WEBB 2008: 58-9: *The pantomimes were solo dancers who represented mythological subjects entirely through gesture and movement. They were accompanied by a chorus of singers and musicians but did not speak themselves. [...] High-style Greek writers like Lucian and Libanios, who wrote in classicizing Greek, preferred to refer to the pantomimes as "dancers" (orchestai, singular orchestes) rather than using post-Classical coinage pantomimos, which is found in just one Greek inscription and in late antique historian Zosimos.* Corício volta a comentar o tema do dançarino a interpretar Fedra na *Decl.* 8 (§31-2) e na *Or.* 8 (*Apologia Mimorum*) §16.

⁸ Diomedes.

⁹ Nestor.

deve] ou por inspiração das Musas ou, se as Musas forem apenas um mito, por uma facilidade inata. Isso admiro e rogaria para que tivesse habilidade semelhante.

3. Para Homero, contudo, a língua é espirituosa, graciosa e habilidosa para representar qualquer personagem, enquanto a mim, eu preciso procurar Atena e a varinha da deusa¹⁰ (com a qual ela mudara a forma de Odisseu várias vezes), para que elas me transformem em velho, pois venho a vós zelar por tal estágio da vida.

4. Certamente, vós vos lembrais do velho sovina, cujo filho apaixonou-se por uma jovem pobre, pois ela era bonita. Ele pensou em juntá-lo a uma feia, pois ela era rica. Se, de fato, o tendes em mente, ele é a presente declamação. Sendo assim, eu precisei agir como um velho e ao mesmo tempo ter um caráter ganancioso, pois a imitação do discurso parece mais vivaz quando o orador tem a mesma idade e o mesmo estilo de vida daquele que ele calha forjar.¹¹

5. Penso não ser necessário nenhum complemento, se fostes tão afáveis para com o velho como foram recentemente com o filho.¹² Pareceu-me imprudente, meu caro, desdenhar do velho e da jovem desprovida de beleza após ter debatido em prol do jovem e da moça bonita. A maior virtude do discurso é fazer o que não é belo não ser visto dessa forma.¹³ Que o pintor

¹⁰ Cf. *Od.* 13. vv. 429-38; no qual Atena, ao toque de sua varinha, transforma Odisseu em idoso. 16.172-6; no qual a deusa traz Odisseu de volta à juventude através de sua varinha.

¹¹ "Idade" e "Estilo de Vida" são categorias tradicionais da teoria retórica greco-latina ao tratar do discurso ético desde Aristóteles. Cf. *Arist. Rh.* 1408a.

¹² A sentença ἀτὰρ οὐδετέρας οἶμαι δεῖσθαι προσθήκης ("Penso não ser necessário nenhum complemento", literalmente) é de difícil interpretação. Penella (2009: 46) traduz de forma interpretativa: "*But I do not think that I need to be equipped with either the age or the character [of the man I am about to impersonate], if you [...]*". Nessa perspectiva, Corício julgaria não ser necessário mimetizar tanto o estilo de vida quanto o caráter do velho ganancioso, caso a audiência já demonstre benevolência (εὐνοια) para com o velho. Essa interpretação causa certo estranhamento, pois vai contra o tema desse prefácio todo, que é justamente a defesa de uma boa adequação ao caráter da personagem da declamação. Toda essa dificuldade é causada pela interpretação da palavra προσθήκη nesse contexto, que literalmente significa "adição", "complemento", "apêndice". Parece-me claro que na passagem o significado de προσθήκη é "qualidade", "adjetivo", "predicado", significado visto já em Demóstenes (23.75):

καίτοι πᾶσιν εἰσι πράγμασι καὶ λόγοις δύο προσθήκαι, ἡ τοῦ δικαίου καὶ ἀδίκου [...] ("E para todo evento e para todo argumento, dois adjetivos são aplicados: justo e injusto").

Nesse sentido, a interpretação seria a de que Corício não precisaria demonstrar nenhuma outra qualidade além de se mostrar velho e sovina (Cf. §4 do mesmo prefácio) para que a benevolência da audiência seja captada.

¹³ Leio aqui ἢ antes de μείζων e μὴ antes de τοιαῦτα. Cf. F.-R. p. 249, aparato crítico às linhas 22 e 23.

retrate imagens do modo que bem quiser, pois esta é sua tarefa; ao orador, a arte permite ofuscar¹⁴ o que é feio, sejam corpos ou ações.¹⁵

¹⁴ Litsas (1980: 27, nota 2) vê nesse passo uma referência à técnica do "obscurecer" (ἐπισκιάζειν), que se trataria de uma técnica segundo a qual o estudante aprenderia a tornar sua composição mais obscura, caso ela estivesse clara demais com relação ao seu significado.

¹⁵ Sobre as similaridades entre a tarefa do pintor, do escultor e do orador na obra de Corício, Cf. *Ded.* 8 §§2-5. Praxíteles é condenado por esculpir uma estátua de Afrodite baseando-se em sua cortesã. Deste modo, o cidadão espartano reivindica o poder do artista em disfarçar as características vis através de sua arte. Note a linguagem metafórica da passagem: Corício usa o verbo ἐπισκιάζειν ("escurecer", "obscurecer", "sombrear", "ofuscar") ao falar das atividades do orador; um verbo bastante adequado ao se referir às atividades do pintor.

Sobre a necessidade de uma segunda reunião.

1. O viajante, já tendo andado um bocado, olha de um lado para o outro, na esperança de ver, na metade do caminho, um lugar para descansar. Então, vendo aquilo de que sente falta, lá ele se acomoda e permanece tempo suficiente para descansar os pés; depois, completa com facilidade o resto da jornada.
2. Assim também Felípides¹⁶, certa vez quando voltava a Atenas, permitiu-se sem dúvida um pequeno descanso. O repouso foi uma soneca e houve um sonho proveitoso. Pareceu-lhe que Pã falava que ele próprio cuidaria da comunidade dos atenienses e os ajudaria, se a guerra contra os medos acontecesse.
3. Também Ciro, filho de Dário e Parísatis, quando reuniu poder e subiu até a Pérsia, demandando seu quinhão ao irmão, interrompeu sua jornada próximo à fonte de Midas, à qual Midas, dizem, misturou vinho, para capturar o sátiro bêbado.¹⁷ Ele viu também um enorme campo, abundante, que tinha tudo que as estações produzem. Assim, todos precisam de descanso, especialmente quando se envelhece, como é o caso do sovina do discurso.
4. Então, naturalmente, vós considerais um horror conceder ao menino, o filho do velho, jovem ainda e muito apaixonado pela beleza física, pois é um soldado e um herói de guerra, dois dias para fazer o seu discurso, e pedir ao pai que encerre toda sua jornada em um dia.

¹⁶ Filípides foi o herói que retornou correndo a Atenas na ocasião da batalha de Maratona. A história é contada em *Hdt.* 6.105.

¹⁷ Cf. *X. An.* 1.2,13.

XXIII (= decl. 6)
<O VELHO SOVINA>

[Tema]

Um rico sovina tem um filho. Ele quis casá-lo com uma jovem rica, mas feia de rosto. O jovem, ignorando a corte, por ocasião de um festival que acontecia, se apaixonou por outra moça, bonita, mas pobre, ao vê-la na celebração. Ele pediu ao pai que consentisse o casamento com ela, mas falhou em seu pedido. Ele se destacou na guerra que ocorrera e quer pedi-la como prêmio e tem a lei ao seu lado. Ele pensa ser correto tomar a amada, mesmo quando seu pai se coloca contra. Declamemos como o sovina.

Comentário

1. E nesta declamação o amor tomou o velho, não o [amor] por uma bela donzela- pois a velhice goza de prudência quanto a isto¹⁸- mas o pelo rico dote. Mesmo se ele parecer impelir o filho ao bom comportamento e o censurar por causa da paixão pela jovem, tudo ele diz tendo em vista um único objetivo, pelo qual, desde o início, resolveu guiar sua vida.
2. Por este motivo, ele considera a rica mais preferível; talvez ele não perceba que ela seja muito feia, já que seu raciocínio é cegado pelo amor ao dote, de modo que a pobreza, segundo esse juiz sovina, reduz a beleza da pobre. O julgamento de ambos vacila: de um, pelo bem-querer à jovem, do outro, pela paixão pela riqueza.
3. Muitos sentimentos influenciam o raciocínio [do pai]: desejo, medo e dor. Ele ama a riqueza, vê com suspeitas a união com a moça pobre e sofre ao perder a doce esperança que lhe mostra ouro proveniente do heroísmo [do filho]. O que o pai quisesse, era isso que ele esperava que o filho pedisse.

¹⁸ Cf. Arist. *Rh.* 1309a.

4. Embora irritado por tamanhas admoestações, ele não ficará muito bravo com o jovem, para que não deixe o povo indisposto, investindo contra aquele que salvou a cidade. Agora, porém, ele se deixará levar pela raiva, como um pai e como um velho - pois os cabelos brancos seguem uma natureza colérica - depois, ele guiará seu coração pelo heroísmo do filho, distribuindo gentilezas.

5. O jovem, há muito, lhe dá provas de sua temperança e do saber honrar os ancestrais; o pai se convence disso, como parece, a fim de exortar o filho à sua própria glória e mostrá-lo passível de acusações ainda maiores, pois a mudança de vida da riqueza para o contrário produz uma dupla vergonha. 6. Assim, mimetizarei o pai sovina; não nasci muito enamorado dos bens materiais, como penso, e nem sou pai de filhos, mas tomo da arte a minha imitação de ambas as qualidades.

Declamação

1. Eu esperava, em razão do garoto ter se tornado um herói e de se elevar a uma posição de grande prestígio, pedir um dote ainda maior da moça rica, pois o homem que faz com que o heroísmo lhe seja inútil parece ingênuo por isso e é colocado sob a suspeita de vencer por uma sorte inexplicável. Como parece, o filho lutou de forma vantajosa a todos, mas impõe apenas ao pai um troféu custoso. Depois de ter se entregado ao acaso da guerra e de ter repellido os inimigos que avançavam¹⁹, ele reuniu a assembleia, juntou o povo, ignorou o aviso do pai e pediu uma mulher sem dote.

2. A todos, por assim dizer, o amor pelo dinheiro é inato; isso é o que mais nos agrada e o que mais honramos. Aqueles que reúnem bens a partir de seu próprio esforço, provavelmente, amam a riqueza ainda mais, como se lhes fosse mais própria, porque o trabalho faz com que as posses pareçam maiores e a percepção do aumento eleva o querer.²⁰

¹⁹ A fórmula "ter repellido os inimigos que avançavam" (τοὺς ἐπιόντας ἐχθροὺς ἀπωσάμενος) aparece na *Decl.* 5 §43, como nota Richsteig (F.-R. p. 253, nota 17).

²⁰ A ideia de que o dinheiro é mais caro a quem o tem a partir dos frutos do próprio trabalho do que a quem o herda aparece em *Pl. R.* 330a-c. Sócrates, em diálogo com Céfalo, chega a dizer que aqueles que ganharam dinheiro amam suas posses duas vezes mais do que aqueles que herdaram.

3. Eu me tornei um homem de negócios²¹ sendo cuidadoso com a modesta fortuna que meu pai me deixou. O processo foi o seguinte: quando passei da infância para a adolescência, pareceu-me que dois caminhos de vida se abriam para mim, um era tranquilo e fácil, o outro era áspero e duro, mas tinha um final vantajoso.²²

4. Tendo pensado, então, em qual caminho seria melhor seguir, percorri o [caminho] para o lucro. Recolhia pequenas quantias de pouquinho em pouquinho e pensava que os desejos impudentes, os quais chamam prazer, eram desprovidos de deleite. O que seria agradável acompanhado da perda? Sendo assim, ao escolher esse caminho, me tornei um ótimo guardião do meu patrimônio.

5. Não conseguia relaxar durante a noite, pois temia assaltos e supunha que todo barulho fosse ladrões. A suspeita estendia-se também aos criados. Pareceu-me uma boa ideia casar, pois desejava compartilhar a vigília da propriedade. Uma vez decidido, consumiei o plano e agradeço ao Casamento: encontrei uma mulher de mesmo estilo de vida, de muitas posses, habilidosa nas tarefas femininas e rigorosa dona de casa. Comparado a ela, eu quase pareço um caso perdido.²³ Por isso eu a adoro, a aprovo e a imito. Separei uma quantia dos dispêndios habituais, suficiente para quitar as despesas do casamento e a do filho, a qual gastei criando-o, educando-o e fazendo dele um herói.²⁴

6. Isso é minha base para os conselhos que dei a ele e eu insistia em aconselhá-lo: “Filho, os meus bens te fazem homem. Frequentaste a escola pelo meu dinheiro. Tornaste-te um militar pelo meu dinheiro. Procura agora um meio de retribuição, para que preenchas a casa com aquilo que esvaziaste”.

7. Quais efeitos surtiram os muitos conselhos? A cidade promove um festival público que acontece de tempos em tempos. O momento certo nos convocou recentemente para esse festival e vós obedestes. Eu me acostumei a evitar as festividades, pois assim como as

²¹ Ο χρηματιστής, homem de negócios ou negociante, em Pl. R. 330c, é descrito por Sócrates como alguém que se preocupa apenas em fazer render seu dinheiro. Isso é bastante adequado ao caráter do velho da declamação.

²² Sobre tema tradicional das duas vias. Cf. Hes. *Op.* vv. 287 *et seq.*; X. *Mem.* 2.1.21 *et seq.*

²³ No grego o adjetivo é ἄσωτος, que literalmente significa “sem salvação”.

²⁴ Em Lib. *Decl.* 33.17, o velho pai sovina arrola entre as despesas com o filho soldado os gastos com os fabricantes de lanças, escudos e capacetes, além da alimentação, que para o filho era mais farta do que para o resto da família.

cortesãs estimulam os amantes, os festivais provocam gastos. Quando vi meu filho cabisbaixo e pensativo e notei a razão de sua tristeza - ele é jovem, fica sabendo que seus colegas festejam e tem motivos para seu desconsolo - esforcei-me ao máximo para agradar meu filho. Eu era visto como um grã-fino, uma vez que não ousara isso antes, de modo que, quando cheguei ao festival, pareci ser um novo espetáculo. Muitos abandonaram as danças e correram para me ver, arrastando uns aos outros, rindo, para essa aparição, como se fosse um paradoxo e também um prazer.

8. Então, o nosso rapaz se apaixonou, não por um vaso de ouro, nem por um copo de prata, iguais aos muitos dispostos no festival, o nosso rapaz se rendeu a uma jovem, jovem essa, senhores, que não porta joias douradas, nem se veste com vestidos bordados e caros, mas que vai ao festival em túnicas simples. Vendo-a, o amor destruiu-lhe o raciocínio, embora tivesse muitos pretextos para não desejar uma moça pobre: seu pai sovina, o gasto, a dor pelo dinheiro perdido e a lembrança da jovem rica.

9. O resto do dia terminou, o festival chegou ao fim. Andamos para casa contando um ao outro os nossos pensamentos sobre o ocorrido. Ele disse que seu coração era queimado por sonhos que lhe davam o casamento com a amada, eu, por minha vez, - como alguém teria sonhos não dormindo? - não recebi um sonho, mas sim um castigo. Caí, então, sobre meus pensamentos insones com a certeza de que jamais houvera noite tão longa e repetidamente calculei o montante dos gastos embaixo das cobertas. Descobri, então, minha cabeça para ver o amanhecer.²⁵

10. Quando finalmente clareou, convoquei minha esposa e meu filho, repassei-lhes o gasto do festival e minha inquietude noturna causada por isso. Sinalizei à minha mulher - que há muito já entendera minhas razões - que partilhasse comigo o conselho ao filho. Eu falei sobre uma jovem em idade de casar, orgulhosa de sua riqueza e que perguntava pelo meu filho. Ele ficou emburrado e de cabeça baixa, dando-nos a impressão de que fugia do casamento por moderação. Ele se lembrou do amor pela jovem que não tem o suficiente nem

²⁵ Alusão ao prólogo de *As Nuvens* de Aristófanes, no qual Estrepsíades contabiliza suas despesas durante a madrugada em sua cama.

para sobreviver. Perguntei-lhe direto e reto: “O que estás dizendo? Vens do festival trazendo-nos isto? Foi assim que foste educado? Foi assim que foste criado? É assim que vês teu pai?”.

11. Neste momento, minha esposa também ficou nervosa e eu fui severo. Ela, que também é mãe, precisou pedir que eu me acalmasse, garantindo que o filho abraçaria minha causa. O solene herói volta da guerra o mesmo homem [que retornou] do festival: apaixonado. E estes são os espólios que ele me traz. Ele, então, leu para mim a lei do heroísmo e se dá a liberdade de escolher todo e qualquer prêmio, enganado pelo jargão da lei.

12. Não pensa que, pelo fato de a letra da lei ditar todo e qualquer prêmio, tu te tornaste um autocrata e déspota das honras na cidade. Que ninguém tenha tanto poder enquanto florescer a democracia! Se a lei não colocasse limite às recompensas, se fizesse qualquer prêmio possível aos heróis e se reunisse o povo em assembleia para ratificar o pedido sob certas condições, a guerra frequentemente seria algo mais vantajoso ao homem do que o heroísmo, pois uns poderiam pedir a tirania como recompensa - um bônus do poder - ceifando as posses de todos, enquanto outros poderiam escolher governar junto de poucos cidadãos, seus amigos e companheiros - coisa mais amarga do que a tirania. O governo de poucos é a mesma coisa que muitos tiranos em uma única cidade.

13. Por que, então, o legislador, vendo a necessidade de um exame mais profundo, permitiu tamanha coisa e confinou a escolha à decisão dos heróis? Como penso, tal raciocínio lhe ocorreu: que não é possível que um homem salve toda uma cidade publicamente, enquanto comete injustiças em sua vida particular contra um homem pelo seu prêmio. Se isto é impossível com desconhecidos, é mais ainda com seu próprio pai.

14. O homem que libertou a cidade do perigo, ao pensar que não há problemas em cometer injustiças em sua vida particular contra um outro cidadão pelo modo da recompensa, em nada difere de um médico que, ao expurgar a doença de todo o corpo, pede ao paciente como pagamento pelo tratamento a chance de ferir a parte do corpo que ele havia curado. Assim, ele seria injusto com o paciente pelo dano à parte, assim como tu à cidade que protegeste, tu arruinás tua parte mais vital, teu próprio pai.

15. Os que lutaram na guerra, tomados por uma ambição desmedida, desejando fazer com que a inteligência fosse maior que a riqueza e que vissem que não é necessário pagamento para alcançar a glória, esses tais demandaram a confecção de estátuas e receberam oliveiras selvagens como prêmio, fazendo que folhas e cores fossem mais valiosas que ouro.²⁶ Cometeram semelhante falta, mas ofenderam menos do que este jovem. Eles não causaram danos às suas casas, mas em nada ajudaram quando seus heroísmos passaram a financiar o lucro, disso eles seriam justamente acusados. Este daí fará não só com que a vitória na guerra não seja lucrável, mas também com que haja uma desculpa para eu gastar dinheiro, tornando-me parente da mulher pobre, que usará nossos bens para seu sustento. Ó vitória para mim mais dolorosa que qualquer derrota! Ó troféu erguido pelas minhas posses!

16. Ele disse: “mas eu salvei tua propriedade do inimigo, por isso te peço como um favor ter a jovem que desejo: dá-me”. Assim sendo, ao pedires um pagamento por ter salvado os bens, estás me pedindo o gasto dos bens e te tornas mais amargo ao pai do que um inimigo. Nós aguentamos mais facilmente quando somos surpreendidos por algo ruim vindo de pessoas de quem esperamos que o façam do que daqueles dos quais não suspeitamos fazer nada de desagradável. A injúria não esperada, mesmo que menor do que a esperada, tem o poder de ferir quem sofre ainda mais.

17. Eu acho que poderia ter um outro consolo por ter me tornado pobre pelos efeitos da guerra: a derrota na guerra com frequência abate muitas propriedades, de modo que esse exemplo de desgraça alivia a minha dor. Mas desde quando o heroísmo é uma desculpa para a pobreza? Quanto mais este infortúnio se distingue entre os males habituais, mais se torna difícil para mim.

18. O amor pela jovem levou-te a tamanha franqueza, a ti, que não costumas desafiar teu pai, e não te permite tomar consciência de que os bens são adquiridos com meu esforço. Devolve-me o pagamento, cuidando disto com a tua vitória, e não penses que retornar o favor que me deves é caridade e [não esperes] de mim um retorno. É como se alguém cobrasse uma dívida do credor ao retornar o valor de um empréstimo.

²⁶ Possível alusão a *Lib. Decl.* 33.

19. Todos os outros homens descobriram inúmeras artes e técnicas, frequentemente por um baixo lucro, de modo que muitos viram no mar - coisa que não se pode confiar- sua salvação. Como parece, o perigo da guerra foi enfrentado por uma perda apenas por ti.
20. Qual é, meus caros, o colorido argumento de meu filho? “Eu preciso de uma mulher bonita, não rica, pois já estou bem de vida. Um homem pobre deve buscar uma mulher rica, mesmo se feia, o rico uma bela, mesmo se pobre.”
21. Essa lei não zela pelos limites da dignidade e, enquanto tiver vigência, o casamento perde o equilíbrio de duas maneiras: nem pobres, nem ricos tomarão mulheres selecionadas pela Fortuna. Pensa também nisto: a mulher criada na necessidade, quando consegue uma família abastada, é levada por seus gostos vulgares à soberba e ao orgulho, assim como os convalescentes que se empanturram de comida sem moderação.
22. Além disso, ela, uma vez amada, parecendo-lhe que a beleza é suficiente para te encantar, devotará pouco tempo ao tear, como se não precisasse conquistar teu afeto por seus próprios esforços. Já a mulher que percebe que sua aparência não te agrada, tentará alegrar-te com sua virtude, embelezando-se a si mesma pelo cuidado com a casa e por seu jeito virtuoso, de modo que, em pouco tempo, ela ganhará o amor do homem pela destreza do hábito, a grandeza do dote e o zelo pelas tarefas femininas.
23. Deste ponto em diante, tua boa vontade para com ela começará e, como a boa vontade gera o desejo, ela não te parecerá uma visão horrenda, ornando sua aparência exterior com sua beleza interior. Quando houver algo desagradável, não te parecerás ser desprovido de beleza, pois os defeitos dos amados são um charme aos amantes.
24. Essa é a moça abastada. A outra, no entanto, afasta teu desejo por ela ao devotar pouco tempo ao trabalho – como eu havia dito –, pois um belo sem virtude interna é amado durante pouco tempo, sobretudo quando a amada torna-se esposa. O desejo, quando prospera facilmente, esvai-se rapidamente. Agora, como um apaixonado, comparas a moça por sua aparência, mas, uma vez que te tornares marido, procurarás um dote e distinção no jeito de ser.

25. Eu acho que a rica não fica muito atrás na competição de aparência, haja vista a riqueza em que vive. Tu não me pareces tão maravilhado pela beleza da desprovida de recursos, mas sim pareces ter pena de sua pobreza. Como penso, ao vê-la celebrar o festival toda humilde, primeiro sentiste pena, depois a compaixão por ela, de repente, impeliu-te ao amor. Não desejes que ela traga a ti a tragédia da miséria, da qual tu tiveste pena.

26. Tu tens razão em dizer que várias condições incitaram-te o amor: o festival, a bebida, a abundância e o pai, que te pressionava a casar. Essas são as razões do teu encantamento e o encantamento, por sua vez, faz com que a jovem te pareça bela. Admitamos que cada uma delas tem a forma como parecem ter a ti. Tu pensas que consegues nos convencer que aquela, a criada na pobreza, é mais adequada do que a rica? Tu, de fato, te esforçaste para mostrar isso.

27. Quem negaria, pelos deuses, que é mais provável que a moça de recursos, superada em beleza física, exercite a moderação, e que a outra, devorando minhas posses, insaciável e indiferente ao trabalho e querendo manter o luxo que se tornou habitual, use a beleza como meio de vida, caçando os menos temperantes dos jovens?

28. Tu tens medo da jovem que não vês com contento, mas o casamento com a amada não é temível a ti. Coisa sem cabimento e muito contrária à experiência. Como penso, os homens que se casam com as mulheres que desejam, enquanto as amam, são muito receosos e vivem com um terrível pensamento: suspeitam que outros se apaixonarão por suas amadas. Por isso, dificilmente dão permissão para que elas saiam de casa. E quando decidem fazer isso, eles as seguem a uma curta distância, por segurança, e quando alguém passa olhando ou rindo, mesmo que seja por uma razão diferente: suspeita, dor, cólera e injúria! Eles são lancinados por pensamentos ambíguos, não se convencendo nem que as mulheres são prudentes com eles, nem que elas tenham se libertado totalmente da luxúria. O temor gera a suspeita, a ausência de medo acalma a desconfiança. Meu filho, tu te verás em meio a esses pensamentos se casares com a mulher que amas.

29. Com dificuldade interpreto seus sofismas, mas facilmente encontrei este mau argumento: ao glorificar esta jovem por sua aparência, insultaste a outra por sua feiura de

corpo e, na teoria, fizeste com que a bonita se sentasse a trabalhar em casa e conduziste, implausivelmente, a feia à ágora. Está muito claro que a primeira, orgulhosa de sua natureza e querendo ter testemunhas de sua beleza – o teu amor a fez se achar bela – sairá mais, pensando ser um desperdício não encontrar com pessoas, e te contará no retorno do mercado que havia percebido os olhares. Ela fingirá ruborizar, mas se orgulhará das histórias.

30. A presença da jovem no festival recente deixou-me com tais suspeitas. Para onde vai, moça? O que é comum a homens e mulheres? E entre a pobreza e o festival? Como arranjaste tempo para vir ao festival, já que és autônoma e tens as mãos como único meio de vida? Tu não pareces querer ver o festival, mas sim querer ser vista. A mulher bonita, quando ciente de sua beleza e orgulhosa disso, usa um gestual elaborado e um jeito de andar provocativo, olhando ao seu redor com frequência. Com isto, ela amortiza sua beleza. Toda vantagem conquistada desaparece com presunções.

31. Não penses que o pudor dela – tu dizes que ela fica vermelha ao perceber que tu a desejas – é uma prova de bom comportamento. Ela cora de prazer, pois conseguiu um amante melhor e superior à sua própria fortuna.

32. Ela, tendo transformado com sucesso o amante em marido, te ordenará arranjar vestidos chamativos e joias resplandcentes e te convencerá de tudo isso com facilidade. Nenhum pedido da amada parece desagradável ao amante. Ele até fica bravo se ela não o manda fazer nada.

33. Mesmo se a lembrança de sua pobreza passada fizer-lhe modesta, a companhia de outras mulheres facilmente a inflará, quando elas cochicham umas às outras estando ela presente, erguendo a voz de modo que ela as escute: “O amor que o marido tem por ela parece falso. Que sentimento pode ter um marido que não dá roupas e ouro?”.

34. Retornando para casa depois de ter ouvido tais palavras, ela fingirá um rosto cabisbaixo e se sentará à mesa de cabeça baixa e, sem comer, resistirá quando tu a convocares ao leito. Quem, vendo a amada nesta condição, não concordará em fazer tudo? Qual riqueza será suficiente para quitar uma promessa desse tamanho?

35. Por isso, não tendo nenhum argumento forte, tu moveste a assembleia ao riso, fingindo suspeitar que, uma vez casado com a mulher rica, ela te geraria uma filha e que, como a mãe, ela necessitaria de um dote maior e que tu, sem perceberes, serias arrastado à pobreza. Temendo algo incerto, tu rejeitas uma vantagem certa: a riqueza.

36. Não sabes que sempre buscamos um bem imediato sem levar em conta as consequências negativas que dele advenham? Assim, nós queremos ter filhos sem pensar no gasto que eles gerarão. Assim como desafiamos o mar, instável e vizinho da morte, devotando uma parte maior à espera do lucro do que ao medo do fim. A esperança é dupla e, se a melhor sempre prevalecer sobre a pior, como não pensar que rejeitar um lucro já certo por temer uma verdadeira²⁷ perda é algo muito tolo?

37. Eu me admiro que tu ofereças hospitalidade à pobreza, embora vejas com suspeitas a diminuição do patrimônio, e que estejas incomodado com a perda vindoura enquanto amas a atual. Quem procura sofrer algo do qual se resguarda para não sofrer?

38. Predizendo que a mulher tem um útero fértil, que ela parirá e que o filho será mulher e que será parecida com a mãe e que chegará à idade de casar, conjecturando tudo isso, tu desdenhas um final feliz muito claro. Diz-me: por que és cauteloso quanto à semelhança de aparência? Quantas filhas de mulheres feias resplandecem aos olhos por sua beleza? Quantas não herdam a beleza da mãe? Os filhos nem sempre herdam a aparência dos pais. A mulher feia pode gerar um filho bonito, um filho rico não pode nascer de uma mãe pobre.

39. Admitamos, então, que a aparência é hereditária assim como uma fazenda, que os filhos herdam a forma física dos pais e que a tua filha com a amada será parecida com a mãe. É claro que tu procurarás um marido para tua filha que prefira beleza de corpo à abundância de bens. Ou acharás um noivo rico para ela? Por Zeus, pelos meios que a mãe arranja agora. Mas seu dote é uma túnica simples. Só te resta casar a filha a um pobre, gastando toda a fortuna da família. Com certeza, este é o casamento mais adequado ao filho de um herói.

²⁷ Traduzo como "verdadeira" o grego ἀδόλον. De fato, causa certa estranheza falar em uma perda que é livre de dolo, de manipulação. Sendo assim, Russell (2009: 132, nota 12) propõe a alteração para ἀδήλον ("incerta"). Apesar de fazer mais sentido, tal lição não pode ser encontrada no aparato crítico de F.-R., de modo que prefiro manter o original ἀδόλον.

40. Compara qual casamento te traz mais benefícios, com aquela ou com essa. Um traz prazer, o outro o lucro. A parca felicidade do primeiro acaba quando o desejo acaba, já no outro as vantagens são ininterruptas aos parcimoniosos. A beleza a acompanha na morte, a outra, ao partir, deixa aos filhos o dote. Quem, em sã consciência, preferiria o prazer ao lucro, o perigoso ao seguro, uma breve felicidade própria ao seu próprio bem-estar e ao dos filhos?
41. Imagina ver teus filhos com a pobre chorando de fome, olhando ora para ti, olhando para a mãe. Neste momento, então, tu me compreenderás e elogiarás os meus conselhos. Em seguida, procurarás uma mulher como aquela com quem quero que tu te cases. O teu amor não a alimentaria, a beleza da mulher não te alimentaria e pais como esses não alimentariam os filhos.
42. “Mas se eu” – ele disse – “perdesse os bens paternos, eu saberia me contentar com pouco, pois aprendi isto contigo”. Tu foste ensinado a te satisfazer com pouco na riqueza, mas, quando fores pobre, logo quererás recursos, coisas que não estarão mais à tua disposição. A Fortuna costuma fazer do luxo algo muito desejado aos que ela não provisiona abundância de recursos. Muitos, mesmo que possam se alimentar de modo extravagante, controlam seus estômagos e passam a desejar uma vida mais luxuosa quando desprovidos de bens.
43. Se tivesses sido filho de um pai pobre, talvez suportasses, tendo a necessidade como algo familiar. Perdendo a herança esperada, tu não suportarás a pobreza facilmente. Como penso, tudo que tem valor causa angústia quando não presente desde o início, ainda mais se for tomado. Se o homem pobre já sofre só de ver outros ricos, muito mais ele sofrerá lembrando do bem-estar de outrora.
44. Vamos, como estariam os inimigos que sobreviveram à guerra? É claro que eles choram amargamente e lamentam-se, cada um tendo um motivo para chorar. Se alguém lhes contasse que o responsável por seus males, tendo sido expulso da casa paterna, passa necessidade junto de sua mulher e que vive de modo lamentável, tu podes imaginar o quanto eles ficarão felizes, gritarão e vociferarão que a justiça não tardou a ti.

45. Assim sendo, o casamento com a pobre te trará miséria, aos inimigos consolação e a mim dor. Meu desejo por posses é tamanho que me faz sofrer o mesmo que os cavaleiros e criadores de cães sofrem pelos cães e pelos cavalos. Esses aí domesticam e conversam com eles, mesmo que não entendam muito a fala humana.

46. Eu, com frequência, sou levado a me sentar e conversar com meus bens, como alguns fazem com seus amigos, exceto quando não é preciso calcular uma dívida. Quando eu calho de ganhar algo, o prazer me toma e da felicidade surge o medo de não perceber que algo caiu de minha mão. Por isso, mais rápido que o normal eu ando para casa, imitando os que encontram um tesouro. Eu recebo feliz o que me é devido como um presente divino.

47. Em seguida, eu, que não suporto pagar juros, permitirei que um bem caro e desejável seja gasto?²⁸ Enquanto recupero o que é devido, já vou calculando o ganho futuro. Assim, quando o momento se aproxima, mesmo que já conheça o dia determinado, ainda mais indago sobre ele, desejando lucrar uma notícia doce, assim como aqueles que anseiam pelo festival conhecem a data da celebração, mesmo que distante, e indagam sobre o dia que se aproxima, mesmo que saibam com certeza a data, de modo que só de ouvir aquilo que conhecem e desejam já se alegram. Eles experimentam com os festivais o mesmo que eu com os ganhos, meus festivais. Todo lucro me parece grande, mesmo que pequeno. O desejo tanto adora o lucro que porventura apareça quanto vai à caça de sempre mais. Mesmo sabendo que este é meu pensamento, tu estás obstinado a casar com uma mulher pobre.

48. Filho, a coroa feita de violetas e rosas é bonita e talvez até fosse a preferida ao menino que não tem ciência dos bens do que a de ouro, mas o homem feito que julga as coisas pela utilidade não preferirá, tendo sido fisgado pela visão, uma outra vantagem que fenecerá pouco depois. Os prudentes limitam a utilidade pelo uso, os ambiciosos, pela aparência. Tu não compartilharás de nada disso ao tomares, por impulso, uma mulher pobre.

49. “E por qual má-reputação posso ser culpado?” – ele diz – “Eu não tomei a iniciativa de casar com a jovem, não apareci na porta dela cantando com uma flauta, não fiz nada daquilo que um jovem sem controle de sua paixão faria”. O jovem pensa mais em ser

²⁸ Sigo Russell (in PENELLA 2009: 135) e mantenho a sentença como interrogativa.

colocado no coro de pessoas modestas: “Eu não me aproximei tocando flauta e cantando”. Tu pensas que tomar a jovem sem flauta e canção é pouco censurável, tanto quanto preferes a necessidade de dinheiro. Se uns homens agissem como bêbados despudorados, tu errarias menos que eles e evitarias a culpa vindoura por isso. No entanto, se uma desvantagem maior fosse sempre uma desculpa para a menor, uma acusação, maior e mais séria, restaria. Se eu insultasse alguém, não pareceria ofendê-lo²⁹ mesmo sem atingi-lo? Se eu desse o primeiro soco, sairia impune por não ter-lhe causado ferimentos? E se eu infligisse um trauma, mas sem matá-lo, não seria o responsável?

51. Certamente, todas as leis precisariam ser apagadas, uma após a outra, sobretudo as relativas à morte involuntária, exceto as de homicídio, pois, como penso, esse é o chefe dos crimes. Vês o tamanho do absurdo ao qual o argumento leva se seguir as tuas palavras.

52. Por que precisaste de canções e melodias para flauta? Tu não te interessaste pela jovem visando um deleite abjeto. Tu planejavas um casamento e uma união duradoura, para que a subjugasse com firmeza ao casamento; de modo que, dizendo que teu autocontrole é maior que teu desejo, talvez tivesses em mente algo como “A jovem é modesta, respeitável e prudente”. É teu afeto que inspira em ti esse elogio. “Se eu a galantear assim, eu traria dor à jovem que sabe enrubescer pelas coisas que eu penso que a agradam”. Não forces transformar o que fizeste tendo em vista a corte da amada em uma prova de sua determinação.

53. De fato, os que se valem de tais formas de galanteio sempre as usam na caça aos amados. Tu, porém, nascido filho de um pai rico, tens o maior chamariz, suficiente para cativar e cortejar uma jovem, especialmente a que passa necessidade.

54. Além do que foi dito, eu sei que muitos amantes receiam subjugar as mulheres que amam por autocontrole –mas o fazem por afeto excessivo –, temendo que elas não apreciem a violência da subjugação. Se quiseses parecer sob controle, tira a jovem de teu pensamento.

55. Muitos são os sinais que te exortam ao autocontrole: teu pai, tua mãe e tua temperança de outrora. Os que desde o início viveram um estilo de vida sem moderação,

²⁹ O verbo em grego é *πλημμελεῖν*, que literalmente significa “errar uma nota musical”, “errar o tom em uma música”. Na passagem, ele adquire um significado metafórico de “errar”, “ofender”, “estar em desacordo”, “destoar”.

quando parecem agir de modo vil, não se tornam muito suspeitos, porque a insolência lhes é familiar. Por outro lado, os que abandonam o pelotão da prudência e desertam de repente para o outro lado, esses enchem a cidade de boatos vergonhosos. Prazerosas, as invectivas tornam-se ainda mais engraçadas se direcionadas às mudanças bruscas para a vileza e, sobretudo, quando são boatos.

56. Não acrescentes a ti esta notória censura, mas, ao invés disso, quando o filho de Afrodite guiar a jovem à tua mente, contrapõe a pobreza, meus conselhos, o dote da rica e teu bom-comportamento de outrora. Tu verás que ele baterá em retirada, mesmo que seja hostil e briguento. Estabelece um outro troféu, sobre o desejo vil, como há pouco sobre os atos violentos dos inimigos. Não é possível que quem tem poder sobre outros não tenha poder sobre si mesmo. Para esta vitória, tu não precisas de armas e nem de risco. Nós pensamos que este troféu só cabe a ti, já que os que compartilham a vitória pelas armas contigo também compartilham a batalha.

57. “Mas nós” – ele diz – “estripamos a cidade de homens aptos à guerra. A juventude, por natureza ambiciosa, exercita-se nos assuntos da guerra com esperanças de alguma recompensa, a cada um o pagamento é o que se deseja. Quem, então, não seria terrivelmente desencorajado se eu perdesse a jovem, não confiando receber o prêmio que lhe agrada? E se não confiasse nisso, quem poria em prática a arte da guerra?”

58. Grande é a extensão de tuas palavras, mas fácil de ser aniquilada e destruída. É de comum acordo que alguns vivem, durante a juventude, um estilo de vida moderado, enquanto outros são levados pelo prazer. Dentre os da segunda categoria, uns apaixonam-se por mulheres ricas, outros ou por iguais em fortuna ou por menos afortunadas.

59. Os jovens prudentes, tanto os que amam mulheres que têm mais dinheiro quanto os que amam as de igual fortuna, jamais se sentiriam desencorajados se tu perdesse a jovem; já a parte que resta dos jovens, os que amam mulheres de estilo de vida mais indigno, se sentiriam aflitos, como parece, ao verem que tua escolha não fora acatada e reconhecida pelo voto do povo e ao reconhecerem que a muitos ela parece inferior e culpável, temendo a mesma censura, tentarão ser prudentes.

60. Ao perderes a amada, tu não infliges nada em nós por incitar a falta de virilidade. Se tu esticares a tua paixão até alcançar teu desejo, tu farias da cidade um lugar não pisado pela prudência, tu, que és um homem com fama de moderado. Os criminosos costumeiros não destroem tanto os hábitos imaculados dos jovens quanto aquele que vai de uma prudência passada a uma imoderação. Eles pensam que há uma justificativa plausível para cometer erros na companhia desse, especialmente quando observam o povo – que isso não seja amargo de se dizer – fazendo o papel de um alcoviteiro.

61. Sendo assim, como penso, os jovens negligenciarão seus pais ao te verem desdenhando o teu, com quem tu costumavas ter todo respeito e cuidado. Eles te usarão como modelo de desonra aos pais. Tu serás aos teus contemporâneos um exemplo por tais atos, embora agora sejas conhecido por bons apelidos como “o prudente, que honra o pai”, serás chamado por nomes contrários. Será que tua excelência na guerra torna mais amena a vergonha de tua conduta insensata? De certo, ela a acentua. O brilho do troféu anuncia a má-fama do teu amor. O homem que sofre dessa doença não pode passar despercebido.

62. Não tendo a capacidade de mostrar que o casamento com a jovem que desejas é conveniente a ti mesmo, tu escapas para o argumento de cuidar do comum e pensas conquistar a assembleia ao falar sobre a cidade. Sobretudo quando tu trazes à tona a cidade e dizes que ela tem homens aptos à guerra (e nisso tens razão), eu penso que os ricos têm mais vontade de guerrear do que os que estão na miséria.

63. Os que passam necessidades não têm sobre o que se preocupar e julgam a derrota uma desgraça pequena e sem importância. Já aos que a mudança de vida leva à pobreza, a insuportável sensação de ser a parte mais fraca os faz treinar nas atividades bélicas. Por este motivo, o homem livre luta com mais vigor do que o escravo. O primeiro teve a privação da liberdade, o último pensa que, caso seja capturado pelo inimigo, nada de novo sofreria; na verdade, ele julga que a escravidão sob estes é mais gentil. Ao escravo, o senhor atual é sempre mais duro do que aquele que virá.

64. Pareço entender o pensamento do jovem. Talvez ele pense consigo: “Eu tornei público todo o meu afeto. Toda vez que alguém se lembra de mim, me associa à jovem. Por

que perco minha amada se não tenho como escapar da má-fama proveniente disso?” Não é sem razão que o jovem pensa nisso, mas eu, de minha parte, não aceito esse raciocínio.

65. Eu defino o melhor homem como aquele que não pensa em nada trivial, o segundo é aquele que tem em mente coisas sem sentido, mas se envergonha ao dizê-las e fazê-las. O homem que erra em seus julgamentos e palavras, mas é puro em seus atos, a esse eu dou o terceiro lugar. Não colocarei em nenhum lugar aquele que erra em pensamento, palavras e atos. Eu queria ter te colocado entre os melhores ou os segundos, mas, uma vez que abandonaste as melhores posições, tomando em teu coração o feitiço e tendo declarado teu pensamento, mantém a posição restante e cuida para que teu amor não guie tuas ações.

66. Repete a ti esses conselhos, filho, mais valiosos que as palavras que tu disseste; sobre as quais eu, envergonhado, sufoquei com aquele discurso, quando mencionaste que a guerra expulsou a jovem de teu pensamento – enquanto ela já se instalara – e que, tendo chegado ao fim, ela te fez lembrar da jovem.

67. Como podes dizer isso, filho? Agora, ainda mais, é necessário que o casamento com a jovem te pareça mais indigno. A bravura na guerra mostrou que esse casamento, sendo ele indigno de ti diante do heroísmo, é ainda pior. Nada pequeno deve-se cogitar, uma vez que teu triunfo pessoal e a riqueza paterna andam juntos.

68. Tu me dás o direito de ficar admirado com a forma como teu pensamento te dá tempo livre para lembrar-te da jovem. O homem que retorna da guerra e da vitória, regozijando-se com os aplausos da população, ocupando sua alma com dupla felicidade, triunfo contra o inimigo e honrarias dos conterrâneos, precisa expulsar a jovem de sua memória. Os que de propósito planejam pretextos a si mesmos para esquecer os amados fazem o amor mais beligerante. Já os que caem por vontade própria em pretextos que os arrastam para outros pensamentos apropriadamente esquecem os amados.

69. Eu sei que isto é dito pelos amantes - aliás, é através deles que aprendo todo o resto e tudo o mais que contei -, que aos que desejam conquistar sua paixão, primeiramente surge uma dor, mas uma vez que o autocontrole impera, mesmo que por um curto tempo, o esquecimento chega a eles sem muito esforço. Como, uma vez que a guerra expelira de ti o

encantamento, tu renovaste a doença? Um amor assim, quando começa a se dissolver, dificilmente restaura-se.

70. Se estivesses certo da decisão pelo casamento com a jovem, tu deverias, ao retornar da guerra, ter me procurado, antes de convocar a assembleia atual, e ter me falado com jeito e delicadeza: "Pai, a garota, aquela do festival, da qual falei a ti, eu ainda não a tirei da mente, mas receio quanto a isso por respeito e consideração a ti. Se tu aprovares meu casamento com essa mulher, eu pedirei ao povo como recompensa pelo meu heroísmo o mesmo tanto de ouro oferecido a mim como dote pela jovem abastada".

71. A mim, que quero tanto o dote distinto quanto um segundo ganho pelo heroísmo, isso seria insuportável, mas talvez eu tivesse permitido. Suspeito que eu tenha falhado em obter ambos ao desejar cada um dos ganhos, pois tu pedes a jovem como prêmio, se é que se deve chamar isso de prêmio.

72. Um privilégio que é a recompensa pela vitória é, claramente, um presente e, justamente, assim seria chamado, aquilo que não é digno do receptor não contribui para sua reputação como deveria. Assim como a punição inadequada aos delitos torna os crimes mais medíocres, assim também as honrarias que ficam aquém do que é digno diminuem a boa reputação das conquistas. Pelas recompensas muitos medem os feitos.

73. Seria preciso que a bela florescesse em suas posses ou que a rica a vencesse em beleza, como a vence em riqueza. Como isso não aconteceu, eu te mostrarei qual é a diferença entre a riqueza e a beleza.

74. A flor da face é refém do tempo e da doença, já a riqueza é naturalmente livre de cada um desses males. Os bens materiais jazem sob o cuidado humano, mas tu não serás guardião firme da beleza. Precisa-se afastar a doença e a velhice, mas à natureza humana nada disso é dado.

75. Além disso, cada um julga a aparência da mulher de uma forma - e sobre isto não há um acordo. Não há como uma mulher parecer bela a todos, nem como uma outra agradar aos outros completamente. Todos os homens, porém, sempre amam os bens materiais. Qual

beleza, diz-me, pode competir com o fulgor do ouro? Por isso, penso eu, que os poetas, elogiando a beleza da deusa, chamam Afrodite de "dourada".

76. É natural, filho, nada mais natural que faças pouco da riqueza, uma vez que foste criado com a paterna. A quem jamais experimentou a necessidade, a riqueza fornece uma menor percepção de sua utilidade, mas quando fores privado da nossa, saberás quanto cuidado a aquisição de bens demanda. Tu não vês como são as filhas em idade de se casar? Se a sorte verte uma grande fortuna sobre elas, de repente uma corrida de pretendentes! E a primeira pergunta é: "De quanto é o dote da jovem?". Escutando ser um dote reluzente, um deles, em seguida, pergunta se ela tem uma família, modos e aparência razoáveis. Se ouve que o dote é pequeno e humilde, ele parte, considerando não valer a pena perguntar o restante. Assim, aos que desejam casar o dote tem muita importância, a alguns é a primeira, à maioria é a única coisa importante.

77. Ó esperanças que desviam minha vida, como me encorajastes ontem mesmo, persuadindo-me a esperar um enorme ganho pelo triunfo do filho! Senhores, pelos deuses, dai-me o direito de contar brevemente as fantasias com as quais elas me iludiram. A narração disso se mostra uma consolação às moléstias.

78. Eu, desde que meu filho tornara-se popular, sonhava com ouro e andava feliz e sorrindo, esperando que cada um compartilhasse da minha felicidade e dizia que meu filho era o vencedor da guerra. Enganado por estes engodos, eu permiti que meu filho chamasse os amigos para uma celebração da vitória. Um simpósio muito caro aconteceu em minha casa, todos eram jovens e mais extravagantes do que o adequado. Como é possível, afinal, que o homem, jovem e feliz pela vitória na guerra, coma moderadamente sentando-se em mesa alheia? Talvez, querendo me irritar, foram ainda mais insensatos.

79. Eu dizia a mim mesmo para ter controle, acomodando-me à dor da perda causada pela espera da recompensa. Quando o banquete terminou, insisti e recomendei que o jovem, o mais rápido possível, convocasse uma assembleia, enquanto a guerra ainda está gravada em nosso pensamento. Demoras diminuem as conquistas, pois tornam a memória mais distante.

80. Ele dizia: "Eu quero reunir o povo o quanto antes", apressando-se por uma outra razão, que eu agora entendo. Vós, o povo, estáveis reunidos quando ele subiu na tribuna, de peito estufado, e relembrou a guerra. Ele se apressava pela garota. Ele pediu, como prêmio, o gasto dos meus bens. Este é meu benefício oriundo do heroísmo do meu filho. De que bela ajuda eu me nutria na velhice!

81. Não rivalizes com teu pai. A vitória, às vezes, é algo nocivo ao vencedor. Que tu tenhas sucesso, tendo vencido a guerra e te submetido ao conselho do pai! Por quanto tempo possuirei bens? Sou velho. É curta a distância entre a velhice e a morte. Geramos filhos tendo em vista um propósito, que é, quando nós, velhos, não trabalharmos mais por causa da velhice, vós, jovens, farão maiores os bens. Visando isso, geramos filhos, desejando deixar herdeiros legítimos, não suportando não haver controle dos bens. Quando, enfim, partimos, deixamos planejada uma fruição, repartindo nossa herança entre os nossos.

82. Não te prives disso pelo casamento pobre, não pareças indigno dos bens por tê-los recusado, mas permite a todos desejar ver filhos assim como tu. Permite que eu me glorifique diante de outros pais e que eu diga que meu filho, embora desejasse, não desobedeceu ao pai. Patrocina elogios genuínos nas reuniões públicas à tua história e não mistures a censura à falta de controle aos louvores da coragem.

83. Permite que a tua mãe se vanglorie diante de outras mães, ela que, pensando em nosso futuro retorno, fica espiando pela porta da rua, esperando a nossa chegada. Quando ela perceber que eu levei a cabo o que tinha em mente, correrá e te abraçará e ao mesmo tempo em que te lança nos braços, dirá, olhando-me: " Eu prometi que meu filho faria isso. E ele fez!". Não te mostres uma falsa promessa da tua mãe. Ela te receberá mais calorosamente, por assim dizer, ao retornares da assembleia tendo obedecido ao pai do que quando retornaste vitorioso da guerra. Ela arrolará muitas mulheres, algumas inferiores em beleza àquela, mas amadas por seus maridos, e contará muitas outras que vencem em beleza a pobre, mas com as quais os maridos não convivem agradavelmente. Ela contará quantas casas prósperas a beleza sem dote arruinará.

84. Isso te dirá a mãe. Ela consolará a menina rica, que, provavelmente, ficará chateada por tê-la colocado em segundo lugar, atrás da pobre, com tais palavras: dirá que tu foste levado a isso pela juventude, que tu te arrependeste e que segue os passos do pai ao julgar tudo inferior às posses.

85. Eu desejo concluir meu discurso, tendo mostrado a ti, em poucas palavras, quão útil é a riqueza à vida. A riqueza, filho, é uma nutriz comum a todos, ela é fundadora e também guardiã de cidades, pois constrói novas [cidades] e repara [as cidades] que foram destruídas. Enquanto tiveres riqueza, tens amigos, família, admiradores. Se a gastares inconscientemente, gastas tudo junto. E o melhor: mesmo quando os ricos não têm virtude, ela parecerá estar presente; aos pobres, ainda que presente, ela não é notada.

86. Vês o povo assentindo com a cabeça ao que foi dito. Retrata-te com o dinheiro. Destrói tua censura a ele pelo justo elogio. Julga cada jovem não pelo prazer, mas conduzindo teu argumento para a utilidade.

PARTE 2

ESTUDO

1. O gênero declamação do período clássico a Corício

O exercício no qual o estudante compõe um discurso no papel de uma personagem, baseado em uma situação fictícia, histórica ou mitológico-literária, que mais tarde convencionou-se chamar *declamação*, é oriundo de uma tradição retórica em vigor na Atenas do século V a.C. Os textos supérstites cobrem uma vastidão de séculos, do período helenístico ao Renascimento, havendo um recrudescimento dos mesmos em alguns momentos específicos, quais sejam os séculos I-II, IV e VI d.C.¹ São poucos os testemunhos anteriores ao império romano: um tanto de fragmentos de exercícios escolares, algumas referências clássicas ao ensino da oratória, especialmente pelas mãos dos sofistas, e uma porção de discursos dubitáveis em relação ao seu caráter escolar, como é o caso do *Acusação contra a Madrastra* de Antifonte e do *Helena* de Górgias.

Os *corpora* declamatórios conservados não são homogêneos. Há notícia de declamações em latim e em grego. As latinas são datadas entre o fim da república e início do império, sendo que a evidência mais tardia é a obra hoje creditada a Ps.-Quintiliano,

¹ A declamação se provou um gênero retórico popular entre autores do Renascimento, como é o caso de Erasmo e Thomas More. A Erasmo, por exemplo, é creditada uma declamação em resposta ao *Tiranocida* de Luciano de Samósata. Thomas More, por outro lado, verteu o mesmo texto ao latim como forma de exercitação. Convém ressaltar que no Renascimento a declamação havia uma função diferente daquela pela qual ficou reconhecida no império. Primeiramente, não havia mais oradores profissionais, portanto não havia lugar para um treinamento na oratória. Em segundo lugar, as declamações eram escritas; não havia performance aos moldes do período augustano, por exemplo. Cf. VAN DER POEL 2007: 238.

Declamações Maiores, possivelmente composta a partir do séc. II d.C.² As gregas, por sua vez, são situadas entre os séculos II d.C. e VI d.C. As declamações latinas, com exceção das *Declamações Maiores*, têm caráter fragmentário e são incompletas. Por outro lado, o *corpus* grego caracteriza-se pela recorrência de orações inteiras. A heterogeneidade dos textos impõe, em certa medida, uma dificuldade àquele que busca definir ou tipificar o exercício. É possível, porém, restringir *declamação*: por declamação entende-se o discurso que reproduz um discurso forense ou deliberativo e que reúne alguns dos exercícios preliminares (descrição, narração, tese, etc.) e que deve ser inteiro, ou seja, apresenta as quatro partes tradicionais, a saber proêmio (προοίμιον/ *exordium*), narrativa (διήγησις/ *narratio*), prova (πίστις/ *probatio*) e epílogo (ἐπίλογος/ *peroratio*).³

A diversidade dos testemunhos também se configura como um obstáculo ao estudo das funções, dos contextos performáticos e da preservação do gênero declamação. É necessário sempre relativizar os relatos tendo em vista o contexto histórico e o autor. Alguns indícios, contudo, são recorrentes em todas as evidências; isso permite tecer algumas afirmações mais acertadas quanto, por exemplo, à estrutura de uma declamação. A maioria dos textos supérstites traz uma parte introdutória conhecida como tema (θῆμα/ *thema*), que deve ser uma adição feita pelo compilador dos textos. Os temas, de estilo engessado, eram brevíssimas sinopses do caso a ser debatido, cuja função era a de introduzir a história de forma simplificada, de modo que houvesse amplo espaço para que o declamador preenchesse as lacunas durante seu discurso. Sêneca, além do tema, também preserva em sua coletânea as leis que regiam o caso, enquanto Ps.-Quintiliano, além do discurso e, por vezes, o tema, também traz outra parte introdutória conhecida por *sermo*. Dentre os gregos, o maior corpus declamatório é o de Libânio (IV d.C.). Das cinquenta e uma declamações de Libânio, restaram os títulos e as declamações propriamente ditas. Já Corício conserva os títulos, os temas, os comentários - introduções teóricas (*theoriai*) - e as declamações propriamente ditas, além de um conjunto de breves discursos preambulares conhecidos como *dialexeis*.

² Cf. CALBOLI 2010: 183.

³ Cf. RUSSELL 1983: 10. Sobre a constituição do esquema quadripartite e suas variações nos escritos antigos, Cf. BRAUW 2010: 187.

A declamação, como será visto a seguir, surgiu como um exercício escolar nos círculos de ensino da retórica em, pelo menos, meados do século IV a.C. No entanto, a prática transpusera os muros da escola em algum momento da história e adquirira um fim em si mesmo. A declamação perdeu seu fim pedagógico, conquistando uma nova função como gênero sublitterário. O público de uma apresentação declamatória deixou de ser formado apenas por alunos e passou a ser composto por indivíduos alheios ao dia a dia da escola de retórica. Se os *testimonia* estiverem corretos, tal divórcio entre declamação e escola, pelo menos em contexto romano, deve ter ocorrido em meados do século I d.C.: na obra de Cícero termos derivados de *declam(a)-*, como *declamare* e *declamatio*, denotam tanto uma classe de exercícios ligados à exercitação da voz, como aparece também em *Rh. Her.* III 11-2, quanto todo exercício retórico, significado próximo ao que têm em Sêneca.⁴ Talvez isso seja uma indicação de que a declamação passava por algumas mudanças no fim da república, deslocando-se das escolas de oratória ou da privacidade das casas para o contexto público de apresentação que depois a caracteriza no período augustano, no qual a prática parece ter sido melhor acolhida.⁵

A partir de Sêneca (I d.C.), todas as evidências apontam para a existência da declamação cuja preocupação não era fornecer um modelo a ser seguido, mas sim apresentar-se de forma quase teatral. Daí, emerge a figura do "declamador", um homem que não era necessariamente um orador ou um professor de retórica, mas alguém interessado em declamar como um deleite ou passatempo. Por este motivo, dentre as qualidades a serem louvadas em um declamador estavam, sobretudo, a capacidade de adequação ao *ethos* da personagem e a apresentação ardente.⁶

Qualquer afirmação acerca das circunstâncias que norteariam a apresentação de uma declamação, como a escolha do tema, também é afetada pela diversidade dos textos

⁴ *Declamatio* ligada à exercitação da voz aparece, por exemplo, em *Amer.* 29, 82; *Mur.* 21, 44; *Verr.* IV, 66, 149. Quanto ao significado mais lato de "exercitação", Cf. *Planc.* 34, 83. Para um cenário geral do termo na obra ciceroniana, Cf. BONNER 1949: 27-31.

⁵ Cf. Suet. *Rhet.* 25.

⁶ Cf. Sen. *Contr.* III. *Pref.* §7; Philostr. *VS* 569; Luc. *Salt.* §65.

supérstites. A performance de uma declamação acontecia tanto nas escolas⁷, como uma aula, ou em reuniões privadas entre membros da elite intelectual e convidados⁸, ou publicamente, como em uma competição de discursos aberta a quem quisesse assistir⁹, como uma forma de divertimento. A escolha do tema poderia ficar a cargo da audiência, como indica Filóstrato.¹⁰ Após o tema ser escolhido, o declamador comporia um prefácio, um discurso preambular; essa parece ter sido a norma, pois tanto nos textos latinos quanto nos gregos há menções a tal costume.¹¹

As nomenclaturas usadas em grego para tais introduções eram διάλεξις, λαλιά ou προλαλιά.¹² O nome sugere um caráter informal; seriam mais como um *conversational chat*, como sugere Russell, e não teriam o rigor formal de um discurso retórico, um *logos*.¹³ O vínculo entre a temática das introduções e a da declamação a ser proferida é tênue; usualmente, explanam-se elementos extratextuais, como a necessidade da reunião e o caráter da audiência presente, e alusões à mitologia ou anedotas retiradas dos poetas canônicos. Não há uma preocupação em expor a argumentação a ser utilizada - isso é alimento da θεωρία - e o estilo é menos rigoroso: as sentenças são curtas, não há estruturas periódicas e a exposição das ideias é bastante breve.¹⁴

O hábito de discursar sobre um determinado tema como auxílio ao aprendizado da oratória surgiu com os sofistas do quinto século. Uma das características mais distintivas do modelo pedagógico empregado por eles seria o método expositivo, baseado em discursos-

⁷ Cf. Sen. *Contr.* I. *Pref.* § 22: *apud Marullum rhetorem*.

⁸ Cf. Sen. *Contr.* III. *Pref.* §11: *non admittebat populum*.

⁹ Cf. Philostr. VS 601; Lib. *Ep.* 742.

¹⁰ Cf. Philostr. VS 572.

¹¹ Cf. Sen. *Contr.* III. *Pref.* §11; Philostr. VS 519, 604; Aristid. *Or.* 51 §16 (traduzido em RUSSELL 1983: 76-7).

¹² Russell (*op.cit.*: 75, nota 7) reconhece que *sermo* seja o equivalente latino para esse tipo de discurso introdutório. No entanto, na minha opinião, pela natureza dos discursos supérstites de Ps.-Quintiliano, o equivalente de *sermo* seria θεωρία.

¹³ Cf. RUSSELL *op. cit.* : 77.

¹⁴ A simplicidade formal das introduções era objeto de crítica. Filóstrato (VS 568), por exemplo, conta que Antíoco não possuía talento para compor διάλεξις e que considerava o assunto infantil. Infere-se a partir da descrição de Filóstrato (VS 519) que as introduções seriam pronunciadas enquanto o declamador ainda estivesse sentado, fato esse que confirma o caráter informal das mesmas.

exemplo, cuja função seria a de fornecer ao estudante um modelo a ser seguido; no *Fedro*, por exemplo, logo no início, Fedro lê um discurso que ouvira mais cedo e copiara de Lísias. Além do método expositivo, os estudantes interessados em aprender a oratória beneficiavam-se também da circulação de livros, mais conhecidos como manuais (em grego, τέχνη¹⁵).¹⁶

Não é possível tecer afirmações acertadas sobre a forma e o conteúdo dos manuais mais antigos, pois nenhum tratado anterior à *Retórica* de Aristóteles se conservou. É possível que fossem restritos ao gênero judicial, ainda que se tenha buscado contestar tal característica.¹⁷ Há quem compartilhe de certo ceticismo com relação à crença de que os manuais do século V a.C. trouxessem algo além de uma coleção de textos modelares e de lugares-comuns¹⁸; enquanto outros pensam haver espaço para uma maior sofisticação teórica.¹⁹

Quanto aos textos modelares que compunham os manuais, Kennedy (1959: 169) fala em termos de *sophistic orations* ("discursos sofisticos", em tradução livre), cujas características distintivas seriam o uso do mito, o papel central na demonstração das habilidades do sofista e o cenário fictício, no qual até mesmo um júri inventado serviria como interlocutor.²⁰ Tais qualidades aproximam bastante os discursos modelares das declamações

¹⁵ Como bem nota Cole (1991: 81), a palavra grega τέχνη é usada tanto para nomear o tratado mais sistemático e teórico quanto para o discurso modelar ou qualquer exibição da habilidade do orador que fosse publicada e não composta para performance oral. Kennedy (1959: 171-2), ao comentar uma passagem do *Brutus* (46 *et seq.*), afirma que a palavra *ars*, nesse contexto, adquire dois significados: a teoria dos retóricos, seja exposta oralmente, seja escrita, e a exposição escrita.

¹⁶ Cf. Pl. *Phdr.* 266d, 271b; Arist. *Rh.* 1354b26; Isoc. *Contra sophistas*, §19.

¹⁷ Essa predominância do gênero judicial nos manuais de retórica do século V a.C. foi refutada em WILCOX 1942: *passim*.

¹⁸ Cf. COLE 1991: 71 *et seq.* e SCHIAPPA 1999: 50-1 para uma visão segundo a qual a retórica só foi ensinada por teorias a partir do séc. IV a.C. e não do séc. Va.C.

¹⁹ Cf. KENNEDY 1959: 175 *et seq.*; *idem* 1963: 52 *et seq.* *The earlier theoretical handbooks contained only a discussion of invention and distribution, and the arrangement shown in Plato's description in the Phaedrus implies that invention was treated under proof, rather than in a separate section. During the fourth century a discussion of style and an introductory discussion of invention were added, and Aristotle suggests the further addition of delivery (1403b10ff.). The end of the Rhetoric and also the of the Rhetorica Ad Alexandrum, usually attributed to Anaximenes, thus represents expanded fifth-century handbooks. The prefixed material and also the concern with more than judicial oratory, is distinctive of the fourth-century (idem 1959: 178).*

²⁰ Cf. *idem* 1959: 169-70: *Although some of the sophists made use of the question and answer method of instruction adopted by Socrates their more characteristic educational device, whatever the subject at hand, was the speech, often flamboyant, long or short, in which the sophist undertook to demonstrate his point artistically. Sometimes a myth would be used, sometimes the technique was an indirect one in which all possibilities were enumerated, all*

imperiais, consagradas pelos testemunhos de Sêneca e Filóstrato: compartilham de um cenário fictício e da matéria mitológica.²¹ Dentro de uma configuração na qual se prezava o exemplo, a matéria ficaria à mercê da forma, cuja primazia transparece nos temas lúdicos e rasos. Dentre os textos supérstites do século V a.C., poucos são irrefutavelmente discursos modelares: *Tetralogias* de Antífonte, *Dissoi Logoi*, *Helena* e *Palamedes* de Górgias, *Ájax* e *Odisseu* de Antístenes e *Odisseu* de Alcidas.²²

No entanto, os discursos modelares e as declamações imperiais diferem com relação à forma e aos temas. A temática da maioria dos textos clássicos é mitológica e tal tipo de enredo não é predominante nas declamações tardias greco-latinas, que também operam com motes históricos e etológicos.²³ Além da temática, a forma também é um aspecto distintivo. As declamações imperiais são bastante elaboradas e serviram de ilustração para inúmeras teorias retóricas que se desenvolveram no período helenístico e romano, como a célebre teoria das *staseis*, que teria sido sistematizada no século II a.C. por Hermágoras.²⁴ Tal tipo de

but one disposed of, and the last accepted as necessarily valid. Sometimes the audience was asked to choose the form of the sophist's demonstration. The subject might be literally anything. Examples of the sophistic orations are the one in Plato's Protagoras, the two extant complete speeches of Gorgias: Helen and Palamedes, the Ajax and Odysseus of Antisthenes, and the Odysseus of Alcidas.

²¹ As semelhanças entre os discursos sofísticos do período clássico e as declamações do período romano são apenas assinaladas, mas não analisadas, por diferentes autores. Kennedy, por exemplo, chega a dizer que *the technique was the thing; the sophist is purely a rhetorician, and his speech is a declamation not unlike those in vogue later at Rome* (*idem* 1959: 170). Cole, de forma semelhante, diz: *The 'protorhetorical' practice and demonstration text is simply, as has often been pointed out, a written version of the exercise (scholē, melete) of Hellenistic and post-Hellenistic times, best known through its Latin outgrowth or equivalent, the declamatio* (COLE 1991: 80-1).

²² Uma das explicações para a escassez de textos modelares é, como nota Kennedy (*idem*: 174), a efemeridade de tais composições, que, compostas para preencher uma lacuna, meros *hypomnemata*, logo caíam em desuso.

²³ "Etológico" é uma alcunha corrente nos textos críticos sobre declamação e designa o tipo de tema no qual a personagem é tipo e a situação é genérica. Em Antípho. *Tetra.*, as personagens não são nomeadas, mas se afastam muito das personagens-tipo encontradas nas declamações tardias (rico, pobre, velho, sovinha, herói, jovem, tirano etc.). O único discurso do século V a.C. cujas personagens talvez se aproximem das personagens-tipo da declamação é *A Acusação contra a Madrasta* (Nov.), também de Antífonte. Nesse discurso, as personagens não são nomeadas, apenas Filoneo e, possivelmente, a madrasta, Clitemnestra; discute-se, porém, o valor dos nomes nesse texto. Quem argumenta contra o fato de o texto ser uma declamação diz que Filoneo seria um nome puramente ático e não um nome alusivo, como é comum encontrarmos nas comédias. Clitemnestra ocorre em uma passagem corrupta: talvez seja apenas uma comparação entre a madrasta do caso e a personagem mítica. A madrasta, contudo, é uma personagem-tipo bastante explorada nas declamações romanas. Sobre a passagem de Antífonte, Cf. MAIDMENT 1941:11. Sobre a *noverca* nas declamações latinas, Cf. WATSON 1995: 92-135.

²⁴ Uma certa teorização sobre modos de se reconhecer qual seria o ponto de partida, a questão central, de uma

refinamento não é visto nos discursos modelares clássicos, embora haja uma conexão entre a teoria da *stasis* e as *Tetralogias* de Antifonte.²⁵ Outro elemento formal que distingue os textos

disputa retórica, como é o caso da teoria das *staseis*, é encontrada já em Arist. *Rh.* 1373b-38/1374a17. Quintiliano (3.6.3) menciona Naucrates, discípulo de Isócrates, como o artífice responsável pelo cunho "στάσις", muito embora as fontes antigas, ao se referirem à teoria, reportem frequentemente o nome de Hermágoras. Parece, contudo, que a teoria, muito provavelmente surgida no círculo de ensino da retórica pelos sofistas, foi aperfeiçoada e refinada somente em período mais tardio, sobretudo no início do helenístico. As principais fontes das quais dispomos são romanas, Cic. *Inv.*; Quint.; Hermog. *Stat.*; Fort.-Rhet. *Rh.* e outros. Primeiramente o orador deveria reconhecer qual seria o problema em questão e quais as circunstâncias que nortearão a estrutura argumentativa de seu discurso. Essas circunstâncias ficaram conhecidas pelo vocábulo στάσις, em grego, e *status*, em latim. Russell (1996: 193) propõe três possibilidades para o significado do termo: I) στάσις como termo não técnico significa "partido" ou "querela" no contexto político, consequentemente em um embate retórico teria adquirido o significado de "lado/partido que se toma"; II) a palavra também pode significar "posição/postura", o que de novo pode indicar a posição adotada pelo orador em uma dada situação. Outros vocábulos técnicos associados à teoria também indicam "tomar", "pegar", como é o caso de μετάληψις e ἀντίληψις, os quais sugeririam que todo esse vocábulo teria surgido num contexto de combate físico. Russell sugere que, nesse caso, a terminologia refletiria a paridade da educação física e da intelectual na Grécia Antiga; III) στάσις pode significar "parada", denotando o ponto em que o questionamento termina e o tema é determinado. Quando e como distinguir uma στάσις eram motivo de debate desde a Antiguidade. Heath (1994) distingue três abordagens a partir dos textos antigos: a) στάσις é a proposição inicial da defesa (ἀπόφασις). Essa parece ter sido a crença de Hermágoras, segundo os testemunhos supérstites:

Ὅτι ὁ Ερμαγόρας φησίν, στάσις ἐστὶ φάσις καθ' ἣν ἀντιλαμβανόμεθα τοῦ ὑποκειμένου πράγματος ἐν ᾧ ἐστὶ τι ζήτημα καθ' ὃ ἐστὶν ἡ ἀμφισβήτησις (10b MATTHES (= F2 WOERTHER))

Hermágoras disse que στάσις é a proposição através da qual apreendemos o que está em debate no qual há uma questão através da qual se faz uma disputa

Placet autem ipsi constitutionem intentionis esse depulsionem. (13 a MATTHES (= T 23 WOERTHER); Cic. *Inv.* 1.13)

Ele [Hermágoras] prefere que a *constitutio* seja a réplica da acusação [ou seja, a proposição inicial da defesa].

b) στάσις é o conflito entre a proposição inicial da acusação (κατάφασις/ *intentio*) e a proposição inicial da defesa (ἀπόφασις/ *infinitio*). Posição adotada em *Rh. Her.* 1.18:

est prima deprecatio defensoris cum accusationis insimulatione coniuncta.

é a primeira súplica da defesa junto com a denúncia da acusação.

c) στάσις é a questão que emerge do conflito das proposições iniciais (κρινόμενον/ *iudicatio* ou o ζήτημα/*quaestio*). Parece ser a posição adotada em Cic. *Inv.* 1.10 ao dizer:

eam igitur quaestionem ex qua causa nascitur constitutionem appellamus.

a questão, que emerge da causa, chamamos *constitutio*.

Tradicionalmente considerava-se que as στάσεις fossem três, que surgiriam a partir das questões: Há um ato a ser julgado? Se sim, como defini-lo? Uma vez que o ato é claro, o acusado teve o direito legal e moral de cometê-lo? O número de στάσεις era, no entanto, debatido. Quintiliano (3.6.51) menciona que havia quem dividisse as στάσεις em cinco, seis, sete ou oito tipos. Um modelo baseado em treze στάσεις parece ter sido canônico a partir do século II d.C., oriundo da tradição de transformar o que anteriormente era subdivisões das στάσεις em στάσις propriamente dita (Cf. HEATH 1994: 20).

²⁵ Na primeira Tetralogia, um homem X é encontrado morto. Seu escravo, que fora ferido, reconhece, pouco antes de morrer, um homem Y como o responsável pelo homicídio. A família de X processa Y por assassinato. Na segunda Tetralogia, enquanto X treinava arremesso de lança, Y entrou na mira do instrumento e foi morto. A família de Y processa X por assassinato. Na terceira Tetralogia, uma briga acontece entre um jovem X e um velho Y. Y acaba morrendo e sua família processa X por assassinato. X alega ter agido em autodefesa. A primeira tetralogia fundamenta-se na questão: "Y matou mesmo X? Houve homicídio?". No segundo caso, a

clássicos e os imperiais, além da extensão, é a presença dos *progymnasmata*, exercícios preliminares. O ensino de *progymnasmata* teria sido iniciado ainda no século IV a.C., segundo Kennedy (2003: xi), e, de fato, a primeira aparição do termo se dá na *Retórica a Alexandre*.²⁶ O tratamento em *Rh. Al.* é, contudo, diferente do apuro visto nos *Progymnasmata* tardios de Élio Teão, por exemplo, que dedica partes específicas a cada exercício. No período imperial, os *progymnasmata* constituíam um nível abaixo da declamação dentro do currículo escolar; esperava-se que o jovem soubesse incorporar esses exercícios em sua declamação, por este motivo tais exercícios preliminares são facilmente reconhecíveis em uma declamação imperial.²⁷

Nessa configuração, parece ser mais correto dizer que a declamação imperial, aos moldes das de Corício e das de Ps.-Quintiliano, representa um estágio evolutivo do discurso modelar clássico, que sofreu mudanças formais e temáticas à medida que novas teorias retóricas foram surgindo entre os séculos IV-III a.C. Tal percepção parece ter escapado aos antigos que tentaram fixar a origem da declamação em um ponto histórico preciso.

Sêneca, no prefácio de seu primeiro livro de controversias, estabelece um esquema tripartite para a evolução da declamação: o primeiro seria a *thesis* pré-ciceroniana; o segundo as *causae*, declamações privadas, de Cícero e seus contemporâneos; e, por fim, a declamação propriamente dita, chamada de *controversia* e, posteriormente, *scholastica*:

Declamabat autem Cicero non quales nunc controversias dicimus, ne tales quidem quales ante Ciceronem dicebantur, quas thesis vocabant. Hoc enim genus materiae quo nos exercemur adeo novum est ut omen quoque eius novum sit: controversias nos dicimus; Cicero causas vocabat. Hoc vero alterum nomen Graecum quidem, sed in Latinum ita translatus ut pro Latino sit, scholastica, controversia multo recentius est, sicut ipsa 'declamatio' apud nullum antiquum auctorem ante Ciceronem et Calvum inveniri potest, qui declamationem <a dictione> distinguit; ait enim declamare iam se non mediocriter, dicere bene; alterum putat domesticae exercitationis esse, alterum verae actionis. Modo nomen hoc prodiit; nam et studium

pergunta a ser feita é "Foi homicídio? X deve ser condenado por assassinato ou por alguma outra acusação?". No terceiro caso, a questão a ser respondida é "X tinha o direito legal e moral de agir como agiu, já que alega ter agido em autodefesa?". São, portanto, precisamente as três questões nevrálgicas das *staseis* conjectural, de definição e de qualidade.

²⁶ [Arist.] *Rh. Al.* 1436a25.

²⁷ Cf. DESBORDES 1996: 137, no qual a autora se refere à declamação como *le couronnement des études*.

ipsum nuper celebrari coepit: ideo facile est mihi ab incunabulis nosse rem post me natam.

Cícero declamava discursos diferentes dos que hoje chamamos de controvérsias, e daqueles, em uso antes de Cícero, que recebiam o nome de "teses". Pois o tipo de matéria no qual nos exercitamos é tão nova, que também o seu nome é novo. Nós dizemos "controvérsias"; Cícero as chamava de "causas". Esse outro nome, "scholastica", que é grego, mas foi tão bem integrado ao latim, que é tido por latino, é muito mais recente que "controvérsia". O mesmo acontece com o termo "declamação", que não aparece em nenhum autor antes de Cícero e Calvo. Este distingue a declamação do discurso: afirma que não é medíocre na declamação, mas que é bom no discursar. Considera que são coisas diferentes o exercício doméstico e o discurso forense real. O nome [declamação] apareceu há pouco, visto que a disciplina também começou a praticar-se recentemente. Por isso é fácil para mim conhecer desde as suas origens um assunto que nasceu depois de mim.

*Contr. I, Pref. § 12*²⁸

Como testemunho histórico ao desenvolvimento do gênero, essa passagem senequiana é bastante problemática. Primeiramente, aguça a curiosidade dos estudiosos o fato de Sêneca não fazer menção a uma origem grega, dizendo que a prática é *rem post me natam* ("nascida depois de mim"). O segundo problema é a questão terminológica; inúmeros termos são citados para descrever os estágios de uma mesma prática: *controversia*, *causa*, *scholastica*, *thesis*, *declamatio*. O passo, contudo, é melhor interpretado à luz do propósito da obra e do contexto histórico do próprio Sêneca: o autor apresenta uma história tendenciosa da declamação. É também possível que Sêneca tenha em mente as novas configurações que o exercício parece ter adquirido no início do império. De fato, a declamação entre adultos em contexto extraescolar parece ter sido infrequente na república.²⁹ Isso, porém, não explica o porquê de Sêneca não comentar sobre o débito que os romanos tinham para com os gregos.³⁰

²⁸ Tradução de FRYDMAN 2004: 62-3.

²⁹ Cf. EDWARD 1929: xv; FRYDMAN 2004: 68.

³⁰ Cf. FAIRWEATHER 1981: 115 *Seneca was acquainted with Greek technical names, thesis and scholastica, for different types of declamation themes (Contr. I pr. 12); he knew that there were a few standard quaestiones used by Greek declaimers in controversiae, which the Romans had removed (submoverunt - Contr. 1.7.12 Cf. 1.8.7); he also dates (in Contr. II pr. 5) the origins of Latin rhetorical education to the boyhood of Cicero, and yet in Contr. I pr. 12 refers to a stage in scholastic history before Cicero's time. But he nowhere refers explicitly to the debt owed by Rome to Greek educational methods or shows any sign of having made a clear assessment of it. Cf. RUSSELL 1983: 3 A certain mystery surrounds his apparent ignorance of the main stream of Greek rhetorical training. But it is of course perfectly possible that he took the general principles of the exercise for granted, and omits the fundamental theory of 'types of issue' (staseis) not out of ignorance, but because he chose to concentrate rather on the short of detail which he felt would be attractive and memorable. These doubts concerning Seneca encourage*

Com efeito, a crença de que a declamação se desenvolveu em Roma serve ao intento do livro de Sêneca, qual seja o de falar, a partir de suas lembranças pessoais, sobre um gênero que, embora popular, sofria críticas por sua cisão com a oratória real.³¹ Parece que Sêneca, ao elencar Cícero como fiador da declamação, visa dignificar o gênero, "de uma forma que se pode comparar-se à entronização de Catão como modelo de oratória latina", realizada por Cícero em *Brutus*".³²

Quintiliano, diferentemente de Sêneca, não reclama aos latinos a origem do costume de se exercitar discursando sobre temas imaginários. Ele, na verdade, afirma que o método foi apreendido dos dialéticos:

His fere ueteres facultatem dicendi exercuerunt, adsumpta tamen a dialecticis argumentandi ratione. Nam fictas ad imitationem fori consiliorumque materias apud Graecos dicere circa Demetrium Phalerea institutum fere constat. An ab ipso id genus exercitationis sit inuentum, ut alio quoque libro sum confessus, parum comperi: sed ne ii quidem qui hoc fortissime adfirmant ullo satis idoneo auctore nituntur.

De tais modos os antigos exercitavam suas capacidades de discursar, apesar de terem tomado o método dos dialéticos. Consta que discursar sobre temas imaginários, construídos para imitar casos judiciais e deliberativos, teria se iniciado por volta da época de Demétrio de Falero. Se ele próprio inventou o exercício, não fui capaz de descobrir, como admiti em outro trabalho. Mesmo aqueles que afirmam isso com convicção não têm suficiente autoridade confiável.

Quint.2.4.41

Na passagem supracitada, Quintiliano comenta que o hábito de discursar imitando

investigation of the Greek tradition itself. Everything about the exercises makes it clear that they were a Greek invention, dating back well before Seneca's time.

³¹ Sabe-se que, em 92 a.C., um édito ordenou que as escolas de oratória fossem fechadas em Roma. Quem reporta o texto do édito é Suetônio (*Rhet.* 25), cuja tradução portuguesa pode ser encontrada em FRYDMAN 2004: 56. Há uma menção ao mesmo édito em Tácito (*D.* 35). O édito fala sobre os "retóres latinos" (*Latinos rhetoras*), fazendo referência ao costume recente de se aprender sobre retórica em língua latina (até então, todo ensino da disciplina se restringia à língua grega e aos mestres gregos). A aprendizagem da arte retórica em língua latina - ou mesmo em grega - enfrentava crítica severa: em Cic. *de Or.* 1, 102, por exemplo, Crasso se sente desconfortável ao ser perguntado se existe uma arte retórica e fala que não é nenhum "greguinho ocioso e eloquente".

³² FRYDMAN 2004: 62. Para as diferentes interpretações deste parágrafo senequiano, Cf. FAIRWEATHER 1981: 118; EDWARD 1929: XV-XVI; FRYDMAN 2004: 62-78; SINCLAIR 1995; BLOOMER 2007. Sinclair (1995: *passim*) afirma que Sêneca, ao se preocupar em mostrar "os primeiros", as origens, segue uma linha recorrente na literatura augustana. Outra leitura programática possível é apresentada por Bloomer (2007: 298): *The Elder Seneca thought that declamation had developed at Rome in his own lifetime. This belief suited his own published account of declamation, which has at its core the old man's memory prodigious by his own account.* Sobre memória em Sêneca, Cf. BLOMMER 1997: 111 e GUNDERSON 2003:29-33 e FRYDMAN 2004: 83 *et seq.*

casos deliberativos ou judiciais teria se iniciado por volta da época de Demétrio de Falero (*circa Demetrium*) e que o método é retirado da dialética. De fato, o método de se discursar sobre dada questão iniciou-se, ao que parece, nas escolas de filosofia, ainda no período clássico: segundo Aristóteles (*Top.* I. 11), em sua época, o nome dado a todos os problemas dialéticos era *thesis*, justamente o nome dado ao exercício ao qual Sêneca relaciona Cícero no prefácio mencionado. Segundo Quintiliano (3.5.5), o que os gregos chamavam de *thesis* - Cícero chamava de *propositio* - corresponde a uma questão geral (*quaestio infinita*), a questão mais concernente aos filósofos³³, do tipo "Deve um homem tomar uma esposa?".³⁴ A contrapartida da *thesis* é a *hypothesis* (lat. *causa*), exercício amparado em uma questão de caráter particular: "deve Catão tomar uma esposa?". Os comentários de Quintiliano (3.5.5 *et seq.*) implicam uma antecendência cronológica da *thesis* em relação à *hypothesis*, "mas nada obriga a pensar que tal deva ter sido a ordem histórica em que se sucederam essas classes de exercícios. Ao contrário: há evidências de que exercícios de tipo judicial devem ter existido bem antes da época de Cícero".³⁵

A declamação é associada por Quintiliano a Demétrio de Falero. Merece certa atenção, contudo, o *circa* utilizado; duas leituras são possíveis: a prática teria surgido na época ou no círculo de Demétrio. Como atenta Russell (1983: 19), caso Quintiliano tenha tido em mente uma fonte grega οἱ περὶ (ou ἀμφὶ) Δημητρίου, é possível que o próprio Demétrio tenha sido ο εὐρητής ("fundador") da prática. É mais plausível, porém, que a menção a

³³ Quintiliano (3.5.6) comenta que alguns chamam as *theseis* de *quaestiones philosopho convenientis* ("questões convenientes aos filósofos"). Teão (*Prog.* §24), no entanto, separa as *theseis* em dois tipos: *práticas* (políticas ou concernentes à sociedade) e *teóricas* (não políticas). As primeiras são mais próprias ao orador, pois estão relacionadas à vida em sociedade. O exemplo dado por Teão é relativo à questão da obrigatoriedade do ensino da retórica ("deve-se se ensinar retórica?"). O outro tipo, as *teóricas*, são as próprias dos filósofos e são do tipo "o céu é redondo?" ou "o Sol é feito de fogo?".

³⁴ *thesis*, segundo Arist. *Top.* I. 11, é uma proposição de um filósofo célebre que vai contra o senso comum, por exemplo a visão de Heráclito segundo a qual tudo está em movimento. Diógenes Laércio (*Vitae*, 53) cita Protágoras como um dos primeiros a estabelecer formas de se refutar uma proposição (*thesis*) e relaciona o processo ao dialético Artemidoro. No período clássico, portanto, *thesis* não tem o mesmo significado que depois, em Roma, virá a ter, o de exercício sobre uma questão de cunho universal, que é como também aparece nos *Progymnasmata* (Cf. Teão, *Prog.* §24). Parece, pois, que *thesis*, inicialmente conglomerava apenas "proposição/tese defendida por um filósofo". Pode-se supor, contudo, que essas teses fossem contestadas em discursos de caráter agonístico (*Em resposta a Crisipo*, por exemplo, como cita Diógenes Laércio, 53).

³⁵ FRYDMAN 2004: 66.

Demétrio esteja relacionada ao movimento de creditar a esse autor um estilo mais exibicionista, menos sério se comparado ao dos grandes oradores Lísias e Demóstenes; estilo tal que, por Quintiliano (10.18), é tido como decadente.³⁶ A declamação, assim como Demétrio, é vista, no início do império, como um gênero decadente e superficial.³⁷ Talvez, sendo assim, a associação entre declamação e Demétrio de Falero não deva ser tomada como fidedigna à história, mas sim como algo poluído pela reputação negativa de que ambos gozavam no início do império.

Filóstrato posiciona a origem do gênero exatamente na mesma época (fim do século IV a.C.) que Quintiliano, mas sob o nome de outrém:

Ἡ μὲν δὴ ἀρχαία σοφιστικὴ καὶ τὰ φιλοσοφούμενα ὑποτιθεμένη διήκει αὐτὰ ἀποτάδην καὶ ἐς μῆκος, διελέγετο μὲν γὰρ περὶ ἀνδρείας, διελέγετο δὲ περὶ δικαιοσύνης, ἡρώων τε πέρι καὶ θεῶν καὶ ὅπῃ ἀπεσχημάτισται ἡ ἰδέα τοῦ κόσμου. ἡ δὲ μετ' ἐκείνην, ἣν οὐχὶ νέαν, ἀρχαία γάρ, δευτέραν δὲ μᾶλλον προσηρτέον, τοὺς πένητας ὑπετυπώσατο καὶ τοὺς πλουσίους καὶ τοὺς ἀριστεάς καὶ τοὺς τυράννους καὶ τὰς ἐς ὄνομα ὑποθέσεις, ἐφ' ἃς ἡ ἱστορία ἄγει. ἤρξε δὲ τῆς μὲν ἀρχαιοτέρας Γοργίας ὁ Λεοντίνος ἐν Θετταλοῖς, τῆς δὲ δευτέρας Αἰσχίνης ὁ Ἀτρομήτου τῶν μὲν Ἀθηνησίων πολιτικῶν ἐκπεσόντων, Καρία δὲ ἐνομιλήσας καὶ Ῥόδῳ, καὶ μετεχειρίζοντο τὰς ὑποθέσεις οἱ μὲν [ἀπὸ Αἰσχίνου] κατὰ τέχνην, οἱ δὲ ἀπὸ Γοργίου κατὰ τὸ δόξαν.

A Sofística antiga, mesmo quando pressupunha temas filosóficos, discorria sobre esses de maneira profunda e prolixa. Discursava sobre a coragem, discursava sobre o que é mais justo, sobre heróis e deuses e sobre o modo pelo qual a forma do universo configurara-se. A posterior a essa - melhor ser chamada de "segunda", não "nova", pois é antiga- esboçava pobres e ricos, heróis e tiranos; o nome dado era hipótese e a elas a história guia. Górgias, o leontino, deu início à mais antiga na Tessália, Ésquines, filho de Atrometo, fundou a segunda após ser exilado dos assuntos políticos atenienses e ter se refugiado na Cária e em Rodes. Os seguidores de Ésquines lidaram com as hipóteses segundo uma arte, os de Górgias segundo uma conjectura.

Philostr.VS 481

O sofista do império tardio distingue duas fases da sofística: a primeira, fundada por Górgias na Tessália, preocupa-se com temas genéricos e de caráter abstrato. A segunda, iniciada por Ésquines em Rodes e na Cária, ocupa-se com "hipóteses", questões de cunho específico e particularizado que podem ser tratadas por meio de personagens-tipo (o rico, o

³⁶ Cf. Cic. Or. 92, 96; Brut. 37 et seq.

³⁷ As críticas à declamação são abundantes no período imperial. Cf. Quintiliano, 2.10.8 et seq.

pobre, o tirano, o herói etc.). Segundo Bonner (1949:12), é difícil acreditar que o tipo de exercício mencionado por Filóstrato ao contextualizar a "segunda sofística" tenha sido uma declamação aos moldes das encontradas no império tardio. Talvez esses exercícios fossem apenas *straightforward type-declamations* (declamações simples, não muito rebuscadas, em tradução livre), como "Contra o tirano" ou "Contra o rico", talvez algo um pouco mais requintado que um lugar-comum.

As três origens propostas pelos autores antigos supramencionados (Sêneca, Quintiliano e Filóstrato) apresentam problemas, como exposto, se forem levadas como um relato fidedigno à história do gênero declamação. Sêneca não reconhece uma origem grega e propõe uma terminologia problemática. Filóstrato diz que os seguidores de Ésquines lidaram com os temas segundo uma *techne*, mas não expõe as especificades do exercício. Por fim, o próprio Quintiliano reconhece a pouca autoridade da qual gozam aqueles que postulam Demétrio de Falero como o inventor da prática.³⁸

Curiosamente, Quintiliano e Filóstrato alocam a origem da declamação no fim do século IV a.C. e esse fato não deve ser menosprezado. Com efeito, o ambiente cultural do entre séculos IV-III a.C. contribuiu para o desenvolvimento do gênero: a ideia de discurso modelar como ferramenta educacional já estava largamente difundida pelos sofistas, bem como o método dialético de discursar contra ou a favor de uma dada proposição. Além disso, o aparato pedagógico dos professores de retórica já contava com discursos com enredo

³⁸ Duas contribuições modernas receberam destaque nos estudos da história da declamação. A primeira, mais antiga, foi Janet Fairweather em sua tese intitulada *Seneca The Elder* (1981). De modo geral, sua teoria resume-se no seguinte parágrafo: *Perhaps, then, the prototypes of controversia were first contrived by Ionian sophists for use in cities where laws such as we find associated with τετραλογία and controversia, akin to those of Athens, but in some ways more backward than them, were in force, all this in a period when the problems of cities afflicted by insolent tyrants in their citadels and unreasonably demanding tyrannicides, so striking and anachronistic feature of Roman exercises, had recently become matters of consuming interest* (FAIRWEATHER 1981: 114-5). A principal razão pela qual Fairweather associa os exercícios judiciais à Jônia é a presença de jonicismos na linguagem das *Tetralogias* de Antífonte. Sugeriu-se que as *Tetralogias* representassem a imitação do gênero jônico por um ateniense e que as palavras puramente jônicas fossem termos legais (*idem*). Além disso, há um aparente distanciamento entre as leis das *Tetralogias* e as leis em voga na Atenas do quinto século. Outra razão salientada por Fairweather é o papel importante protagonizado pelos tiranos na história da Jônia. A teoria de Fairweather, embora intrigante, não recebeu boa acolhida. Russell refuta: *But tyrants continued to be a problem right down to Roman times, and the impact of Athenian law and oratory must surely have been decisive. A date in the late fourth century seems more likely; and this was the view taken in antiquity by Quintilian and by Philostratus, both of whom were well placed to make informed guesses.* (RUSSELL 1983: 18)

mitológico, apesar de temas históricos e etológicos terem, provavelmente, surgido no período helenístico.

2. Corício de Gaza, declamador: contexto biográfico

Na cidade palestina de Gaza, entre os séculos IV e VI d.C., se convivia de forma pacífica. Além do sincretismo religioso, o lugar, habitado em sua maioria por gregos, era reconhecido por uma fusão de culturas: era uma importante ligação entre o Norte e o Sul, o Leste e Oeste. Sua localização estratégica lhe conferiu privilégios perante o governo romano, que, a partir de 57 a.C., iniciou a reconstrução da cidade a partir das ruínas dos antigos reinos helenísticos.³⁹ Alguns aspectos, desde então, contribuíram para que a cidade prosperasse economicamente, possibilitando o surgimento de uma escola de retórica de força expressiva- Libânio, por exemplo, no século IV d.C, disse que Gaza "quer ser um ateliê da eloquência" (λόγων εἶναι βουλομένην ἐργαστήριον).⁴⁰ São eles: a distância entre Gaza e as fronteiras persas, aspecto que permitiu que a cidade atravessasse o século III d.C. incólume e as reformas de Diocleciano e Constantino, que consolidaram um governo mais estável.⁴¹

Nesse ambiente, floresceu a chamada "Escola de Gaza", que se inicia no governo de Zeno (474-91 d.C.) e se estende até Justiniano (527-65 d.C.). A escola, nas palavras de Lupi (2010: 13-4), "era organizada como um grupo, um círculo de colaboradores que se reuniam em torno do mestre".⁴² Penella atenta ao fato de que o termo "escola", nesse caso, não toma o

³⁹ Cf. DOWNEY 1963: 8.

⁴⁰ Lib. Or. 55. 34.

⁴¹ A cidade de Gaza era, segundo os testemunhos antigos, uma típica cidade romana, caracterizada pela presença de fortificações (Cf. Chor. Or. 1, 7; 2,16; 3,55; 3, 57), prédios públicos e edificações religiosas. Sobre a cidade na época de Corício, Cf. ABEL 1931; DOWNEY 1963; SALIOU 2005; LUPI 2010: 23-25.

⁴² Cf. LUPI 2010: 13-14: *era organizzata come un gruppo, un circolo di collaboratori che si riunivano attorno al maestro.*

significado hodierno de instituição hierárquica de ensino formal.⁴³ Sendo assim, “círculo” parece ser uma expressão mais adequada do que “escola”.⁴⁴ Dentre os membros desse grupo estão Corício e seu mestre, Procópio, autor de catenas ao *Velho Testamento* e de sete orações curtas de caráter ecrástico. Também faziam parte do círculo os neoplatônicos Enéas e Zacarias Escolástico, cujos diálogos sobreviventes são *Teofrasto* e *Amônio*, respectivamente, o retórico Zósimo, comentarista de Demóstenes e Lísias, e João, cujo texto mais conhecido é uma éfrase alegórica de Cristo.

Corício viveu na primeira metade do século VI d.C. sob o reinado de Justiniano (527-65 d.C.) e seu período de produção situou-se no segundo quarto do mesmo século.⁴⁵ A *Or. 1* ou *Primeiro Elogio ao Bispo Marciano* deve ter sido apresentada em 536 d.C. e a *Or. 2* ou *Segundo Elogio ao Bispo Marciano* tem seu *terminus ante quem* em 548, ocasião da morte de Teodora, e o *terminus post quem* em 536.⁴⁶ A cena biográfica e o modo de circulação dos textos de Corício são difíceis de serem reconstruídos, pois as únicas referências relativamente seguras estão disponíveis no texto do próprio autor e em uma passagem da *Biblioteca* de Fócio (160).⁴⁷

Fócio, na passagem supramencionada, delinea quais são as principais características dos escritos do grupo de Gaza: a preservação dos valores literários clássicos, tal como explicitado na menção à paráfrase dos versos de Homero, a variedade de composições em

⁴³ Cf. PENELLA 2009: 2.

⁴⁴ Litsas, no entanto, pressupõe que houvesse uma escola aos moldes modernos, com uma estrutura física própria. Cf. LITSAS 1980: 44-5.

⁴⁵ Litsas (*op. cit.*: 13) supõe que Corício deva ter nascido na década de 490 e situa a produção do retórico entre 520-540, bem como faz Kennedy (1983: 175).

⁴⁶ Cf. SALIOU 2005: 172; LITSAS *op. cit.*: 13.

⁴⁷ A tradução da passagem ao português encontra-se na seção “Anexos” dessa dissertação. Uma leitura bastante arguta do passo de Fócio está em AMATO 2009: 270-8. O estudioso, cuja preocupação no artigo citado é a de rastrear a fortuna e a recepção de Corício no período bizantino, toma os comentários de Fócio como atalhos para se estudar a circulação dos textos coricianos no período de Fócio, o século nono: *It seems clear that Photius had access to a collection of Choricius' writings and that his judgment of the orator's style consequently rests on a direct reading of those texts. For after having "reported" in a general way the existence of various Chorician compositions, he confirms the soundness of that report, listing the types of discourse (declamations, panegyrics, monodies, epithalamia, refutations, etc.) that he has read - and the word φέρεται ('[his writings] are in circulation') unquestionably betrays the fact of a loan (id. ibid., p. 273).* Litsas (*op. cit.*: 50) acredita que um grande número dos escritos de Corício deva ter se perdido, pois Fócio cita muitos tipos de composições, o que pode sinalizar que no século nono mais textos de Corício fossem conhecidos.

prosa (panegíricos, epitalâmios, histórias) e o treinamento na oratória. A produção do grupo de Gaza é frequentemente associada à "Terceira Sofística" por estar ligada à valorização do helenismo: Abel chega a definir o grupo como "a chama mais ardente do helenismo sob os céus palestinos".⁴⁸ A alcunha "Terceira Sofística", que recebeu especial acolhida entre os estudiosos franceses, designa a atuação dos sofistas no império após o século terceiro.⁴⁹ Embora o termo sugira uma cisão entre a "Terceira Sofística" e sua antecedente, a Segunda Sofística, há mais elementos de continuidade entre as práticas dos professores de retórica dos períodos do que de ruptura. Filóstrato não define a Segunda Sofística cronologicamente, mas, sobretudo, segundo uma esfera de atuação: a partir de Ésquines os sofistas gregos se ocupavam com declamações públicas e escolares.⁵⁰ Se a declamação for mesmo a característica mais distintiva dos sofistas do início do império, não há motivos para diferenciá-los dos sofistas do império tardio. As próprias declamações de Corício são um bom exemplo, pois, apesar de serem transmitidas de um modo diverso das comentadas por Filóstrato, ilustram a popularidade desse tipo de discurso na antiguidade tardia.⁵¹

Sob a autoria de Corício, nos restaram *dialexeis*, orações curtas de caráter introdutório, declamações e discursos epidícticos, sendo que os mais conhecidos são os elogios ao bispo Marciano (*Or. 1* e *Or. 2*), nos quais se encontram as descrições das igrejas de São

⁴⁸ Cf. ABEL 1931: 5: *des foyers le plus ardents de l'hellénisme sous les cieux palestiniens*.

⁴⁹ O primeiro livro cujo título contem "Terceira Sofística" veio à tona em 2006 sob organização de Eugenio Amato, *Approches à la Troisième Sophistique*. O termo, que começou a ser usado no início dos anos noventa por Laurent Pernot, propõe uma cisão entre o que seria uma Terceira Sofística e o predecessor Segunda Sofística (cf. MALOSSE-SCHOULER 2009: 163, nota 3). Os estudiosos se dividem: de um lado, por exemplo, estão Malosse-Schouler (*op. cit.*: 164), os quais argumentam que, a partir do século III, os sofistas perderam o destaque cívico-social que logravam e se resguardaram apenas às escolas de retórica, abandonando as orações epidícticas e as declamações profissionais. Van Hoof (2010), por outro lado, propõe uma continuidade entre a segunda sofística e a terceira, sugerindo que a designação fosse abandonada. O argumento do estudioso é o de que não há uma diferença significativa na esfera de atuação dos sofistas entre os períodos mencionados. Para ilustrar seu ponto de vista, cito: [...] *Far from dying out withdrawing into their schools, late antique sophists continued to take and active part in public life, and that, far from fossilizing, rhetoric remained a creative performance within late antique society* (*id. ibid.*: 220).

⁵⁰ Cf. passagem de Filóstrato traduzida anteriormente.

⁵¹ Van Hoof (*op. cit.*: 216) destaca que a maioria das declamações supérstites são do império tardio. Esse fato pode ser uma coincidência de transmissão ou pode denotar a popularidade do gênero no período. A estudiosa diz: *whilst it may have been caused to some extent by the hazards of transmission, this imbalance in representation not only establishes the popularity of declamations in late Antiquity, but also suggests that late antique declamations were highly valued by subsequent generations of scribes and scholars*.

Sérgio e Santo Estevão Protomártir, o *Epitáfio a Procópio* (Or. 7) e a *Apologia dos Mimos* (Or. 8), na qual Corício propõe uma defesa dos compositores de mimos, gênero popular na Gaza do sexto século.⁵² É bastante provável que Corício fosse cristão, ainda que seja censurado por Fócio por trabalhar demasiadamente com histórias mitológicas e que as menções ao cristianismo sejam parcas em sua obra. Nesse período, era comum que autores cristãos empregassem a mitologia como forma de embelezamento estético e de exercício da cultura clássica. A presença de deuses pagãos era religiosamente neutra e é por isso que em muitas passagens os mesmos são invocados.⁵³

Dentre as doze declamações supérstitas, três têm como pano de fundo os poemas homéricos: as primeira e segunda declamações tratam da paixão de Aquiles por Polixena, filha de Príamo. Na primeira, Corício toma parte de Polidamas, conselheiro do rei troiano, que advoga pela união entre o ftio e a troiana. Na segunda, temos o ponto de vista de Príamo e suas razões para não autorizar o casamento. A décima declamação trata do episódio em que Aquiles, sentindo-se ultrajado por Agamêmnon, se retira do acampamento. Corício, então, toma a parte de Pátroclo, cujo papel seria o de persuadir Aquiles a retornar ao campo de batalha.

⁵² Os trabalhos de Corício carecem de traduções modernas de fácil acesso e, quiçá, de uma nova edição comentada, pois não há comentários e/ou léxicos destinados ao estudo desse autor. Amato está trabalhando em uma nova edição da obra de Corício (Cf. AMATO 2005: *passim*), sem notícia de publicação até o término dessa dissertação. As declamações e as orações que as introduzem são vertidas ao inglês em PENELLA *et alli* 2009. Uma tradução inglesa dos discursos está na tese de doutorado de Fotios Litsas (LITSAS 1980, inédito). A declamação 4, *Milcíades*, é vertida ao italiano por Simona Lupi (LUPU 2010). Para a Or. 8 ou *A Apologia dos Mimos* há uma tradução grega moderna em STEPHANIS 1986 e duas italianas, às quais não tive acesso, a tese de doutorado de Barberis (1992) (*L'Apologia Mimorum di Coricio di Gaza. Introduzione, traduzione e commento. tesi di dottorato, Università di Genova, inédita*) e o trabalho de conclusão de curso de Maiorano (1994-5) (*Coricio di Gaza. In difesa dei mimi. Traduzione e commento. tesi di laurea, Università degli Studi di Bari, inédita*). Outro trabalho, ao qual não tive acesso, é WESTBERG 2010 (*Celebrating with Words. Studies in the Rhetorical Works of the Gaza School. Uppsala*).

⁵³ Sobre o Cristianismo em Corício, Cf. ASHKENAZI 2003. Ashkenazi nota bem quais são os problemas que envolvem a questão religiosa na obra de Corício e na Gaza do sexto século. Primeiramente, é difícil saber qual seria a relação que a classe "intelectual" (sofistas e professores de retórica) mantinha com a hierarquia da igreja. É bastante provável que os bispos fossem ensinados nas escolas de retórica, mas não se pode inferir muito sobre em que medida o sistema educacional fundia educação cristã e clássica. Além disso, há o problema em saber quais seriam as práticas do cristianismo na região de Gaza. Segundo Ashkenazi, é provável que os cristãos da porção leste do império seguissem o monofisismo.

Duas de suas declamações alocam-se em um contexto histórico: a terceira declamação trata de um episódio inspirado nas *Histórias* de Heródoto (I. 154-60; 201-16), no qual os Lídios, por imposição do rei persa Ciro, são forçados a auxiliar os persas no conflito contra os massagetas. A quarta declamação também se inspira em Heródoto (6. 132-6); nela, Milcíades, após receber dos atenienses toda a frota naval que desejava e não conseguir conquistar Paros, é acusado por Xântipo de descumprir sua promessa. As outras sete declamações coricianas ambientam-se em situações genéricas, cujos protagonistas são personagens-tipo. As quinta e sexta declamações - *corpus* dessa dissertação - contam a querela entre um pai e um filho; o jovem, após voltar da guerra como herói, demanda como prêmio o casamento com uma moça bela e pobre. O pai, por outro lado, é terminantemente contra a união com a moça pobre, alegando que o filho deveria se casar com uma jovem rica, porém feia. Na quinta, vemos os argumentos do jovem herói, na sexta expõem-se as razões do velho pai. Na sétima declamação, conta-se que um tiranicida se suicidou após o assassinato de seu filho. O assassino do filho alega que, como matou o tirano indiretamente, o trono vago é seu por direito adquirido. Corício toma a parte do tiranicida. As declamações oitava e décima primeira tratam de temas espirituosos: na oitava, Praxíteles, o famoso escultor grego, é acusado por um cidadão espartano de fazer uma estátua de Afrodite inspirando-se no corpo de uma prostituta, o que se configuraria como uma afronta à deusa. Na décima primeira, um herói de guerra deve ser condecorado com uma pintura do momento em que venceu as tropas inimigas. A questão é que o herói aniquilou os rivais por meio de um estratagema noturno, no qual vestido de mulher adentrou o acampamento inimigo. O herói, contudo, não deseja ser pintado em vestes femininas. A nona, assim como a sétima declamação, traz assuntos relacionados à tirania. Nela, um tirano demanda casar-se com a bela filha de um homem. O homem prefere matar a filha a entregá-la a um tirano. Um outro rapaz, apaixonado pela moça, se suicida diante do assassinato da amada. O pai do rapaz acusa o pai da jovem. Corício argumenta em favor do pai da jovem. Por fim, na décima segunda declamação um orador, que recusara abandonar sua cidade, convence as tropas inimigas a abandonarem o local. O orador exige um prêmio de guerra. Um militar pronuncia-se contra

ele, afirmando que os prêmios são reservados para quem se destacou nas armas, não em palavras. Corício, claro, toma parte do orador.

Ao que parece, as escolas de retórica aos moldes da de Gaza esvaeceram completamente, exceção à de Roma e à de Alexandria, no reinado de Justiniano. Se acreditarmos em Procópio de Cesarea nas *Histórias Secretas*, sobretudo 26. 5-6, a tirania de Justiniano foi responsável pelo fim das escolas. Ao confiscar os bens municipais, o imperador decreta o fim da cátedra pública de retórica. Além da crise financeira e da necessidade imperial de assegurar uma centralização do poder em torno de Constantinopla, a forte oposição cristã ao paganismo também contribuiu para que a palavra "sofista" deixasse de ser usada.⁵⁴

3. As declamações coricianas entre declamação pública e escolar

A declamação enviesa para um duplo caminho no período imperial: o primeiro, possivelmente o mais antigo, é o escolar. O segundo caminho é o da apresentação pública, o da ἐπίδειξις; a declamação extravasa seu fim pedagógico, o de fornecer um modelo a ser seguido, adotando a nova função de discurso para o entretenimento, apresentado por ocasião de um festival, onde o público não seria composto apenas por jovens estudantes.⁵⁵ Tal distinção explica as discrepâncias vistas entre as *Declamações Maiores* e as *Menores* de Ps.-Quintiliano. As *Menores* são consideradas produto de práticas escolásticas por possuírem características que as aproximam a anotações tomadas em uma aula. Elas são breves, fragmentárias e entrecortadas por períodos nos quais o autor comenta sobre alguma teoria retórica ou sobre a melhor linha argumentativa a ser tomada. Em contrapartida, as *Maiores*,

⁵⁴ Cf. KENNEDY 1983: 177-8.

⁵⁵ Quintiliano (2.10.8), por exemplo, diz que a prática, quando deslocada do contexto escolar para o qual foi desenvolvida, é apenas "ostentação cênica e vociferação furiosa". Acerca de aspectos da "declamação para apresentação" (*show declamation*), Cf. HÖMKE 2007: *passim*, especial 117.

pelo fato de serem orações completas e bem elaboradas, parecem ser fruto de apresentações públicas de um entusiasta da prática.⁵⁶

As atividades de um professor que incluía a declamação em seu aparato pedagógico e as de um declamador profissional não eram, contudo, delimitadas de forma tão rígida. Filóstrato, por exemplo, menciona inúmeros sofistas que davam aulas e declamavam publicamente, especialmente em competições de oratória.⁵⁷ Havia uma relação simbiótica, que garantia a sobrevivência de ambos os tipos de declamação, entre a prática escolar e a apresentação pública: através da declamação pública, o sofista revelava suas habilidades performáticas, seu conhecimento das regras retóricas, sua capacidade de improvisação e de adequação à personagem do problema e, dependendo de seu desempenho, sua reputação se encorpava. Quanto maior a fama do sofista, maior o número de estudantes.⁵⁸

Corício, certamente, valia-se das declamações como instrumento pedagógico.⁵⁹ Contudo as características principais de suas declamações supérstites parecem indicar que elas também eram apresentadas em ocasiões abertas a todo e qualquer público, tanto a seus alunos quanto aos demais habitantes da cidade. Felizmente, as *dialexeis* e as *theoriai* que acompanham as declamações coricianas, por vezes, permitem vislumbrar as circunstâncias da apresentação do discurso. Em diversos momentos, mencionam-se nos prefácios os estudantes, os *neoi*, de Corício.⁶⁰ Pelo conteúdo do *Pref. 16 (dial. XXVII)*, por exemplo, é

⁵⁶ Cf. CLARKE 1971: 44; WINTERBOTTOM 1982: 64; BLOOMER 1997b:65; CORBEIL2015: 17-8. Winterbottom, em sua tradução Loeb, pontua que as *Menores* são *the Nachlass of a rhetor, inefficiently edited and published after his death...not notes taken down at another's lecture, but notes made by a lecturer for his own purposes. The lack of system will reflect the editor's inefficiency or lack of understanding in the ordering of a confused archive...The sermones will be the notes, to be expanded in front of a class, on the treatment of each topic.* (id. 1984: xiii). Indo na mesma direção, Corbeil (*loc. cit.*) buscou mostrar que a *Decl. Men. 260* teria sido composta por um estudante.

⁵⁷ Cf. Philostr. VS 528, 537 e 601.

⁵⁸ A divisão bem demarcada entre declamação escolar e não escolar é bastante presente nos escritos de alguns autores como Dingel (1988) e Hömke (2007; 2009). Stramaglia (2015: 27, nota 1) traz um breve panorama do estado da pesquisa quanto à questão. Para os alemães, segundo Stramaglia, parece haver até mesmo uma divisão tripla: *Schuldeklamation* (declamação escolar), *Hobbydeklamation* (declamação que visa o lazer, mas também a instrução) e *Schaudeklamation* (apenas para lazer). Quintiliano dá testemunho apenas acerca da divisão canônica em declamação escolar e para o entretenimento (*in ostestationem*). Cf. Quint. 2.10.7-12.

⁵⁹ Um bom panorama é fornecido no segundo capítulo da obra de Litsas (1980: 20-49), no qual há considerações inclusive sobre a idade dos alunos de Corício e a relação mestre-professor fomentada por eles.

⁶⁰ Cf. *Pref. 5 (dial. IX)*.

possível deduzir que Corício declamasse em espetáculos públicos (θεαμάτων - §1). Em *Pref.* 22 (*dial.* XXXVI), comenta-se que a declamação será proferida por ocasião de um festival (ἄγοντας ἔτι τὴν ἑορτήν - §5). Não há evidência que sustente a afirmação de que somente os alunos compusessem a audiência de uma apresentação declamatória de Corício. Como nota Penella, alguns textos antigos indicam que a audiência de uma declamação seria mista, *i.e.* composta tanto por alunos quanto por adultos interessados pela prática.⁶¹

Com efeito, as declamações coricianas parecem orbitar entre esses dois universos performáticos da declamação: o escolar e o público.⁶² O fato de o *corpus* declamatório coriciano ter sobrevivido juntamente às *theoriai* talvez indique que tal *corpus* foi, em algum momento, utilizado tendo em vista o ensinamento. Diferentemente daquilo visto nas *theoriai* de Libânio e nos *sermões* de Ps.-Quintiliano, as *theoriai* de Corício apresentam uma discussão muito rasa quanto a aspectos teóricos mais técnicos, como, por exemplo, o reconhecimento da *stasis* ou da *questão* do problema.⁶³ Ao invés disso, privilegiam-se elementos mais genéricos, como a adequação ao caráter e traços da cultura popular. Talvez, contudo, não seja prudente tecer considerações acerca da audiência das declamações de Corício partindo das características de suas *theoriai*. Provavelmente, tais comentários foram adicionados pelo compilador da obra - e não pelo próprio Corício - em um momento posterior. Ou, se o próprio Corício chegou a publicar seus textos, também seria possível

⁶¹ Cf. PENELLA 2009: 13. O estudioso chega a propor uma comparação entre uma apresentação de declamação e uma performance de ópera nos dias de hoje: [...] *one might compare, even if the comparison is not perfect, the modern audiences at operatic performances. Not all members of such audiences will have any training in music, a command of the libretto, or knowledge of the language in which the opera is sung, but all will get something of cultural value.* (*id.ib.*)

⁶² Sobre essa problemática, Simona Lupi, em capítulo publicado em 2015, chega à mesma conclusão: *Anche la produzione declamatoria di Coricio, dunque, testimonia il duplice ambito, scolastico e pubblico, della performance sofisticata a Gaza.* (LUPI 2015b: 25).

⁶³ Russell, em sua tradução da Decl. 2 para a coletânea organizada por Penella (2009) traduz πῶς ἐπικουρήσω γέροντι ἑκάσταχῇ τὰ δίκαια προσειπών; (*Decl.* 2. *th.* §2) como "How shall I help the old man by putting the right issues at each point?". *Issue* é a tradução inglesa para *stasis*. Para Westberg (2010: 10, nota 3), a tradução de Russell é infeliz, pois dá a impressão falsa de que Corício esteja usando um termo técnico quando, na verdade, não está. Para Heath (2004: 238), a falta de tecnicidade pode ser explicada pelo fato de os alunos já estarem bastante familiarizados com os aspectos técnicos. Nas palavras do estudioso inglês, *the students for whom this declamations are to serve as models are sufficiently advanced not to need such elementary instruction, and will be able to discern the underlying division for themselves.*

creditar tais comentários ao próprio.⁶⁴ A questão autoral e a composição do corpus coriciano merece estudo. Amato destaca o fato de que há casos em que os textos das *(pro)theoriai* divergem em alguns manuscritos.⁶⁵ Apesar de tais obstáculos textuais, a presença da parte intitulada *theoriai* indica que as declamações de Corício devem ter sido usadas para fins escolásticos em algum momento de suas histórias textuais, mas não necessariamente as ambienta em um contexto escolar contemporâneo a Corício.

Seja como for, a obra declamatória de Corício parece estar alinhada a um tipo de declamação, já visto nas *Maiores* de Ps.-Quintiliano, que privilegia a performance, por isso *show declamation*. Uma primeira razão seria o formato: são orações completas, bem elaboradas, assim como as *Maiores*. Ademais, se a menção à declamação proferida em um festival estiver correta (*dial.* XXXVI, §5), é bastante razoável supor que a audiência fosse composta também por adultos. Por fim, as declamações coricianas, ao que parece, mostram uma intensificação de aspectos ligados à performance. A performance, em detrimento da argumentação convincente, é o elemento mais realçado nas *theoriai* (deixo de lado por ora o problema textual concernente às *theoriai* e tomo-as como autoral ou como representativas das ideias do próprio Corício). Nessa linha, Webb nota em Corício uma "intensificação de aspectos literários da declamação" e uma "exploração do *ethos* e de motivações psicológicas da *persona loquens* como o interesse principal do declamador".⁶⁶

4. A temática

⁶⁴ Penella (2009: 14) sugere que o próprio Corício tenha "publicado" (grifo do comentador) seus textos. Russell (1983: 78) propõe que alguém próximo, talvez um pupilo, tenha recolhido os textos a partir da coleção do próprio Corício.

⁶⁵ Cf. AMATO 2009: 286, nota 110. Heath (2004: 238, nota 41) sugere que a *protheoria* da *Decl.* 4 de Libânio seja apenas um escólio.

⁶⁶ Cf. WEBB 2006: 111.

Os textos declamatórios preservados trabalham com três tipos de temas: os mitológico-literários, cujo enredo é retirado de passagens canônicas da literatura, especialmente da épica homérica, os históricos, que geralmente colocam em cena personagens reais, como Demóstenes e Cícero, e, por fim, os etológicos, nos quais as personagens são tipo (o velho, a madrasta, o tirano etc.) e a narrativa da ação é totalmente inventada. Alguns temas parecem ser mais caros a certos autores: os latinos, por exemplo, dificilmente trazem declamações mitológicas, enquanto os gregos da Segunda Sofística tinham uma predileção clara por temas históricos.⁶⁷

De todo modo, mesmo enredos históricos ou mitológicos eram trabalhados de modo bastante livre pelos declamadores, que se davam a liberdade de manipular tais enredos de acordo com suas vontades.⁶⁸ Contudo, essa inventividade não passou despercebida. Embora popular, a declamação esteve sob crítica durante quase todo o tempo em que foi praticada: entre os latinos, destacam-se os comentários dos poetas Juvenal e Pérsio, Petrônio e Quintiliano, entre os gregos Ps.-Dioniso e Sinésio.⁶⁹ A parte mais volumosa da censura à declamação está centrada na forma que o exercício parece adotar no início do império (a *show declamation*), que, segundo tais críticos, a faz perder seu valor pedagógico. A discussão parece ser bem exemplificada pelo início do *Satíricon*:

⁶⁷ A maioria dos temas citados em Philostr. VS são históricos. Segundo levantamento feito por Kennedy (1974) dos quarenta e cinco temas citados em VS, trinta e um são históricos. Heath (2004: 252) apresenta levantamentos estatísticos mais acurados. Para ele, em textos irrefutavelmente escolares, como os tratados [Hermog.] *Stat.* e *Sop. Diuisiones*, temas históricos são pouco mencionados (cerca de 17% dos temas mencionados nos dois tratados são históricos).

⁶⁸ Sobre a manipulação da história nas declamações, Cf. WOLFF 2013. O estudioso, ao focar na morte de Cícero tal qual nas declamações e em fontes alheias, conclui que *ce cas relève donc d'une pratique chère aux déclamateurs, consistant à élaborer des thèmes de controverse en inventant des procès autour d'événements historiques [...]*. (*ibid.* 271)

⁶⁹ Juv. *Sat.* 7.115 e 10.166; Pers. *Sat.* 3, 44-7; Petr. *Sat.* 1-4; Quint. 2.10.3; Syn. *Insom.* 20, pp. 187-8 Terzaghi (traduzido em Russell 1983: 21). Para uma crítica à negligência da ordem dos pontos capitais nas declamações, Cf. [D.H] *Rh.* 10-11. Sobre a datação, autoria e contextualização dos capítulos 10-11 da *Ars Rhetorica*, Cf. HEATH 2003. Uma tradução francesa do tratado pode ser encontrada em:

<<http://remacle.org/bloodwolf/historiens/denys/rhetorique.htm>>

Agradeço à Professora Ruth Webb (Lille) pelo link da tradução e por chamar minha atenção ao tratado em questão.

Et ideo ego adulescentulos existimo in scholis stultissimos fieri, quia nihil ex his, quae in usu habemus, aut audiunt aut vident, sed piratas cum catenis in litore stantes, sed tyrannos edicta scribentes quibus imperent filiis ut patrum suorum capita praecedant, sed responsa in pestilentiam data, ut virgines tres aut plures immolentur, sed mellitos verborum globulos, et omnia dicta factaque quasi papavere et sesamo sparsa.

Por esta razão, penso que os jovens tornam-se estúpidos nas escolas: eles não veem nem ouvem nada corriqueiro, a não ser piratas com correntes na praia, tiranos que ditam editos que compelem filhos a cortar a cabeça dos pais, oráculos em tempos de peste que ordenam três virgens ou mais a serem sacrificadas, a não ser palavras melífluas e redundantes; tudo que é feito e dito é salpicado de papoula e sésamo.

Satíricon I

Ainda que na passagem citada haja menção a temas de sabor surreal e fantástico, como, oráculos que exigem o sacrifício de virgens⁷⁰, tais enredos parecem representar somente uma minoria na coletânea greco-latina. Os motes mais populares, sobretudo nas declamações latinas, mas não menos expressivos nas gregas, são os de ordem familiar: disputa entre irmãos, entre marido e mulher, entre pai e filhos, entre madrastas e enteados e entre sobrinhos e tios etc.⁷¹ Em algumas, o conflito familiar é direto (pai contra filho, mulher contra marido, irmão contra irmão), em outros o conflito não é familiar, mas decorre de uma relação entre família (pai *versus* assassino ou estuprador do filho/filha, por exemplo).

4.1. Filho *versus* pai nas declamações greco-latinas

Dentro da temática familiar, a recorrência de disputas filho *versus* pai e o caráter das mesmas chamaram a atenção da crítica especializada. A corrente crítica moderna, que se desenvolve a partir do fim dos anos 80, mas que só adquire vigor nos anos 2000, acentua o

⁷⁰ Sobre esse tema Cf. *Decl. Men.* 384.

⁷¹ Ao que pude constatar, 42 dos 77 citadas por Sêneca são conflitos familiares diretos; 69 dos 145 das *Decl. Min.*; 11 dos 51 de Libânio e 2 dos 12 de Corício.

valor social do exercício.⁷² A declamação, em seu contexto escolar, lidava com jovens estudantes, homens ainda em formação, que, em uma cultura altamente hierárquica e estratificada, tinham papéis sociais bem estabelecidos. Nessa medida, atualmente fala-se de "realismo declamatório" ou "declamação realista"⁷³, i.e. os temas declamatórios, antes vistos como distanciados da realidade, são mais próximos à realidade imediata do estudante do que antes se pensava. Assim, temas familiares emergem como os mais ilustrativos: a família, além do dia a dia escolar, era, provavelmente, a única experiência de mundo que tinha um púbere. Portanto, a declamação poderia oferecer uma válvula de escape ao jovem, que, no universo ficcional, a Sofistópolis⁷⁴ de Russell, poderia exercer outros papéis sociais, como o de pai, o de advogado, o de tiranicida, o de personagem histórica célebre, etc. Essa capacidade que oferecia a declamação de "interpretar novos papéis sociais" relaciona-se ao conceito de "ética situacional", desenvolvido por Bé Breij:

*Declamatory themes offer the authors scope for 'situational ethics'. Transcending juridical technicalities and positing extreme cases, they force prospective speakers to adopt a particular social role (rich man, poor man, stern father, powerless son, put-on mother, etc.) in which to grapple with an ethical dilemma.*⁷⁵

Tal processo de incorporar papéis sociais alheios só era possível porque a educação que se valia da declamação (portanto, a grega e a latina) se desenvolvia *in persona*. Pedia-se que o aluno representasse, não apenas que discorresse sobre, personagens. Inúmeros autores

⁷² Os estudos que tenho conhecimento são BEARD 1993; BLOOMER 1997b; SUSSMAN 1995; KASTER 2001; VESLEY 2003; GUNDERSON 2003; FANTHAM 2004; IMBER 2008; BREIJ 2009; LENTANO 2015. A bibliografia sobre o assunto só cresce: os dois últimos volumes publicados sobre declamação (AMATO *et ali* (org.) *Law and Ethics in Greek and Roman Declamation*, 2015 e DINTER *et ali* (org.) *Reading Roman Declamation*, no prelo) trazem inúmeros capítulos acerca do problema. Agradeço imensamente ao Prof. Martin Dinter por ter me disponibilizado um *offprint* de seu livro, a partir do qual citei inúmeros autores (CORBEIL 2015, STRAMAGLIA 2015).

⁷³ São conceitos desenvolvidos em PASETTI 2011: 20. A autora, investigando casos de envenenamento e parricídio, reconhece o oxímoro de falar em 'declamação realista': *In questo senso, forse, si può ricorrere all'ossimorica definizione di 'declamazione realistica'. Se poi si considera l'intensa vitalità letteraria e retorica di queste tematiche, la loro cittadinanza a 'Sofistopoli' è pienamente giustificata.*

⁷⁴ Sofistópolis é um termo cunhado por Donald Russell em *Greek Declamation* (1983: *passim*) para designar a cidade, ou universo, fictício onde as leis, as personagens e as situações das declamações são reais. Hoje é um termo amplamente empregado pelos críticos.

⁷⁵ Cf. BREIJ 2009: 354.

modernos, como Mary Beard, Martin Bloomer, Margareth Imber e Bé Breij, pontuam que tal processo - o de interpretar papéis sociais alheios e de responder pelos problemas éticos próprios a cada um deles no momento da declamação - contribui para a socialização e para a construção da identidade do indivíduo.⁷⁶ Declamando, o estudante aprende a se comportar em sociedade, de modo a preencher papéis sociais, como o de pai, que porventura apareçam em sua vida adulta. É como se a declamação, seus temas e seu formato inculcassem no jovem comportamentos, atitudes, valores morais contemplados e tidos como estabelecidos na sociedade romana.⁷⁷

Essa perspectiva de interpretação acarreta uma outra. Ao passo que havia a necessidade de respeitar protocolos sociais - um pai deve se comportar como tal - também havia espaço para transgredi-los ou afrontá-los - por que um pai deve se comportar assim? Sendo assim, a pergunta, oriunda da constatação da recorrência de temas familiares, mais especificamente filho *vs.* pai, que tem motivado alguns estudos modernos é: seria possível que o jovem, restrito a seu papel social de filho, encontrasse alguma forma de satisfação pessoal ao representar um papel que, muito provavelmente, não representaria na vida real, qual seja o de filho rebelde que vai contra o *paterfamilias*?

Para Sussman, sim. Analisando o *adulescens* nas *Decl. Min.*, o autor conclui que seria possível que os jovens pudessem alcançar uma espécie de catarse, pois a declamação serviria como válvula de escape: o menino sairia de seu universo real, engessado por normas sociais, e exploraria seus sentimentos de um modo aceitável, pois a ficção da declamação agiria como uma espécie de carapaça, sob a qual temas tabu são questionados.⁷⁸

⁷⁶ Cf. BEARD 1993: 56; BLOOMER 1997b: 58-9; IMBER 2008: 164; BREIJ 2009: *passim*.

⁷⁷ Sobre esse último ponto, Cf. KASTER 2001: 325. [...] *one of the main effects of declamation to [is] inculcate, by sheer repetition, approved values in the still impressionable minds of the next generation of the elite; that one aspect of declamation which most commended it to its culture was the reassuring ability it developed in the declaimer to respond to the most startling, novel, or extravagant circumstances by appealing to the most traditional sentiments and by marshaling the most conventionally "reasonable" arguments.* Algo semelhante propõe Fantham (2004: 319), para quem a repetição de alguns temas, especificamente o da deserção (*abdicatio*), servia para lembrar o jovem de seus deveres filiais e da dependência social e financeira que tinham de seus pais.

⁷⁸ Cf. SUSSMAN 1995: 192. [...] *it appears that in composing and delivering in the first person déclamations such as the example speeches in the MD, youths could achieve some catharsis, while for a short time escaping their rigidly controlled worlds, and also vent or explore in acceptable ways their repressed, pent-up emotions.*

O processo identitário, essa função social da declamação, pode ser uma das saídas para explicar a recorrência de alguns temas declamatórios. No *Satíricon* (III), Agamêmnon estabelece uma comparação entre o professor de retórica e o pescador: se a isca não for agradável, ambos ficariam sentados à toa. Havia, então, a necessidade de tornar os temas atraentes aos jovens. Além das personagens heróicas e históricas, certamente a figura do filho que afronta o poder paterno, seja por meio de uma disputa judicial, seja pelo patricídio, soaria bastante "catártica" ao estudante.⁷⁹

Toda essa discussão parece muito válida quando se trata das declamações latinas, que foram produzidas no início do império. De fato, na cultura romana, a relação pai-filho, além de estar sujeita a inquietações próprias desse relacionamento, como questionamentos acerca de favorecimento de um filho em detrimento de outro, poderia ser afetada também pelas imposições do *patria potestas*, mesmo que em sua forma imperial diluída. O controle paterno do dinheiro, a falta de poder de decisão para os filhos, principalmente com relação a mudanças no seio familiar, e a expectativa da herança poderiam ser combustível para a atitude hostil de jovens para com seus pais. Para Vesley, o laço pai-filho só poderia ser pensado em termos de senhor-escravo.⁸⁰

As leituras apresentadas, desenvolvidas pelos latinistas tendo em vista o universo romano, poderiam explicar alguns aspectos da querela pai-filho das declamações gregas selecionadas como *corpus* da dissertação, que, embora tenham sido escritas no período imperial em um contexto de dominação romana, são muito distantes temporalmente das declamações latinas. A interface entre ficção e realidade já é reconhecida na *theoria* (§1) à *Decl.* 5, na qual o autor comenta que os casos fictícios (τὰ πλάσματα) mimetizam toda a experiência real (ὅσας γὰρ ἡ πείρα συνίστησι δίκας). Além disso, fala-se que as leis das

⁷⁹ Nessa medida, se explicam não apenas a notoriedade de temas familiares na coleção latina, mas também a recorrência de temas históricos nas declamações gregas. Ao encenar Demóstenes ou Milcíades, o declamador estabelecia para si uma identidade afiliada à identidade da personagem representada e, de repente, um grego que vivia sob as leis do império romano, se tornava um ateniense vivendo sob Péricles. Esse clamor por uma identidade grega em meados do império se reflete também em outros gêneros literários além das declamações, como é o caso dos romances e da poesia épica. Cf. BOWIE 1970, que vê nessa apropriação da cultura clássica um meio de se escapar do presente inglório que estavam os gregos no império; WEBB 2006b; SCHMITZ 1999.

⁸⁰ Cf. VESLEY 2003: 179.

declamações (οἱ νόμοι τῆς τέχνης) permitem que filhos discordem de pais (παῖδας ἀμφισβητοῦντας γονεῦσιν). A menção às "leis da nossa arte", em que "arte" pode se referir à prática declamatória, pode sinalizar um distanciamento entre os dois pólos citados, realidade e ficção. "Leis da nossa arte" são distintas, ao que parece, das leis reais e, segundo o autor da *theoria*, colocam em cena, de modo aceitável, comportamentos censuráveis na vida real, como filhos irem contra os pais. Essa alegação impeliu Simona Lupi (2015) a questionar o quanto da disputa entre o jovem herói e o velho sovina das declamações coricianas é influenciado por tradições literárias gregas e por práticas reais da Giza do sexto século.

No período de Justiniano, há evidências de que o *patria potestas* era apenas uma sombra daquilo que foi na república: o filho teria o direito legal administrar seus ganhos financeiros e em alguns casos, como jovens que tinham cargos públicos, filhos poderiam ser totalmente excluídos da esfera de influência do pai.⁸¹ Esta seria uma das explicações para a atitude igualitária, e não hierárquica, que tem o herói da *Decl. 5* frente a seu pai. No entanto, ainda que o herói pareça adotar uma posição mais liberal, ele sempre se mostra subserviente e na mesma *theoria* citada (§2) assinala-se a delicada situação em que o herói se coloca: seu destaque militar não deve afetar a costumeira submissão ao pai, para que os ouvintes não lhe dêem ouvidos menos favoráveis.

De todo modo, a declamação, mesmo em sua forma *show declamation*, era um gênero sublitterário cujo público consumidor era, em sua maioria, jovens em idade escolar. Nesta medida, é natural supor que, de alguma forma, inquietações e angústias próprias a essa classe social aparecessem, mesmo que veladas. Com efeito, a atitude de filhos para com os pais em declamações é quase sempre negativa e, para alguns autores, como os citados, tal aspecto encontra respaldo na hierarquia familiar, engessada e mediada pelo *paterfamilias*, vista na cultura romana.

4.2. A guerra em Sofistópolis: o universo do *aristeus* e O Jovem Herói

⁸¹ Cf. LUPU 2015: 317-318.

A guerra é o pano de fundo do conflito familiar entre pai e filho das *Decl.* 5 e *Decl.* 6. De fato, a guerra é um tema recorrente nas declamações de Corício: exceto a *Decl.* 8, todas as outras onze declamações creditadas ao autor trabalham com esse elemento.⁸² As demais coletâneas declamatórias greco-latinas também não fogem à regra: inúmeros enredos latinos têm a ação desenrolada a partir de um conflito. Embora comum, a guerra nas declamações não pode ser conectada à nenhuma experiência real. Como atenta Russell, durante a maior parte do período no qual a declamação foi praticada, as cidades gregas gozavam de uma paz local relativamente estável, exceto pelo período helenístico ou períodos em que o império romano guerreava contra inimigos bárbaros ou se via em guerra civil.⁸³ Se a belicosidade dos textos declamatórios for apenas uma sombra de algum evento contemporâneo à origem desse tipo de exercício e não for um reflexo direto de experiências contemporâneas aos declamadores imperiais, surge uma questão problemática relacionada à manutenção desse tipo de tema. Por que, então, a guerra representa uma parte fundamental dos temas de exercícios retóricos produzidos em um período reconhecido por sua estabilidade? Não há como excluir completamente a possibilidade de que os declamadores gregos do fim do império, mais especificamente Corício, não tivessem contato com alguma consequência de um conflito de ordem territorial, política ou religiosa, mas a hipótese levantada neste ponto para explicar o fato tem a ver com dificuldade argumentativa que a lei do heroísmo impõe ao declamador e a forte identificação que havia entre os estudantes e as personagens heróicas.

A guerra, em sua versão declamatória, é melhor representada pela figura do *uir fortis* ou ἀριστεύς, i.e. o homem que recebe um prêmio da cidade pelos serviços militares que

⁸² Cf. SCHOULER 2005: 117.

⁸³ RUSSELL 1983: 23.

levaram à vitória. Segundo a lei da *aristeia*, cujos rastros não são encontrados em práticas legislativas em vigor na Atenas clássica⁸⁴, aquele que se destaca na guerra (ἀριστεύειν) tem o poder de tomar o prêmio que bem entender: em alguns casos, o herói solicita a esposa de um outro⁸⁵, ou uma coroa de louros⁸⁶, ou a libertação dos prisioneiros e a volta dos exilados⁸⁷, ou, até mesmo, uma vez deserdado, o retorno à condição de filho.⁸⁸

Casos que envolvem a lei do heroísmo são particularmente atraentes quando há outra lei, escrita ou não, envolvida. É o caso, por exemplo, da *Decl. Min. 303*, cujo enredo é o de homens que foram condenados por traição e que, por esse motivo, como manda a lei, teriam que apelar a sentença acorrentados. Eles, contudo, quebram as correntes, se tornam heróis e como prêmio pedem que o caso de traição seja julgado sem que eles fossem acorrentados. Outros exemplos de *conflito de leis*⁸⁹ envolvendo a lei do heroísmo podem ser encontrados na coletânea greco-latina: *Decl. Min. 310* e *295*, por exemplo. A lei, que dizia apenas que o *vir fortis optet quod volet* ("o herói escolhe o que quiser") pode também, de uma perspectiva argumentativa, recair em *letra e intenção* ou *intenção do legislador*: pode o herói pedir tudo o que quiser? Se não, por quê? Se sim, sob quais condições? O que quer dizer "aquilo que ele quiser"?

Além da lei oferecer escopo para a exercitação de questões ligadas ao gênero judicial, a própria personagem do herói fundamenta-se, em alguns casos, em uma antítese: como um homem que fez um bem à comunidade (salvou-a do perigo) pode constituir uma ameaça a um outro cidadão em um nível particular, quando, por exemplo, pede como prêmio a esposa alheia?

Esse tipo de situação que envolve conflito de leis e de costumes e personagens paradoxais era apreciado entre os círculos de declamação pelo nível de dificuldade retórica,

⁸⁴ Embora não haja nenhuma evidência histórica que ateste essa lei, a ideia do *aristeus* é um elemento marcante da cultura helênica. Esse universo das declamações, a Sofistópolis, uma cidade sempre em guerra, na qual o valor de um homem é medido por suas capacidades de guerreiro, rememora, com certa restrição, a épica arcaica, sobretudo Homero. Sobre o tópico do γέρας na tradição declamatória, Cf. MANZIONE 2015: 182-195.

⁸⁵ RG VIII.402, 405.

⁸⁶ Lib. *Decl. 33*.

⁸⁷ Lib. *Decl. 37*.

⁸⁸ Sen. *Contr. 8.5*.

⁸⁹ Sobre a *stasis* "conflito de leis", Cf. [Herm.] *Inv. §84 et seq.*

na medida em que contribui para a criação de um imbróglio legal que só é descortinado discursivamente. Sem dúvidas, esses casos ofereciam boas oportunidades de exercitar a capacidade argumentativa do declamador, ainda que as principais saídas retóricas a esses casos fossem estudadas ainda na escola.⁹⁰ Portanto, é provável que a manutenção e a recorrência do tema ligado ao herói de guerra tenha a ver com essa eficácia argumentativa. Russell (1983: 24), por exemplo, chega a dizer que o herói de guerra é o personagem favorito dos declamadores e sugere que o universo fictício das declamações, a Sofistópolis, é, na verdade, o universo do *aristeus*.⁹¹

A tendência crítica moderna apresentada quando se falou das relações familiares em declamações abriu portas para repensar outros temas declamatórios, especialmente temas ligados à conceitualização de virilidade e de masculinidade e ao papel da mulher. A declamação era um gênero sublitterário voltado, em princípio, aos jovens estudantes, bem como servia de instrumento pedagógico. Por essas razões, hoje pensa-se que a declamação, em especial os debates morais e legais que seus temas suscitam, colabora com o processo identitário do jovem em formação. A repetição excessiva de algumas questões pode, portanto, incutir certos traços comportamentais, mas também pode buscar desenraizar alguns costumes bem estabelecidos.

Nesse sentido, o poder conferido pela lei do heroísmo pode, em alguns casos, subverter relações de poder. Esse processo é muito bem exemplificado pelo excerto recolhido da *Decl. Min.* 373, em que o herói se vê livre, por sua posição militar de destaque, para contestar o poder paterno. Algo muito similar ao que é visto na *Decl.* 5.

Quid peccavi cur abdicar? Num adversum patriam iners sum? Luxuriae deditus bella fugio? An adversus patrem impius? Reor. In qua parte filii cessat officium? 'Non optasti' inquit 'quod volui'. Iam excedis legem tuam: pater filio debes imperare, forti

⁹⁰ Cf. *Decl. Min.* 266. No *sermo*, o autor delinea em linhas gerais quais são os principais passos a serem tomados na argumentação.

⁹¹ *the world of aristeus*, RUSSELL 1983: 22.

non potes. Potes peregrinationem, potes militiam, sed non sententiam iudici, non decretum magistratui, non preamium forti. Quid enim lex ait? 'Fortis optet.' Me nominat, et aequum est hoc mihi contingere: pugnavi.

O que fiz de errado para ser deserdado? Agora sou incompetente para com minha pátria? Dado ao luxo, fujo da guerra? Ou sou desonroso para com meu pai? Penso isso. Em qual parte terminam as tarefas de filho? "Não optaste" - ele disse - "por aquilo que eu queria". Já excedes tua lei: o pai deve mandar no filho, não podes [mandar] no herói. Podes [mandar] sobre a viagem e sobre a campanha militar, mas não sobre a sentença do juiz, nem sobre o decreto do magistrado, nem sobre o prêmio do herói. O que a lei diz? "O herói escolhe". Eu sou o nominado e é justo que eu escolha. Eu lutei.

Decl. Min. 373 §§1-2

Esse poder de subverter as relações de poder conferido pela lei do heroísmo, ao que parece, confere à personagem do herói de guerra uma certa graça aos olhos dos declamadores. Nas declamações, o herói é, na maioria das vezes, jovem⁹² e suas ações são conduzidas com ingenuidade, própria da idade, e insolência, oriunda do apoio legal, mas, de forma geral, ele é retratado positivamente, sobretudo pelo bem que fizera à comunidade. Van Mal-Maeder, que divide as personagens das declamações em tipos negativos, como tiranos, e positivos, classifica o herói de guerra como um tipo positivo.⁹³ Essa predileção pelo herói é prevista na teoria da *Decl. 5* (§6) e da *Decl. 6* (§6), nos quais o autor diz preferir interpretar o jovem herói ao velho sovina.

4.3. Paradigmas cômicos de velhos aventos e *O Velho Sovina*

Os temas e personagens declamatórios não se vinculam somente a conceituações reais acerca deles (um jovem é, por exemplo, representado de modo positivo por haver uma conexão entre os estudantes e a personagem), como foi mostrado até agora, mas também à tradição literária canônica (o jovem é retratado positivamente porque assim ocorre nos textos cômicos ou na épica). No caso das declamações coricianas, o jogo com a tradição literária é

⁹² Exceto, por exemplo, o pai herói de *Sen. Contr. 8.5* e nas *Decl. Men. 258, 315, 367*.

⁹³ VAN MAL-MAEDER 2013: 124.

bastante patente, particularmente no modo pelo qual a personagem do velho sovina é construída.⁹⁴

Gruber (2008) estuda a recepção de conceituações cômicas acerca da mulher em um *corpus* selecionado de excertos declamatórios gregos. A autora reconhece que os declamadores faziam empréstimo de problemas da comédia menandriana. No caso de Menandro, tais problemas se resolvem por meio de recursos dramáticos, como cenas de reconhecimento e certos tipos de reuniões, já nas declamações o desenlace é obrigatoriamente discursivo. Para a comentadora, os *tropoi* cômicos nas declamações não eram simplesmente retirados de Menandro; eles eram adaptados para encorajar certas atitudes com relação à mulher. Nas palavras dela, "[os educadores] transformaram o tratamento dado à mulher na Comédia Nova de uma perspectiva simpática e positiva para uma pejorativa e vituperativa. Essa doutrinação era sistemática e obteve êxito, uma vez que tais estereótipos negativos eram colocados nas mentes dos jovens desde os exercícios escolares mais primários".⁹⁵

Um dos elementos que mais aproximam os velhos das declamações gregas, em especial o de *O Velho Sovina*, aos velhos, em geral, da comédia nova é a posição ocupada por tal personagem em uma intriga doméstica, à qual, na comédia, se entrelaça uma questão matrimonial. MacCary (1971: 303-4) nota que os papéis interpretados por velhos em

⁹⁴ As referências a Menandro são tão óbvias na *Decl. 6* que Pack questiona, em 1931, em uma época anterior à descoberta do *Díscolo*, se uma parte do enredo da *Decl. 6* não seria inspirada na peça menandriana. Cf. PACK 1931: 158-9. *Assuming that he did go, what is likely to have happened? Here we are aided by the φιλάργυρος-declamation of Choricus, in which the old miser and his son, contrary to their usual practice, accept an invitation to a πανήγυρις (xxiii.7), where the youth falls in love with a poor girl of great beauty. The father, distressed because she can bring no dowry, tries to interest the young man in a rich damsel, who is willing enough to be his bride, but whose charms are much slighter. The son, having subsequently proved himself a hero in the defense of his city, demands as his reward the hand of the indigent beauty, and the issue of the debate is whether or not he shall have her. Of course it would be rash, in the absence of better proof than we can command, to assert that the story comes from a plot of Menander, but the son's prowess in battle, with his consequent right to claim any reward that the city can bestow, is, like the familiar ἀποκήρυξις-motive, an idea more at home in declamations than in the drama and its purpose, to introduce the needed forensic element, is so obvious that it may be ignored in our reconstruction of the plot.*

⁹⁵ Cf. GRUBER 2008: 142: *The literary tropes that were adopted by declamation were not just copied from Menander, but were adapted by educators to encourage these attitudes about women. They effectively transformed the treatment of women in New Comedy from a generally positive and sympathetic perspective to a pejorative and vituperative one. This indoctrination was systematic, and it was accomplished by setting the foundations for these negative stereotypes in children's minds in their earliest school exercises, and by making students revisit these stereotypes at every stage along the path to adulthood.*

Menandro são fundamentais para a estrutura das peças, pois a partir de questionamentos feitos por tal personagem se cria uma tensão que permeia todo o movimento da trama, que vai em direção ao desenlace feliz. Sendo assim, o estudioso classifica três tipos: 1) o velho que se coloca como uma barreira ao casamento (*barrier type*); 2) o velho que auxilia o jovem de modo que o casamento ocorra e 3) o velho que aparece como uma espécie de *deus ex machina* e, no último minuto, torna o casamento possível por aceitação ou auxílio financeiro. Na declamação coríciana, o velho se coloca como um obstáculo ao casamento do filho com a jovem pobre, o que o enquadra no primeiro tipo de velho menandriano, segundo essa classificação de MacCary.⁹⁶ O casamento entre o jovem herói e a moça pobre sofre censura por parte do pai sovina por uma incompatibilidade de filosofias de vida: o velho não admite que haja perda e não consegue compreender o porquê de o filho não se aproveitar da lei do heroísmo para lucrar e se tornar mais rico. Já o jovem herói prima por sua felicidade marital antes de tudo, inclusive do dinheiro.

Cnémon, em *O Díscolo*, se comporta de forma semelhante, ao ser uma barreira às núpcias de Sótrato e de sua filha, não por uma questão monetária, como faz o velho da declamação, mas por uma aversão ao contato com outras pessoas: sua misantropia o impede de discutir qualquer assunto com quem quer que seja e torna impossível qualquer abordagem do pretendente de sua filha, o jovem Sótrato. O velho, então, se recusa a receber o enviado de Sótrato, o escravo Pírrias, recepcionando-o com uma saraivada de punhados de terra e pedras (vv. 95-135). No entanto, Cnémon sofre um acidente e é salvo por seu enteado, Górgias (vv. 620 *et seq.*); o acidente faz com que o velho mude seu comportamento, admitindo sua incapacidade de ser autossuficiente (vv. 709-48), e que aceite que Górgias seja o intermediador do casamento da moça.

⁹⁶ Sobre os outros dois tipos de velho MacCary diz, Cf. MACCARY 1971: 303-4. *The other two types of old man-the friend and confidant of the young lover, and the deus ex machina type-are both instrumental in solving the problems of the plays in which they appear. The former is instrumental in removing the barrier between the lover and his mistress, while the latter usually appears only after most of the difficulties of the play have been resolved, late in the fourth act or early in the fifth, when the identity of the young girl must be established so that she can be legally married.*

Outro exemplo de velho *barrier type*, mais próximo ao velho avarento da declamação no tocante ao pão-durismo, é Esmícrines em *O Escudo (Aspis)*. Esmícrines se coloca como obstáculo às núpcias entre Quéreas, enteado de Querétrato, e a irmã de Cleóstrato, por um motivo exclusivamente pecuniário: ele quer herdar todo o espólio de guerra deixado por Cleóstrato, até então considerado morto em batalha, à irmã. O caráter interesseiro de Esmícrines é conhecido e em três versos lhe é conferido o adjetivo φιλάργυρος (vv. 124, 149 e 351); esse fato é interessante, pois avizinha ainda mais o velho menandriano ao da *Decl.* 6, na medida em que o mesmo qualitativo é aplicado aos dois.

Um terceiro exemplo cômico no qual o velho constrói barreiras ao casamento de dois jovens apaixonados pode ser encontrado na *Aululária*, de Plauto. Nela, Euclião se coloca entre o casamento de Fedra e Licônides, pois ele já havia prometido a mão da filha ao vizinho rico Megadoro sob a única condição que ela não levasse dote algum (vv. 250 *et seq.*).

Quanto à representação da personagem do velho em *O Velho Sovina*, muitos elementos são, indiscutivelmente, retirados da Comédia Nova. A característica mais distintiva do velho é a frugalidade de seu estilo de vida, que o faz se contorcer à ideia de ver o filho herói casado com uma mulher pobre sem dote. Esse sentimento abstermismo em relação aos prazeres e ao luxo é um traço particular de vários velhos cômicos. Na declamação, por exemplo, algumas falas do velho deixam transparecer sua contumaz frugalidade:

οὐκ οὖν ἡρεμεῖν τὴν πολλὴν δύναμαι νύκτα κλοπὴν ὑφορώμενος καὶ πάντα θόρυβον
ληστὰς ὑποπτεύων, ὥστε τῆς ὑποψίας καὶ πρὸς τοὺς οἰκέτας ἐκτεινομένης ἐδόκει
μοι γῆμαι κοινωνὸν ἔχειν ἐθέλοντι τῆς τῶν ὑπαρχόντων φρουρᾶς [...]

Não consigo relaxar durante a noite com tantos furtos, vigio e suspeito de qualquer barulho de ladrões, a suspeita estendia-se também aos criados. Pareceu-me uma boa ideia casar, pois desejava compartilhar a vigília dos bens [...]

Decl. 6 §5

ἐγὼ δὲ φεύγειν τὰς ἑορτὰς εἰωθώς, ὅτι καθάπερ ἑταῖραι τοὺς ἑραστὰς ἐρεθίζουσι καὶ
προτρέπονται δαπανᾶν [...]

Eu me acostumei a evitar as festividades, pois assim como as cortesãs provocam os amantes, os festivais provocam gastos.

Decl. 6 §7

[...] ὑπὸ δὲ τῆς ἀγρύπνου φροντίδος ἐπεπίσμην οὔποτε μακρὰν οὔτω νύκτα γενέσθαι καὶ πολλάκις ἀμέλει συγκαλυψάμενος τῶν ἀνηλωμένων ἀριθμὸν ἐποιούμην [...]

Caí, então, sobre meus pensamentos insones com a certeza de que jamais houvera noite tão longa e repetidamente calculei o montante dos gastos embaixo das cobertas.

Decl. 6 §9

Esses três modos de se comportar, quais sejam, vigiar os bens incessantemente, não ser dado a luxos e recalculer o valor das propriedades/gastos, são *topoi* de personagens cômicas caracterizadas pelo pão-durismo, conforme os exemplos a seguir:

ΣΜΙΚΡΙΝΗΣ

[πίνει δὲ πολυτελέστατον
ἄνθρωπος οἶνον. αὐτὸ τοῦτ' ἐκπλήτ[ομαι
ἔγωγ'. ὑπὲρ δὲ τοῦ μεθύσκεσθ' οὐ λέγω.

Esmícrines:

[O homem bebe do
vinho mais caro. Isso me deixa chocado.
Quanto à bebedeira, não me importo.

(1 Körte) *Men. Epit.* vv. 126-128

ΣΜΙΚΡΙΝΗΣ

ἵνα μή τις εἴπῃ μ' ὅτι φιλάργυρος σφόδρα,
οὐκ ἐξετάσας πόσον ἐστὶν ὃ φέρει χρυσίον
οὐδ' ὅποσα τὰργυρώματ', οὐδ' ἀριθμὸν λαβῶν
οὐδενός, [...]

Esmícrines:

Para que ninguém fale que eu sou muito mesquinho,
eu não contei quanto ouro ele carrega e
nem quanta prata e não fiz conta
alguma; [...]

Men. Asp. vv. 149-152

DEM

O Iuppiter!

Hancin vitam! hoscin mores! hanc dementiam!
uxor sine dote veniet, intus psaltriast.
domus sumptuosa, adulescens luxu perditus,
senex delirans. [...]

Demeas:

Ó Júpiter!

Que vida! Que comportamento! Que loucura!
uma mulher sem dote virá, dentro há uma harpista.
a casa é majestosa, o jovem está estragado pelo luxo,
o velho delira. [...]

Os exemplos supramencionados evidenciam aspectos do caráter de três personagens cômicas e mostram que há uma conexão entre esses *topoi* cômicos e a forma segundo a qual Corício apresenta seu velho interesseiro; os tópicos em comum se relacionam à aversão ao luxo, como deixa claro Esmícrines (*Epit.* 126-128), ao se chocar com o preço do vinho que o genro costumava beber, e Demeas em *Adelphoi* (vv. 758-762), que considera ser uma loucura aceitar uma noiva sem dote. Outro *topos* de caráter de velho mesquinho recorrente na declamação e nas comédias é o costume de fazer somas e subtrações, como evidencia Esmícrines em *Aspis* (vv. 149-152) e o velho sovina (*Decl.* 6 §9).

Demeas, na peça *Adelphoi*, de Terêncio, espanta-se com o fato de seu irmão, Mício, consentir em casar o filho com uma jovem sem dote e, nos vv. 758-762, exclama o quanto julga ser uma demência aceitar a jovem sem dote. Esses são, precisamente, os mesmos julgamentos que faz o velho da declamação ao ponderar sobre o casamento com a moça pobre. Destaco, especialmente, a relação que ambas as personagens propõem entre "estar são" (εὖ φρονῶν - *Decl.* 6 §40) e escolher o lucro e "estar louco" (*hanc dementia!* - *Adelphoi*, v. 759) e não escolhê-lo:

ἐξέτασον τοίνυν παρ' ἄλληλα, τί μὲν ἐκείνης, τί δὲ ταύτης ὁ γάμος σοι προξενεῖ. οὐκοῦν ὁ μὲν ἡδονήν, ὁ δὲ κέρδος εἰσάγει; καὶ τοῦ μὲν ἡ τέρψις ὀλίγη συμπαομένη τῷ πόθῳ, τοῦ δὲ τὸ τῆς ὠφελείας διηνεκὲς τοῖς φειδομένοις. καὶ τῇ μὲν τελευτῶσῃ συνοίχεται δῆπου τὸ κάλλος, ἡ δὲ ἀπιούσα τοῖς τέκνοις καταλείπει τὴν προῖκα. τίς οὖν εὖ φρονῶν ἀντὶ τοῦ συμφέροντος τὸ τερπνόν, ἀντὶ τοῦ βεβαίου τὸ σφαλερόν, ἀντὶ τῆς ἑαυτοῦ καὶ τῶν παιδῶν εὐδαιμονίας τὴν ἑαυτοῦ μόνον βραχείαν εὐφροσύνην αἰρεῖται;

Compara qual casamento te traz mais benefícios, com aquela ou com essa. Um traz prazer, o outro o lucro. A parca felicidade do primeiro acaba quando o desejo acaba, já no outro, as vantagens são ininterruptas aos parcimoniosos. A beleza a acompanha na morte, a outra, ao partir, deixa aos filhos o dote. Quem, em **sã consciência**, preferiria o prazer ao lucro, o perigoso ao seguro, uma breve felicidade própria ao seu próprio bem-estar e ao dos filhos?

Decl. 6 §41 (grifo meu)

Um outro dado importante é a similaridade entre o modo cauteloso e precavido do velho da declamação, que chega a se casar para compartilhar a vigília dos bens, e Euclião, na *Aululária*. Na declamação (*Decl.* 6 §3-5), o velho conta que herdara uma modesta fortuna de

seu pai. Tendo em vista o cuidado com esse dinheiro, ele passa a ser um sentinela sempre alerta (δεινὸς γίνομαι φύλαξ) e a desconfiar de qualquer barulho que seja, além de observar com cautela os criados. Esse traço da personalidade do velho lembra o ressabiado Euclião, que, ao encontrar um pote repleto de ouro em sua casa, torna-se paranoico. Ressalto o fato de ambos os velhos não conseguirem dormir durante a noite, temendo ladrões:

STA

Nescio pol quae illunc hominem intemperiae tenent:

*Peruigilat **noctes totas**, tum autem interdus*

Quasi claudus sutor domi sedet totos dies.

Estáfila:

Não sei quais inquietações assolam este homem.

Ele vigia **durante toda a noite**. Em seguida, ele

fica em casa o dia todo sentado como um sapateiro

[coxo.

Pl. *Aul.* vv. 71-3 (grifo meu)⁹⁷

Destaco também o fato de ambos os velhos (o da declamação e Euclião) vigiarem suas posses e temerem qualquer barulho. Euclião, por exemplo, em diálogo com Megadoro, ouve um tilintar (*quid crepuit quasi ferrum modo?* - v. 242) próximo de sua casa e teme por seu tesouro; o barulho, porém, era proveniente dos jardineiros que trabalham no quintal de Megadoro. Antes que Megadoro pudesse explicar a origem do tilintar, Euclião já havia saído de cena para conferir se seu tesouro encontrava-se seguro. Além do receio quanto aos barulhos estranhos (θόρυβον ληστὰς ὑποπτεύων - *Decl.* 6 §5), o velho da declamação, assim como Euclião, desconfia dos criados (ὥστε τῆς ὑποψίας καὶ πρὸς τοὺς οἰκέτας ἐκτεινομένης - *Decl.* 6 §5). Na peça plautina, diversas são as passagens nas quais Euclião ameaça os criados: logo no início do primeiro ato, Euclião aparece açoitando Estáfila (vv. 40-67). Depois, novamente, em vv. 268 *et seq.*, o velho briga com a escrava, e, em vv. 630 *et seq.*, o velho enxota o escravo de Licônides.

A personalidade do velho da *Decl.* 6 é construída a partir de *topoi* literários, como visto, e uma de suas características mais distintivas não encontra respaldos em outras personagens da literatura: ele, ao contrário de Euclião (*Aul.* vv. 191; 227), é rico⁹⁸, embora

⁹⁷ Compare essa passagem com *Decl.* 6 §5.

⁹⁸ Cf. *Decl.* 6 §43.

pão-duro. Pouco se pode inferir sobre o estado financeiro de Esmícrines em *Aspis*, mas, entre os vv. 114-126, a deusa Fortuna o contrapõe a seu irmão, Queréstrato: o primeiro é a perfeita imagem da perfídia e vive sozinho (ζῆ μονότροπος - v. 121), enquanto o outro tem princípios e é rico (χρηστὸς δὲ τῷ τρόπῳ πάνυ/ καὶ πλούσιος - vv. 125-6). Afirmar, contudo, que Esmícrines na comédia referida seria pobre é uma conjectura, pois em nenhuma passagem da peça as finanças do velho são mencionadas. Embora algumas passagens deem a entender que ele seja endinheirado (v. 182), Esmícrines não se assume rico e leva um estilo de vida simples e solitário (v. 121). O mesmo acontece com Esmícrines em *Epitrepontes*: ele dá a Queréstrato um dote de quatro talentos (v. 134), um valor muito superior aos dotes nas comédias⁹⁹, por sua filha Panfila, mas tem um estilo de vida sem luxos (vv. 139-40), evidenciado por seus cálculos segundo os quais um homem vive um mês e seis dias com doze dracmas. Uma dracma equivalia a seis óbolos, então, segundo os cálculos de Esmícrines, um homem viveria com apenas dois óbolos por dia, uma quantia muito baixa se o comentário de Queréstrato for levado em consideração: "isso é o suficiente para o mingau do homem miserável" (v. 141). Sendo assim, ambas as personagens menandrianas citadas teriam condições de levar um estilo de vida mais indulgente; isso, contudo, é refreado pelo fato de serem muquiranas.

Uma breve exposição das características principais da personalidade do velho na declamação coríciana destaca, portanto, o processo de apropriação de *topoi* literários bem estabelecidos na literatura greco-latina anterior a Corício. Apesar de Corício, na declamação em questão, empregar um modo de representação da personagem do velho que o atrela a uma tradição literária cômica, seu objetivo é, antes de tudo, declamatório. Convém destacar que, embora haja elementos já prefigurados em outras declamações greco-latinas, como a disputa acerca do prêmio do herói e a questão da sovinice do pai velho, a situação litigiosa proposta nas declamações *O Jovem Herói* e *O Velho Sovina* é, até onde se pode rastrear, singular. Esse tema pode ter sido proposto pela audiência de Corício ou pode ter sido inventado pelo próprio autor.

⁹⁹ Cf. Men. *Asp.* v. 35; Men. *Disc.* v. 740.

Certamente, as semelhanças entre o velho da declamação e os velhos avarentos das comédias foram notadas pela audiência de Corício: os pupilos já estariam bem familiarizados com a literatura canônica quando chegasse a hora de participar de uma declamação. É bastante provável que Menandro fosse um autor cujos textos fossem lidos e estudados na escola de retórica. Quintiliano (10.1.70), por exemplo, recomenda a leitura diligente (*diligenter*) das peças de Menandro, especialmente pelos declamadores, pelo fato de o comediógrafo fazer uma representação completa da vida, ter uma capacidade criativa muito rica e um estilo fluente e por se adaptar a qualquer circunstância, caráter e emoção (*rebus personis adfectibus accomodatus*).

A Corício, a importância e a influência do comediógrafo da *Nea* no concernente à representação das personagens não passam despercebidas. Na *Decl. 12 (O Orador)* um orador, que por meio da persuasão espantou o inimigo, pede o prêmio da *aristeia*¹⁰⁰, enquanto um soldado se coloca contra, afirmando que o prêmio deve ser resguardado aos que combateram em armas. No comentário (*th.* §§1-2), Corício diz que a comédia fornece um bom exemplo da presunção dos militares, especificamente a personagem Trasonides, de *Misoumenos* de Menandro. O rétor alega ainda que, por ter Trasonides em mente, inseriu um soldado em seu discurso imaginário. O teor desse comentário de Corício é bastante útil à aproximação que proponho entre o velho avarento das *Decl. 5* e *Decl. 6* e os estereótipos de velho muquirana apresentados nas comédias novas: ele confirma que Corício conhecia os textos de Menandro e, mais que isso, que o professor de Gaza joga com a representação cômica prototípica de avarentos e a retifica tendo em vista seus propósitos retóricos.

¹⁰⁰ Curiosamente, apesar de as similaridades com o tema tradicional do *aristeus* serem facilmente reconhecidas, Corício não emprega a terminologia conhecida para esse tipo de caso, como o verbo ἀριστεύειν. Nesse caso, ele usa κατορθοῦν πόλεμον (literalmente, "endireitar a guerra").

Um olhar analítico sobre *O Jovem Herói* e *O Velho Sovina*

Neste capítulo, objetiva-se uma análise descritiva e interpretativa dos principais mecanismos retóricos empregados em ambos os discursos. Alguns elementos serviram como ponto de partida para a análise. São eles: 1. o gênero retórico e a *stasis* nos quais ambos os discursos se inserem; 2. a divisão dos discursos em partes (proêmio, narrativa, provas e epílogo), *i.e.* como os discursos são estruturados e como as partes se relacionam entre si; 3. como o conteúdo visto em cada uma das partes conecta-se àquilo esperado de cada parte segundo os manuais clássicos e àquilo dito pelo próprio Corício nos comentários; 4. os tipos de argumentos empregados e a divisão da argumentação em pontos capitais da *stasis* pragmática (a saber, *legalidade, utilidade, possibilidade, honorabilidade e consequência* etc.); 5. estilo, especialmente o uso de figuras de linguagem comumente declamatórias, como a interrogação.

1. Problematicando o tipo de caso: entre o tribunal e a assembleia

A divisão tradicional em três gêneros, conforme Aristóteles¹⁰¹, é elaborada a partir da relação arquitetada pelo discursador (quem fala) entre o tópico (aquilo sobre o que se fala) e o ouvinte (para quem se fala). Nessa medida, há duas relações possíveis entre o tópico e o ouvinte. Na primeira, o ouvinte se torna um árbitro (κριτής) e tem o poder de fazer decisões. Na segunda, o ouvinte é simplesmente um espectador (θεωρός). Quanto ao ouvinte como árbitro, Aristóteles divide o caso em dois: se o tópico for passado, o ouvinte é um juiz (δικαστής), se o tópico for relativo ao futuro, o ouvinte é um membro de assembleia, capaz de

¹⁰¹ Arist. *Rh.* 1358b.

tomar decisões políticas, um ἐκκλησιαστής. Posto isso, estão elaborados os três gêneros do discurso: o gênero judicial, no qual o ouvinte é um juiz que julga uma ação passada, o gênero deliberativo, no qual o ouvinte é um participante de assembleia que julga uma ação futura, e o gênero demonstrativo, no qual o ouvinte é apenas um espectador.

Ainda que os romanos tenham se preocupado em dividir os exercícios declamatórios em controvérsias e suasórias, declamações dos gêneros judicial e deliberativo respectivamente, a cisão entre os gêneros, já vista em Aristóteles, parece não dar conta de explicar todas as situações que eram trabalhadas nas declamações e se torna especialmente insuficiente quando fala-se de *O Jovem Herói* e *O Velho Sovina*.

Nas declamações citadas, supõe-se que pai e filho estejam em meio a uma assembleia que delibera sobre o pedido do herói, qual seja o de tomar a mão da jovem bonita e pobre em casamento. A menção à assembleia aparece por ocasião do proêmio da *Decl.* 6, em que se lê:

παραδοὺς γὰρ αὐτὸν τύχῃ πολέμου καὶ τοὺς ἐπιόντας ἐχθροὺς ἀπώσάμενος καὶ
συναγαγὼν ἐκκλησίαν καὶ δῆμον ἀγείρας πατρὸς νουθεσίαν ὑπεριδὼν γύναιον
ἤτησεν ἄπροικον.

Depois de ter se entregado ao acaso da guerra e de ter repellido os inimigos que avançavam, **ele reuniu a assembleia**, juntou o povo, ignorou o aviso do pai e pediu uma mulher sem dote.

Decl. 6 §1 (grifo meu)

Sendo, então, uma assembleia, o ouvinte só poderia ser do tipo ἐκκλησιαστής ("membro de assembleia"). Além disso, o próprio tópico em disputa (o casamento) refere-se a um tempo futuro, haja vista que o matrimônio ainda não aconteceu, e não há, em ambos os discursos, apóstrofes aos "membros do júri", como é comum em discursos do gênero judicial. O objetivo geral de ambos, pai e filho, não é acusar ou defender, mas sim persuadir e dissuadir: o filho procura convencer seu pai a aceitar a união com a jovem pobre, pois, segundo a lei fictícia implícita nesse caso, filhos que vivem sob o controle do pai não podem casar sem que a união seja aprovada pelo *pater*.¹⁰² Por outro lado, o pai sovina procura

¹⁰² Tal lei encontra uma contraparte real. Graças à sobrevivência do *Corpus Iuris Civilis*, há bastante informação sobre as práticas legais da época de Justiniano. Em *Codex Iustiniani* (CJ. 5.4.12), lê-se que filhos sob o poder

dissuadir o filho da decisão de pedir como prêmio a jovem pobre. Tanto dissuasão quanto persuasão são aspectos particulares ao gênero deliberativo.¹⁰³

À vista disso, seria razoável aceitar que o caso em questão se restringiria ao gênero deliberativo: o contexto é a assembleia, o casamento ainda não ocorreu, portanto, a ação é futura e ambas as partes deliberam tendo em vista o útil e o prejudicial e não o justo/injusto.¹⁰⁴ No entanto, essa categorização não se vê livre de problemas, pois as *Decl.* 5 e *Decl.* 6 em nada se assemelham tematicamente àquilo que os latinos classificavam como suasória: nas coletâneas latinas as suasórias possuíam temática histórica apenas e a personagem herói de guerra só aparece, em Sêneca, no livro de controvérsias. Além disso, segundo a teoria da *stasis*, questões de compensação por heroísmo poderiam ser trabalhadas argumentativamente tanto segundo o esquema do gênero judiciário (*stasis* jurídica) quanto do gênero deliberativo (*stasis* pragmática).

Tácito comenta que dois são os gêneros da matéria com a qual os retores trabalham, a suasória e a controvérsia, e que as suasórias, por serem mais simples e não envolverem julgamentos, são mais adequadas aos alunos menos experientes.¹⁰⁵ Quintiliano, por outro lado, julga que a prosopopeia, essencial à suasória, é o exercício mais laborioso, por envolver a representação do caráter de uma personagem histórica: um mesmo conselho, diz ele, é dado de modo diferente por Cícero, por César e por Catão.¹⁰⁶ De fato, o exercício da suasória, para os latinos, tinha como característica primordial as *hypotheses* históricas e mitológicas; o

paterno (*filii familias*) não podem ser forçados a casar, mas que, se desejarem casar, a aprovação do *pater* é imperativa (*in contrahendis nuptiis patris tui consensus accedat*).

¹⁰³ Cf. Arist. *Rh.* 1358b; [Cic.] *Rh. Her.* 1.2; Quint. 3.8.22; 33; 3.4.26.

¹⁰⁴ Entre as declamações supérstites de Corício, podem-se encontrar outros exemplos de declamações do gênero deliberativo: *Decl.* 1 ou *Polidamas* e *Decl.* 2 ou *Príamo*; *Decl.* 8 ou *O Espartano*; *Decl.* 10 ou *Pátroclo*; quanto às declamações 11 (*O Herói de Guerra*) e 12 (*O orador*), é provável que se enquadrem no gênero deliberativo, por ter como contexto uma assembleia e não um tribunal.

¹⁰⁵ *Nempe enim duo genera materiarum apud rhetoras tractantur, suasoriae et controversiae.* (Tac. *D.* §35)

¹⁰⁶ Quint. 3.8.49. Cf. também 2.1.1-2, nos quais Quintiliano fala sobre a suasória ser praticada ainda na escola do gramático.

próprio Quintiliano (8.3.67) recomenda a leitura não apenas de discursos, como também da história, aos que desejam entender melhor seu ponto de vista sobre casos deliberativos.¹⁰⁷

O peso da história no exercício da suasória é melhor percebido à luz do livro de suasórias de Sêneca. Poucas suasórias, apenas sete, restaram na coleção e todas têm como argumento temas históricos, bastante manipulados se comparados às versões consideradas mais confiáveis desses eventos históricos. Uma tentativa de explicar a onipresença de argumentos histórico-mitológicos nas suasórias relaciona-se ao fato de que os alunos não teriam conhecimento ou experiência suficientes para aconselhar ou desaconselhar outrem. Por essa razão, os exercícios escolares do gênero deliberativo eram baseados na história e na mitologia, temas que seriam mais familiares ao estudante, uma vez que já haviam sido estudados na escola do gramático.¹⁰⁸

Ainda que os latinos tenham delineado uma divisão precisa entre controvérsia e suasória, os teóricos gregos não se preocuparam em seguir essa cisão - ou sequer demonstram um conhecimento acerca disso.¹⁰⁹ A impressão passada pelos textos gregos é a de que havia uma maior preocupação em dividir as declamações conforme as *hypotheses*, ou temas, e não pelo gênero retórico. Filóstrato, por exemplo, restringe o campo de atuação da segunda sofística às declamações centradas em personagens genéricas - ele elenca o pobre, o rico, o príncipe, o tirano como exemplo - ou personagens históricas.¹¹⁰ Ainda que Filóstrato não estivesse ciente da subdivisão da declamação em deliberativa e judicial, os temas históricos citados por ele têm a forma de uma suasória. Como exemplo, cito "os lacedemônios deliberam se devem construir uma muralha fortificada" (VS 514), "os troféus erigidos pelos gregos [após a guerra do Peloponeso] devem ser derrubados" (VS 538 - nesse caso, debatia-se se os troféus deveriam ser derrubados ou não); "Cálias tenta dissuadir os atenienses da decisão de queimar os mortos" (VS 602).

¹⁰⁷ Inúmeros comentadores modernos definem a suasória tendo em vista seu caráter histórico, pois é assim que os antigos entendiam o exercício. Cf. CLARK 1957: 219; DESBORDES 1996: 137; FRYDMAN 2004: 8; VAN MAL-MAEDER 2009: 4.

¹⁰⁸ CLARK *loc. cit.*

¹⁰⁹ Cf. RUSSELL 1983: 10.

¹¹⁰ Philostr.VS 481.

Não pude rastrear nenhum texto antigo no qual se menciona os temas dos exercícios escolares do gênero deliberativo como exclusivamente históricos. Não era, pois, necessário manter-se no universo histórico-mitológico ao compor uma suasória; era apenas uma prática largamente difundida. A prática era tão corriqueira que, em certo ponto, passa a ser naturalizada. O declamador possuía uma certa liberdade em enquadrar seu tema em um ou em outro gênero: Quintiliano¹¹¹, por exemplo, testemunha acerca de declamações de gênero misto, idealizadas para ser uma suasória, mas que, por envolver uma acusação e uma defesa, se aproximam muito ao gênero judicial. Ele cita como exemplo "um debate na presença de César sobre a punição de Teodoto" (*apud C. Caesarem consultatio de poena Theodoti ponitur*); a punição de Teodoto envolveria uma acusação ao mesmo, mas, de modo geral, o tema trabalharia a ideia de *utilitas* (conveniência/utilidade): é vantajosa a César a morte de Pompeu? Há um risco de guerra de Teodoto for morto? E essa guerra seria inoportuna, perigosa e longa?

A linha divisora entre os dois gêneros comumente exercitados nas declamações é muito tênue. Um tema, originalmente pensado como suasória, poderia facilmente se tornar uma controvérsia se uma lei e uma ação passada fossem adicionadas. Do mesmo modo, uma situação primordialmente judicial se transforma em deliberativa se a lei fosse subtraída. Semelhantemente, nada impediria que um tema relativo às personagens genéricas, arquitetado originalmente para ser um discurso judicial, não pudesse ser retrabalhado em uma situação do gênero deliberativo. Esse parece ser o caso das *Decl. 5* e *Decl. 6*.¹¹²

Temas relacionados à compensação do herói pelos serviços prestados na guerra são, mormente, confinados ao gênero judicial pelos latinos: em Sêneca, todas as aparições do herói se dão nos livros de controvérsias. A personagem também aparece na coletânea creditada a Ps.-Quintiliano, que é tida pelos críticos modernos como uma antologia de

¹¹¹ Quint. 3.8.55-7.

¹¹² Sobre essa liberdade de criação dos declamadores, Cf. Heath 2004: 252.

controvérsias, ainda que essa classificação seja debatível.¹¹³ Essa adequação, parece-me, decorre de dois fatores: o primeiro, como foi comentado, é que havia uma tendência em criar exercícios deliberativos baseados somente em temas histórico-mitológicos; o segundo é o fato de haver uma lei em discussão e a matéria legal ser mais própria ao tribunal do que à assembleia. Embora esses casos relativos a pedidos tivessem sabor judicial, segundo a teoria da *stasis*, eles poderiam ser tratados tanto sob o esquema argumentativo da *stasis* jurídica quanto da pragmática.

Em *Sobre as Staseis*¹¹⁴, as *staseis* de qualidade, aquelas a respeito dos atributos que poderiam justificar a ação (se foi justa, vantajosa, legal etc.), são divididas em duas: *stasis* racional (στάσεις λογικαί), quando a ação em si é o centro do debate, e *stasis* legal (στάσεις νομικαί), que tem a ver com um questionamento acerca de uma verbalização¹¹⁵ (uma lei, um decreto etc.). A *stasis* racional é, por sua vez, subdividida por Hermógenes: se um ato futuro está em discussão, tem-se a *stasis* pragmática (πραγματική); se o ato for passado, a *stasis* é jurídica (δικαιολογική). Nessa linha e seguindo a classificação aristotélica, estariam em jogo o gênero deliberativo (*stasis* pragmática - ação futura) e judicial (*stasis* jurídica - ação passada/*stasis* legal).

Pedidos de compensação parecem orbitar entre esses dois modelos argumentativos. Por vezes, o veredito pode recair sobre o julgamento de ações passadas específicas (se o requerente cumpriu todos os pré-requisitos para ser considerado um herói de guerra, por exemplo) ou sobre ações futuras (quais vantagens serão trazidas se o requerente obtiver o prêmio desejado). Portanto, se o veredito depender do julgamento de ações passadas, a *stasis* está mais para jurídica do que para pragmática.¹¹⁶ No caso de *O Jovem Herói* e *O Velho Sovina*, a argumentação, como será escrutinado a seguir, segue o padrão da *stasis* pragmática, mas seria perfeitamente aceitável se o pai em seu discurso, por exemplo, escolhesse questionar o título de herói conferido a seu filho como alternativa. Ele não procuraria

¹¹³ Bailey (2006: 1), o tradutor das *Declamações Menores* para a coleção Loeb, por exemplo, chama a obra de *collection of controversiae*.

¹¹⁴ Hermog. *Stat.* §§37-8.

¹¹⁵ Em grego, ῥητόν, que pode ser traduzido como texto.

¹¹⁶ Sobre a questão do tempo da ação, Cf. RUSSELL 1983: 63; HEATH 1995: 74-5.

dissuadir o jovem de sua decisão, mas sim mostrar, diante dos membros da assembleia, que seu filho não tem o direito de pedir o prêmio por alguma razão passada; a *stasis* seria, portanto, jurídica.¹¹⁷

2. Análise de *O Jovem Herói*

A oração intitulada *O Jovem Herói* tem como *persona loquens* um jovem, rico e filho de um pai sovina, que se apaixona por uma moça pobre em um festival. Ele, então, vai à guerra e se torna um herói de guerra. Como prêmio pela bravura, ele pede a jovem pobre em casamento. O discurso, que corresponde a um pedido de compensação, divide-se em quatro partes bem marcadas:

§§ 1- 4: *Proêmio*

§§ 5- 15: *Narrativa*

§ 5- 6 *Narração preliminar*

§§ 7 - 15 *Narração*

§§ 16 - 70: *Argumentação*

§§ 71-73: *Epílogo*

Proêmio (§§ 1- 4)

Nos escritos greco-romanos sobre retórica, o proêmio era considerado uma das partes patéticas do discurso. Isso se deve ao fato de que, segundo a concepção dos antigos, a parte primeira de um discurso deveria se preocupar em “preparar” os ouvintes, i.e. deixa-los em

¹¹⁷ Para Lupi (2015: 315) as *Decl. 5* e *Decl. 6* são exemplos de *stasis* pragmática.

um estado mental que favoreça o ponto de vista a ser defendido no discurso.¹¹⁸ De modo geral, o proêmio visava deixar os ouvintes em três estados mentais - benévolos, interessados e receptivos.

Na *Decl.* 5, o proêmio ocupa §§ 1-4. Já na *theoria* preconiza-se qual seria a coluna vertebral do exórdio (fala-se de situações em que os ouvintes dariam “ouvidos menos favoráveis”):

ὁθεν εἰκότως τὰ μὲν που νεανιεύσεται, τὰ δὲ κολακεύσει φρόνημα μὲν ἐκ τοῦ πολέμου λαβών, τῷ δὲ πατρὶ ταπεινὸς καὶ μετὰ νίκην ὑπάρχων, μὴ ποτε τῶν ἀκρωμένων τινὲς ἐκ τῆς παρούσης ἀντιλογίας τὸν ὅλον αὐτοῦ τεκμαιρόμενοι βίον δύσεριν ἀεὶ καὶ θρασὺν περὶ τοὺς γονεῖς ὑποπτεύσαντες ἤττον εὐμενεῖς αὐτῷ δοῖεν τὰς ἀκοάς.

Sendo assim, é provável que ele aja de modo imaturo em alguns pontos e que seja presunçoso em outros, principalmente quando relembrar a guerra, mas se mostrará submisso ao pai, mesmo depois da vitória, por receio de que os ouvintes infiram o conjunto de sua vida a partir da presente disputa, imaginando que ela sempre foi belicosa e ele sempre ousado com os pais, dando-lhe assim ouvidos menos favoráveis.

Decl. 5 *th.* §3

Segundo a *theoria*, as formas pelas quais a audiência conferiria "ouvidos favoráveis" ao jovem estão conectadas à submissão filial ao pai. Não seria estranho, no entanto, tendo em vista a idade e a posição militar de destaque, que o jovem agisse de modo insolente em alguns pontos, especialmente ao se lembrar da guerra. O movimento pendular entre uma petulância juvenil e o acatamento ao pai, prescrito na *theoria*, é bastante transparente no proêmio. No primeiro período, logo no início, o jovem diz: "Meu pai deveria ter me unido em matrimônio à mulher por quem estou apaixonado antes da guerra [...]". Tal afirmação parece soar um tanto quanto excessiva, sobretudo pelo tom impositivo que traz a construção sintática com o verbo δεῖ complementado de acusativo pessoal (τὸν φύσαντα) e infinitivo (συνάψαι). O verbo "dever", certamente, traz consigo uma carga de poder que não estaria à disposição de um filho ao interagir com o pai: é o pai quem manda e não o filho. A nuance imperativa desse

¹¹⁸ Cf. Arist. *Rh.* 1415 a-b; Cic. *Inv.* 1.20 et seq.; Quint. 4.1. et seq.

primeiro período ilustra bem o τὰ μὲν που νεανιεύσεται (literalmente: "com relação a certas coisas agirá como um adolescente") visto na *theoria*.

Todavia, o teor petulante do primeiro período é atenuado e vai se diluindo por todo o proêmio; o herói tenta se redimir, procurando mostrar seu caráter submisso e respeitoso. Uma das formas pelas quais isso se dá é creditar o retardamento do casamento a alguma sorte (τύχη τις - § 1); assim, o pai é resguardado do papel de "vilão", que age de forma a separar dois apaixonados.¹¹⁹

Com efeito, o proêmio é uma das partes éticas do discurso. Já Cícero dizia que o proêmio deve trazer informações que contribuam para a criação da impressão de que o orador é alguém digno de confiança.¹²⁰ À vista disso, o proêmio da *Decl. 5*, apesar de se iniciar *ab aduersariorum persona* ("meu pai deveria [...]"), trabalha com a ideia de que o jovem é moderado para com o pai (*a nostra persona*); esse movimento vai ao encontro do que se espera de um rapaz que, embora seja jovem e logre uma posição militar de respeito, se vê obrigado, pelo código moral de Sofistópolis, a se portar de modo subserviente ao pai.

Visando angariar a confiança do auditório, além de considerações acerca de seu próprio caráter e do de seu pai, o herói também expõe argumentos *a causa*, que, no caso, relacionam-se aos comentários feitos acerca da jovem bela. Entre os parágrafos segundo e quarto, invoca-se a imagem da jovem bela e pobre e ressalta-se a supremacia da beleza. Exaltar a moça não apenas contribui para a construção de um caráter verossímil, na medida em que era o esperado de um rapaz apaixonado, como também justifica o pedido: ela é tão bela, modesta e pura que não há como não se apaixonar. Expedientes relacionados à *enargeia* e à *synkrisis*, a comparação discursiva entre as duas jovens em questão, fundamentam a alegação de que a beleza é suprema. Uma vez que a beleza é suprema, o herói não deve ser condenado por se apaixonar por razões abjetas, como a luxúria.

¹¹⁹ Entre as páginas 102-105 de seu livro *Greek Declamation* (1983), Russell esboça uma análise da *Decl. 5*. O estudioso ressalta que há uma tendência em preservar a decência do pai, sobretudo no passo em que o jovem responde uma acusação levantada por um outro homem e não pelo pai (§§ 58 *et seq.*).

¹²⁰ Cic. *Inv.* 1.25.

Os argumentos *a nostra persona*, *ab aduersariorum persona* e *a causa*, como brevemente exposto, estão presentes nesse proêmio. Esses tipos de considerações, segundo a Retórica Clássica, funcionavam como angariadores de benevolência, pois os ouvintes seriam levados a pensar que o orador é uma pessoa digna de confiança que defende uma causa justa enquanto seu adversário é exatamente o contrário. Outros *loci* de exórdios são granjear a atenção dos ouvintes e torná-los receptivos para ouvir o discurso que seguirá. Formas de se alcançar tais *loci* estão presentes no proêmio da *Decl.* 5.

O herói utiliza recursos exclusivamente relacionados ao *attentum parare*¹²¹ em dois momentos do parágrafo 4: quando ele interpela diretamente o auditório através de dois verbos no imperativo (γνώσεσθε e θεάσασθε) e quando ele faz a promessa de uma narrativa breve (διὰ βραχέων). Na Retórica Clássica, o terceiro estado mental (a receptividade) pode ser conquistado pelos mesmos expedientes retóricos aliados à atenção, pois quem presta atenção está sempre receptivo. Tais expedientes estão atrelados ao uso de algumas figuras específicas reconhecidas por suscitarem *pathos*, como é o caso de apóstrofes, descrições, piadas, símiles e metáforas. No proêmio em questão, nota-se a existência de inúmeros recursos ligados à vivacidade, que pode ser uma forma de se produzir *uoluptas*¹²² (“prazer”): entre §§2-3 imagina-se a jovem pobre e há uma comparação ((§ 3 - τῆς μὲν ἔτι ... τῆς δὲ πολὺ) entre elas.

Alguns autores antigos, como Ps.-Hermógenes, prescreviam uma divisão formal do proêmio em partes. Em *Sobre a Invenção*, tratado que compõe a *Arte* de Hermógenes, lê-se:

Περὶ παντὸς προοιμίου, καὶ ἐκ πόσων μερῶν συνέστηκεν.

Σύγκειται δὲ πᾶν προοίμιον ἐκ προτάσεως, ἥτις ἐστὶν ἐκ τῶν μαθημάτων εὐρισκομένη τῶν προκειμένων, ἐξ ὧν δὴ τοι καὶ γίνεται, ἐκ κατασκευῆς, ἐξ ἀποδόσεως, ἥτις ἐστὶν ἀξίωσις, ἐκ βάσεως, ἣ συνάγει τὴν πρότασιν καὶ τὴν ἀπόδοσιν.

Acerca de todos os proêmios e de quantas partes eles têm.

Todo proêmio é composto por uma alegação inicial (*protasis*), que é inventada a partir dos ensinamentos já expostos, dentre os quais certamente tu já tens ideia, de uma confirmação (*kataskheue*), de uma contra-alegação (*apodosis*), que é uma *axiosis*, e de uma conclusão (*basis*), que reúne a alegação e a contra-alegação.

¹²¹ Cf. Arist. *Rh.* 1415a; [Cic.] *Rh. Her.* 1.7; Cic. *Inv.* 1.23; Quint. 4.1.34 *et seq.*

¹²² O conceito de *uoluptas* está atrelado ao prazer. Para Quintiliano (4.1.49) se trata de qualquer elemento que produza deleite na audiência. Sobre *uoluptas* como forma de se alcançar o *docilem parare*, Cf. Lausberg §271 e.

Segundo o autor do tratado, todo proêmio é formado de quatro partes: a *protasis*, que seria uma espécie de alegação, construída com a partícula μέν; a *kataskeue*, um cólon que confirma (ou justifica) a *protasis*, construído com γάρ; a *apodosis*, construída com δέ e uma *basis*, uma conclusão. Toda essa terminologia é, porém, problemática. Como nota Kennedy¹²³ em sua tradução do tratado, tal divisão parece ser inventada pelo autor do tratado, que tinha como objetivo oferecer ao aluno uma fórmula, quase matemática, de se iniciar uma declamação. É problemático, portanto, buscar encaixar o modelo sem restrições, como faz Johansson em sua análise das *Decl. 9* e *Decl. 10* de Libânio.¹²⁴ Contudo, o esquema de Ps.-Hermógenes não deve ser totalmente descartado, pois apresenta uma reflexão interessante sobre o uso dos períodos na construção lógicas das ideias.

Nesse padrão, as *sententiae*, sentenças proverbiais de caráter genérico e que exprimem um pensamento coletivo, possuem um papel de explicar e/ou justificar aquilo que foi anteriormente exposto; a elas, geralmente, se atribui ou o papel de *kataskeue* ou de *basis*. Sendo assim, a única sentença gnômica de todo o proêmio (ὁ γὰρ ἀμοιβὴν φιλοτιμίας ἀπαιτῶν ἦν ἔδωκε χάριν ἀναλαμβάνει - "pois o homem que pede uma recompensa por ambição toma de volta a gentileza que fez") cumpre o papel de justificar a ideia de que o pai deveria ter casado o filho antes da guerra. O parágrafo, que no modelo de Ps.-Hermógenes corresponde a um proêmio completo, diz o seguinte:

Εδει μὲν πρὸ τοῦ πολέμου τὸν φύσαντα τὴν ἐρωμένην ἐμοὶ συνάψαι πρὸς γάμον, ἵνα μὴ δόξω μισθὸν ἀπαιτεῖν τῆς ἀριστείας τὴν πόλιν καὶ μᾶλλον ὑμῖν ἐπαφρόδιτον φανῇ μου τὸ τρόπαιον προῖκα τῇ πατρίδι δοθέν· ὁ γὰρ ἀμοιβὴν φιλοτιμίας ἀπαιτῶν ἦν ἔδωκε χάριν ἀναλαμβάνει· ἀλλὰ μοι δοκεῖ τύχη τις ἀναβαλέσθαι τὸν γάμον, ὅπως ἐκ τῆς νίκης ἐράσμιος τῇ κόρῃ γενοίμην. οὐ γὰρ ἔπρεπεν, οἶμαι, χωρὶς ἀγῶνος τυχεῖν ἄθλου τοσούτου.

O pai deveria ter unido-me em matrimônio à mulher por quem estou apaixonado antes da guerra, assim eu não pareceria pedir à cidade uma compensação pela bravura e minha vitória soaria muito mais amável a vós, pois seria dada à pátria gratuitamente; pois o homem que pede uma recompensa por ambição toma de volta

¹²³ Cf. KENNEDY 2005: 27, nota 42.

¹²⁴ Cf. JOHANSSON 2006.

a gentileza que fez. Mas me parece que alguma sorte afastou o casamento, de modo que eu me tornasse atraente à moça pela vitória. Não é adequado, como penso, receber tamanho prêmio sem uma disputa.

Decl. 5 § 1 (grifo meu)

Não foi possível manter a correlação das partículas gregas na tradução, mas a ideia expressa no grego é a de que a primeira declaração ("o pai deveria [...] pátria gratuitamente"), acompanhada da partícula μέν e amplificada pela oração final ἴνα μὴ, é confirmada por duas orações-γάρ ("aquele que [...] graça" e "não é adequado [...] disputa"), cujo valor gnômico é claro. Essas duas orações de valor sentencioso cooperam para que o proêmio atinja uma de suas funções tradicionais, qual seja a de fazer com que a audiência esteja bem disposta a ouvir o jovem, na medida em que veiculam um ideal moral para o jovem: ele não quer ser visto como um homem que pede à cidade uma recompensa, pois ele a salvou de bom grado e por patriotismo, e nem quer receber um prêmio tão valioso quanto a mulher bonita sem que antes haja uma discussão sobre esse mesmo prêmio.

A retórica clássica dispõe ao proêmio a função de preparar a audiência de modo a posicioná-la em um estado favorável à apresentação do discurso; os três *tópoi* tradicionais são mantê-la interessada (atenta), deixá-la receptiva (dócil) e captar sua benevolência (benévolo).¹²⁵ É bastante difícil, como atenta Lausberg (§ 267), limitar quais seriam os escopos dessas três fórmulas, e parece não haver uma ordenação fixa entre elas. Com efeito, essas três atitudes dos ouvintes são necessárias ao longo de todo o discurso, mas o proêmio é a primeira e mais importante oportunidade de influenciar a audiência; como diríamos em português, "a primeira impressão é a que fica". No proêmio da *Decl. 5*, como foi visto, o jovem parece cumprir aquilo que se espera.

Convém destacar que toda a segunda metade do quarto parágrafo ("sabereis [...] caráter") funciona como um período transicional do proêmio à narração. De acordo com Quintiliano (4. 1. 76-9), a última oração do proêmio deve ter relação com a primeira da próxima seção (seja narração ou provas). Há a escolha de se obscurecer a transição

¹²⁵ Esse modelo tripartite não era unânime, Quintiliano (4.1.50-1) cita outros teóricos que não adotavam esses três *topoi*.

(*transitus*), por meio de algum recurso estilístico, como a *sententia* - Quintiliano condena esse tipo de maneirismo das escolas de retórica, que buscam sempre o aplauso - ou de não o usar, passando diretamente à narração. No entanto, se a narração for longa, deve-se preparar o ouvinte, deixando claro que passará à próxima seção. No caso da *Decl. 5*, o *transitus* é bastante vivo ("vede, portanto, se vos pareço possuir tais qualidades em meu caráter" - θεάσασθε τοίνυν, εἰ τοιοῦτον ὑμῖν ἦθος ἀσκήσαι δοκῶ) e tem relação com a primeira oração da *prodiegesis* ("a minha vida era como a de um filho que, criado por um pai sovina, odeia a vida desregrada" - βίος ἦν οἷον ἄν τις ἐπιτηδεύσειεν ὑπὸ πατρὶ φειδωλῷ τρεφόμενος παῖς καὶ ἄλλως ἀκολασίαν μισῶν).

Narrativa (§§ 5 -15)

A narrativa da *Decl. 5* divide-se em duas seções distintas: entre §§5-6 há a narrativa preliminar¹²⁶, entre §§7-14 os eventos que levaram o jovem a se apaixonar são descritos. De fato, a presença de narrativa preliminar deve ter sido regra em declamações, especialmente quando a personagem herói de guerra está em cena. Ps.-Hermógenes diz:

Τυραννοκτόνοι δὲ πάντες καὶ ἀριστεῖς ὁμοίως προδιηγήσεις ἔξουσι τοὺς βίους, ἀφ' ὧν χωροῦμεν ἐπὶ τὰς διηγήσεις τῶν πραγμάτων, ἐφ' οἷς αἱ κρίσεις.

Todos os tiranicidas, bem como heróis de guerra, terão como narração preliminar suas vidas, a partir das quais avançamos para a narração dos eventos, sob os quais incidem os julgamentos.

[Hermog.] *Inv.* p. 109 Rabe.

A prática de se iniciar a narração de forma ética não é abandonada na *Decl. 5*, pois os parágrafos quinto e sexto se dedicam exclusivamente a evidenciar certos aspectos do caráter do jovem. Primeiramente, o jovem compara sua vida à de um filho que, criado por um pai

¹²⁶ Sobre a narrativa preliminar, Cf. Quint. 4.2.129.

sovina (ὑπὸ πατρὶ φειδωλῷ τρεφόμενος), odeia a ἀκολασία ("falta de moderação, intemperança") e é receoso quanto aos prazeres carnavais (ἀφροδίσια), às farras (κώμους), aos banquetes (εὐωχίας) e a tudo que é prazeroso (τὰς ἄλλας ἡδυπαθείας). Sua subserviência ao pai, diz ele, é tamanha que seus colegas o irritam ao chamá-lo de "filhinho escravizado pelo pai" (παιδίον πατρὶ δεδουλωμένος - § 5). Os escárnios, no entanto, não o incomodam, pois suas únicas preocupações, até então, eram a boa conduta (εὐκοσμία) e o viver livre de mácula (τὸ ζῆν ἐλευθέρως). Ao fim do parágrafo sexto, o jovem afirma que sua moderação (σωφροσύνη) era tamanha que o fez pensar que o deus Amor fosse apenas uma fábula, criado pelos descontrolados (ἀκρατεῖς) como pretexto para depravações (παραπέτασμα τῆς ἀσελγείας).

Utilizando todo esse vocabulário relativo ao modo de vida temperante e abstinência - sensatez, moderação, boa conduta vs. intemperança, descontrole, depravação – o herói cria para si a identidade de rapaz cujo principal traço é a moderação. Isso é um reflexo direto daquilo preconizado na *theoria*, na qual é dito que uma vez que não se pode esperar a superação da paixão, o jovem não deve parecer um depravado (ἀσελγής - *th.* § 4).

Para que a narração cumprisse seu fim - o de informar os ouvintes acerca dos acontecimentos de modo que eles compreendam, memorizem e acreditem naquilo narrado - alguns elementos (*elementa narrationis*) devem ser obrigatórios: deve-se falar sobre as pessoas envolvidas na situação, demonstrando seus caracteres através de suas origens, naturezas, idades, fortunas etc.; sobre o acontecido, se foi grandioso ou não, se foi possível, justificável, honrável etc.; sobre o lugar, se foi próximo da cidade, se foi em um templo etc.; sobre o tempo, se ocorreu durante a primavera, durante um festival, durante a noite etc.; sobre a maneira, se o ato foi feito em plena consciência ou não; e, por fim, deve-se comentar sobre o motivo que levou o evento a acontecer, se foi por amizade, por embriaguez etc.¹²⁷ Ainda segundo a retórica clássica, é imperativo que esses elementos sejam trabalhados sob a égide da brevidade, da clareza e da verossimilhança.

¹²⁷ Esse modelo é reproduzido por Quint. 4.2.55-6; Teão, *Prog.* §79.; Lausberg §328.

Esses procedimentos parecem, efetivamente, serem transpostos à narração dos fatos tal qual reportada pelo herói entre os parágrafos quinto e décimo quinto. A sequência temporal dos acontecimentos é mantida; a narração se inicia a partir do festival (§§7-9), avançando para os primeiros dias pós-festival (§§ 10-15). Seguir o encadeamento natural dos eventos se relaciona às *virtudes* da narração e auxilia a compreensão por parte dos que ouvem. O desenrolar dos fatos pode, no entanto, ser afetado pelo ponto de vista de quem fala; no caso do jovem, busca-se evidenciar que ele não é o responsável por ter ido ao festival - e consequentemente ter se apaixonado - mas sim o pai, que o exortou a tomar parte das festividades. Ele diz no parágrafo sétimo que seu "pai resolveu aproveitar a ocasião de forma mais extravagante do que segundo a natureza que lhe é familiar" (ἔδοξε τῷ πατρὶ κομψότερον ἢ κατὰ τὴν οἰκείαν φύσιν χρῆσασθαι τῷ καιρῷ - §7). Dessa forma, ele parece lançar ao pai a culpa por ter participado da festa, de modo a se desvencilhar da acusação de ter se apaixonado por ação voluntária ou por torpeza moral, como a depravação e a luxúria.

Qualificar o festival como um festejo "no qual não era uma vergonha mulheres exporem-se aos homens" (ἐν ᾗ φαίνεσθαι παρθένους ἀνδράσιν οὐ ψόγος - §7) também é um modo de retirar dos ombros do herói a culpa por ter se apaixonado. O jovem, por imposição do pai, participou de um festival do qual mulheres também tomavam parte, de sorte que se ele se apaixonasse por alguma moça, a culpa recairia na situação e, sobretudo, no próprio pai. Decerto, a narração dos eventos ocorridos durante o festival, entre os parágrafos sétimo e oitavo, descortina-se de tal modo que o pai é visto como o único a ser incriminado pela paixão do filho: o rapaz resolve se levantar da mesa de jantar porque o pai o irritou ao mencionar o casamento com a rica ("Ele ficou falando sobre ela, me irritando profundamente [...] assim que meus ouvidos foram atingidos por suas palavras, me levantei" - §§7-8). Ao fim do parágrafo oitavo, o esforço em se caracterizar como uma vítima do acaso e da vontade paterna é encerrado pelo jovem por meio de uma questão ("o que mais um jovem criado para ficar em casa faria quando em um festival?" - τί δ' ἂν τις ἐν ἑορτῇ διαπράξαιτο νέος ἄλλως τε καὶ διάγειν οἶκοι πεπαιδευμένος; - §8). A pergunta é sugestiva e pressupõe uma resposta

confirmativa, reforçada pela *sententia* que segue ("as coisas prazerosas que não temos o costume de ver, isso, sobretudo, temos vontade de ver" - §8).

O parágrafo nono, no qual se conta o momento em que o rapaz se apaixona pela moça, ocupa uma posição central e funciona como um divisor de águas, uma vez que o discurso da narrativa é dividido em antes e depois do rapaz se apaixonar. O momento em que ambos os jovens se encontram pela primeira vez é narrado nos seguintes termos:

ἐνταῦθα κόρην ὀρῶ κεκοσμημένην ἐν ἱματίοις λιτοῖς αὐτὴν τῆς ἡλικίας ἄγουσαν τὴν ἀκμὴν ἀπλάστῳ λάμπουσαν ἥθει καὶ τὸ τῆς ψυχῆς ἄκακον ὑποφαίνουσιν ἀδόλῳ τε κάλλει καὶ σχήματος ἀφελείᾳ. καὶ ὅτε τοῦ χοροῦ τῶν παρθένων ἡσυχὴ διαστᾶσα μόνη κοσμίως εἰστήκει, ἔπαθον τὴν ψυχὴν τοιαύτην ἰδὼν πολλαῖς περιπεσὼν ἔρωτος ἀφορμαῖς· πανήγυρις ἦν καὶ πότος καὶ παρθένος ὥραία καὶ νεότης πολλή καὶ πατὴρ ἐλπίδα γάμου διδούς. αἰσθημένη τοίνυν ἐμοῦ περιεργότερον εἰς αὐτὴν ἀφορῶντος ἐρυθρίασα καλλίων ἐφαίνετο τοῦ προσώπου συγκεκραμένου χρώμασιν αἰδοῦς τε καὶ φύσεως.

Então, avistei uma jovem, vestida com mantos simples, na flor da juventude, resplandecente em seu caráter genuíno, exultando a inocência de sua alma por sua beleza pura e sua simplicidade de aparência. Quando ela, se distanciando do coro de jovens, se levantou serena e só, vendo-a assim, me apaixonei, caindo nos pretextos do amor: o festival, a bebida, a bela moça, a muita juventude, e o pai, que tinha esperanças de casamento. Ela, logo ao perceber que eu a encarava, ficou vermelha e pareceu mais bonita, pois em sua face misturavam-se as cores do pudor e da natureza.

Decl. 5 § 9

Os antigos, além de elencar a brevidade, a clareza e verossimilhança, também classificavam como atributos da narrativa a vivacidade (ἐνάργεια/ *evidentia*) e a grandeza (μεγαλοπρέπεια/ *magnificentia*).¹²⁸ Certamente, no parágrafo supramencionado essas duas qualidades são exercitadas: a imagem da moça é construída por meio de um vocabulário rico e variegado. Quatro participípios (κεκοσμημένην / ἄγουσαν/ λάμπουσιν/ ὑποφαίνουσιν) e inúmeros qualitativos (ἡσυχῇ/ κοσμίως/ ὥραία/ νεότης/ ἐρυθρίασα/ χρώμασιν αἰδοῦς τε καὶ φύσεως) são utilizados para adjetivar a moça (κόρην); essa abundância de predicados possibilita construir uma imagem mental vivaz da jovem da qual se fala e tenta suprir a

¹²⁸ Quintiliano (4.2. 61-5) critica os que posicionam essas duas qualidades como atributos somente da narrativa. Na visão dele, são atributos de todas as partes. Anônimo Segueriano (101) elenca também a amplificação (αὔξησις), o prazer (ἡδονή) e a brandura e justeza (προσῆνεια ἢτοι ἐπιείκεια) como virtudes da narração.

ausência da moça na situação presente da assembleia com sua presença. De um ponto de vista estrito, essa passagem toda seria redundante e não se encaixaria no princípio da brevidade narrativa comentada pelos antigos; porém, a presença da jovem na deliberação é um argumento fundamental do rapaz, como o próprio explicita no proêmio. Portanto, adjetivá-la de modo a torná-la presente não seria considerado algo digressivo e redundante, mas sim um elemento-chave no percurso argumentativo escolhido para o jovem.

A segunda metade da narrativa, na qual são narrados os acontecimentos pós-festival, ocupa os parágrafos 10 a 14. Entre §§ 10- 11, o herói comenta sobre o regresso para casa e sobre a conversa amigável que teve com o pai durante a caminhada do retorno. Novamente, o jovem dá um sinal de sua subserviência ao pai: quando o pai menciona o retorno, o filho lhe obedece e de pronto o acompanha (τῆς οἴκαδε πορείας ἀνέμνησεν ὁ πατήρ, ἐπανήειν - literalmente "o pai lembrou a viagem para casa, eu retornei" - §10). A habitual submissão do rapaz é, no entanto, abalada pela esperança de conseguir convencer o pai quanto ao casamento. Não é fortuita a menção que o jovem faz de um sonho que teve durante a noite pós-festival, no qual o pai se mostrava convencido e consentia o matrimônio:

ποῖαν εἰκὸς ἐπὶ τούτοις ἐμοὶ γενέσθαι τὴν νύκτα; ὄνειροι γάρ, αἱ τῶν καθευδόντων ἐλπίδες, εὐπειθῇ μοι τὸν πατέρα παρεῖχον ἄχρι τῆς ἔω καὶ πενιχρᾶς ἀνεχόμενον νύμφης.

Assim sendo, como poderia ser a minha noite? Os sonhos, esperanças dos que dormem, mostravam até a aurora um pai que me dava ouvidos e que suportava a noiva pobre.

Decl. 5 § 12

Os sonhos, no imaginário grego, estavam ligados à premonição, por essa razão o rapaz os caracteriza como "esperanças dos que dormem" (αἱ τῶν καθευδόντων ἐλπίδες).¹²⁹ O herói, pois, a partir do sonho, resolve revelar ao pai seu intento, qual seja o de se casar com a pobre; é como se a visão onírica lhe servisse de justificativa: se o sonho for mesmo premonitório,

¹²⁹ O sonho é um recurso que encontrou particular acolhida nas tragédias gregas, justamente por estar ligado à premonição de eventos futuros. Um dos episódios oníricos mais notáveis se encontra em *Os Persas*, de Ésquilo. Entre os vv. 176-200, a rainha Atossa narra um sonho que teve: nele, duas mulheres, uma persa, a outra grega, lutam. A grega não aceita o jugo imposto por Xerxes e o faz cair ao chão. O sonho, pois, funciona como um prenúncio do desenlace da peça, no qual Xerxes retorna derrotado.

talvez ele consiga convencer o pai. O cenário elucidado no sonho, portanto, alimenta a vontade do rapaz em expor aquilo pretendido por ele.

É a vergonha, diz o rapaz, que o fez, em um primeiro momento, não ter coragem de falar abertamente sobre sua paixão: "eu estava entre a vergonha (αἰσχύνη) e o desejo (πόθος): a vergonha comprimia a língua, o desejo odiava o silêncio". Em seguida, no parágrafo treze, ele menciona sua "costumeira moderação" (ἡ τῆς ἐμῆς σωφροσύνης συνήθεια) e a modéstia (αἰδώς). Novamente, a forma pela qual o jovem escolhe narrar os fatos deixa entrever seu caráter servil ao pai: ele treina o que dirá, mas se envergonha ("mudei de cor") e emudece ("fiquei sem palavras") diante do pai. Essa hesitação frente à situação é, de novo, um sinal da moderação do rapaz.

A narração propriamente dita se encerra no parágrafo catorze, no qual se narra o momento em que o rapaz inicia sua homília e a resposta paterna negativa. O parágrafo 15 exerce a função de período transicional da narrativa à argumentação.

τί οὖν ἐντεῦθεν, ὦ πάτερ; ἡγροικισάμην τι περὶ σέ; διέβαλόν σου πρὸς ἄλλους τὴν περὶ τὸν υἱὸν δυσκολίαν; εἶπόν τι προπετές; ῥαθυμοτέραν σοι τῆς εἰωθυίας θεραπείαν προσήγαγον; εἴ μοί τι πέπρακται τῶν εἰρημένων, γενοίμην τῆς ἀπροσώπου κόρης ἀνὴρ.

O que foi, pai? Fui rude de alguma forma contigo? Reclamei para outros da tua insatisfação para com teu filho? Disse algo precipitado? Prestei a ti um respeito mais indolente que o comum? Se alguma coisa das mencionadas foi feita por mim, que eu me torne marido da feia!

Decl. 5 § 15

A passagem pode ser lida através de duas chaves de interpretação: é possível que ele esteja se dirigindo ao próprio pai em um momento posterior à exposição de sua vontade, bem como é possível que o herói esteja se dirigindo ao pai no momento da assembleia, constituindo assim uma apóstrofe. Essa última opção parece ser mais razoável, uma vez que o recurso de se dirigir a um interlocutor alheio aos jurados - no caso, a parte contrária na causa - é uma figura retórica, caracterizada por um apelo à emoção.¹³⁰ Uma outra figura reforça o teor patético do fim da narrativa: a interrogação. O jovem faz cinco perguntas direcionadas

¹³⁰ Sobre apóstrofe, Cf. Quint. 4.1.69; Fort.-Rhet. Rh. 2.19.

ao pai, elucidando hipóteses sobre o curso de suas próprias ações. Tal figura de pergunta funciona como um expediente para suscitar o *pathos*. No caso da interrogação, a resposta é suplementada, pois acredita-se que ela seja evidente.¹³¹ O autor da *Retórica a Herênio*, ao comentar a subjeção, uma figura próxima à interrogação, tece uma afirmação bastante pertinente à análise do efeito causado pelo uso de tais figuras:

Subectio est, cum interrogamus adversarios aut quaerimus ipsi, quid ab illis aut quid contra nos dici possit; dein subicimus id, quod oportet dici aut non oportet, aut nobis adiuumento futurum sit aut offuturum sit idem contrario [...]34. Multum inest acrimoniae et gravitatis in hac exortatione, propterea quod, cum quaesitum est, quid oporteat, subicitur id non esse factum. Quare facillime fit, ut exaugeatur indignitas negotii.

Na *subjeção* nos perguntamos a respeito dos adversários ou de nós mesmos o que pode ser dito em favor deles ou contra nós e sugerimos, em resposta, o que deve ser dito e o que não deve, o que nos auxiliará ou, em contrapartida, os prejudicará [...]
34. Há muita acrimônia e gravidade neste ornamento, pois, ao perguntar o que convém ocorrer, subentende-se que aquilo não aconteceu. Assim, conseguimos com muito mais facilidade aumentar a indignidade das ações.

[Cic.] *Rh. Her.* 4, 33-4 ¹³²

A série de interrogações deslegitima qualquer censura moral que possa ser trazida contra o rapaz. Esse efeito se relaciona àquilo dito pelo autor da *Rh. Her.* na passagem supramencionada, segundo o qual a pergunta acerca daquilo que convém ocorrer deixa subentendido que aquilo não ocorrera. Ao passo que a ação lucubrada não acontece, a audiência é tomada por um sentimento de indignação (*indignitas*). Dessa forma, o filho estabelece uma espécie de vínculo com seus ouvintes, especialmente ao dizer que aceita de bom grado o casamento com a moça feia caso ele seja moralmente censurável ("Se alguma coisa das mencionadas foi feita por mim, que eu me torne marido da feia!"). O elemento patético também se manifesta na exclamação final com o uso do optativo exortativo em primeira pessoa do singular (γενοίμην).

O parágrafo transicional opera também com elementos que fazem referências tanto à narrativa que se passou quanto à argumentação, a próxima parte do discurso. Quanto à

¹³¹ Sobre interrogação, Cf. Quint. 9.2.8.

¹³² Tradução de FARIA & SEABRA 2005: 249-8.

narrativa, comentou-se que há uma prioridade em evidenciar o caráter moderado do filho; portanto, ao elucidar percursos inexistentes de suas próprias ações, o jovem também pondera sobre seu caráter. O ponto de sutura entre a transição e a argumentação se relaciona às acusações hipotéticas levantadas pelo filho (a de ser grosseiro e indolente com o pai, por exemplo) e à aceitação de que, se culpado, é necessário que ele se case com a jovem preterida por ele.

Argumentação (§§ 16-68)

No caso da *Decl. 5*, a argumentação ocupa a maior parte da oração e se divide em seis "blocos", os quais correspondem aos pontos capitais (κεφάλαια) na teoria de Ps.-Hermógenes.¹³³ O primeiro ponto capital é o *legalidade* (νομιμόν), desenvolvido entre §§16 - 25. A primeira hipófora - dada abaixo - vem à luz por meio da figura da antecipação (πρόληψις/ προκατάληψις ou προκατασκευή).¹³⁴ Iniciar a parte argumentativa a partir de uma premonição do argumento do adversário é algo comum em declamações. Quintiliano (4.1.50) chega a condenar essa prática que, de tanto ser usada por declamadores, passa a ser considerada uma regra.

Οἶδα τοίνυν, ὅτι τούτῳ πολλῶ χρήσεται τῷ λόγῳ· πρεσβύτῃ διαμάχεται νέος, παῖς ἀντιλέγει πατρί. τὰ τοιαῦτα πολλάκις ἐρεῖ πάντα διακονεῖν ἀξιῶν γονεῦσι τοὺς παῖδας. ὑμεῖς δὲ βραχύν μοι καιρόν, ὅσου δεῖται μόνον ὁ λόγος, τὴν διάνοιαν μεταστήσαντες τῆς ἀμφοτέρων διαφορᾶς ἀπὸ τῶν πραγμάτων λάβετε τὴν ἐξέτασιν τοῦτο δὴ πρῶτον κατανοοῦντες, ὥς ἅπαντα τὰ τοιαῦτα πρεσβύτης ἐγὼ καὶ πατήρ, νέος οὗτος καὶ παῖς λόγων ἀπορία δικαίων ἐστίν.

Sei que ele se valerá bastante do argumento: "Jovem em disputa com velho, filho contradiz o pai". Isso ele repetirá várias vezes, julgando que filhos devem em tudo servir aos pais. Examinai por um curto tempo, quanto demandar o discurso, mudando vosso pensamento da disputa de ambos para os fatos, considerando que isso de "eu sou pai e velho, ele é jovem e filho" é uma falta de argumentos justos.

¹³³ [Hermog.] *Inv.* p.134 Rabe. Um "ponto capital", para o retórico antigo, seria formado pelas seguintes partes: 1. *Protasis* - é o período em que o orador introduz a fala do oponente, na prática é algo como "é provável que ele diga"; 2. *Hypophora* - condiz com a própria fala do oponente; continuando o exemplo do próprio Ps.-Hermógenes, seria algo próximo a "que é difícil cavar o Quersoneso"; 3. *Antiprotasis* - é a introdução do contra-argumento do orador, i.e. "mas não é difícil refutar esse argumento"; 4. *Lysis* - é a refutação do argumento do oponente (a *hypophora*), i.e. "pois escavar é algo fácil". É necessário que muitos *epicheiremata* sejam usados para confirmar o que é atestado na *lysis*.

¹³⁴ Cf. Quintiliano, 9.2.17; 4.1.49-50. Para as diferenças e a terminologia, Cf. Lausberg §§854-5.

Com efeito, em muitas declamações supérstites é possível reconhecer esse recurso: Russell (1996: 126), em sua tradução da *Decl.* 27 de Libânio, elenca uma "objeção implícita" entre §§10-11. Essa nomenclatura é atribuída pelo estudioso às objeções em que não há uma alegação direta da parte contrária; não há um "ele disse", mas sim algo como "ele dirá", "ele poderia dizer", "ele diria". Comumente, essa figura está relacionada à "preparação" da audiência, uma vez que, através da antecipação, os ouvintes são instruídos acerca das alegações da outra parte. Quintiliano (9.2.17), por exemplo, recomenda o uso da antecipação já no proêmio. Não por coincidência, toda a exposição da primeira alegação do pai é marcada por tom de proêmio: há uma exortação direta à audiência (λάβετε) e uma promessa de exposição breve (ὕμεις δὲ βραχύν μοι καιρόν), constituindo quase um segundo proêmio.

O herói em §16 aventa a possibilidade de o pai utilizar o argumento segundo o qual filhos devem obedecer aos pais indiscriminadamente. Tal premissa, no contexto cultural greco-latino, se torna ainda mais válida: o próprio Corício (*Decl.* 5 *th.* §2) destaca a dificuldade argumentativa da situação pai vs. filho, e Quintiliano (5.10.13) lista a *pietas* aos pais (*parentibus*) como uma *communis opinio*. Em §17, o herói se esquivava de qualquer censura moral que o fato de disputar com seu pai poderia lhe trazer. Isso ele faz de duas formas: primeira é usar um raciocínio lógico, a segunda é a forma interrogativa pela qual tal raciocínio é concatenado.

τίς γὰρ οὐκ οἶδεν, ὥς ἄνευ μὲν θεῶν εὐμενείας ἀμήχανόν τι χρηστὸν κατορθῶσαι, ταύτης δὲ τῆς συμμαχίας οὐκ ἔνι τυχεῖν τὸν περὶ τοὺς γονέας κακόν; οὐκοῦν τῇ μὲν νίκη θεοφιλῆς ἀναφαίνομαι, τῇ δὲ τῶν κρειττόνων εὐνοία καλὸς τῷ πατρὶ γηροτρόφος;

Quem não sabe que o sucesso é inconcebível sem o favor dos deuses e que sem essa aliança é impossível que um homem mau para com seu pai alcance o sucesso? Portanto, como mostra a vitória, sou um querido aos deuses e, como mostra a benevolência dos deuses, sou um belo cuidador do meu pai, não é?

Decl. 5 § 17

¹³⁵ Na passagem, a *protasis* é οἶδα τοίνυν, ὅτι τούτῳ πολλῶ χρήσεται τῷ λόγῳ; *hypophora* é πρεσβύτης διαμάχεται νέος, παῖς ἀντιλέγει πατρὶ; não há *antiprotasis* e a *lysis* é ὥς ἅπαντα τὰ τοιαῦτα πρεσβύτης ἐγὼ καὶ πατήρ, νέος οὗτος καὶ παῖς λόγων ἀπορία δικαίων ἐστίν.

O êxito é inconcebível sem o favor dos deuses.

PREMISSA MAIOR

Os deuses só concedem êxito aos que respeitam os pais.

PREMISSA MENOR

Eu obtive êxito, logo respeito meu pai.

CONCLUSÃO

A lógica do argumento, que se estrutura de modo similar a um silogismo, constrói-se através de duas premissas e uma conclusão; tanto as premissas quanto a conclusão são citadas em §17. Para que o silogismo alcance seu efeito, é preciso que ambas as premissas sejam verdades (ou que pelo menos pareçam ser). Essa crença de verdade é alcançada através das interrogações: a interrogação, uma vez que demanda uma resposta dos ouvintes (aqui afirmativa ou negativa, aos moldes da dialética), cria uma espécie de laço, de identificação entre o filho e a audiência. Desse modo, o argumento em §17 está imbuído tanto de um elemento patético - espera-se uma certa posição da audiência frente às perguntas -, como também de um elemento ético, pois a associação entre o favor dos deuses e o cuidado paterno gera uma impressão positiva do caráter do filho.

Tendo estabelecido uma boa impressão, o filho segue refutando a primeira hipótese de seu pai, a de que filhos devem em tudo obedecer aos pais. A primeira forma refutatória empregada (§§16-18) relaciona-se à conceituação tradicional da relação pai-filho como senhor-servo. Aos olhos do herói, pais e filhos não têm o mesmo tipo de relação servil vista entre um servo e seu senhor.¹³⁶ Como prova que sustenta sua alegação, o herói traz à tona o próprio contexto da assembleia, em que ambos (pai sovina e filho herói) são ouvidos de forma imparcial. O pensamento, novamente, é concluído por uma pergunta retórica - possivelmente endereçada ao pai, haja vista a apóstrofe da sentença anterior (ὦ πάτερ) - cuja resposta negativa fica subentendida.

ἔχω μὲν οὕτως, ὡς ἔφην, οἶδα δὲ τὴν φύσιν οὐ τοῖς αὐτοῖς περικλείουσιν ὅροις
δεσπότης τε καὶ γονεῖς· τοῖς μὲν γὰρ δέδοται βιάζεσθαι τοὺς οἰκέτας, γονεῦσι δὲ
περὶ τέκνα πειθῶ πρέπει μᾶλλον ἢ βία. ὁρᾷς, ὦ πάτερ, ἐκκλησίᾳ συνέστηκεν

¹³⁶ A aproximação entre a relação privada pai-filho e a pública mestre-servo (no caso tirano-escravo) aparece em Arist. *EN*. 8.x.4-xi. Aristóteles diz que a relação pai-filho é do tipo real (ἡ μὲν γὰρ πατὴρ πρὸς υἱεῖς κοινωνία βασιλείας ἔχει σχῆμα· τῶν τεκνῶν γὰρ τῷ πατρὶ μέλει. - A relação entre pai e filho é a do tipo real. O pai deve zelar pelos filhos) entre os gregos, mas entre os persas é do tipo tirânica, pois os persas têm o costume de fazer os filhos de escravos.

ἀμφοτέροις καὶ μετὰ τῆς αὐτῆς ὁ δῆμος ἀκροᾷται σπουδῆς τῶν ἐκατέρου δικαίων.
ποῖος ταῦτα θεράπων εὐτυχεῖ πρὸς δεσπότην;

Como disse, assim penso: sei que a natureza não distingue os mesmos limites para mestres e pais. Aos primeiros, a natureza permite usar da força com os criados, aos pais, o persuadir os filhos é mais conveniente do que a força. Tu percebes, pai, que a assembleia reúne-se para ambos e que o povo ouve cada caso com seriedade. Qual servo tem tal vantagem para com seu mestre?

Decl. 5 § 18

Mesmo se a relação pai-filho fosse servil, há situações nas quais filhos não devem obedecer aos pais. Essa é a segunda refutação desenvolvida pelo herói (§19). Como prova, menciona-se a guerra que acontecera há pouco (ἡμῖν ἔναγχος πόλεμος ἦν - §19). A partir do exemplo da guerra, confabula-se sobre um possível fim da mesma se pais obrigassem filhos a ficarem em casa. Em um nível estilístico, a exposição desse raciocínio é marcada pelo uso da ironia.¹³⁷ A conclusão lógica é exposta de modo irônico: καλῶς γε ἂν ἡ πόλις ἀπῆλλαξεν ("a cidade teria um belo fim", ou, mais literalmente, "a cidade terminaria de uma forma bela"). O advérbio καλῶς confere, portanto, uma certa ironia à passagem: a cidade não terminaria bem, mas sim seria derrotada. O jovem, deste modo, apropria-se de uma ideia positiva ("belamente") para descrever algo negativo (a derrota). Como nota Lausberg (§582), a ironia é utilizada quando o orador tem a certeza de que seu argumento é persuasivo e de que há a simpatia do público para sua causa. Quintiliano¹³⁸ relaciona a ironia ao caráter do orador: as palavras devem ser compatíveis ao caráter de quem fala. Nesse sentido, vale relembra a observação da *theoria*, segundo a qual o filho será insolente em alguns momentos. A conclusão irônica desse argumento, certamente, confere uma carga de atrevimento, coerente ao caráter de um jovem alçado a uma posição militar de destaque.

Nos parágrafos sequenciais, §§19-21, alguns tipos de argumentos ligados à lei são utilizados, conhecidos por termos técnicos *intenção do legislador* (γνώμη νομοθέτου) e *letra e intenção* (ῥητόν καὶ διάνοια). Quanto ao primeiro caso, intenção do legislador, o raciocínio desenvolvido é o de que o legislador excluiu os pais do escopo da lei do heroísmo.

¹³⁷ Sobre as teorizações acerca dessa figura de linguagem, Cf. Quint.8.6.54; [Cic.] *Rh. Her.* 4.46.

¹³⁸ 8.6.54 *et seq.*

καὶ μήν, εἰ γονεῦσιν ἐχρῆν ἅπαντα πείθεσθαι, οὐκ ἂν τοὺς ἀριστεάς ὁ νομοθέτης ἐκάλει πρὸς ἐξουσίαν ἢς ἐθέλουσι δωρεᾶς, πάντως δ' ἂν, οἶμαι, προσέγραψεν· ὅτῳ δὲ τῶν ἀριστέων ἔτι τυγχάνει περιῶν ὁ πατήρ, τοῦτον τὸ δοκοῦν τῷ φύσαντι γέρας αἰτεῖν.

Se fosse obrigatório obedecer aos pais em todas as situações, o legislador não chamaria os heróis para escolher os prêmios que querem; com certeza, penso eu, ele escreveria: "Se o pai de um herói ainda vive, é necessário que ele escolha o prêmio".

Decl. 5 § 19

Além dos questionamentos acerca da lei, o herói evoca como prova os *judgments anteriores* (*praeiudicia*), um tipo de prova não técnica semelhante ao *exemplo*.¹³⁹ A estruturação lógica arquiteta-se a partir da analogia que o jovem estabelece entre seu pedido e compensações a heróis do passado:

Ἐτεροι μὲν οὖν ἴσως ἐν ἑτέροις πολέμοις εὐδοκίμησαντες γυναῖα πολιτῶν ἢ μνηστευθείσας ἤδη παρθένους ἐξ ἀριστείας ἐκτήσαντο ταῖς ἑτέρων ζημίαις ἑαυτοῖς χαριζόμενοι καὶ δημοσίοις εὐεργετήμασιν ἐνίων ἀναμίξαντες συμφοράς [...]

Talvez outros homens tenham se destacado em guerras anteriores e tenham tomado, pelo heroísmo, mulheres de cidadãos e donzelas já prometidas, alegrando-se com a perda alheia e combinando a infelicidade de alguns aos serviços prestados à comunidade.

Decl. 5 § 22

ὅτε τοίνυν ἀδικούσαις ἐνίοις τῶν οἰκητόρων τιμαῖς δωροῦνται τοὺς ἀριστεάς οἱ νόμοι, πῶς οὐ πᾶσιν ἂν εἴη κεχαρισμένος ἀνὴρ ἐκ μὲν τοῦ πολέμου τὸ κοινὸν ὠφελήσας, ἐκ δὲ τῆς δωρεᾶς ἀδικήσων οὐδένα;

Já que a lei gratifica heróis por suas honras, mesmo que elas firam o direito de alguns cidadãos, como um homem que cuidou da comunidade na guerra e que não ferirá ninguém com seu pedido não será agraciado por todos?

Decl. 5 § 23

A segunda hipófora paterna parece em §26 e inaugura o ponto capital *utilidade*, no qual a tese a ser comprovada é a de que o matrimônio com a pobre oferece mais vantagens do que o com a preferida pelo sovina. O primeiro argumento utilizado para apoiar a tese de que a pobre é uma esposa preferível é o de que o dote não define um casamento bem-sucedido, mas sim as qualidades da mulher enquanto esposa e dona de casa. A tese é apresentada no

¹³⁹ Cf. Quintiliano, 5.2.1; *Rh. Her.* 2.19.

parágrafo 27, mas é desenvolvida entre os parágrafos 33 e 39, nos quais o herói expõe, através de uma série de argumentos por probabilidade, seus motivos para acreditar que a pobre seja a mais adequada; são eles: 1. (§33; §35) ela seria uma melhor esposa, pois, ciente de sua classe social inferior, tentaria compensar a falta de dote sendo a melhor dona de casa e sendo mais submissa ao marido; 2. (§34) a filha gerada por eles seria bonita como a mãe e não precisaria de um dote volumoso para achar um pretendente; 3. (§36-9) o casamento com a rica seria marcado por brigas, pois ela notaria a paixão que o jovem alimenta pela outra. Isso seria motivo de fofoca na cidade e seu destaque militar seria posto em cheque; além disso, ela seria mais suscetível ao adultério, pois, ao perceber que seu marido não a deseja, procuraria os prazeres fora de casa.

O tópico da servidão ao dote, explorado em §33 e §35, é tradicional no pensamento ateniense e é desenvolvido em textos cômicos. Hunter (1985: 91) lista fragmentos de comédia nos quais é possível encontrar reclamações de maridos acerca dos dotes das esposas e imagina que nesses fragmentos a mulher alvo de invectiva fosse uma "herdeira".¹⁴⁰ O casamento com uma mulher rica que não possui o pai ou irmão para atuar como *kyrios*, certamente, deveria soar atrativo aos mais gananciosos, como é visto em *Aspis*, de Menandro, peça cujo enredo envolve o casamento com uma herdeira.¹⁴¹ O pressuposto poder conferido pelo largo dote é também motivo de comentário a Aristóteles. Em *Ética a Nicômaco* (8.1161a1-3), Aristóteles fala que, em algumas famílias, são as mulheres que comandam a casa, pois são herdeiras.

No parágrafo 28, o herói fala sobre mulheres bonitas como prêmios aos atletas vitoriosos em competições esportivas (γυμνικὸν ἀγῶνα §28) e, no parágrafo 29, comenta o costume de contabilizar mulheres bonitas entre os espólios de guerra e de gratificar os melhores guerreiros com as cativas que desejarem. Essas duas práticas são invocadas pelo jovem como constatações de que a mulher bonita é um prêmio tão desejado quanto o próprio dinheiro. Assim como a servidão ao dote, essas práticas encontram respaldo em textos literários canônicos. No caso, a referência para ser clara: se trata do universo retratado na

¹⁴⁰ Os fragmentos em questão são: Alexis fr. 146; Antifanes fr. 329; Menandro. fr. 579, 581-2, 593 Körte-Thierfelder.

¹⁴¹ Cf. *Aspis*, vv. 200-1, no qual Davo fala sobre o casamento entre Esmícrines e a jovem herdeira.

Iliada. Quanto ao guerreiro de maior destaque ser gratificado com a cativa que desejar, a lembrança evocada é o certame entre Aquiles e Agamêmnon acerca de seus prêmios no primeiro canto do poema. O costume de premiar atletas com mulheres belas, por sua vez, aparece no canto 23 da *Iliada*, na ocasião dos jogos fúnebres a Pátroclo. Ambas as passagens, a homérica e a coriciana, são dadas abaixo:

28. καὶ τοῦτο ῥαδίως ἐκέϊσε βλέψας μαθήσῃ· τεθέασαι γυμνικοὺς ἀγῶνας πολλάκις, εἶδες **ἄθλα** προκείμενα τοῖς νικῶσι **τρίποδας, λέβητας**, ἄλλα πρὸς ἀργύριον φέροντα. συναριθμεῖται δὴ ταῖς ἐπινικίοις τιμαῖς **ώραία γυνή**, καὶ τὸν ἀθλοθέτην οὐδεὶς ἐλοιδόρησε πώποτε φαυλίσας τὸ δῶρον, φιλόκαλος δέ τις καὶ λαμπρότερον εἶναι τῶν ἄλλων ᾤηθη. 29. οὐ τοίνυν μόνον οἱ πρὸς τέρψιν ἀγῶνες τοῦτο δηλοῦσιν, ἀλλὰ καὶ τοῖς πολέμοις ἴσον ἐνίκησεν ἔθος. ἀλούσης γὰρ πόλεως καὶ λαφύρων ἐν κοινῷ προκειμένων, οἷοις ἀμείβονται τοὺς νικῶντας οἱ πόλεμοι, οἱ μὲν ἄλλοι τὴν ἄλλην μερίζονται λείαν ὅση τείνει πρὸς κέρδος, ὁ δὲ τὰ πλεῖστα κατωρθωκῶς ἅπειςιν ἐνίοτε τὴν καλλίστην ἐκλεξάμενος τῶν αἰχμαλώτων.

28. Isso tu compreenderias observando o seguinte: tu presenciaste muitas disputas de lutas, viste prêmios oferecidos aos vencedores, **tripés, caldeirões**, que valem dinheiro. Contabiliza-se, entre as honrarias para o vitorioso, também **a mulher bonita**. O homem admirador da beleza jamais discutiu com um juiz, nem fez pouco do prêmio, ele pensa que ela é mais distinta que todas as outras coisas. 29. Não apenas as disputas que têm em vista o entretenimento mostram isso, mas também sempre que um costume semelhante prevalece na guerra. Uma vez que a cidade é capturada e que os espólios jazem em público, com os quais as guerras presenteiam os vencedores, outros dividem o espólio restante, tanto quanto ele se estende ao lucro. Por outro lado, o homem que mais se destacou parte tendo escolhido a mais bela das prisioneiras.

Decl. 5 §28-9 (grifo meu)

[αὐτὰρ Ἀχιλλεὺς
αὐτοῦ λαὸν ἔρυκε καὶ ἴζανεν εὐρὺν ἀγῶνα,
νηῶν δ' ἔκφερ' ἄεθλα **λέβητάς τε τρίποδάς τε**
ἵππους θ' ἡμιόνους τε βοῶν τ' ἵφθιμα κάρηνα,
ἦ δὲ **γυναῖκας ἐϋζώνους** πολίων τε σίδηρον
ἵππεῦσιν μὲν πρῶτα ποδώκεσιν ἀγλά' ἄεθλα
θῆκε γυναῖκα ἄγεσθαι ἀμύμονα ἔργα ἰδυῖαν
καὶ τρίποδ' ὠτῶεντα δυωκαεικοσίμετρον
τῷ πρῶτῳ· ἀτὰρ αὖ τῷ δευτέρῳ ἵππον ἔθηκεν
ἐξέτε' ἀδμήτην βρέφος ἡμίονον κεύουσιν·
αὐτὰρ τῷ τριτάτῳ ἄπυρον κατέθηκε λέβητα
καλὸν τέσσαρα μέτρα κεχανδότα λευκὸν ἔτ' αὖτως·
τῷ δὲ τετάρτῳ θῆκε δὺν χρυσοῖο τάλαντα,
πέμπτῳ δ' ἀμφίθετον φιάλην ἀπύρωτον ἔθηκε.

[Porém Aquiles
reteve ali o povo e fê-los sentarem-se em ampla reunião.
Das naus trouxe prêmios: **caldeirões e tripodes**,
cavalos e mulas, e robusto gado bovino;

mulheres de belas cinturas e o ferro cinzento.

Para os célebres aurigas colocou primeiro gloriosos prémios:
uma mulher para levarem, conhecedora de irrepreensíveis labores,
e uma trípole de orelhas com capacidade de vinte e duas medidas,
para quem fosse o primeiro; para o segundo colocou uma égua de seis anos,
indomada, que estava para parir uma mula;
para o terceiro colocou um caldeirão, intocado pelo fogo,
belo, com capacidade para quatro medidas, ainda branco;
para o quarto colocou dois talentos de ouro;
e para o quinto, uma urna de asa dupla, intocada pelo fogo.

Il. 23. vv. 257-70

(Trad. Frederico Lourenço - grifo meu)

A contestação do argumento paterno segundo o qual o casamento com a rica é mais vantajoso envereda para dois caminhos: o primeiro é mostrar que o casamento não é vantajoso ao próprio herói (§§ 30-39); o segundo é mostrá-lo danoso à pátria (§§40-1). O tópico de se questionar o benefício que a decisão trará à comunidade é característico do gênero deliberativo. Segundo o raciocínio do filho, o casamento com a pobre é mais vantajoso à pátria, pois demonstra aos jovens que o destaque na guerra é, de fato, recompensável. Sendo assim, os jovens treinarão nas artes bélicas com mais afincio, pois seriam mais ambiciosos em decorrência do prêmio.

A terceira hipófora aparece em §44, em que se lê:

Τί οὖν; ἔτι πιθανὸς ὑπολείπεται λόγος τοῖς ἐθέλουσιν ἐγκαλεῖν; ὑφορῶμαι, φησί, μὴ πολλὴν ἀδοξίαν ὀφλήσης εἰς τοσοῦτο κατενεχθεὶς ἀκρατείας, ὥς ἐλάττω τῆς ἀξίας ἀγαγέσθαι γυναῖκα.

O que, então? Ainda resta algum argumento persuasivo para aqueles que me acusam? O pai diz: "Eu suspeito que tu nutrirás muita má reputação perdendo o autocontrole, de modo a casar com uma mulher inferior ao teu valor".

Decl. 5 §44

O terceiro argumento paterno tem relação com a reputação do filho e relaciona-se ao ponto capital *honorabilidade*: para o pai, se o filho casasse com a moça pobre, ele seria acusado de falta de autocontrole (ἀκρατεία) e, portanto, alimentaria uma má reputação (πολλὴν ἀδοξίαν). A primeira estratégia escolhida pelo herói em sua refutação do argumento paterno é o de invalidá-lo; ele diz se tratar de uma preocupação exacerbada, cuja ocasião não é a presente. Em seguida, como reforço de seu ponto de vista e também como uma forma de

introduzir o apelo patético, o herói tece uma série de interrogações retóricas acerca do curso das ações que o levariam à condenação por falta de autocontrole:

ὅτι μὲν ὑπὲρ τῆς ἐμῆς δόξης ἀγωνιᾷς, οὐ μετρίως εὐφραίνομαι· πατρικὴν γὰρ ἐντεῦθεν ὁρῶ σου κηδεμονίαν, ἣν τοσοῦτον ἐμοὶ πλέον ἐμφαίνεις, ὅσον οὐκ ἔχει σοι λόγον ὁ φόβος· ἡ γὰρ ἔμφυτος εὐνοία καὶ παρὰ καιρὸν οἶδε φροντίδας ἐμβαλεῖν φιλοστόργῳ πατρί. τί δὲ τοιοῦτον ἐάλωκα πράξας, οἷον ἂν ἀκρατὴς ἐτόλμησε νανίας; ἐνέδρα χρησάμενος, ὅθεν αἰεὶ προϊοῦσαν ἐώρων, φυλάξας ἐρημίαν καὶ σκότος ὥχόμην ἀρπάσας; ἡλικιώτας συναγαγὼν καὶ παραλαβὼν αὐλητρίδας παρὰ τὰς ἐκείνης ἐκώμασα θύρας; ἡ ταῦτα μὲν ἀνεδυστόμητον ποιεῖν, μεστὰ γὰρ ἀναισχυντίας, ἐλάττονι δὲ τὸν πόθον ἀνεκούφιζον ἀναιδεία, καὶ διηκόνει τις ἐμοὶ πρὸς τὴν χρεῖαν οἰκέτης ἀπάγων τε καὶ φέρων τὰς ἀποκρίσεις, οἷα τοῖς ἐρῶσιν εἰς παραμυθίαν ἐξεύρηται;

Eu fico feliz, até mais que o devido, que tu te preocupas com a minha reputação. Vejo o teu cuidado paternal aí, que tu revelas tão abertamente que o teu medo não tem razão. O afeto, que é natural, parece trazer preocupações ao pai amoroso quando não há ocasião. O que um rapaz sem autocontrole ousaria fazer que eu fui pego fazendo? Tomei um assento de onde sempre a via sair, esperei o lugar ficar vazio e escuro e parti tendo-a sequestrado? Reuni os amigos e contratei uma flautista e lhe compus uma serenata em sua porta? Ou hesitei em fazer essas coisas repletas de despudor e aliviei minha paixão de um modo menos vergonhoso, através de um criado que me servia, levando e trazendo as respostas, o tipo de coisa inventada pelos apaixonados como consolo?

Decl. 5 § 45

As interrogações, como já foi dito em outro passo da análise, pressupõem que as ações sobre as quais incidem as perguntas não aconteceram; sendo assim, o jovem se livra de qualquer acusação que poderia ferir sua reputação. Não há, no entanto, nenhuma tentativa de defesa quanto à acusação de não ter podido superar sua paixão, que pode ser um comportamento decorrente da carência de autocontrole. O rapaz assume a paixão, mas tenta mostrar que, nas condições dadas, seu desejo não se configura como algo repreensível moralmente: ele é jovem e solteiro, se apaixonou por uma jovem sem pretendentes e soube controlar seus instintos e não fez nada das coisas impudentes costumeiras aos apaixonados, mas não sem antes ter tentado esquecer a garota. Todo esse percurso argumentativo já é adiantado na *theoria*:

τὸ μὲν οὖν κράτιστον ἦν ἔρωτος εἶναι κρεῖττω τὸν παῖδα· ἐπεὶ δὲ τούτου διήμαρτε, κατὰ δεύτερον, φασί, πλοῦν τὸ μὴ δοκεῖν ἀσελγῆς ἀγωνίζεται τῷ τε νῦν πρῶτον

ἐρᾶν τῷ τε μὴ βία τὴν κόρην λαβεῖν καὶ τῷ μηδὲν ἀπλῶς εἰς ὄνειδος φέρον, οἷα τοῖς ποθοῦσιν ἔθος τολμᾶν, διαπράσσθαι.

Melhor seria se o filho fosse mais poderoso do que o amor. Uma vez que ele falhou nesse quesito, a segunda melhor opção, dizem, é fazer com que ele não pareça um depravado, sublinhando que esse é seu primeiro amor, que não tomou a jovem à força e que não fez nada censurável, coisa habitual de ser feita pelos apaixonados.

Decl. 5 th. § 4

A refutação da terceira alegação do pai é marcada pelo uso de símiles. Duas são as passagens nas quais o jovem propõe uma comparação:

τούτων οὐδὲν ἐγὼ ποιῆσαι προήχθην καίτοι δεόμενος τοιαύτης ψυχαγωγίας, καὶ γὰρ ἀήθης ὑπῆρχον τοῦ πράγματος, βαρύτεροι δὲ τοῖς σωφρονοῦσιν οἱ ἔρωτες **καθάπερ** τοῖς ὑγιαίνειν εἰωθόσιν αἱ νόσοι.

Eu jamais fui movido a fazer nada disso e, embora precisasse desse alívio, não tenho esse costume. O amor é mais pesado para o casto, **assim como** as doenças para os acostumados a serem saudáveis.

Decl. 5 § 47 (grifo meu)

[...] καὶ πρὸς θάτερόν μοι τὸ πρᾶγμα περιστρέφετο. **ὥσπερ** γὰρ νοσῶν τις δειλίαν ἐν ἐρημίᾳ καὶ σκότῳ βαδίζων περιδεὴς ἐντεῦθεν, οἷα συμβαίνει, γινόμενος ὅσον ἀποτρίψασθαι πειρᾶται τὸν φόβον, τοσοῦτον αὔξει τὸ δέος, οὕτω δι' ὧν ἐπεχέιρουν ἀποσβέσαι τὸ φίλτρον, ἐλάνθανον μᾶλλον ἐξάπτων.

O contrário me aconteceu, como um homem que se acovarda e se amedronta, **como** é de se esperar, ao andar por um lugar ermo e escuro. Quanto mais ele tenta afugentar o medo, mais o pavor cresce. Assim, tentei acabar com o encantamento, mas, sem saber, me deixei levar.

Decl. 5 § 49 (grifo meu)

Ambos os símiles comparam o estado mental do rapaz (a moderação no primeiro e a vontade de esquecer a garota no segundo) com situações costumeiras (as doenças aos saudáveis e o medo ao homem que vaga só por um lugar escuro e ermo), que podem ser compreendidas a partir da experiência humana ou da natureza. Na Retórica Clássica, o símile é tanto um tipo de prova, relacionado ao exemplo, quanto uma figura estilística cuja função é puramente estética.¹⁴² No caso, de uma perspectiva argumentativa, as duas comparações, na medida em que fornecem uma demonstração palpável e de fácil compreensão dos estados

¹⁴² Cf. Aps. Rh. 8; Quint. 5.11.5.

mentais do rapaz, exercem a função de argumentos pelo exemplo; elas, ao mesmo tempo, conferem credibilidade ao que fora exposto pelo rapaz, mas também o livram da acusação de ter se apaixonado de forma voluntária. Esse efeito é alcançado, sobretudo, pela comparação entre amor e medo: o medo, assim como o amor, é um sentimento que não há como se controlar.

Um movimento retórico notável ao final do terceiro ponto capital é o que se conhece como *retratação* (συγγνώμη). Quando se reconhece que houve um ato, mas se busca fazer com que ele seja julgado de acordo com as circunstâncias daquele próprio caso, uma das coisas que podem ser feitas é pedir o perdão. Algo semelhante é visto no início do parágrafo 50, no qual o garoto diz que se apaixonar não é algo alheio ao perdão (Οὐ μὴν ἔξω συγγνώμης τι πεπονθέναι). Em sua visão, o fato de ele ter se apaixonado é algo a ser perdoado, pois ele é jovem, *i.e.* está em uma idade em que se permite tal liberdade, e ambos são solteiros.

O quarto ponto capital é dedicado à refutação da hipófora de acordo com a qual o jovem, ao se casar com a pobre, forneceria um mau exemplo à juventude da cidade. Assim sendo, o debate passa a ser acerca das consequências que o matrimônio com a moça bonita traria à cidade, podendo ser entendido como um ponto capital *consequência* (ἐκβησόμενον), se o esquema de Hermógenes for adotado.¹⁴³ O pai alega que o filho seria o responsável pela desonra dos pais por parte dos filhos que, apaixonados, tentarão de todas as formas conseguir o querem:

ὅτι γυναῖκα, φησὶν, ἣν στέργεις λαβὼν οὐκ ἔῃς τοὺς ἐρῶντας τῶν νέων πειρᾶσθαι τὸ πάθος ἐκκόπτειν ἐλπίδα παρέχων αὐτοῖς τῆς ἐπιθυμίας τυχεῖν αἰτιός τε γενήσῃ τοῦ παρὰ τῶν παίδων ἀτιμάζεσθαι τοὺς γονεῖς.

O pai diz: "Tomando a moça que amas tu não permitirás que os jovens apaixonados tentem superar a paixão, tu forneceras a eles uma esperança de conseguirem o que querem e te tornarás o responsável pela desonra dos pais por parte dos filhos".

Decl. 5 § 51

O pai deixa de mencionar, contudo, que o filho só se casaria com a mulher que ama por ser um herói de guerra. A refutação do filho se apóia justamente nesse ponto: ele só

¹⁴³ Hermog. Stat. §79.

querela com o pai por ter poder legal, conferido pelo heroísmo, para tal. Por probabilidade, então, o jovem impele os apaixonados não à desonra, mas às atividades bélicas que, se bem executadas, levam ao heroísmo:

γυναῖκα μὲν οὖν ἦν στέργω λαβὼν παράκλησις γίνομαι τῇ νεότητι πρὸς πολεμικὴν ἀρετὴν, διαμαρτόντος δέ μου τοῦ γέρω· εἴτα μιᾶς δωρεᾶς ἀφαιρέσει πασῶν ἀπίστων γενησομένων καὶ τῆς περὶ πολέμους ἀσκήσεως συναπολλυμένης τῇ πίστει τῶν ἀμοιβῶν πρόχειρον ἔσται θήραμα τοῖς ἐναντίοις ἢ πόλις.

Tomando a mulher que desejo, eu me torno um incentivo aos jovens para a virtude guerreira. Se não conseguir a minha recompensa, a recusa desse único prêmio tornará todos os que virão incertos e o treinamento bélico será destruído pela confiança nas recompensas. A cidade se tornará uma presa fácil aos inimigos.

Decl. 5 § 53

Entre os parágrafos 55 e 57, nota-se a utilização de um recurso argumentativo no qual uma suposta afirmação do oponente não é refutada ou contestada, mas sim interpretada de modo favorável à parte oposta. Em § 55, a afirmação do pai é reproduzida: ὅτι νενικημένοι, φησὶν, ἄρδην οἱ δυσμενεῖς πρὸς δευτέραν ἀπογνώσσονται πεῖραν (lit: ele diz que, vencidos, os inimigos desistirão de tentar um segundo [ataque]). O jovem interpreta a fala do pai como um elogio às suas habilidades bélicas, pois, se o dito for mesmo verdade, ele afungentou o inimigo de uma vez por todas a partir de uma única vitória. A lógica do argumento do filho é a seguinte: como os inimigos retrocederam de uma vez por todas, não haverá mais guerras, portanto não haverá mais heroísmo e o heroísmo é a única forma de os filhos desonrarem os pais ao tomarem o que desejarem. A conclusão do raciocínio do jovem se dá em §57; o herói conclui que ele não só é um modelo de moderação, mas também é o salvador da pátria:

ἀνήρηται τοῖς νέοις ἢ τοῦ δουλεύειν ταῖς ἡδοναῖς ἀφορμή, ὥστε μιᾶ νίκη διπλὴν εὐεργεσίαν ὑμῖν προὔξεν· ἑλευθερίαν ἅμα καὶ σωφροσύνην.

A origem da escravidão aos prazeres foi extirpada dos jovens, de modo que através de uma única vitória eu vos providenciei um benefício duplo: a liberdade e a moderação.

Decl. 5 § 57

Tanto a hipófora encontrada em §58 quanto a de §63 inauguram pontos capitais alheios aos *telika kephalaia* da *stasis* pragmática de Hermógenes.¹⁴⁴ Isso demonstra o pragmatismo próprio da retórica e o divórcio entre teoria e prática. O próprio Hermógenes pressupunha a omissão ou a adição de pontos capitais ao sabor da situação: "devemos dizer somente o que parecer apropriado" (*Stat.* 78). Desta forma, é interessante sublinhar que a hipófora em §58 não parte do sovina, o adversário do herói, mas sim de um outro cidadão, um τις, que, segundo o jovem, age por inveja (ἐπίφθονος - "suscetível à inveja").

A argumentação do jovem, desde o proêmio, é constantemente reforçada por elementos construtores de um cenário no qual a principal característica moral do herói é ser subserviente ao pai. Na visão de Russell, citar uma acusação que parte de uma pessoa alheia ao litígio é um modo de resguardar o pai, de "preservar a decência do pai", nas palavras do estudioso e, portanto, estaria de acordo com o elemento que mais norteia a argumentação na *Decl.* 5.¹⁴⁵ Certamente, essa é uma interpretação válida, mas a transferência da hipófora do pai para um outro alguém também está relacionada à necessidade imperativa que o jovem sente em se explicar diante de sua comunidade. Corício prevê uma recepção pouco favorável por parte dos membros da assembleia ao caso trazido ao tribunal pelo herói; a dificuldade argumentativa de se contrapor pai e filho, riqueza e pobreza, é ressaltada no comentário (*Decl.* 5 *th.* § 2). Em minha opinião, Corício põe o reproche na boca de um cidadão qualquer não para resguardar o pai, mas sim porque corresponde a uma censura que, provavelmente, seria engendrada entre os cidadãos se o caso fosse real.

Ao invés de lançar mão de probabilidades, silogismos ou exemplos na tentativa de contestar a acusação levantada pelo "alguém", o herói prefere elaborar uma narração minuciosa, detalhada e estilisticamente ornamentada do momento em que primeiro ouviu rumores de uma guerra até seu retorno à cidade como vitorioso. A narração se inicia no parágrafo 59 com uma interpelação aos ouvintes (ἀναμνήσθητε - "lembrai-vos"), estratégia

¹⁴⁴ Hermog. *Stat.* §76.

¹⁴⁵ Cf. RUSSELL 1983: 104-5: *The speaker states, as is usual, a number of imaginary objections which he then proceeds to answer. One of these is the suggestion that he fought in the war in order to win the girl, not out of patriotism. But he does not attribute this outrageous suggestion to his father, but to an unknown citizen who 'no doubt was not there when the war broke out'. Once again, the father's decency is preserved.*

pelo qual a atenção da audiência é despertada. A ordenação dos eventos é cronológica, respeitando o princípio da clareza próprio às narrativas; conta-se desde o momento em que um mensageiro trouxe a notícia da guerra até quando o jovem, já herói, retorna à cidade. De um ponto de vista da ornamentação, a narração se caracteriza pelo uso de um *símile*. Tal *símile*, que ocupa grande parte do parágrafo 60, compara o poder de uma senhora sobre sua escrava e o da cidade sobre o pensamento do jovem. Deste modo, essa comparação opera quase como um argumento pelo exemplo, uma vez que ilustra, a partir de um elemento retirado do cotidiano (a relação serva-senhora), a proposição que o jovem busca confirmar: ele como um patriota.

Entre, especialmente, os parágrafos 61 e 62, vê-se uma amplificação da narração do momento em que o herói retorna da guerra, i.e. a linguagem empregada é ornamentada e de caráter descritivo, de modo a engrandecê-lo. Isso se dá especialmente pelo uso de conjunções (*ἐνταῦθα/ τοίνυν*), pela questão que introduz a descrição do evento (*τίνα δὴ τρόπον;*) e pela imagem que ele constrói da jovem ao observá-lo (*ἐδόκουν γὰρ ὑπὸ ταύτης ὁρᾶσθαι*). A função desses recursos estilísticos está aliada à geração de afecções nos ouvintes; é como se o momento fosse presentificado diante dos olhos da audiência de uma maneira que os sentimentos positivos sentidos por ocasião do retorno do herói cantando vitória fossem novamente rememorados e sentidos no contexto presente da assembleia.

61. ὥς δὲ κατὰ νοῦν ἡμῖν ὁ πόλεμος ἔληξε καὶ τοῦ τροπαίου τὸ πλεῖστον ἔργον ἐμὸν ἐνομίσθη, τότε τρυφήσας τῇ τύχῃ καὶ νίκῃς εὐφροσύνη μεθῶν ἀπέδωκά μου τὸν λογισμὸν τῇ παρθένῳ. τίνα δὴ τρόπον; ἀνεχώρουν μὲν τῆς μάχης, ὥς ἐβουλόμην. ἄνδρες δὲ καὶ γυναῖκες ἐξ αὐτῶν με πυλῶν ἐπὶ τὰς ἐμὰς παρέπεμπον θύρας τὸν ἀριστέα, τὸν φιλόπολιν ὀνομάζοντες. 62. ἐνταῦθα τοίνυν ἐξίστατο μὲν ὁ πρὸ τῆς μάχης ἐνοχλήσας μοι φόβος, εἰσῆι δέ με πάλιν ἡ κόρη, ἐδόκουν γὰρ ὑπὸ ταύτης ὁρᾶσθαι, καὶ σοβαρώτερον ὥς θεωρούσης ἐβάδιζον νικηφόρον αὐτῇ μηνύων τὸν ἐραστὴν ἔχαιρόν τε δοκῶν ἐκ τῆς νίκης καλλίων γενέσθαι καὶ πρὸς ἕκαστον ἔβλεπον τοῦτο παρὰ πάντων ἐλπίζων ἀκούειν. ταῦτά μοι τὴν ἐκείνης εἰσήγαγε μνήμην. οὐκ οὐκ ἐγὼ διὰ ταύτην εἰλόμην προκινδυνεύσαι τῆς πόλεως, ἀλλ' ὑφ' ἡδονῆς τοῦ σῶσαι τὴν πόλιν ἀνευωσάμην τὸν πόθον.

61. Como a guerra havia terminado como desejávamos e o meu serviço foi considerado o mais digno de troféu, por essa razão eu me dei ao luxo e, embriagado pela felicidade da vitória, deixei meu pensamento ser levado pela garota. Como? Eu voltei da batalha, como queria. Homens e mulheres de seus portões à minha porta me acompanhavam, eu, o herói, e me chamavam de patriota. 62. Nesse momento, o

medo que se apoderou de mim diante da batalha foi embora. Aí, a jovem voltou ao meu pensamento. Parecia que ela me observava e à medida que ela me via, eu andava ainda mais pomposo, mostrando a ela que o homem que a amava era o vencedor. Me agradava pensar que havia ficado mais bonito pela vitória e olhava para todos, na esperança de escutar isso de cada um. Isso é o que me trouxe a lembrança dela. Portanto, eu não escolhi enfrentar o risco em nome da cidade por ela, foi pelo prazer de ter salvado a cidade que eu renovei minha paixão.

Decl. 5 §§ 61-62

Em §62, menciona-se ainda um segundo argumento refutatório: o de que a jovem, uma vez que é a responsável pela vitória (αἰτία τῆς νίκης), deve receber um prêmio à altura, um noivo apaixonado (νυμφίον ἐρῶντα). Esse segundo argumento, contudo, não é explorado; uma das razões pode ser o fato de que, segundo esse raciocínio, o herói se comportaria de modo impudente (vai à guerra por amor), algo que não condiz com o caráter patriótico e moderado que ele tenta construir para si.

A última hipófora é trazida em §63 e é referida como προσβολή, que literalmente significa "ataque", "investida contra".

Μία τοῖνυν ἔτι παρὰ τοῦ φύσαντος ἐμὶ λείπεται προσβολή. τίς οὖν ἔστιν αὕτη; εἰ τῆς εὐπορούσης τὸν γάμον, φησίν, ἀποφεύγεις ὥς ἀνεράστου τὴν θέαν, ἀνάσχου βραχείας ἀναβολῆς· τάχα σοι καλὴν ὁμοῦ καὶ πλουτοῦσαν εὐρήσω γυναῖκα.

Uma outra alegação o pai tem contra mim. Ele diz: "Se tu foges do casamento com a rica por ela ser como uma visão indesejável, aguenta mais um pouco: eu encontrarei uma mulher que seja ao mesmo tempo bonita e rica".

Decl. 5 § 63

O jovem responde, primeiramente, destacando seu caráter moderado. No parágrafo 64, ele afirma que o Amor age com rapidez e não suporta lentidão. O herói, contudo, reserva esse argumento aos homens que não conseguem controlar seus desejos (λέγειν ἑτέρῳ μὴ φέρειν ἐπιθυμίαν εἰδότε - §64), que não é seu caso. Para ele, o que o pai propõe é descabido, pois é muito difícil encontrar uma moça tão bonita quanto a por quem está apaixonado, ainda mais somente entre as ricas. Se uma jovem tão bonita e rica fosse encontrada, mesmo assim ela não teria primazia diante de um juiz apaixonado, e os pais ficariam receosos de apresentá-la ao herói, sabendo de sua predisposição a não a aceitar. Toda a refutação se faz

por meio de argumentos por probabilidade; eventuais interrogações também evidenciam a improbabilidade de se encontrar uma jovem com tantos atributos:

δεδόσθω δ' οὖν καὶ τοὺς τῶν ἐπιγάμων γονεῖς τὰς ἐαυτῶν ἐπιδείξειν μοι παῖδας καὶ μὴ χείρονά μοι φανήσεσθαι τὴν ἐκείνῃ παραπλησίαν· τοῦ δὲ τοιαύτην ὑπάρχειν ἐν ἀδήλῳ κειμένου τίς ἐγγυήσεται μοι τὸν τῆς ζητήσεως χρόνον, ὥς οὐ φθάσει τις ἕτερος γυναῖκα ταύτην λαβών; οὐ λείπουσι γὰρ τοιαύτη κόρη μνηστῆρες. ἢ δεησόμεθα τῶν αὐτῇ προσηκόντων τοσοῦτον ἀναμεῖναι καιρόν, ὅσον ἑτέραν ζητοῦμεν καὶ τοὺς μεταξὺ μνηστεύοντας ἀποβάλλειν; καὶ τίς οὕτως ἐλεεινὸς ἢ γέμων ἀνοίας, ὃ ἀνέξεται τῆς ἡμετέρας ἀναβολῆς;

Que os pais das jovens núbeis apresentem a mim suas filhas e que uma, parecida com a amada, não me pareça inferior! A existência dela é incerta e quem me garantiria que durante o tempo da procura um outro homem não se anteciparia e a tomaria como esposa? Os pretendentes não abandonam uma jovem assim. Ou precisaremos que os parentes esperem pelo tempo em que procuramos outras e que rejeitem, enquanto isso, os pretendentes? Quem terá piedade ou será tolo a ponto de aguentar a nossa demora?

Decl. 5 § 66

A argumentação encerra-se com uma espécie de sumário que conclui a exposição da tese do jovem, qual seja a de que a pobre é preferível à outra. O período ἐπεὶ δὲ διενείμαντο ταῦτα, γίνεται μὲν τις ἐντεῦθεν εὐσχήμων ἀπολογία ("uma vez que foram divididas assim, eu tenho uma nobre defesa") parece servir como conclusão, pois a menção à "apologia" talvez rememore toda a argumentação exposta nos parágrafos anteriores.

ἔδει μὲν οὖν ἢ τὴν εὐπορον κόρην τῆς ἄλλης εὐτυχῆσαι τὴν φύσιν ἢ ταύτην ἐκείνης τὸν πλοῦτον, ἐν μιᾷ γὰρ ἐκάτερον συνελθὼν τὴν πρὸς ἀλλήλους ἡμῖν ἔλυσεν ἔριν· ἐπεὶ δὲ διενείμαντο ταῦτα, γίνεται μὲν τις ἐντεῦθεν εὐσχήμων ἀπολογία· τοσοῦτον τῆς ἐν πλούτῳ διαφορῆς αἰρετωτέραν τὴν εὐειδίῃ νομιστέον, ὅσον ἢ μὲν ἴσως ἂν εὖροι χρήματα – ἥδη γὰρ ἐρμαίῳ τινὲς περιέτυχον –, θησαυρὸν δὲ κάλλους οὐκ ἔνι. καὶ χρήματα μὲν τέχνη πολλὰ χορηγοῦσι καὶ πόνοι, τὸ δὲ κάλλος φύσεως μᾶλλον ἢ τέχνης ἔργον ἐστίν, ὥστε ταύτην μὲν ἔνεστι τῆς εὐπορουμένης ἔχειν τὸ πλεονέκτημα, τὸ δὲ ταύτης ἐκείνην ἀδύνατον κτήσασθαι.

A rica precisava ter a natureza da outra, que, por sua vez, deveria ter a riqueza da afortunada. Se tudo se reunisse em uma, nossa querela teria fim. Uma vez que foram divididas assim, eu tenho uma nobre defesa! A bonita deve ser mais preferível do que a rica, já que poderia adquirir posses (alguns já encontraram dinheiro assim como encontram estátuas), já a outra não pode encontrar um tesouro de beleza. Muitas técnicas e trabalhos produzem dinheiro, de modo que ela pode adquirir a vantagem da rica, mas a rica não pode adquirir a dela.

Decl. 5 § 67

Epílogo (§§ 68-74)

O epílogo da *Decl.* 5 inicia-se no parágrafo 68. No início, o rapaz alega ser natural o pai fazer pouco de uma mulher bonita, pois na velhice o desejo fenece e não há preocupação com o que é belo. Quanto a si próprio, diz ele, sua idade lhe permite preferir o belo e lutar por ele. Esse movimento de desqualificar a tese do pai baseando-se no caráter de ambos é uma forma de favorecer a causa do jovem, sendo, portanto, um estratagema que encontra espaço na teorização tradicional sobre o epílogo. Outro movimento argumentativo direcionado a desfavorecer a parte contrária é transferir ao pai a culpa pela tórrida paixão do herói. A passagem é ornamentada com um símile:

καὶ σύ με φιλονεικότερον ἐποίησας ἐραστήν δυσάλωτόν μοι καταστήσας τὴν ἄγραν.
οὕτως οἱ θηραταὶ τὰ δυσκολώτερα τῶν θηρίων μέγα ποιοῦνται λαβεῖν, βραχὺν δὲ
τῶν ὑπὸ χεῖρα τίθενται λόγον, ὥστε καὶ κατὰ τόνδε τὸν τρόπον εὐκαταφρόνητον
εἶναί μοι τὴν παρὰ σοῦ διδομένην.

Tu me fizeste um amante ainda mais ambicioso, impondo a mim uma presa difícil;
como os caçadores que pensam ser melhor abater o animal mais feroz, mas fazem
pouco daquele que está ao alcance das mãos, de modo que a mulher que tu me
propões é, desse modo, desprezível.

Decl. 5 § 69

Do fim do parágrafo 69 até o fim do 70, o jovem elucubra acerca das consequências nefastas que o casamento com a feia traria às suas atividades cívicas na ágora. Sua reputação seria abalada, pois suspeitaria que todos da cidade caçoam da feiura de sua esposa; isso o levaria, eventualmente, a se distanciar das atividades públicas:

ὅπου γὰρ ἂν αἰσθῶμαι τούτους ἡρέμα φθεγγομένους ἀλλήλοις, περὶ ἐμοῦ τε καὶ τῆς
γυναικὸς ὑποπτεύσω λαλεῖν. τί οὖν γένωμαι λεγόντων ἀκούων ἢ καὶ ἀκούειν δοκῶν·
οἷαν ὁ τῆς πόλεως ἀριστεὺς ἔχει γυναῖκα; ἢ ποίαν ἔξω καταφυγὴν, ὅταν ἐλαύνῃ με
χαλεπῶς οἴκοθεν μὲν ἢ θέα τῆς γυναικός, ἐξ ἀγορᾶς δὲ τῆς θεᾶς ἢ φήμη;

Quando eu perceber que eles sussurram algo uns para os outros, suspeitarei que
falam de mim e da esposa. O que me tornarei ao escutá-los falando ou ao pensar que
escuto "Olha o tipo de mulher que o herói tem"? Qual escapatória terei quando a
imagem da esposa me conduzir para fora de casa e o rumor de sua aparência me
levar para fora da ágora?

Imaginar as sequelas deixadas nos envolvidos pelo parecer do júri é um meio de incitar emoções no auditório, especialmente a piedade (*miseratio*).¹⁴⁶ O herói, nesse percurso, vale-se de um tópico especialmente familiar aos jurados da causa: a vida cívica. Quintiliano (6.1.11) comenta que, no epílogo, o orador deve dizer aquilo que mais o moveria (*ipse maxime moveretur*) se fosse um membro do júri (*si iudex esset*). Sendo assim, parece que o cenário pintado pelo herói, no qual suas atividades na ágora seriam afetadas pelo casamento com a feia, é imbuído de um apelo mais forte à piedade: fala em assembleia um rapaz cujo principal traço de personalidade é o bom serviço à comunidade. A menção ao fato de ele ser levado para fora da casa pela imagem desagradável da esposa feia, que sugere o adultério, também incita os jurados a lhe serem favoráveis; é uma forma sutil que dizer que, caso aprovassem o casamento com a feia, os jurados seriam os responsáveis por manchar o caráter, até então ilibado, do herói da cidade e, por extensão, da cidade ela mesma.

Em § 71, o interlocutor direto passa a ser o pai. O rapaz imagina o cortejo nupcial:

Οἱ πρώην ἡμῖν ἐπελθόντες τοιαύταις γυναίξιν συνοικοῖεν· ἀμφοτέροις δὲ πρέπει, σοὶ μὲν εἶναι καλῆς κηδεστήν, ἐμοὶ δὲ νυμφίον. ἐπὶ ταύτῃ με στεφάνωσον, πάτερ, ἄπτε μοι δᾶδα γαμήλιον. ὑμέναιος ἔσται δημοτελὴς καὶ χορὸς ἐν τοῖς γάμοις ἢ πόλις συνηδομένη τῷ πρώην αὐτὴν σεσωκότι τυχόντι τῆς ἐρωμένης. ἄσσονται μὲν ἄνδρες εὖφημα μέλη, ἄσσονται δὲ γυναῖκες τοιαῦτα, οἱ μὲν τὴν ἐμὴν ὑμνοῦντες ἀνδρείαν, αἱ δὲ τῆς νύμφης τὸ κάλλος. οἱ δὲ πρεσβύται σύλλογον περὶ σὲ ποιησάμενοι ζηλώσουσι μὲν τῆς εὐπαιδίας, ἀποδέχονται δὲ χρημάτων προκρίναντα τὴν τοῦ παιδὸς θεραπείαν.

Aqueles que nos atacaram há pouco que vivam com mulheres assim! Convém a ti ser sogro de uma bonita e a mim, marido. Bota a coroa nela, pai, acende para mim a tocha nupcial. Haverá um casamento público e a cidade será o coro do casamento e regozijará com a forma pela qual o homem que a salvou no outro dia conseguiu a amada. Homens cantarão canções auspiciosas, mulheres cantarão também, eles comporão hinos sobre a minha bravura, elas sobre a beleza da noiva. Os velhos, reunidos ao teu redor, invejarão teu filho e destacarão o fato de tu teres preferido o cuidado com o filho do que o com o dinheiro.

Decl. 5 §71

¹⁴⁶ Cf. Quint., 6.1.20; Cic.*Inv.* 1.101-5.

Toda a passagem é uma amplificação. A linguagem ornada e descritiva torna vívido o cortejo nupcial idealizado pelo rapaz de modo a incitar a piedade do pai; é um estratagema relacionado à vivacidade, que, por sua vez, é utilizada para impelir o interlocutor a um certo estado mental que favoreça a causa defendida pela *persona loquens*. No passo supracitado, o rapaz apela para a complacência do pai ao deixar implícito que o casamento com a bonita seria mais agradável a todos, pois toda a comunidade se reuniria (ὕμέναιος [...] δημοτελής [...]), a beleza da noiva seria tema de hino e os idosos elogiariam o pai por ter preterido o dinheiro.

Entre §§ 72-73, comentam-s as implicações acarretadas pela acolhida da moça bela em duas frentes; primeiro, quais seriam as consequências ao pai (§72) e, em seguida, ao filho (§73). Ao pai, diz o filho, a jovem bonita seria respeitosa e atenciosa, pois o herói lhe aconselharia a cuidar bem do sogro, mostrando que ele estava errado em desprezá-la. O herói não apenas menciona o conselho; ele o reporta *verbatim* em uma apóstrofe direcionada à futura esposa (segunda metade de §72). O movimento de tornar presente o conselho futuro é, além de uma forma de amplificação, um recurso voltado à incitação da piedade paterna, bem como a linguagem vivaz da narração do cortejo nupcial já mencionada.

Apesar de haver tais recursos ligados à comiseração e à indignação, não há nesse epílogo uma parte dedicada à enumeração (ou recapitulação), que é uma das funções primordiais do epílogo segundo os tratadistas antigos. A única passagem que, possivelmente, se aproxima de uma recapitulação está ao fim do §73, em que três tópicos mencionados na argumentação são mencionados (o valor da beleza; o caráter virtuoso que a pobreza confere à jovem; o fato de ser amada a faz cuidar melhor do marido e da casa):

ἔστιν ἄρα καὶ πενομένη παρθένῳ λαμπρὰν ἐπάγεσθαι προῖκα, σώματος ἀγλαΐαν,
ἦθος χρηστόν, καλὴν οἰκουρίαν.

A moça pobre também tem um dote esplêndido: esplendor do corpo, um caráter virtuoso, belo cuidado com a casa.

Decl. 5 § 73

O epílogo se encerra de forma tradicional: há uma apóstrofe direcionada aos jurados (Ἀπόδοτε τοίνυν, ὦ παρόντες, τὴν ἀμοιβήν), exortando-os a conceder o prêmio pedido pelo herói:

Ἀπόδοτε τοίνυν, ὦ παρόντες, τὴν ἀμοιβήν. οὐ φιλονεικήσει τὴν δωρεὰν ὁ πατήρ. ἤδη πρᾶον ἐμοὶ προσβλέπει καὶ πατρικόν, ἤδη μοι πειθομένου πρόσωπον ἔδειξεν. οὐδὲ οἴκοθεν ἦκε λυπεῖν με βεβουλευμένος, ἀλλὰ μᾶλλον ὑμῖν ἐπιδείξων, ὥς οὐδὲ φιλονεικίας παρούσης ἐξάγομαί τι φθέγγασθαι προπετές· οὕτω μου πείραν λαμβάνει πολλάκις ἀντιλογίας προσχήματι.

Concedei, jurados, minha recompensa. Meu pai não brigará pelo prêmio. Ele já me dá um olhar gentil e paternal, já mostrou pela sua cara que foi convencido por mim. Ele não saiu de casa querendo me causar dor, mas mostrando a vós que eu, durante a disputa presente, não sou levado a dizer nada precipitado. Assim ele com frequência me põe à prova, com um pretexto para uma disputa.

Decl. 5 § 74

O herói, em sua exortação, apoia-se no olhar "gentil" e "paternal" que seu pai lhe lança, que, no contexto retórico alia-se à comiseração, muito embora, no contexto performático ficcional das declamações, possa ser interpretado como uma espécie de indicação cênica. Esse parágrafo final ilustra bem as problematizações acerca do gênero desse discurso: o jovem pede aos jurados (os "presentes" na assembleia) que concedam o pedido, mas sente a necessidade de mostrar que seu pai, após todo o discurso, tomou partido do filho. Além de ter um fim judicial (os jurados deliberam acerca de algo passado, o pedido que já foi feito), há também um fim deliberativo (o pai deve ser convencido em aceitar o casamento, algo no futuro).

3. Análise de O Velho Sovina

A declamação intitulada "O Velho Sovina" corresponde ao discurso contrário à *Decl. 5*. Nela, a *persona loquens* é um velho avarento, pai do herói de guerra. É mais provável que Corício tenha declamado o discurso em questão após a apresentação de *O Jovem Herói*, pois

em ambos os prefácios há indicações de que a apresentação da *Decl. 5* já ocorrera.¹⁴⁷ A divisão do discurso é a seguinte:

§§ 1- 2: *Proêmio*

§§ 3- 15: *Narrativa*

§ 3- 6 *Narração preliminar*

§§ 7 - 11 *Narração*

§§ 7- 8 *Durante o festival*

§§ 9- 11 *Noite pós festival*

§§ 12- 76: *Argumentação*

§§ 77- 86: *Epílogo*

Proêmio §§1-2

A *Decl. 6* é ligeiramente distinta da *Decl. 5* em termos de partição e disposição das partes do discurso. Diferentemente do filho herói, o pai não argumenta visando persuadir um corpo de jurados acerca de uma decisão estabelecida em lei; ao contrário, o pai busca dissuadir o filho da decisão de pedir como prêmio a mão de uma jovem sem recursos financeiros. O velho dirige-se majoritariamente ao filho, interpelando os jurados apenas no epílogo da oração. Nessa conjuntura, uma das características mais salientes do proêmio da *Decl. 6* - a saber, não haver interpelações diretas aos ouvintes em segunda pessoa do plural - é descortinada: não há a necessidade de apostrofar o auditório, pois eles não são capazes de interceder a favor do pai nesse litígio; a decisão jaz única e exclusivamente nas mãos do herói. A carência da tradicional apóstrofe aos ouvintes - elemento marcante das lições acerca do proêmio nos manuais antigos - não implica, contudo, não haver nesse proêmio, bastante breve, nenhum expediente retórico atrelado à preparação da audiência.

¹⁴⁷ *dial. 12* §5; *dial. 13* §4.

Ainda que o filho seja o primeiro e mais importante interlocutor do velho, ambos os discursos (*Decl. 5* e *Decl. 6*) foram, supostamente, proferidos na ocasião de uma assembleia e diante de um júri, que julga o pedido do herói. O pai não tem poder legal de refrear o pedido do filho (não há, por exemplo, a lei da deserdação em questão nessa contenda), mas seus comentários podem influenciar a deliberação dos membros do júri, especialmente se conseguir mostrar que o pedido de seu filho é ilegal, imoral, prejudicial etc. Nessa medida, pode-se notar nesse proêmio algumas técnicas retóricas de captação da benevolência, que estão especialmente conectadas à construção do caráter do herói. O sovina comenta acerca do curso das ações levadas a cabo pelo herói:

ἀλλὰ πᾶσιν, ὡς ἔοικε, λυσιτελῶς ἡγωνισμένος ὁ παῖς τῷ φύσαντι μόνον ἐπιζήμιον ἴσθησι τρόπαιον. παραδοὺς γὰρ αὐτὸν τύχῃ πολέμου καὶ τοὺς ἐπιόντας ἐχθροὺς ἀπωσάμενος καὶ συναγαγὼν ἐκκλησίαν καὶ δῆμον ἀγείρας πατρὸς νοουθεσίαν ὑπεριδὼν γύναιον ἤτησεν ἄπροικον.

Como parece, o filho lutou de forma vantajosa a todos, mas impõe apenas ao pai um troféu custoso. Depois de ter se entregado ao acaso da guerra e de ter repellido os inimigos que avançavam, ele reuniu a assembleia, juntou o povo, ignorou o aviso do pai e pediu uma mulher sem dote.

Decl. 6 §1

A avaliação do velho quanto às atitudes do filho é negativa; ele fala em termos de um "troféu custoso" (ἐπιζήμιον τρόπαιον) ao se referir à vitória na guerra. Além disso, não há referência ao comportamento submisso pelo qual o herói era conhecido na *Decl. 5*; destaca-se o fato de o jovem, ao pedir uma jovem sem dote, ignorar as advertências do pai (πατρὸς νοουθεσίαν ὑπεριδὼν). As ideias arquitetadas na passagem - a de que o filho é um tolo (εὐήθης) por não fazer proveito de seu benefício legal, a de que o troféu é custoso apenas ao pai e a de que o filho ignora os conselhos paternos - constroem um simulacro, enviesado e do ponto de vista da sovinice do velho, do caráter do jovem herói. Esse aspecto ético pode ser considerado uma forma de angariação da benevolência *ab aduersariorum persona*. No comentário (*th. §§3-4*), Corício recomenda um percurso que, de fato, parece ser transposto ao início da *Decl. 6*.

3. πολλὰ μὲν οὖν τούτῳ πιέζει πάθη τὸν λογισμόν, ἐπιθυμία καὶ φόβος καὶ λύπη· ἐρᾷ μὲν χρημάτων, ὑφορᾷται δὲ πενιχρᾶς κόρης κηδεῖαν, ἀλγεῖ δὲ γλυκείας ἐλπίδος ἀποτυχῶν χρυσίον ὑποφαινούσης ἐκ τῆς ἀριστείας· ὁ γὰρ ἐβούλετο, τοῦτο καὶ ἥλπιζε γέρας αἰτῆσαι τὸν παῖδα. 4. ἀλλὰ τοσαύταις ὑποκνιζόμενος ἀφορμαῖς οὕτω πάνυ ὀργίλος ἔσται τῷ νέῳ, μὴ καὶ τραχύνῃ τὸν δῆμον πικρότερον προσιῶν τῷ σεσωκότι τὴν πόλιν, ἀλλὰ νῦν μὲν ἀφήσιν αὐτὸν εἰς ὀργήν, ὡς πατὴρ ὁμοῦ καὶ πρεσβύτης, ὁξύνουμον γὰρ κατὰ φύσιν ἡ πολιὰ, νῦν δὲ χαλιναγωγεῖ τὸν θυμὸν τῇ τοῦ παιδὸς ἀριστείᾳ τὴν πραότητα νέμων.

3. Muitos sentimentos influenciam o raciocínio [do pai]: desejo, medo e dor. Ele ama a riqueza, vê com suspeitas a união com a moça pobre e sofre ao perder a doce esperança que lhe mostra ouro proveniente do heroísmo [do filho]. O que o pai quisesse, era isso que ele esperava que o filho pedisse. 4. Embora irritado por tamanhas admoestações, ele não ficará muito bravo com o jovem, para que não deixe o povo indisposto, investindo contra aquele que salvou a cidade. Em alguns momentos, porém, ele se deixará levar pela raiva, como um pai e como um velho - pois os cabelos brancos seguem uma natureza colérica - mas depois, ele guiará seu coração pelo heroísmo do filho, distribuindo gentilezas.

Decl. 6 th. §§ 3-4

Nesse excerto, propõe-se um abrandamento da ira do velho, de modo que os cidadãos presentes na assembleia não se sintam vitimados pelas calúnias contra aquele que os salvou; uma recomendação similar àquela do comentário da *Decl. 5 (th. §3)*. De fato, inclusive pela brevidade de tal proêmio, as avaliações do pai concernentes às atitudes do filho são negativas, mas não são histriônicas e/ou exageradas. Há um certo comedimento, bem ilustrado pelo uso da sentença gnômica em §1 (ὁ γὰρ ἀνόνητον ἑαυτῷ τὴν ἀριστείαν ποιῶν εὐθήης ἐκ τούτου φανεῖς ἐξ εὐτυχίας ἀλόγου νικᾶν ὑποπτεύεται - "O homem, pois, que faz com que seu heroísmo lhe seja inútil, parece um tolo por isso e é colocado sob a suspeita de vencer por uma sorte inexplicável."). O uso da *sententia* permite tecer uma crítica pouco comprometedora, uma vez que a sentença faz referência a um homem qualquer e não ao herói.

Os mecanismos retóricos ligados ao *ethos* não se estendem somente ao caráter do adversário neste proêmio; pelo contrário, o panorama oferecido pelo velho acerca de seu próprio caráter (*a nostra persona*) talvez seja um dos aspectos mais merecedores de nota. De modo geral, nos manuais antigos, destaca-se repetidamente a necessidade de o orador se mostrar uma pessoa justa, sobretudo do ponto de vista moral: a confiança da audiência é mais facilmente depositada em pessoas caracterizadas pela retidão moral. Tal imperativo, por

exemplo, é ilustrado pelo proêmio da *Decl.* 5, no qual o herói, a todo momento, objetiva mostrar-se submisso ao pai. A submissão, do ponto de vista de uma sociedade patriarcal, seria o comportamento mais adequado. O velho da *Decl.* 6, ao invés de enfatizar um determinado traço próprio de seu caráter, como fez seu filho na declamação anterior, busca justificar seu predicado mais notório, a sovinice.

No comentário, é dito que o raciocínio do velho é "cegado pelo amor ao dote" (τυφλωτούσης αὐτῷ τῆς διανοίας ἔρωτι τῆς προικός - *th.* §2). Com efeito, essa afirmação é trazida à luz logo de início: o velho diz que esperava que o heroísmo do filho lhe permitisse aumentar o valor do dote exigido. Não parece haver uma preocupação em atenuar ou mesmo encobrir a φιλαργυρία do velho. No entanto, é perceptível o cuidado em justificar tal comportamento, especialmente no §2, através de sentenças gnômicas. São pelo menos duas as ideias reportadas em §2: a primeira é a de que o amor ao dinheiro (πρὸς ἀργύριον ἔρως) é algo natural (ἔμφυτος) a todos (ἅπασιν); uma outra é a de que a riqueza (τὸν πλοῦτον) é ainda mais cara (ὥς οἰκειότερον) àquele que a reuniu a partir de seus esforços. Ambas as ideias cooperam para que a avareza do velho não seja vista como algo pretensioso, negativo ou reprochável moralmente, haja vista que o amor pelo dinheiro seria inato aos humanos e não um comportamento adquirido e, mesmo se fosse adquirido, não seria censurável quando se fala do homem que reuniu riquezas a partir de seu suor próprio, como é o caso dele.

De um ponto de vista formal, esse proêmio é bastante breve. É possível que alguns argumentem não haver proêmio nessa declamação, pois não há elementos tradicionais, como a interpelação aos ouvintes, a promessa de uma narrativa breve etc.¹⁴⁸ O parágrafo primeiro, contudo, não se encaixa na narração preliminar e parece seguir um padrão similar ao do primeiro parágrafo da *Decl.* 5 (ambos reproduzidos abaixo). Tanto a *Decl.* 5 quanto a *Decl.* 6 são iniciadas por uma oração-μέν confirmada/explicada por uma oração-γάρ. Ambas as orações-μέν são manifestações de expectativas que ambas as partes tinham antes do presente

¹⁴⁸ Os teóricos antigos consideravam que discursos do gênero deliberativo nem sempre necessitavam de um proêmio e que, quando fosse necessário, o proêmio deveria seguir os mesmos padrões do gênero judiciário. Cf. Quint. 4.1.72 *et seq.*; Arist. *Rh.* 1415b-1416a. As situações que envolviam parentes, segundo Anônimo Segueriano (§24), também não careciam de proêmio, pois a benevolência de um pai para um filho, por exemplo, já seria pressuposta.

momento da assembleia (o imperfeito é o tempo verbal). De modo semelhante, ambas as orações-γάρ podem ser compreendidas como *sententiae* e são construídas da mesma forma: ὁ γάρ ("pois o homem..."). Parece, pois, que em ambas o modelo de Ps.-Hermógenes, segundo o qual todo o proêmio tem uma *protasis* e uma *kataskeue*, é respeitado: a alegação inicial com μὲν é a *protasis* e a oração com γάρ é a *kataskeue* ("confirmação"). Tal semelhança reforça, então, a constatação de que o primeiro parágrafo corresponde ao proêmio.

1. Εδει μὲν πρὸ τοῦ πολέμου τὸν φύσαντα τὴν ἔρωμένην ἐμοὶ συνάψαι πρὸς γάμον, ἵνα μὴ δόξω μισθὸν ἀπαιτεῖν τῆς ἀριστείας τὴν πόλιν καὶ μάλλον ὑμῖν ἐπαφρόδιτον φανῇ μου τὸ τρόπαιον προῖκα τῇ πατρίδι δοθέν· ὁ γὰρ ἀμοιβὴν φιλοτιμίας ἀπαιτῶν ἦν ἔδωκε χάριν ἀναλαμβάνει· ἀλλὰ μοι δοκεῖ τύχη τις ἀναβαλέσθαι τὸν γάμον, ὅπως ἐκ τῆς νίκης ἐράσμιος τῇ κόρῃ γενοίμην. οὐ γὰρ ἔπρεπεν, οἶμαι, χωρὶς ἀγῶνος τυχεῖν ἄθλου τοσούτου.

1.O pai deveria ter unido-me em matrimônio à mulher por quem estou apaixonado antes da guerra, assim eu não pareceria pedir à cidade uma compensação pela bravura e minha vitória soaria muito mais amável a vós, pois seria dada à pátria gratuitamente; pois o homem que pede uma recompensa por ambição toma de volta a gentileza que fez. Mas me parece que alguma sorte afastou o casamento, de modo que eu me tornasse atraente à moça pela vitória. Não é adequado, como penso, receber tamanho prêmio sem uma disputa.

Decl. 5 § 1

1. Ηλπιζον μὲν ἀριστεύσαντος τοῦ νεανίσκου καὶ πρὸς μείζονα νῦν ἀναβάντος ἀξίαν καὶ πλείονα προῖκα τὴν εὐποροῦσαν ἀπαιτῆσαι παρθένον, ὁ γὰρ ἀνόνητον ἑαυτῷ τὴν ἀριστείαν ποιῶν εὐθήθης ἐκ τοῦτου φανεῖς ἐξ εὐτυχίας ἀλόγου νικᾶν ὑποπτεύεται· ἀλλὰ πᾶσιν, ὡς ἔοικε, λυσιτελῶς ἠγωνισμένος ὁ παῖς τῷ φύσαντι μόνον ἐπιζήμιον ἴστησι τρόπαιον. παραδοὺς γὰρ αὐτὸν τύχη πολέμου καὶ τοὺς ἐπιόντας ἐχθροὺς ἀπωσάμενος καὶ συναγαγὼν ἐκκλησίαν καὶ δῆμον ἀγείρας πατρὸς νοθεσίαν ὑπεριδὼν γύναιον ἤτησεν ἄπροικον.

1. Eu esperava, em razão do garoto ter se tornado um herói e de se elevar a uma posição de grande prestígio, pedir um dote ainda maior da moça rica, pois o homem que faz com que o heroísmo lhe seja inútil parece um tolo por isso e é colocado sob a suspeita de vencer por uma sorte inexplicável. Como parece, o filho lutou de forma vantajosa a todos, mas impõe apenas ao pai um troféu custoso. Depois de ter se entregado ao acaso da guerra e de ter repellido os inimigos que avançavam, reuniu-se em assembleia, juntou o povo, ignorou o aviso do pai e pediu uma mulher sem dote.

Decl. 6 §1

O segundo parágrafo, por sua vez, pode ser lido como um período de transição. No caso, a transição se dá por meio do uso de sentenças proverbiais, um maneirismo das escolas de retóricas condenado por Quintiliano (4.1.77). Os períodos transicionais geralmente se caracterizam por aludirem ao que virá, mas sem deixar de lado o que já foi comentado. Aqui, há uma alusão clara, particularmente no último período do parágrafo, à narração: o velho comenta que a riqueza é mais apreciada por quem a colheu com suas próprias mãos. Esse

tópico será bastante explorado na narrativa sequencial, na qual o sovina explicará que sua riqueza é proveniente de uma herança modesta deixada pelo pai que, com o tempo e com muito trabalho, foi se avolumando até o presente estado.

Narrativa (§§ 3-11)

A narração da *Decl.* 6 é dividida em duas seções: na primeira, que ocupa os parágrafos 3-6, conta-se a origem da riqueza do velho, bem como o casamento oportuno com uma mulher abastada e avessa a luxos. Na segunda seção (§§7-11), narra-se o festival, desde a decisão de participar das festividades até a manhã seguinte, momento em que o filho expõe ao pai a vontade de pedir a moça pobre como prêmio. A primeira seção parece corresponder à pré-narração ou narração preliminar - parte também notável na *Decl.* 5 - e o teor dessa seção é ético: a ênfase jaz em questões relativas à vida da *persona loquens*. De um ponto de vista argumentativo, a presença da pré-narração tem a ver com a confiança da audiência; Quintiliano (4.2.21), por exemplo, menciona como objetivos da narração não somente informar os ouvintes, mas informá-los de modo que eles concordem com aquilo exposto. A pré-narração ética aporta à narração dos eventos certa credibilidade; à medida que a *persona* expõe suas atitudes e escolhas, ela constrói para si uma personalidade, um *ethos*, e é através das lentes desse caráter que os acontecimentos são narrados. É um jogo de *make believe* ("faz de conta", em tradução livre): a tarefa do orador é fazer com que a audiência veja o ocorrido como ele próprio vê.¹⁴⁹

Narração preliminar (§§3-6)

A sovinice é a marca distintiva do caráter do velho; há, porém, outras delimitações a serem respeitadas: é necessário que ele aja como um pai bondoso e cuidadoso com o filho,

¹⁴⁹ Acerca desse tópico, Cf. Aristóteles, *Rh.* 1417a-b.

para que a audiência lhe dê crédito, e que aja como um velho, pudico com relação aos prazeres (bebida, sexo, festas etc.).¹⁵⁰ Esses três atributos, a saber, a avareza, o sentimento paternal e a velhice, são aqueles segundo os quais o velho organiza seu discurso. A mesquinhez não seria, necessariamente, uma característica vista de modo negativo: não há a preocupação em obscurecer tal qualidade e não há, em ambas as declamações estudadas, nenhuma menção jocosa ou pejorativa aos muquiranas. Corício salienta, no prefácio, que o velho seria censurado apenas se demonstrasse fúria contra o filho, não fazendo ressalvas contra a avareza.¹⁵¹ Assim sendo, na pré-narração, nota-se que os modos pelos quais algumas tomadas de decisão são contadas auxiliam, sutilmente, a construção da imagem da *persona* como um homem de autocontrole e um pai carinhoso; portanto, digno da confiança dos ouvintes.

O velho revela seu autocontrole, quanto às finanças mais especificamente, ao dizer que levantou sua pequena fortuna sendo cuidadoso com a quantia modesta deixada pelo pai (μέτριά μοι τοῦ πατρὸς καταλείψαντος - §3); ele comenta que se absteve de gastos, não tomando parte de nada do que é conhecido como "prazer" (ἄς ἡδονὰς ὀνομάζουσιν - §4), economizando de pouco em pouco e vigiando a quantia que já possuía. Quanto aos prazeres, o velho se mostra prudente ao dizer que se casou por querer partilhar a vigília dos bens. Ele não credita sua decisão em se casar a nenhum sentimento reprochável, como a luxúria, ou mesmo ao amor, mas sim à necessidade de ter mais uma pessoa zelando pelos bens (§5). O sovina destaca também o fato de ter encontrado uma mulher "de mesmo estilo de vida, muito endinheirada, habilidosa nas tarefas femininas e rigorosa dona de casa" (§5).

Quanto à narração preliminar, resalto, além de seu valor ético, o fato de que o pai inicia seu relato em um momento de sua vida bastante similar ao momento presente em que está seu próprio filho: a juventude, mais especificamente a fase núbil do homem. Não parecem serem fortuitas as menções à herança e ao casamento com uma mulher rica, mas de hábitos simples. O velho se põe na idade e na posição de seu filho: ambos são herdeiros de

¹⁵⁰ Cf. *Decl. 6 th.* §1 e §4, em especial.

¹⁵¹ Na *Decl. 33* de Libânio (§5), o velho do discurso, que também é um sovina, conta com a benevolência dos jurados, pois, segundo ele, eles também são apaixonados por dinheiro, uma vez que só participam do tribunal mediante o pagamento dos três óbolos.

fortunas modestas, ambos em idade de se casar e ambos se colocam diante do dilema de com quem se casarão. O pai diz que preferiu ser rígido quanto aos gastos, para que sua fortuna se avolumasse, e que procurou casar com uma mulher de família abastada, mas que não fosse amiga de luxos. Parece, pois, que o pai deixa claro, de forma perspicaz e alusiva, que o percurso idealizado por ele ao filho (casar-se com uma jovem rica) é possível de ser finalizado, pois ele próprio o fez quando jovem. De todo modo, considerações acerca do casamento do velho miserável podem ter sido um *topos*, um elemento tradicional, em declamações cuja personagem é um avarento que aconselha o filho. Essa tópica é trabalhada à exaustão na *Decl.* 33 de Libânio; entre os parágrafos 6-10, o velho sovina da declamação de Libânio comenta sobre os conselhos dados por seus amigos quanto aos benefícios do casamento e, em seguida, menciona seu matrimônio com uma mulher rica e bonita, mas que conseguiu se adaptar aos modos abstinentes do velho.

Narração (§§7-11)

A narração dos eventos circunscritos ao festival se inicia no parágrafo sétimo. Convém sublinhar que a *Decl.* 6 foi proferida em um momento posterior à *Decl.* 5; as ações descortinadas pelo festival já são de conhecimento geral, não havendo, portanto, a necessidade de uma narrativa na *Decl.* 6. Nem por isso o velho se priva de dar sua versão dos fatos. Na *Decl.* 5, destacamos que as sutilezas do discurso empregado pelo filho deixam entrever que o herói busca se desvencilhar da acusação de paixão voluntária, fomentada por luxúria, transferindo a culpa ao próprio pai: teria sido o pai quem o obrigou a ir ao festival e, por culpa do pai, ele se levantou da mesa irritado, movimento que lhe permitiu ver a moça por quem se apaixonou. Com efeito, na *Decl.* 6, o pai admite que foi o responsável pela ida do filho ao festival, mas fornece uma explicação para tal:

7. τί οὖν ἔδρασαν αἱ πολλαὶ νουθεσίαι; πανήγυριν ἢ πόλις ἄγει δημοτελῆ κατὰ τινα χρόνου περίοδον ὠρισμένην. ἐπὶ ταύτην ἡμᾶς ἔναγχος ὁ καιρὸς ἐκάλει, καὶ ὑπηκούσατε. ἐγὼ δὲ φεύγειν τὰς ἐορτὰς εἰωθώς, ὅτι καθάπερ ἐταῖραι τοὺς ἐραστὰς ἐρεθίζουσι καὶ προτρέπονται δαπανᾶν, ἐπειδὴ κατηφῇ καὶ σύννουν εἶδον τὸν παῖδα

καὶ τῆς ἀθυμίας τὴν αἰτίαν ἡσθόμην, ὥς νέος ἐστὶν καὶ τοὺς ἡλικιώτας ἐορτάζειν ἀκούει καὶ πρόφασιν ἔχει τῆς λύπης, ἐβιασάμην τὴν φύσιν τὴν ἑμαυτοῦ χαρίσασθαι τῷ παιδί. καὶ πως ἀβροδίατος ὤφθην οὕτω πρότερον τοῦτο τολμήσας, ὥστε καὶ ἔδοξα θέαμα καινὸν ἐν πανηγύρει φανεῖς, καὶ πολλοὶ τὰς χορείας ἀφέντες ὀψόμενοί με συνέθεον ἄλλων ἄλλους μετὰ γέλωτος ἐλκόντων ἐπὶ τὴν θέαν ὥς παράδοξον ἅμα καὶ παρέχουσιν ἡδονήν.

7. Quais efeitos surtiram os muitos conselhos? A cidade promove um festival público que acontece de tempos em tempos. O momento certo nos convocou recentemente para esse festival e vós obedecestes. Eu me acostumei a evitar as festividades, pois assim como as cortesãs aos amantes, os festivais estimulam e provocam gastos. Quando vi meu filho cabisbaixo e pensativo e notei a razão de sua tristeza - ele é jovem, fica sabendo que seus colegas festejam e tem motivos para seu desconsolo - esforcei-me ao máximo para agradá-lo. Eu era visto como um grã-fino, uma vez que não ousara isso antes, de modo que, quando cheguei ao festival, pareci ser um novo espetáculo. Muitos abandonaram as danças e correram para me ver, arrastando uns aos outros, rindo, para essa aparição, como se fosse um paradoxo e também um prazer.

Decl. 6 §7

O sovina salienta, repetidas vezes, seu costume de evitar participar de festivais: ele se vale de um símile que compara festivais a cortesãs e, em seguida, menciona o fato de ser conhecido como um grã-fino, de modo que, quando chegou à celebração, as pessoas pararam para admirá-lo como se ele próprio fosse um espetáculo. Seus hábitos frugais, no entanto, são quebrados pelo bem-querer ao filho. Ele diz que percebeu o filho cabisbaixo por não poder festejar como os colegas - uma alusão às admoestações feitas pelos colegas na *Decl. 5 § 5* - e, por isso, resolveu ir ao festival. Nota-se que, como estratégia discursiva, o velho busca aliar-se à imagem do pai empático e bondoso, cujas atitudes costumeiras somente são modificadas por interferência do filho.

Corroborando ainda sua *persona* de velho e de sovina, o pai, no parágrafo 8, conta o momento em que seu filho se apaixonou pela moça realçando o fato de o filho não ter se apaixonado por vasos e copos de ouro e prata dispostos no festival - as únicas coisas dignas de amor aos olhos de um sovina -, mas sim por uma jovem vestida de modo simples, algo indigno de admiração a um velho sovina. O velho utiliza uma figura de linguagem, a acumulação por enumeração¹⁵², quando narra as circunstâncias que, em sua visão, deveriam ter refreado o jovem de se apaixonar: o pai sovina, o gasto, a dor da perda e a lembrança da

¹⁵² Acerca de tal figura, Cf. Lausberg §665.

jovem rica. Tal tipo de enumeração, que pode ser interpretada tanto como um ornamento estilístico quanto uma forma de se suscitar *pathe*, na medida em que pode haver gradação dos termos, provocando certo clímax, também é vista na *Decl.* 5 §9, em que, semelhantemente ao passo da *Decl.* 6, a paixão do rapaz é narrada (ambas as passagens são dadas abaixo). Na *Decl.* 5 o jovem enumera aquilo considerado por ele como pretextos para a paixão; já na *Decl.* 6 tal enumeração é modificada, transformando-se em motivos pelos quais o jovem não deveria se apaixonar por uma moça pobre.

τοιαύτην ἰδὼν ἔρωτι συνεχύθη τὸν λογισμὸν πολλὰς ἔχων προφάσεις τοῦ μὴ πενομένης ἐπιθυμῆσαι παιδός· πατήρ ἦν φειδωλὸς καὶ δαπάνη καὶ λύπη πρὸς τὴν ζημίαν καὶ μνήμη πλουσίας παρθένου.

Vendo-a, o amor destruiu-lhe o raciocínio, embora tivesse muitos pretextos para não desejar uma moça pobre: seu pai sovina, o gasto, a dor pelo dinheiro perdido e a lembrança da jovem rica.

Decl. 6 §8

καὶ ὅτε τοῦ χοροῦ τῶν παρθένων ἡσυχὴ διαστάσα μόνη κοσμίως εἰσπτήκει, ἔπαθον τὴν ψυχὴν τοιαύτην ἰδὼν πολλαῖς περιπεσὼν ἔρωτος ἀφορμαῖς· πανήγυρις ἦν καὶ πότος καὶ παρθένος ὠραία καὶ νεότης πολλή καὶ πατήρ ἐλπίδα γάμου διδούς.

Quando ela, se distanciando do coro de jovens, se levantou serena e só, vendo-a assim, me apaixonei, caindo nos pretextos do amor: o festival, a bebida, a bela moça, muito jovem, e o pai, que tinha esperanças de casamento.

Decl. 5 §9

Seguindo o preceito da clareza e dos *elementa*, o pai narra, entre os parágrafos 9 e 11, os acontecimentos pós-festival - o caminho de volta para casa, a madrugada e a manhã seguinte - na mesma ordem que faz o filho na *Decl.* 5. Há, inclusive, uma menção ao discurso do filho logo no início de §9. O sovina menciona o fato de o filho ter dito que foi dominado por sonhos durante toda a noite, sonhos esses que mostravam o casamento com a amada; o passo é marcado pela ironia com a qual o velho trata a ingênua asserção de filho¹⁵³: πῶς γὰρ ἄν ἴδοι τις μὴ καθεύδων ἐνύπνιον; - "como alguém teria sonhos não dormindo?" - *Decl.* 6 §9). A ironia se estende também à analogia estabelecida entre "sonho" e "castigo" (οὐδὲ ὄναρ ἀπέλαβον τὴν ζημίαν - "não recebi um sonho, mas sim um castigo"), cujo efeito pretendido talvez fosse colocar em realce a ingenuidade do herói.

¹⁵³ O herói comenta sobre seus sonhos em *Decl.* 5 §12.

Segundo os antigos, além da clareza, que força o orador a respeitar uma ordem cronológica dos acontecimentos, um outro preceito da narração seria a vivacidade. A tarefa seria, portanto, fazer com que aquilo que está sendo narrado seja descrito de modo a se tornar quase visível à audiência. Com efeito, não há nenhuma descrição mais detalhada, uma possível *écfrase*, na narrativa contada pelo velho; isso não implica, porém, não haver outros expedientes ligados à *enargeia*. Como exemplo, menciono o discurso direto presente no final de §10, no qual se lê o seguinte:

τί λέγεις; εὐθέως ἐγώ, ταῦτα φέρων ἡμῖν ἐκ τῆς πανηγύρεως ἦκεις; οὕτως ἐτράφης; οὕτως ἐπαιδεύθης; τοιοῦτον ὁρᾷς τὸν πατέρα;

Perguntei-lhe direto e reto: “O que estás dizendo? Vens do festival trazendo-nos isto? Foi assim que foste educado? Foi assim que foste criado? É assim que vês seu pai?”.

Decl. 6 §10

Parece haver, assim sendo, a preocupação em tornar o discurso mais vivaz. As palavras proferidas pelo pai no momento em que seu filho revelou-lhe a intenção de se casar com a moça pobre são reportadas em discurso direto pelo próprio velho: é uma auto-citação, quase uma *ethopoeia*, cujo objetivo é tornar visível o sentimento de indignação do velho, deixando, então, a narrativa mais detalhada.

A narração, segundo os antigos, deve ser trabalhada segundo os preceitos da brevidade, da verossimilhança e da clareza. A brevidade e a clareza estão relacionadas à função primordial da narrativa, o *docere*, o informar os ouvintes acerca dos fatos. Já a verossimilhança liga-se ao segundo grande objetivo da narrativa, que é informar os ouvintes de modo crível, passando-lhes a imagem de que aquilo narrado realmente aconteceu. Desse modo, explica-se a relação intrínseca entre o modo de narrar os acontecimentos e a simulação de um caráter idealizado: a apreensão das qualidades que definem o *ethos* se dá por meio de sutilezas discursivas, *i.e.*, pelas escolhas lexicais e pelo modo com o qual são narradas as atitudes das *personae* do discurso. Vimos, portanto, que essas três virtudes - clareza, brevidade e verossimilhança - são respeitadas na *Decl. 6*: o velho começa por estabelecer um caráter para si e é a partir das características principais (a saber, mesquinhez, sovinice e sentimento paternal) desse *ethos* que ele elabora sua narração. Os eventos são narrados sob a

ótica de um pai sovina, velho e empático, respeitando, portanto, a verossimilhança. Quanto à clareza, nota-se que o velho, na narrativa, não apenas segue a mesma ordenação dos eventos tal qual vista na *Decl.* 5, mas também alude e responde a diversos elementos comentados pelo filho em seu discurso (os sonhos, por exemplo, e a enumeração supramencionada). A brevidade, por sua vez, é respeitada na medida em que o velho não inclui nenhuma digressão em sua versão dos fatos. Os antigos também comentavam duas outras virtudes da narrativa, quais sejam a vivacidade e magnificência. A vivacidade está presente, por exemplo, nos momentos em que o velho cita a si mesmo: o tempo verbal usado é o presente do indicativo e a ação, que já acontecera, torna-se presente.

Argumentação (§§12-76)

O discurso do velho é uma *antilogia*, i.e. um discurso feito em resposta a outro. É impossível analisar a *Decl.* 6 sem compará-la à *Decl.* 5; o contrário pode até ser possível. A primeira diferença digna de nota é o fato de não haver na *Decl.* 6 figuras de antecipação por premonição ("eu presumo que ele diria", por exemplo), algo abundante na *Decl.* 5. Ao invés disso, as objeções do filho são sempre trazidas em discurso direto com tempo presente (φησίiv - "ele diz").¹⁵⁴ A argumentação da *Decl.* 6, portanto, é estruturada de forma dialógica: o velho responde e refuta as objeções levantadas pelo filho em seu discurso. Muitos dos pontos capitais da *stasis* pragmática e do discurso deliberativo trabalhados na argumentação da *Decl.* 5 aparecem novamente na *Decl.* 6, como é o caso da *vantagem/utilidade* do pedido (*Decl.* 5 §§ 26-43 / *Decl.* 6 §§ 20- 48), da *reputação* (*Decl.* 5 §§ 44- 51 / *Decl.* 6 §§ 49 - 56).

A partição da *Decl.* 6 é menos marcada que a da *Decl.* 5. No caso de *O Jovem Herói*, as partes do discurso (proêmio, narração, provas/argumentação e epílogo) são muito claras. A partição da *Decl.* 6, por sua vez, é mais imprecisa. Um bom exemplo é o intervalo (§§ 12-15) entre o fim da narração (§11) e a primeira hipófora do herói (§16), que foi incluído por mim sob "argumentação" com certa hesitação. O parágrafo 12 certamente quebra a narrativa e

¹⁵⁴ Compare, por exemplo, a construção das hipóforas de *Decl.* 5 § 16 e § 26 com as da *Decl.* 6 § 16 e § 49.

inicia uma nova seção. No intervalo citado, o velho não continua a narrar os eventos; isso, certamente, confirma que a narrativa já tenha terminado. Tem-se uma apóstrofe ao filho, seguida de uma reflexão acerca do escopo da lei (§12) e da intenção do legislador (§13). Em §§ 14-5, o pai levanta uma acusação contra o filho (a de ser injusto com o pai) e a explica por meio de um símile (o médico que machuca a parte que curou do paciente) e da analogia público-privado, que, no caso do herói, não está em equilíbrio (ele fez um bem à comunidade, mas é injusto com um indivíduo específico).

Como foi visto, os tópicos escopo de lei e intenção do legislador estão entre os primeiros a serem comentados pelo herói em *Decl.* 5 e recebem um extenso tratamento entre os §§ 19-21. Na *Decl.* 6, a discussão sobre o ponto capital *legalidade* é muito breve, sendo encontrada apenas em §§12-3. Talvez as razões que impedem o velho de se alongar nesse tópico estão relacionadas ao fato de que a lei apoia, irrefutavelmente, o filho. Como lembrado por Lupi (2015), o conflito pai-filho das declamações *O Jovem Herói* e *O Velho Sovina* é gerado a partir do embate entre duas leis: uma é escrita, a do heroísmo, a outra é não escrita, é moral, a de que filhos devem se manter subservientes ao poder paterno. Desta forma, não há muito o que se fazer, por parte do velho, quanto à lei escrita. Apesar disso, o velho destaca a homologia entre o poder da lei e o poder de um tirano ou de um oligarca (§12) e tenta, baseado na dicotomia público-privado, excluir da intenção do legislador casos em que o herói fere os direitos de um outro cidadão.

A primeira menção a uma objeção levantada pelo filho acontece em §16, o que talvez confirme que todo o intervalo entre §§12 -15 funcione como uma "pré-argumentação", uma parte inicial na qual os pontos principais da causa defendida pelo pai são mencionados, mas sem escrutínio.¹⁵⁵ A motivação dessa seção (§§12-15) talvez seja deixar a audiência em uma certo estado mental favorável ao pai, pois alguns recursos relacionados ao *pathos* são perceptíveis. Ressalto o uso de um símile e de um exemplo: em §14, o velho propõe uma comparação entre o homem bom nas questões públicas e mau nas particulares e o médico

¹⁵⁵ A pré-argumentação aparece como parte do discurso em [Hermog.] *Inv.* pp. 126-130 Rabe. O autor do tratado prevê pré-confirmação em *stasis* pragmática e cita como exemplo o discurso *Contra Timocrates* de Demóstenes.

que pede para abrir o mesmo ferimento que ele já havia curado. O exemplo trazido em §15 é o de heróis que pediram ramos de oliveira e estátuas como prêmio. Para o velho, mesmo que eles tenham pedido algo insólito e que não produz lucro, eles erraram menos que seu próprio filho. Tanto o símile quanto o exemplo aportam ao discurso do velho um caráter ilustrativo; tal qualidade faz com que os pontos defendidos pelo pai sejam mais compreensíveis aos ouvintes, pois tanto a medicina quanto a experiência em outros pedidos são elementos retirados do cotidiano. Destaco a exclamação ao fim de §15 - ὦν νίκης ὑπὲρ ἅπασαν ἦτταν ἐμοὶ λυπηρᾶς, ὦ τροπαίου κατὰ τῶν ἐμῶν ἐστηκότος χρημάτων ("Ó vitória para mim mais dolorosa que a derrota ! Ó troféu erguido pelas minhas posses! ") - usada como um reforço do *pathos*.

Seja a seção §§12-15 uma pré-argumentação ou não, a primeira hipófora é mencionada apenas em §16.

Ἄλλ' ἐγὼ σοι, φησὶν, ἐκ τῶν πολεμίων ἔσωσα τὰ ὑπάρχοντα, ὑπὲρ οὗ τὴν κόρην ἦν βούλομαι χάριν αἰτῶ σε· καὶ δός μοι.

Ele disse: "mas eu salvei tua propriedade do inimigo, por isso te peço como um favor ter a jovem que desejo: dá-me".

Decl. 6 § 16

A passagem é um bom exemplo da liberdade com a qual os declamadores tratavam seus *agones* discursivos: não há no discurso do rapaz nenhuma menção a tal cobrança de um favor, nem sequer uma alusão. Parece ser algo inventado exclusivamente para beneficiar o lado do pai. Tal liberdade, se transposta a um discurso real, certamente seria alvo de censura. De toda forma, o pai refuta a legitimidade do pedido supostamente feito pelo filho. Em §18, ele invoca novamente a imagem de si próprio como um credor e do filho como um devedor através de um símile (ὥσπερ ἂν εἴ τις δάνειον ἀποδοὺς ἀπῆται καὶ μισθὸν τὸν δανείσαντα. - "É como se alguém cobrasse uma dívida do credor ao retornar o valor de um empréstimo"). Uma ideia semelhante, a do filho como devedor, ele traz em §6 por ocasião da narração. A refutação dessa primeira objeção é, contudo, bastante breve (§§16-19) e não há nenhum tipo de método comprobatório mais elaborado. O velho vale-se apenas de algumas sentenças proverbiais (especialmente em §16) e do símile do credor/devedor (em §18).

A segunda hipófora do filho é apresentada em §20. A discussão se volta às vantagens que o casamento com a moça rica e feia traria ao rapaz, ao pai e à cidade; tais considerações são trabalhadas sob o *kephalaion utilidade*, que, como visto, é um dos pontos nevrálgicos de discursos deliberativos. A reflexão acerca das vantagens oferecidas pelo matrimônio com a rica é o ponto mais minuciosamente examinado, ocupando uma grande porção do discurso (§§ 20-48). O *kephalaion* se estrutura da seguinte maneira:

20. τί οὖν, ὦ παρόντες, τὸ ποικίλον ἐπιχείρημα τοῦ παιδός; καλῆς δεῖ μοι γυναικός, οὐ πλουσίας ἱκανῶς ἔχοντι βίου. δεῖ γάρ ἄνδρα μὲν πένητα γυναῖκα ζητεῖν εὐποροῦσαν, κἂν ἢ δυσειδής, τὸν δὲ πλούσιον εὐπρεπῇ, κἂν ἢ πενιχρά. 21. οὗτος ὁ νόμος οὐδαμοῦ τῆς ἀξίας φυλάττει τοὺς ὅρους καὶ κρατοῦντος αὐτοῦ διχόθεν ἐκπίπτει συμμετρίας ὁ γάμος οὔτε τῶν δεομένων οὔτε τῶν εὐπόρων ἀγομένων γυναῖκας μετρούμενας τῇ Τύχῃ. λογίζου δὲ κάκεῖνο, ὅτι γύναιον ἐνδεῶς τεθραμμένον, εἰ λάβοιτο πλουτοῦσης οἰκίας, εἰς ἀπληστίαν τε καὶ τρυφὴν ἀπειροκάλως ἐκφέρεται κατὰ τοὺς ἐκ νόσου ῥαῖζοντας ἀκρατῶς τοῖς σιτίοις χρωμένους.

20. Qual é, meus caros, o colorido argumento de meu filho? “Eu preciso de uma mulher bonita e não de uma rica, pois já estou bem de vida. Um homem pobre deve buscar uma mulher rica, mesmo se feia, o rico uma bela, mesmo se pobre.” 21. Essa regra, de modo algum, se preocupa com aquilo delimitado pela dignidade e, enquanto tiver vigência, o casamento perde o equilíbrio de duas maneiras: nem pobres, nem ricos se casarão com mulheres escolhidas pela deusa Fortuna. Pensa também nisto: a moça criada na necessidade, quando consegue uma família abastada, é levada pela ignorância do que é bom à soberba e ao orgulho, assim como aqueles que se recuperam de uma doença se empanturram de comida sem moderação.

Decl. 6 §§ 20-1

A *protasis* já adianta qual será o viés argumentativo a ser escolhido, qual seja o de desautorizar a admiração do filho diante da beleza da moça pobre. Antes de citar as palavras do filho, o velho lança uma pergunta aos homens presentes de modo irônico: “qual é, meus caros, o colorido argumento (τὸ ποικίλον ἐπιχείρημα) de meu filho?”. O adjetivo “colorido”, que traduz o grego ποικίλον, algo variegado, entremeado de cores e texturas, acrescenta uma nuance possivelmente pejorativa, como se o argumento do filho fosse, apesar de bem construído estilisticamente (note a antítese e a simetria de δεῖ γάρ ἄνδρα μὲν πένητα γυναῖκα ζητεῖν εὐποροῦσαν, κἂν ἢ δυσειδής, τὸν δὲ πλούσιον εὐπρεπῇ, κἂν ἢ πενιχρά), ilegítimo, pois a paixão pela beleza da moça pobre não seria legítima. O esforço em deslegitimar o amor do

herói é visto, sobretudo, nos §§ 25-6. Neles, o pai afirma que o jovem foi movido primeiramente por "algum sentimento de piedade" (τι τὸ πρῶτον ἐλεεινόν - §25) que fez com que a jovem parecesse bonita ao filho e que as razões listadas por ele (o festival, a bebida, a abundância e o pai que queria casá-lo¹⁵⁶) contribuíram para que o encantamento (τὸ φίλτρον) fosse ainda maior.

As razões pelas quais o pai considera a rica a melhor escolha seguem uma lógica inversa àquela apresentada pelo filho na argumentação na *Decl.* 5. Na análise da *Decl.* 5, destacou-se o fato de o jovem utilizar algumas premissas culturais acerca da servidão ao dote e do casamento com uma herdeira para justificar o pensamento de que a pobre seria uma esposa mais submissa do que a rica, bem como o uso de uma ideia paradoxal, qual seja a de mulheres bonitas serem mais fiéis do que as feias, pois, por serem desejadas pelos maridos, não precisam procurar os prazeres fora de casa. Na *Decl.* 6, o pai faz justamente o inverso: as mulheres não desejadas são esposas melhores, pois, por perceberem a falta de desejo dos maridos, procurariam agradá-los de todas as formas (§§22-3; §27).

Apesar de haver uma preocupação em caracterizar a rica como preferível, o pai parece concentrar seus esforços em descaracterizar a pobre como mais adequada; ao invés de dispender elogios e enaltecer a feia por suas virtudes e por sua riqueza - isso ele faz, mas mais brevemente do que seria esperado- o velho prefere condenar e censurar a moça bonita e pobre, especialmente por sua beleza, que a faz ser desejada pelo marido. Tal reproche é visto entre §§27-34. Em §27, ele inaugura a ideia de a mulher bonita ser reprochável por seus modos:

καὶ τίς ἄν ἀγνοήσῃ, πρὸς θεῶν, ὥς ἡ μὲν περιουσίαν τε κεκτημένη καὶ νικωμένη σώματος ὥρᾳ σωφροσύνην ἐκ τῶν εἰκότων ἀσκήσει, ἡ δὲ δαπανῶσα μὲν ἑμοὶ τὴν οὐσίαν ἀπληστίᾳ τε καὶ ῥαθυμίᾳ τῶν ἔργων, τῆς δὲ συνήθους ἀπολαύειν βουλομένη τρυφῆς προσόδῳ χρήσεται βίου τῷ κάλλει τοὺς ἀκολάστους θηρωμένη τῶν νέων;

Quem negaria, pelos deuses, que é mais provável que a moça de recursos, superada em beleza física, exercite a moderação, e que a outra, devorando minhas posses,

¹⁵⁶ Como bem nota Russell em sua tradução da *Decl.* 6 (em PENELLA 2009: 131, nota 10) o filho não lista a abundância de comida (πλησμονή - *Decl.* 6 §26) como um dos fatores que o influenciaram, mas sim a juventude (νεότης - *Decl.* 5 §9).

insaciável e indiferente ao trabalho e querendo manter o luxo que se tornou habitual, use a beleza como meio de vida, caçando os menos temperantes dos jovens?

Decl. 6 § 27

A tese de que a mulher bonita é mais censurável do ponto de vista moral é construída por probabilidades: em §27 tem-se "provavelmente" (ἐκ τῶν εἰκότων), em §28 "como eu penso" (οἶμαι) e em §29 "é claro que" (εὐδηλον γὰρ ὥς).¹⁵⁷ As probabilidades, contudo, só têm força persuasiva se as premissas em que se baseiam forem tidas como verdadeiras; as suposições devem partir de algo estabelecido. No caso, o velho deve comprovar que as suspeitas levantadas por ele contra a moça bonita são plausíveis e não suposições vãs. Para tanto, o sovina elenca dois sinais: o primeiro é a presença da moça pobre no festival (§30), o segundo é o rubor que toma conta da face da moça no momento em que é vista pelo herói (§31). Em §30, o velho expõe por meio de figuras (apóstrofe e interrogação, principalmente) a interpretação que ele faz da ida de uma jovem pobre e bonita a um festival:

σὺ δὲ πῶς αὐτουργὸς οὖσα καὶ μίαν ἀφορμὴν ἔχουσα βίου τὰς χεῖρας ἑορτῇ παραβάλλεις; ἔοικας οὐ θεωρεῖν τὴν πανήγυριν, ἀλλὰ θεωρεῖσθαι μᾶλλον ἐθέλειν.

Como arranjaste tempo para vir ao festival, já que és autônoma e tens as mãos como único meio de vida? Tu não parecees querer ver o festival, mas sim querer ser vista.

Decl. 6 § 30

A palavra usada para classificar a jovem é αὐτουργός ("aquele que trabalha por si e/ou para si", literalmente). Não há, tanto na *Decl. 5* quanto na *Decl. 6*, nenhuma referência à jovem por tal termo; comumente a jovem é tratada simplesmente por "pobre" (πενομένης *Decl. 6 § 16*; πενιχρᾶς *Decl. 6 §38*), "criada na pobreza" (τὴν ἐν πενίᾳ τραφεῖσαν - *Decl. 6 §26*), "desprovida de recursos" (τῆς ἀπορούσης - *Decl. 6 §25*). No passo, o sovina apela para uma associação comum em textos clássicos entre aquele que trabalha por si e a pobreza. No contexto da Atenas clássica, o αὐτουργός é sempre ligado à pobreza, uma vez que não tem meios de adquirir um escravo para trabalhar sob seu comando, e é visto como alguém alheio

¹⁵⁷ A ideia de que o homem pobre é levado à insolência caso não precise trabalhar, vista em §27, encontra respaldo em textos literários clássicos, como é o caso da comédia *Pluto* de Aristófanes. Nela, nos vv. 507 *et seq.*, a Pobreza desaconselha a partilha igualitária do dinheiro, pois assim todos seriam levados à ociosidade.

às questões referentes à cidade.¹⁵⁸ Qualificar a jovem como uma αὐτουργός, algo que não fora feito até então, é uma estratégia argumentativa perspicaz: a relação entre pobreza e trabalhar a terra para seu sustento é algo comum na cultura grega clássica e, uma vez que a jovem necessita trabalhar para seu sustento, a desconfiança alimentada pelo pai - a de a jovem querer se exibir no festival - é válida.

O segundo sinal citado pelo pai, o rubor da jovem, também rememora uma associação comum em textos clássicos, qual seja a do rubor com o elemento erótico. Ele diz em §31:

μη τοίνυν τὴν ἐκείνης αἰδῶ, φῆς γὰρ αἰσθομένην σου ποθοῦντος ἐρυθριᾶσαι, νόμιζε πάντως εὐκοσμίας εἶναι τεκμήριον. μᾶλλον γὰρ ἐραστοῦ λαβομένη καὶ τούτου τὴν αὐτῆς ὑπεραίροντος τύχην ὕφ' ἡδονῆς ἡρυθρίασεν.

Não penses que o pudor dela – tu dizes que ela fica vermelha ao perceber que tu a desejas – é uma prova de sua decência. Ela cora de prazer, pois conseguiu um amante melhor e superior à sua própria fortuna.

Decl. 6 §31

Na Grécia clássica, o rubor era visto como um sinal de vergonha ou pudor.¹⁵⁹ Tal associação é feita pelo jovem em seu discurso ao comentar o fato de a jovem ficar corada ao vê-lo. O pai, por outro lado, não interpreta da mesma maneira; para ele, ela cora de prazer (ὕφ' ἡδονῆς ἡρυθρίασεν). O prazer, aqui, pode estar ligado ao amor e ao erotismo.¹⁶⁰ O velho procura, nesse ponto capital, descaracterizar a jovem como a preferível ao censurá-la moralmente. Portanto, a menção ao enrubescer causado por razões eróticas vem a calhar.

Um dos argumentos apresentados pelo herói para justificar a pobre como a mais adequada é a hereditariedade da beleza. Diz ele, em *Decl. 5 § 34*, que se lhe nascesse uma filha, ela seria bonita como a mãe e não necessitaria de um dote volumoso para encontrar um noivo. O pai menciona e refuta tal argumento entre §§ 38-9, alegando que a lógica do filho é falha, pois nem sempre filhos herdaram a aparência dos pais. Embora a aparência não seja sempre herdada, diz o velho, as posses da família são (§8), de modo que os filhos com a pobre

¹⁵⁸ Alguns textos canônicos dos quais se podem depreender concepções acerca do αὐτουργός são: Eur. *Or. vv. 920 et seq.; Elec. vv 1 - 53*, nos quais o prólogo é narrado pelo αὐτουργός que desposou Electra, e Pl., *Rep. 565 a*.

¹⁵⁹ Cf. Arist. *EN*, 1128b.

¹⁶⁰ Uma das passagens mais célebres da literatura grega em que tal associação é vista encontra-se em Apolônio de Rhodes, *Argonáuticas*, III vv. 275-298. Entre tais versos, narra-se o momento em que o Amor acerta Medeia; descreve-se que o rosto da moça fica vermelho (v. 298).

necessariamente serão pobres. Em §41, o velho faz um apelo ao *pathos*: ele ordena que o filho imagine os filhos chorando de fome e descreve a angústia que se abaterá sobre o herói.

A terceira hipófora é citada em §42 e encontra uma contraparte em *Decl.* 5 §32. Ela não inaugura um novo ponto capital; ao invés disso, ela ainda opera sob a *utilidade*, uma vez que é mencionada tendo em vista a refutação do argumento da moça pobre como mais adequada. Em *Decl.* 5 §32, o jovem diz que, caso o matrimônio com a pobre o faça cair na miséria, ele saberia sobreviver com pouco, pois foi criado por um pai avaro. A refutação de tal prerrogativa segue o padrão indicado no comentário (*Decl.* 6 th, § 5), no qual é dito que a mudança da riqueza para a pobreza é duas vezes mais vergonhosa. Justamente neste ponto reside a refutação do pai: em §43, é dito que a dor de um homem pobre ao ver um rico é muito maior se o pobre tiver sido rico em outro momento da vida (πολὺ μᾶλλον ἀλγήσει παλαιᾶς αὐτοῦ μεμνημένος εὐδαιμονίας, - "muito mais ele sofrerá, lembrando-se do bem estar de outrora").

A reflexão sobre a utilidade do casamento se encerra em §48, parágrafo no qual há uma conclusão dos pontos discutidos anteriormente. A quarta hipófora é citada em §49 e inicia um novo ponto capital, a saber *honra*, cuja contrapartida encontra-se em *Decl.* 5 §§44-50. Em seu discurso, o herói evidencia que seu *modus operandi* é livre de reproche, mas admite que não pôde superar sua paixão. Ele busca se livrar da censura ao ressaltar que não agiu de modo abjeto, como os apaixonados costumam agir, e que sua paixão não é condenável, pois tanto ele quanto a jovem não têm pretendentes e estão em idade núbil. O velho, por sua vez, reconhece que o herói não fez nada do costumeiro aos jovens apaixonados, como o cortejo acompanhado de flauta e o παρακλαυσίθυρον.¹⁶¹ Entretanto, segundo o sovina, o herói será, mesmo assim, vítima de invectivas. Ele diz em §49:

ἄνευ γὰρ αὐλοῦ καὶ ἁσμάτων μικρὸν ὄνειδος σοι δοκεῖ κόρης ἁλῶναι τοσοῦτον ὅσον ἔνδειαν πλούτου προκρίναι. ἀλλ' οὐκ εἴ τινες ἀναιδέστερον παροινούσι, σὺ δὲ τούτων ἔλαττον ἤμαρτες, διὰ τοῦτο τὴν προσήκουσαν μέμψιν ἐκκλίνεις. εἰ γὰρ τὸ μείζον ἐλάττωμα λύσις αἰ τοῦ ἐλάττονος ἦν, ἐν ᾗ ὑπεύθυνον ἔγκλημα τὸ μέγιστον κατελείπετο. κἂν ἐγὼ τινα λοιδορήσω, τῷ μὴ πατάξαι πλημμελεῖν οὐ δοκῶ; κἂν

¹⁶¹ O costume que ficou conhecido como παρακλαυσίθυρον é mencionado com muita frequência na elegia amorosa latina. Alguns exemplos são: Hor. *Od.* 3.10; Prop. 1.16; Tib.1.2; Ov. *Am.* 1.6.

ἀδίκων ἄρξω χειρῶν, τῷ μὴ ποιῆσαι τραυματίαν ἀθῶος ἀπέρχομαι; καὶ τραῦμα
τολμήσας, ὅτι μήπω καὶ φόνον, ἀνεύθυνός εἰμι;

Tu pensas que tomar a jovem sem flauta e canção e preferir a necessidade de dinheiro são injúrias pequenas. Se uns homens agissem como bêbados despudorados, tu errarias menos que eles e evitarias a culpa proveniente disso. Se a falta grande fosse sempre desculpa para a falta pequena, a maior acusação passível [de censura] restaria. Se eu insultasse alguém, não pareceria ofendê-lo mesmo sem atingi-lo? Se eu desse o primeiro soco, sairia impune por não tê-lo causado ferimentos? E se eu infligisse um trauma, mas sem matá-lo, não seria o responsável?

Decl. 6 § 49

Duas categorias de erros/faltas (ἐλάττωμα) são propostas: a categoria dos erros maiores (μεῖζον) e a dos menores (τοῦ ἐλάττονος) e a classificação é feita pela relação entre um e outro. Os exemplos citados pelo pai são: 1. entre insultar e bater em alguém, insultar seria um erro menor, bater seria um erro maior; 2. dar um soco e ferir alguém, ferir alguém seria maior, dar um soco menor; 3. causar um trauma e matar, matar seria maior, causar um trauma menor. Tal raciocínio opera como elemento comprobatório, pois auxilia o pai a provar seu argumento de que o filho, embora não tenha feito nada daquilo costumeiro aos apaixonados, ainda assim erra. A partir desse raciocínio, infere-se que mesmo que o herói não tome a jovem (κόρης ἀλῶναι) de modo abjeto, apenas o fato de tomar a jovem ao invés da riqueza já é um erro: tomá-la de forma ignóbil é um erro maior, tomá-la ao invés da riqueza é um erro menor, mas ainda assim um erro. E todos erros são passíveis de censura; por essa razão, o pai conclui seu pensamento com um argumento apagógico (*redução ao absurdo*):

οὐκοῦν ἅπαντας ἐφεξῆς διαγραπτέον τοὺς νόμους πλὴν ὅσοι περὶ φόνων εἰσὶ γεγραμμένοι, μᾶλλον δὲ καὶ τούτων τοὺς περὶ τῶν ἀκουσίων τεθέντας. τοῦτο γάρ, οἶμαι, κεφάλαιόν ἐστι τῶν κακῶν. ὁρᾷς εἰς ὅσῃν ὁ λόγος ἀτοπίαν προβαίνει τοῖς παρὰ σοῦ ῥηθεῖσιν ἀκολουθῶν.

Certamente, todas as leis precisariam ser apagadas, uma após a outra, sobretudo as relativas à morte involuntária, exceto as de homicídio, pois, como penso, esse é o chefe dos crimes. Vês o tamanho do absurdo ao qual o argumento leva se seguir as tuas palavras.

Decl. 6 §51

Tendo exposto que as atitudes do herói podem sofrer represálias, o pai passa à discussão acerca das consequências que o matrimônio desejado pelo filho traria. Em § 57, vê-se a quinta hipófora, o ponto de partida para o *kephalaion ekbesomenon* (consequência), que na *Decl. 5* corresponde aos parágrafos 51 a 57. Na *Decl. 5*, o herói vê somente uma consequência: caso ele consiga tomar a pobre em matrimônio, todos os jovens da cidade se sentirão impelidos a guerrear, vendo que o heroísmo pode trazer benesses, de modo que a concretização do pedido beneficia tanto a cidade quanto ele próprio. O velho refuta tal lógica ao dizer que a consolidação do casamento não influenciará ninguém, nem mesmo os jovens imoderados que desejam casar com mulheres de fortuna inferior, pois esses percebem, a partir da presente situação, que tal casamento é indigno e, portanto, tentarão ser prudentes (§59).

A sexta - e última - hipófora (§64), diferentemente das outras, constrói-se por antecipação (ἴσως ἐννοεῖται πρὸς ἑαυτόν - "talvez ele pense consigo mesmo"), mas não inaugura um novo ponto capital; a citação vem à tona ainda sob a discussão das consequências da ação. Não é possível notar uma contrapartida na *Decl. 5*; portanto, a citação é um elemento adicionado tendo em vista apenas as circunstâncias da argumentação do sovina, mais especificamente justificar a classificação em três tipos de homens apresentada em § 65:

ὀρίζομαι γὰρ ἄνδρα μὲν ἄριστον τὸν οὐ φρονοῦντά τι φαῦλον, ἔπειτα δεῦτερον τὸν ἄτοπα μὲν ἐννοούμενον, ἐρυθριῶντα δὲ λέγειν καὶ πράττειν· ὁ δὲ γνώμη μὲν ἀμαρτάνων καὶ γλώττη, καθαρὸς δὲ τοῖς ἔργοις τρίτος μοι τέτακται. τὸν δὲ γε διανοίᾳ τε καὶ λόγοις καὶ πράξεσι πλημμελοῦντα τοῦτον οὐδαμοῦ θήσομαι. ἐβουλόμην μὲν οὖν ἄριστον ἢ δευτερόν σε τετάχθαι· ἐπεὶ δὲ τὰς ἀμείνους ἀπολέλοιπας τάξεις ὁμοῦ τε τὸ φίλτρον ἐνθυμηθεῖς καὶ τὴν ἔννοιαν ἐξειπών, τὴν γοῦν ὑπόλοιπον φύλαττε τάξιν μὴ πρὸς ἔργον ἄγων τὸ πάθος.

Eu defino o melhor homem como aquele que não pensa em nada pequeno, o segundo é aquele que tem em mente coisas sem sentido, mas se envergonha ao dizê-las e fazê-las. O homem que erra em seus julgamentos e palavras, mas é puro em seus atos, a esse eu dou o terceiro lugar. Não colocarei em nenhum lugar aquele que erra em pensamento, palavras e atos. Eu queria ter te colocado entre os melhores ou os segundos, mas, uma vez que abandonaste as melhores posições, tomando em teu coração o feitiço e tendo declarado teu pensamento, mantém a posição restante e cuida para que tuas emoções não guiem tuas ações.

Decl. 6 §65

Na *Decl. 5*, uma das hipóforas (§58) não parte do pai, mas sim de um outro cidadão, um τις. Ainda que a objeção não parta do pai, o velho alude à prova trazida pelo filho em sua refutação. Em *Decl. 5* §§58-42, o herói, visando refutar a acusação de falta de patriotismo, elabora uma narração dos eventos circunscritos ao início da guerra e ao retorno como vitorioso. O pai redimensiona a narração do filho de modo a atribuir-lhe um novo significado. O filho dissera que a alegria por ter salvado a cidade renovou sua paixão. O pai, entretanto, considera que a mesma alegria deveria ter sido motivo de expulsão da paixão e, para confirmar seu ponto de vista, faz uso de sentenças proverbiais relativas à dissolução de um amor. Em §68, afirma-se que os apaixonados esquecem mais facilmente suas paixões quando não tentam esquecê-las de modo voluntário. Referindo-se ao amor do filho em termos de "encantamento", como fizera em outras passagens do discurso, e "doença" (τὸ νόσημα - § 69), o velho conclui sua refutação por meio de pergunta e de uma confirmação:

πῶς οὖν τοῦ πολέμου σοι τὸ φίλτρον ἀπωσαμένου πάλιν ἀνενεώσω τὸ νόσημα; ἢ γὰρ τοιαύτη φιλία λύσεως ἀρχὴν δεξαμένη μόλις πρὸς ἑαυτὴν ἀναστρέφει.

Como, uma vez que a guerra expelira de ti o encantamento, tu renovaste a doença?
Um amor assim, quando começa a se dissolver, dificilmente restaura-se.

Decl. 6 § 69

A última hipófora citada em *Decl. 5* § 63 tem a ver com a busca que o pai faria por uma jovem que fosse rica e tão bonita quanto a moça pobre. Não há na *Decl. 6* alusão a tal objeção; este fato ilustra, mais uma vez, a liberdade e o pragmatismo com os quais os declamadores conduziam seus discursos. Não havia a preocupação em opor objeção a objeção; ao contrário, elementos novos poderiam ser adicionados, contanto que fossem vantajosos e respeitassem a verossimilhança da situação. No entanto, há também uma seção destoante na *Decl. 6*. Em § 70, o velho introduz as palavras que, em um cenário ideal, o filho deveria ter dito; se trata de uma *prosopopeia*. O discurso constrói-se a partir do ponto de vista do velho sovina (o interesse monetário não é abandonado), mas é adequado ao caráter do jovem apaixonado (o casamento com a pobre seria realizado), de modo a ser crível. A fala

reportada, algo engendrado exclusivamente com o intuito de beneficiar a parte do velho, serve de estratagema retórico cuja função é condenar as ações do filho como precipitadas e reforçar o caráter de pai empático do sovina.¹⁶²

A argumentação encerra-se em §76. Há, contudo, bastante fluidez na transição para o epílogo, que, para mim, inicia-se em §77. No intervalo entre §§73-6 rememoram-se tópicos comentados em outros momentos da declamação: §74, no qual comenta-se que a riqueza não fenece como a beleza pela ação do tempo e por doenças, alude a §40; §75 a §26; §76 a §42. Nota-se, portanto, uma espécie de construção anelar, circular, que, ao mesmo tempo que relembra tópicos já discutidos, fornece um desfecho, uma conclusão, à exposição dos argumentos do velho.¹⁶³

Epílogo (§§ 77- 86)

É difícil estabelecer com precisão quando se inicia o epílogo da *Decl.* 6. O bloco entre §§77- 84 é incluído por mim sob "epílogo" com hesitação. Se a primeira exclamação (§77) for tida como ponto de partida, a extensão pareceria grande demais para um epílogo. Em §85, nota-se o primeiro lugar comum de epílogos: a afirmação do desejo de concluir o discurso e de ter demonstrado os pontos em poucas palavras (Βούλομαι τοίνυν τὸν πλοῦτον ὅσον ὄφελός ἐστι τῷ βίῳ διὰ βραχέων σοι δείξας καταλῦσαι τὸν λόγον - "Eu desejo concluir meu discurso, tendo mostrado a ti, em poucas palavras, quanto útil é a riqueza à vida"), um aspecto

¹⁶² Na interpretação de Schouler, o pai reforça o caráter "conciliant" e "humain" ao afirmar que gostaria que ele e o filho tivessem entrado em acordo antes de o filho se precipitar e levar a questão à assembleia. *Le père reste conciliant e humain. Il aurait aimé que son fils vienne lui confier son amour pour la jeune fille au lieu de déclarer celui-ci devant la peuple, à l'occasion de la demande de récompense, et de rendre public leur désaccord.* SCHOULER 2005: 121.

¹⁶³ O velho escolhe recapitular elementos relacionados à utilidade do dinheiro, que é, talvez, o argumento mais forte disponível a ele. Anônimo Segueriano (§212) comenta que a recapitulação não deve necessariamente cobrir todos os pontos, apenas os considerados mais vantajosos.

que epílogos compartilham com proêmios. Apesar de afirmação acontecer apenas em §85, outros fatores permitem afirmar que o epílogo, pelo menos a partir de §77, já está em curso.

Entre §§77-84, há uma afinada sintonia entre o *logos* e o *pathos*. Tal sintonia define o epílogo, que, na visão dos antigos, formava-se de uma parte "prática" ou "pragmática" e uma "patética". O "prático" relaciona-se à recapitulação (ἀνακεφαλαίωσις) dos pontos capitais debatidos, enquanto o "patético" conecta-se ao suscitar determinadas emoções, consideradas vantajosas, no adversário e nos jurados. A simbiose entre essas duas forças, a lógica e a emotiva, é patente, por exemplo, nas considerações vistas entre §§78-80. Após uma exclamação bastante vívida, em §77, o pai diz que os gastos impostos pelo filho e por seus amigos em uma festa dada na casa do sovina impulsionaram os conselhos que ele dava ao filho: ele gostaria que o herói fosse logo pedir o prêmio do heroísmo, de modo que pudesse compensar as despesas do banquete com o dinheiro proveniente do prêmio. Tal ponto, não mencionado em nenhum outro momento do discurso, é colorido por uma sentença exclamativa (οὕτω...) algo não visto na argumentação.

ὁ μὲν γὰρ δῆμος ὑμεῖς ἦτε συνειλεγμένοι, ὁ δὲ παρῆει πρὸς τὸ βῆμα φυσῶν καὶ τοῦ πολέμου βραχέα μνησθεὶς· ἠπείγετο γὰρ πρὸς τὴν κόρη, ἥτησε δωρεὰν τὰμα δαπανῆσαι. τοιαῦτα τῆς ἀριστείας ἀπέλαυσα τοῦ παιδός. οὕτω καλὸν ἔβοσκον ἑμαυτῷ γηροτρόφον.

Vós, o povo, estáveis reunidos quando ele subiu na tribuna, de peito estufado, e relembrou a guerra por um breve momento. Ele se apressava pela garota. Ele pediu, como prêmio, o gasto dos meus bens. Este é meu benefício oriundo do heroísmo do meu filho. De que bela ajuda eu me nutria na velhice!

Decl. 6 §80

De §81 a §83, novamente, o *pathos* e o *logos* aparecem interconectados. Os três parágrafos estão repletos de imperativos direcionados ao herói.¹⁶⁴ Tais ordens caracterizam-se por seu teor suasório; o pai engendra seus conselhos baseando-se em provas tanto lógicas quanto patéticas. Em §83, por exemplo, o sovina aconselha ao herói ser um orgulho para a

¹⁶⁴ §81 - ἀλλὰ μὴ ἔχε / §82 - μὴ ἀποστέρει; μὴ δόξης [subjuntivo com valor de imperativo]; δός 2x / §83 - δός / μὴ ἀποφήνης [subjuntivo com valor de imperativo].

mãe, de modo que ela o receba de forma mais calorosa por ter obedecido ao pai. De algum modo, a lembrança da mãe deve ser apelativa ao homem jovem, ainda não casado.

Assim como na *Decl.* 5, o epílogo na *Decl.* 6 encerra-se de modo tradicional: em §85, como mencionado, o velho afirma que deseja terminar seu discurso e menciona a brevidade de sua exposição. Outra tópica própria de encerramentos de discurso é o reconhecimento da persuasão dos jurados: na *Decl.* 5, fala-se sobre o olhar paternal e gentil do pai, enquanto na *Decl.* 6 comenta-se sobre o povo que assente com a cabeça ao que foi dito pelo pai (Ὁρᾷς κατανεύοντα τοῖς λεγομένοις τὸν δῆμον - §86).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero reconhecido como declamação tem sua origem atrelada aos discursos modelares do período clássico e, provavelmente, tomou a forma pela qual ficou conhecido no período imperial apenas no período helenístico. Contudo, as evidências anteriores ao período imperial são poucas; a maior porção dos textos supérstites é datada do império, um período em que a declamação, já descolada de seu contexto escolar, floresceu como gênero subliterário. Dentre o *corpus* grego, destacam-se as declamações de Corício, autor frequentemente associado à Escola de Gaza e à Terceira Sofística, dois movimentos relacionados a uma produção intelectual que veiculava valores culturais e literários clássicos em um período em que os gregos estavam sob dominação romana. O fato de serem doze discursos completos, preservados quase sem lacunas e com seus discursos exordiais (*dialexis* e *theoria*) alça as declamações de Corício a um patamar único. Além dessas características formais distintivas, as declamações de Corício representam os últimos vestígios da prática declamatória em contexto de ensino da oratória no mundo antigo. Não há, até o Renascimento, rastros da prática. Corício foi, por assim dizer, o último dos declamadores antigos.

Embora distante do universo arcaico e clássico dos textos literários os quais deve ter lido e estudado, Corício, em suas declamações, não hesita em pôr em cena temas, tópicos e personagens retirados de tal universo, especialmente da comédia menandriana e da épica homérica. Tal diálogo com a tradição é evidente na forma e no conteúdo das duas declamações que compuseram o *corpus* da pesquisa, a *Decl. 5*, ou *O Jovem Herói*, e a *Decl. 6*, ou *O Velho Sovina*. A personagem do herói de guerra e o prêmio pelo heroísmo relembram, certo que com modificações, os heróis homéricos, que recebiam recompensas por seus trabalhos como guerreiro. Por outro lado, a caracterização do velho sovina da *Decl. 6* constrói-se por meio de paradigmas éticos de velhos avarentos vistos, especialmente, nas comédias de Menandro (e, por extensão, nas latinas). Além dos temas, a própria linguagem empregada pelo sofista de Gaza deixa patente a relação quase servil com o universo clássico: o

dialeto é, quase que exclusivamente, ático, e a prosa se assemelha à prosa de autores clássicos, particularmente pelas escolhas lexicais e pela sintaxe.

Se os testemunhos supérstites, dentre os quais se destaca Filóstrato em *A Vida dos Sofistas*, forem confiáveis, as declamações no império tardio tinham duas funções: a de instrumento pedagógico, a partir do qual o jovem interessado aprendia a oratória, e a de gênero sublitterário que visava o deleite, a performance e a teatralidade, sem fins educativos que o definam. Nesse contexto, ao que parece, as declamações de Corício foram produzidas e, de fato, os comentários do próprio autor nas *dialexeis* refletem a relação simbiótica entre essas duas funções. Uma característica, porém, distingue o corpus coriciano: não há nos comentários exordiais menções a teorias retóricas, que sabemos serem populares no período, como a teoria da *stasis*, tão presente nos escritos latinos e no *corpus* de Libânio. Como salientou Webb (2006:111), Corício parece, mais do que qualquer outro declamador supérstite, centrar-se em aspectos relativos à caracterização moral e psicológica das personagens de suas declamações. Tal processo de intensificação de elementos éticos em detrimento da sofisticação teórica característica das teorias em voga no império tardio pode denotar que as declamações de Corício estejam mais afiliadas a um contexto performático, epídítico, embora haja suficiente evidência para afirmar que a audiência de Corício seja composta por seus estudantes (os *neoi* frequentemente mencionados nas *dialexeis*). Não é possível dizer, contudo, se apenas os estudantes fariam parte de tais encontros declamatórios. A falta de menções a teorias retóricas talvez indique que a audiência das declamações coricianas fosse mista: é possível que pessoas com conhecimento elementar ou mesmo sem conhecimento algum das teorias tomassem parte como ouvintes. É possível também que seus estudantes, os *neoi*, já estivessem bastante avançados no curso e não necessitassem nenhum ensinamento teórico, pois isso já teria sido feito em períodos mais básicos do curso.

Seja como for, quando se fala em declamação é impossível desvinculá-la do ambiente escolar no qual foi gestada e, por isso, a crítica moderna tende a ressaltar o papel ocupado pelos alunos no processo de desenvolvimento do gênero na Antiguidade. O caráter lúdico dos temas declamatórios talvez seja um dos aspectos cuja influência da audiência é mais notada.

Já na Antiguidade, o faz de conta e a ludicidade de tais temas eram alvos de reproche. No *Satíricon*, por exemplo, Agamêmnon se defende ao dizer que, se não fosse por tais temas, ele ensinaria "bancos vazios". Dentro dessa configuração e tendo em vista que a declamação seria um dos únicos gêneros voltados exclusivamente ao jovem, a crítica atual busca vincular o exercício ao processo de construção da identidade desse jovem estudante, um homem em formação. A declamação, que se desenvolvia *in persona*, auxiliava a socialização do jovem, à medida que papéis sociais diferentes eram interpretados.

Uma grande porção das declamações greco-latinas restantes discute questões de ordem familiar, especialmente querelas pai *vs.* filho, como é o caso das declamações estudadas. Muitos notaram o apelo de tais temas aos estudantes: nas declamações, a ficção, como nota o autor da *theoria* à *Decl.* 5, permitia que assuntos tabu, como o questionamento acerca do poder do *paterfamilias*, fossem problematizados. Nessa medida, explica-se a atitude menos conservadora que o jovem herói da *Decl.* 5 tem para com seu pai. Ele faz questão de enfatizar ao pai que a relação entre eles, na disputa, não é a mesma relação servil escravo-senhor. Além disso, o herói também ressalta que a lei diz que ele próprio, o herói, deve escolher, e não seu pai.

A partir do estudo analítico do segundo capítulo, conclui-se que ambos os discursos são divididos em quatro partes e a argumentação, que se estrutura por pontos capitais da *stasis* pragmática, ocupa a maior parte em ambas as declamações. O breve estudo do gênero retórico revelou que, ao que parece, ambos os discursos são aclimatados ao gênero deliberativo, embora essa afirmação seja problemática. Não se pode concluir que Corício tivesse acesso aos manuais de retórica consultados, especialmente aos trabalhos de Hermógenes e Ps.-Hermógenes. No entanto, inúmeras passagens de ambas as declamações encontram respaldo em teorias vistas nos tratados do *corpus* creditado a Hermógenes, como a estruturação do ponto capital, as partes do proêmio e a narrativa preliminar de caráter ético. Parece ser mais provável que Corício conhecesse as estratégias formais e argumentativas mais próprias às declamações a partir do estudo de declamações e não de manuais, pois parece haver uma primazia da prática com relação à teoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Edições, traduções e comentários dos autores antigos mais citados¹:

- Anon. Seg.** ANONYMUS SEGUIERIANUS.
- Rh. Ars Rhetorica.*
DILTS, M.R. & KENNEDY, G.A. (eds.). *Two Greek rhetorical treatises from the Roman Empire: introduction, text, and translation of the Arts of Rhetoric, attributed to Anonymous Seguerianus and to Apsines of Gadara*. Leiden: Brill, 1997. (Mnemosyne Bibliotheca Classica Batava).
- Aps.** APSINES RHETOR.
- Rh. Ars Rhetorica.*
DILTS, M.R. & KENNEDY, G.A. (eds.) In *Two Greek rhetorical treatises from the Roman Empire: introduction, text, and translation of the Arts of Rhetoric, attributed to Anonymous Seguerianus and to Apsines of Gadara*. Leiden: Brill, 1997. (Mnemosyne Bibliotheca Classica Batava)
- Arist.** ARISTOTELES PHILOSOFUS.
- EN. Ethica Nicomachea.*
RACKHAM, H. (trad.) London: Harvard University Press, 1934. (Loeb Classical Library)
- Rh. Ars Rhetorica.*
ALEXANDRE Jr. M.; *et alli.* (trad.) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
GRIMALDI, W.A. *Aristotle's Rhetoric I: A Commentary*. New York: Fordham University Press, 1980.
_____. *Aristotle's Rhetoric II: A Commentary*. New York: Fordham University Press, 1989.
KENNEDY, G.A. (trad.) *On Rhetoric: A Theory of Civic Discourse*. New York: Oxford University Press, 1991.
ROSS, W.D. (ed.) Oxford: Oxford University Press, 1959. (Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis)
- [Arist.]** *Rh. Al. Rhetorica ad Alexandrum.*
MIRHADY, D.C. (ed. e trad.) London: Harvard University Press, 2011.

¹ Os autores antigos porventura citados que não aparecem arrolados tiveram suas edições consultadas a partir do TLG e do TLL. As abreviaturas de autores gregos são retiradas do LSJ e as dos latinos do GAFFIOT.

(Loeb Classical Library)

Cic.

M. TULLIUS CICERO.

Brut. Brutus.

HENDRICKSON, G.L. (trad.) London: Harvard University Press, 1962.
(Loeb Classical Library)

Inv. de Inventione.

HUBBEL, H.M. (trad.) London: Harvard University Press, 1949. (Loeb
Classical Library)

Or. Orator.

HUBBEL, H.M. (trad.) London: Harvard University Press, 1962. (Loeb
Classical Library)

de Or. de Oratore.

Livros I e II. SUTTON, E.W. & RACKHAM, H. (trad.) London, Harvard
University Press, 1948. (Loeb Classical Library)

Livro III. RACKHAM, H. (ed.) London: Harvard University Press, 1942.
(Loeb Classical Library).

[Cic.]

Rh. Her. Rhetorica ad Herennium.

SEABRA, A. & FARIA, A.P.C. (trad.) São Paulo: Hedra, 2005.

Chor.

CHORICIUS RHETOR.

Or. Orationes.

BOISSONADE, J. F. (ed.) Paris, 1846.

FOERSTER, R.; RICHTSTEIG, E. (ed.) *Choricii Gazaei Opera.* Leipzig:
Teubner, 1929.

LITSAS, F. K. *Choricius of Gaza, An Approach to His Work:
Introduction, Translation, Commentary.* Tese de doutorado apresentada
à University of Chicago, 1980. (inédita)

Decl. Declamationes.

FOERSTER, R.; RICHTSTEIG, E. (ed.) *Choricii Gazaei Opera.* Leipzig:
Teubner, 1929.

LUPI, S. *Coricio di Gaza, XVII (= decl. 4) F.-R.: Milziade: Introduzione,
Traduzione e commento.* Berlin: Rombach Verlag, 2010.

PENELLA, R.J; *et alli. Rhetoric Exercises from Late Antiquity: a
translation of Choricius of Gaza's preliminary talks and declamations.*
Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

Hermag.

HERMAGORAS RHETOR.

MATTHES, D. (ed.) *Hermagoras Fragmenta.* Leipzig: Teubner, 1962.

WOERTHER, F. (ed.) *Hermagoras: Fragments et Témoignages.* Les Belles
Lettres, 2012

- Hermog.** HERMOGENES RHETOR.
Id. Περί ιδεῶν λόγου.
 RABE, H. (ed.) *Hermogenis Opera*. Leipzig: Teubner, 1913.
Stat. Περί στάσεων.
 HEATH, M. (trad. e com.) *Hermogenes' On Issues: Strategies in Later Greek Rhetoric*. Oxford: Clarendon Press, 1995.
 RABE, H. (ed.) *Hermogenis Opera*. Leipzig: Teubner, 1913.
- [**Hermog.**] PS.-HERMOGENES
Inv. Περί εὐρέσεως.
 KENNEDY, G. A. (trad.) *Invention and Method: two rhetorical tratises from the Hermogenic Corpus*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.
 RABE, H. (ed.) *Hermogenis Opera*. Leipzig: Teubner, 1913.
- Meth.* Περί μεθόδου δεινότητος.
 KENNEDY, G. A. (trad.) *Invention and Method: two rhetorical tratises from the Hermogenic Corpus*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.
 RABE, H. (ed.) *Hermogenis Opera*. Leipzig: Teubner, 1913.
Prog. Προγυμνάσματα.
 KENNEDY, G.A. (trad.) *Progymnasmata: Greek textbooks of prose composition and rhetoric*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003.
 RABE, H. (ed.) *Hermogenis Opera*. Leipzig: Teubner, 1913.
- Lib.** LIBANIUS SOPHISTA
Decl. *Declamationes*.
 RUSSELL, D.A. (trad.) *Libanius Imaginary Speeches: a Selection of Declamations translated with notes*. London: Duckworth, 1996.
- Quint.** M. FABIVS QUINTILIANUS
Inst. Orat. *De Institutione Oratoria*.
 RUSSELL, D. (trad. e ed.) London: Harvard University Press, 2001. (Loeb Classical Library. Vol. I- V).
- [**Quint.**] PS.-QUINTILIANUS
Decl. Min. *Declamationes Minores* (244-388)
 SHACKLETON BAILEY, D.R. (trad. e ed.) London: Harvard University Press, 2006. (Loeb Classical Library. Vol. I e II).
 WINTERBOTTOM, M. (ed.) *The Minor Declamations ascribed to Quintilian: edited with commentary*. Berlin: De Gruyter, 1984.

Decl. Maior. Declamationes Maiores (1-19)

BREIJ, B. (coment.) *The Eighteenth and Nineteenth Maior Declamations Ascribed to Quintilian: a commentary*. Nijmegen: Drukkerij Ponson & Looijen, 2007.

PASETTI, L. (trad. e ed.) [*Quintiliano*] *Il Veleno Versato (Declamazioni maggiori, 17)*. Cassino: Edizioni Università de Cassino, 2011.

STRAMAGLIA, A. (trad. e ed.) *I gemelli malati: un caso de vivisezione (Declamazioni Maggiori 8)*. Cassino: Edizioni dell'Università degli Studi di Cassino, 1999.

_____. (trad. e ed.) [*Quintiliano*] *La città che si cibò dei suoi cadaveri (Declamazioni maggiori, 12)*. Cassino: Edizioni dell'Università degli Studi di Cassino, 2002.

_____. (trad. e ed.) "Pseudo-Quintilianus, Declamationes Maiores 1: paries palmatus". *Invigilata Lucernis* 30, 2008, pp. 195-233.

SUSSMAN, L. *The Major Declamations Ascribed to Quintilian: a translation*. New York: Verlang Peter Lang, 1987.

Sen.

L. ANNAEUS SENECA

Contr. Controversiae

Suas. Suasoriae

WINTERBOTTOM, M. (trad. e ed.) London: Harvard University Press, 1974. (Loeb Classical Library. Vol. I e II).

Obras de consulta:

GAFFIOT

GAFFIOT, F. & FLOBERT, P. (org.) *Le Grand Gaffiot: dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 2000. (édition revue)

LAUSBERG

LAUSBERG, H. *Handbook of literary Rhetoric: a foundation for literary study* (ed. David E. Orton & R. Dean Anderson). Leiden: Brill, 1998.

LSJ

LIDDELL, H.G.; SCOTT, R; JONES, S. *Greek – English Lexicon with a revised supplement*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

Bibliografia secundária:

ABEL, F.M. "Gaza au VI^e siècle d'après le rhéteur Chorikios". *RBi* 40, 1931, 5-31.

ADRADOS, F. R. *History of Graeco-Latin Fable*. Leiden: Brill, 1999.

AMATO, E. "Aperçus sur la tradition manuscrite des Discours de Chorikios de Gaza et état de la recherche". In: SALIOU, C. (ed.) *Gaza dans l'Antiquité Tardive: Archeologie, rhétorique, histoire*. Salerno: Helios, 2005, pp. 93-116.

_____. et alli (ed.) *Approches de la Troisième Sophistique: Hommages à Jacques Schamp*. Bruxelles: Collection Latomus 296, 2006.

_____. "The fortune and reception of Choricus and of his works". In: PENELLA, R. (ed.). *Rhetorical Exercises from Late Antiquity: a translation of Choricus of Gaza's Preliminary Talks and Declamations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 261 - 302.

_____. et alli (ed.) *Law and Ethics in Greek and Roman Declamation*. Berlin: De Gruyter, 2015.

_____. THÉVENET, L. & VENTRELLA, G. (org.) *Discorso pubblico e declamazione scolastica a Gaza nella tarda antichità: Coricio de Gaza e la sua opera*. Bari: Edizioni di Pagina, 2015.

ANDERSON, G. "Rhetoric and the Second Sophistic". In: DOMINIK, W. & HALL, J. A. *Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007, pp. 339-353.

ASHKENAZI, Y. "Sophists and Priests in Late Antique Gaza according to Choricus the Rhetor". In: BITTON-ASHKELONY, B & KOFSKY, A. (ed.) *Christian Gaza in Late Antiquity. Jerusalem Studies in Religion and Culture* 3. Leiden: Brill, 2004.

BEARD, M. "Looking (harder) for Roman Myth: Dumézil, Declamation and the Problem of Definition", In: GRAFF, F (ed.), *Mythos in mythenloser Gesellschaft*. Stuttgart: Das Paradigma Roms, 1993, pp. 44-64.

BERRY, D.H; HEATH, M. "Oratory and Declamation". In: PORTER, S. (ed.) *Handbook of Classical Rhetoric*. Brill, pp. 393-420.

BERTI, E. *Scholasticorum Studia: Seneca il Vecchio e la cultura retorica e letteraria della prima età imperiale*. Pisa: Giardini, 2007.

BITTON-ASHKELONY, B & KOFSKY, A. (ed.) *Christian Gaza in Late Antiquity. Jerusalem Studies in Religion and Culture* 3. Leiden: Brill, 2004.

BLOOMER, M. *Latinity and Literate Society at Rome*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997a.

_____. "Schooling in Persona: Imagination and Subordination in Roman Education". *CA* 16, 1997b, pp. 57-78.

_____. "A Preface to the History of Declamation: Whose speech? Whose History?". In: HABINEK, T. & SCHIESARO, A (ed.) *The Roman Cultural Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997c, pp. 199-215.

_____. "Roman Declamation: the Elder Seneca and Quintilian". In: DOMINIK, W & HALL, J (ed.). *A Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007, pp. 297-306.

BONNER, S.F. *Roman Declamation in the Late Republic and Early Empire*. Liverpool: University Press of Liverpool, 1949.

BOWERSOCK, G. *Greek Sophists in the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1969.

BOWIE, E.L. "Greeks and Their Past in the Second Sophistic". *Past & Present*, No 46, 1970, pp. 3-41.

BRAUW, M. de. "The parts of the speech". In: WORTHINGTON, I. (ed.) *A companion to Greek rhetoric*. Oxford: Blackwell. 2010, pp. 187 - 202.

BRECHET, C. *et alli.* (ed.) *Théories et pratiques de la fiction à l'époque impériale*. Paris: Picard, 2013.

BREIJ, B. "Ps.-Quintilian's Major Declamations 18 and 19: two controversiae figuratae". *Rhetorica*, Vol. 24, No 1, 2006, pp. 79-104.

_____. "Pseudo-Quintilian's Major Declamations: beyond school and literature." *Rhetorica* 27, 2009, pp. 354-69.

CALBOLI, G. "L'eros nelle declamazioni latine (una pozione di contro-amore)". *Rhetorica* 28, 2010, pp. 138-59.

CAREY, C. "Nomos in Attic Rhetoric and Oratory". *JHS* Vol. 116, 1996, pp. 33-46.

CICCOLELLA, F. "Swarms of the Wise Bee': Literati and their Audience in Sixth-Century Gaza". In AMATO, E. *et alli Approches de la Troisième Sophistique: Hommages à Jacques Schamp*. Bruxelles: Collection Latomus 296, 2006, pp. 80-95.

CIVILETTI, M. "Meléte: analisi semantica e definizione di um genere". In MONTEFUSCO, L.C. (ed.) *Papers on Rhetoric IV*. Roma: Heroler, 2002.

CLARK, D.L. *Rhetoric in Greco-Roman Education*. New York: Columbia University Press, 1957.

CLARKE, M.L. *Higher Education in the Ancient World*. London: Routledge & Kegan Paul, 1971.

_____. "The Thesis in the Roman Rhetorical Schools of the Republic". *CQ* Vol. 1, No 3/4, 1951, pp. 159- 166.

COLE, T. *The Origins of Rhetoric in Ancient Greece*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991.

CORBEILL, A. "Rhetorical Education and Social Reproduction in the Republic and Early Empire". In: DOMINIK, W. & HALL, J. *A Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007, pp. 68-82.

_____. "A Student Speaks for Social Equality in the Roman Classroom (Quintilian, *Declamationes Minores* 260)". In DINTER, M *et ali* (org.). *Reading Roman Declamation: The Declamations ascribed to Quintilian*. Berlin: De Gruyter, 2015, pp. 17-25.

CORCELLA, A. "Choriciana". *Paideia* 60, 2005, pp. 79-93.

COSTRINO, A. *A Lição dos Declamadores: Sêneca, o rétor, e as suasórias*. Dissertação de Mestrado defendida junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2010. (inérita)

CRIBIORE, R. *Gymnastics of the Mind: Greek Education in Hellenistic and Roman Egypt*. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

_____. "The value of a good education: Libanius and Public Authority". In: ROUSSEAU, P. (ed.) *A Companion to Late Antiquity*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, pp. 233-245.

_____. *Libanius The Sophist: Rhetoric, Reality and Religion in the Fourth Century*. New York: Cornell University Press, 2013.

DESBORDES, F. *La Rhétorique Antique*. Paris: Hachette Livre, 1996.

DINGLE, J. *Scholastica Materua: Untersuchungen zu den Declamationes Minores und der Institutio Oratoria Quintilians*. Berlin: De Gruyter, 1988.

DINTER, M. et alli (org.) *Reading Roman Declamation: The Declamations ascribed to Quintilian*. Berlin: De-Gruyter, 2015.

DOMINIK, W. & HALL, J. *A Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007.

DOWNEY, G. *Gaza in the Early Sixth Century*. Norman: Oklahoma, 1963.

EDWARD, W. *Seneca the Elder: Suasoriae*. Bristol: Bristol University Press, 1929.

FAIRWEATHER, J. *Seneca the Elder*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

_____. "The Elder Seneca and Declamation". *ANRW II V.32.1*, Berlin, pp 515-56.

FANTHAM, E. "Disowning and dysfunction in the declamatory family". *MD* 53, 2004, pp. 65-82.

FRIEND, C. "Pirates, Seducers, Wronged Heirs, Poison Cups, Cruel Husbands, and Other Calamities: The Roman School Declamations and Critical Pedagogy". *RhetR*, Vol. 17, No. 2, 1999, pp. 300-320.

FRYDMAN, P. *Estratégias da Tradição: Cícero nas Declamationes de Sêneca, o Retor, e no Dialogus de Oratoribus de Tácito*. Tese de doutorado defendida junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo. São Paulo: 2004. (inérita)

GARBELLINI, I. T. *Tradução e Comentário da Arte Retórica de Consulto Fortunaciano*. Dissertação de Mestrado defendida junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2010. (inérita)

GIBSON, C. "Learning Greek History in the Ancient Classroom: the Evidence of the Treatises on Progymnasmata". *CP* 99: 103 -29.

GOLDHILL, S. "Rhetoric and the Second Sophistic". In: GUNDERSON, E. (ed.) *The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 228-244.

GRUBER, H. *The Women of Greek Declamation and the Reception of Comic Stereotypes*. Tese de Doutorado defendida na Universidade de Iowa, 2008. (inérita)

GUNDERSON, E. *Staging Masculinity: The rhetoric of performance in the Roman World*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.

_____. *Declamation, Paternity, and Roman Identity: Authority and the Rhetorical Self*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. (ed.) *The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

_____. "The rhetoric of rhetorical theory". In: GUNDERSON, E. (ed.) *The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 109-125.

HEATH, M. The Substructure of Stasis-theory from Hermagoras to Hermogenes". *CQ* 44, 1994, pp.114-29.

_____. *Hermogenes' On Issues: Strategies in Later Greek Rhetoric*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

_____. "Hermagoras". *Philologus* 146, 2002, pp. 287-98.

_____. "Ps.-Dionysius Art of Rhetoric 8-11: Figured Speech, Declamation and Criticism". *AJPh* 124, 2003, pp. 81-105.

_____. *Menander: a rhetor in context*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

HÖMKE, N. "The Declaimer's One-man Show. Playing with Roles and Rules in the Ps.-Quintilian *Declamationes Maiores*". *Rhetorica*, Vol. 27, No 3, 2009, pp. 240-255.

_____. "'Not to win, but to please'. Roman Declamation beyond Education". In: MONTEFUSCO, L.C. (ed.) *Papers on Rhetoric VIII: Declamation, Proceedings at the Seminars held at the Scuola Supeiore di Studi Umanistici (Bologna, February-March 2006)*. Roma: Helder Editrice. 2007, pp. 103-128.

HUNTER, R. L. *The New Comedy of Greece and Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

IMBER, M. "Practised speech: Oral and Written Conventions in Roman Declamation". In: WATSON, J. (ed.) *Speaking Volumes: Orality and Literacy in the Greek and Roman World*. Leiden: Brill, 2001, pp. 201-16.

_____. "Life without Father: Declamation and the Construction of Paternity in the Roman Empire". *MAAR*, Vol. 7, 2008, pp. 161-169.

JOHANSSON, M. *Libanius' Declamations 9 and 10*. Stockolm: Acta Universitatis Gothoburgensis, 2006.

KASTER, R. "Notes on 'Primary' and 'Secondary' Schools in Late Antiquity". *TAPhA*, Vol. 113, 1983, pp. 323-346.

_____. "Controlling Reason: Declamation in Rhetorical Education at Rome". In TOO, Y. L. (ed.) *Education in Greek and Roman Antiquity*. Brill: Leiden, 2001, pp. 317-37.

KENNEDY, G.A. "The Earliest Rhetorical Handbooks". *AJPh* 80, Vol 2, 1959, pp. 169-178.

_____. *The Art of Persuasion in Greece*. London: Routledge & Kegan Paul, 1963.

_____. "The Sophists as Declaimers". In: BOWERSOCK, G (ed.) *Approaches to the Second Sophistic*. Pennsylvania: University Park, 1974, pp. 17-22.

_____. *Greek Rhetoric under Christian Emperors*. Princeton. Princeton, N.J: Princeton University Press, 1983.

_____. *Classical Rhetoric and its Christian & Secular Tradition from Ancient to Modern Times*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1999.

_____. *Progymnasmata: Greek Textbooks of Prose Composition and Rhetoric* introduction and translation. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003.

_____. *Invention and method: two rhetorical treatises from the Hermogenic corpus* translated with introductions and notes. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.

KREMMYDAS, C. "Hellenistic Oratory and the Evidence of Rhetorical Exercises". In: *Hellenistic Oratory: Continuity and Change*. Oxford: Oxford University Press, 2013, pp. 139-164.

_____ & TEMPEST, K. (ed.) *Hellenistic Oratory: Continuity and Change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LITSAS, F. K. *Choricius of Gaza, An Approach to His Work: Introduction, Translation, Commentary*. Tese de doutorado apresentada à University of Chicago, 1980. (inérita)

LÓPEZ, J.F. "Quintilian as Rhetorician and Teacher". In: DOMINIK, W. & HALL, J. A *Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007, pp. 307-322.

LUPI, S. *Coricio di Gaza, XVII (=decl. 4) F.-R.: Milziade: introduzione, traduzione e commento*. Berlin: Rombach Verlag, 2010.

_____. "Two Laws, Two Loves: Generational Conflict Between a Father and His Son in Choricus' Declamations 5 and 6". In AMATO, E. *et alli* (ed.) *Law and Ethics in Greek and Roman Declamation*. Berlin: De Gruyter, 2015, pp. 303-332.

_____. "Occasione e performance nelle declamazioni di Coricio di Gaza". In : AMATO, E., THÉVENET, L. & VENTRELLA, G. (org.) *Discorso pubblico e declamazione scolastica a Gaza nella tarda antichità : Coricio de Gaza e la sua opera*. Bari : Edizioni di Pagina, 2015b, pp. 2-19.

MALOSSE, P.L. & SCHOULER, B. "Qu'est-ce que la troisième sophistique?". *Lalies* 29: pp. 157-224.

MACCARY, W.T. "Menander's Characters: their names, roles and masks". *TAPhA* 101, 1970, pp. 277-290.

MACK, P. "Declamation in Renaissance England". In: MONTEFUSCO (ed.) *Papers on Rhetoric VIII: Declamation, Proceedings at the Seminars held at the Scuola Superiore di Studi Umanistici (Bologna, February-March 2006)*. Roma: Helder Editrice. 2007, pp. 128-158.

MAIDMENT, K.J. (ed. e trad.) *Minor Attic Orators: Antiphon and Andocides*. London: Harvard University Press, 1941. (Loeb Classical Library)

MANZIONE, C. "Per un'introduzione al Rhetor di Coricio di Gaza". In: AMATO, E., THÉVENET, L. & VENTRELLA, G. (org.) *Discorso pubblico e declamazione scolastica a Gaza nella tarda antichità : Coricio de Gaza e la sua opera*. Bari : Edizioni di Pagina, 2015, pp. 170-203.

MARROU, H.I. *A History of Education in Antiquity*: translated by George Lamb. Madison: University of Wisconsin Press, 1956.

_____. *Histoire de l'Éducation dans l'Antiquité*. Paris: Éditions du Seuil, 1948.

MARTIN, T.M. *Tradução Anotada e Comentários da Ars Rhetorica de Caio Júlio Vitor*. Dissertação de Mestrado defendida junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2010. (inérita)

MIDDLETON, G. "Review of *Choricii Gazaei Opera*". *The Classical Review*, vol. 44, 1930, pp. 43-44.

MONTEFUSCO, L. C. *La dottrina degli "status" nella retorica greca e romana*. Hildesheim: Olms - Weidman, 1986.

_____. (ed.) *Papers on Rhetoric VIII: Declamation, Proceedings at the Seminars held at the Scuola Supeiore di Studi Umanistici (Bologna, February-March 2006)*. Roma: Helder Editrice. 2007.

_____. "La funzione strategica dei colores nella pratica declamatoria". In: MONTEFUSCO, L.C. (ed.) *Papers on Rhetoric VIII: Declamation, Proceedings at the Seminars held at the Scuola Supeiore di Studi Umanistici (Bologna, February-March 2006)*. Roma: Helder Editrice. 2007, pp. 157-178.

MONTIGLIO, S. *From Villain to Hero: Odysseus in Ancient Thought*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2011.

MORGAN, T. *Literate Education in the Hellenistic and Roman Worlds*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

_____. "Rhetoric and Education". In: WORTHINGTON, I. (ed.) *A companion to Greek rhetoric*. Oxford: Wiley-Blackwell. 2010, pp. 303-319.

PACK, R.A. "On the plot of Menander's *Dyscolus*". *CPh*, Vol. 30, No 2, 19, 1935, pp. 151-160.

PASETTI, L. [Quintiliano]. *Il veleno versato (Declamazioni maggiori, 17)*, Cassino, 2011.

PENELLA, R. (ed.). *Rhetorical Exercises from Late Antiquity: a translation of Choricus of Gaza's Preliminary Talks and Declamations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

PENNER, T. & STICHELE, C.V. "Rhetorical practice and performance in early Christianity". In: (ed.) *The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 245-260.

PERNOT, L. *La Rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000.

POULAKOS, J. *Sophistical Rhetoric in Classical Greece*. Columbia: University of South Carolina Press, 1995.

REARDON, B.P., *Courants littéraires grécques des IIe et IIIe siècles après J.-C.* Paris: Les Belles Lettres, 1971.

ROUSSEAU, P. (ed.) *A Companion to Late Antiquity*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

RUSSELL, D.A. *Greek Declamation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

_____. *Libanius Imaginary speeches: a selection of declamations translated with notes*. London: Duckworth, 1996.

SALIOU, C. (ed.) *Gaza dans l'Antiquité Tardive: Archeologie, rhétorique, histoire*. Salerno: Helios, 2005.

_____. "L'orateur et la ville: réflexions sur l'apport de Chorikios à la connaissance de l'histoire de l'espace urbain de Gaza". In SALIOU, C. (ed.) *Gaza dans l'Antiquité Tardive: Archeologie, rhétorique, histoire*. Salerno: Helios, 2005, pp. 171-195.

SALLUM, J. "Entre Retórica, Lógica e Dialética Aspectos da *divisio* nas *stasis* de Hermágoras e nas declamações de Sêneca o Velho". *Cadernos UFS Filosofia*, Fasc. XIII, vol. 8, 2010, pp. 109-131.

_____. *Sobre Sofística e Filosofia no Platônica Siriano, O Isocrático*. Dissertação de Mestrado defendida junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2012. (inédito)

SCHIAPPA, E. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. New Haven: Yale University Press, 1999.

SCHMITZ, T. "Performing History in the Second Sophistic". In ZIMMERMANN, M. *Geschichtsschreibung in politischer Wandel im. 3. Jh. n. Chr.* Stuttgart: 1999, pp. 71-92.

SCHOULER, B. "Choricius Déclamateur". In SALIOU, C. (ed.) *Gaza dans l'Antiquité Tardive: Archeologie, rhétorique, histoire*. Salerno: Helios, 2005, pp. 117-133.

SINCLAIR, P. "Political Declensions in Latin Grammar and Oratory, 55 BCE-CE 39". BOYLE, A.J. (ed.) *Roman and Ideology: Ramus Essays for J.P. Sullivan*. Bendigo: Aureal Publications, pp. 92-109.

STEEL, C. "Divisions of speech". In GUNDERSON, E. (ed.) *The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 77-91.

STEPHANIS, E. *Χορικίου σοφιστοῦ Γάξης Συνηγορία μίμων, εἰσαγωγή, κείμενο, μετάφραση, σχόλια*. Thessaloniki: 1986.

STRAMAGLIA, A. "The Hidden Teacher: 'Metarhetoric' in Ps.-Quintilian's Major Declamations". In DINTER, M. *et alli* (org.). *Reading Roman Declamation: The Declamations ascribed to Quintilian*. Berlin: De Gruyter, 2015, pp. 27-51.

SUSSMAN, L. "Sons and fathers in the Major Declamations ascribed to Quintilian". *Rhetorica* 13, 1995, pp. 179-192.

VANDERSPOEL, J. "Hellenistic Rhetoric in Theory and Practice". In: WORTHINGTON, I. (ed.) *A companion to Greek rhetoric*. Oxford: Wiley-Blackwell. 2010, pp. 124-138.

VAN HOOFF, L. "Greek Rhetoric and the Later Roman Empire: The 'Bubble' of the 'Third Sophistic'". *L'antiquité tardive* 18: 211-224.

VAN MAL-MAEDER, D. *La Fiction des déclamations*. Leiden: Brill, 2007.

_____. "Fiction et paradoxe dans les Grandes déclamations du Ps.-Quintilien". In BRECHET, C. et alli. (ed.) *Théories et pratiques de la fiction à l'époque impériale*. Paris: Picard, 2013, pp.123,136.

VESLEY, M.E. "Father- Son relations in Roman Declamation". *AHB* 17, 2003, pp. 159-180.

WATSON, P. *Ancient Stepmothers: Myth, Misogyny, and Reality*. Leiden: Brill, 1995.

WEBB, R. "Rhetorical and Theatrical Fictions in Chorikios of Gaza". In: In JOHNSON, S.F. (org) *Greek Literature of Late Antiquity: Dinamism, Didactism and Classicism*. Farnham: Ashgate, 2006, pp. 107-124.

_____. "Fiction, Mimesis and the Performance of the Past in the Second Sophistic". In KONSTAN, D & SAID, S. (ed.) *Greeks on Greekness: Viewing the Greek Past in the Roman Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006b, pp. 27-46.

_____. *Demons and Dancers: Performance in Late Antiquity*. Massachusetts: Harvard University Press, 2008.

_____. "*Ekphrasis, Imagination and Persuasion in Ancient Rhetorical Theory and Practice*". Farnham: Ashgate, 2009.

_____. "Rhetoric and the Novel: Sex, Lies and Sophistic". In: WORTHINGTON, I. (ed.) *A companion to Greek rhetoric*. Oxford: Wiley-Blackwell. 2010, pp. 526-541.

WESTBERG, D. "Review of Robert J. Penella (ed.), *Rhetorical Exercises from Late Antiquity: A Translation of Choricus of Gaza's Preliminary Talks and Declamations* (Cambridge, 2009)". *Rhetorical Review* 8:2, 2010, pp. 7-11.

WILCOX, S. "The Scope of Early Rhetorical Instruction". *HSPh* Vol. 53, 1942, pp. 122-155.

WINTERBOTTOM, M. *Roman Declamation*. Bristol: Bristol Classical Press, 1980.

_____. "Scholroom and Courtroom". In: VICKERS, B. (ed.) *Rhetoric Revalued*. New York: Center for Medieval and Early Renaissance Studies, 1982, pp. 59-69.

WOOLF, E. Déclamation et fiction historique. In: BRECHET, C. *et alli.* (ed.) *Théories et pratiques de la fiction à l'époque impériale*. Paris: Picard, 2013, pp. 269-278.

WORTHINGTON, I. (ed.) *A companion to Greek rhetoric*. Oxford: Wiley-Blackwell. 2010.

ANEXOS

1. Códice 160, *Biblioteca de Fócio*:

Ἀνεγνώσθη Χορικίου σοφιστοῦ Γάζης
μελέται καὶ συντάξεις λόγων διάφοροι.
Οὗτος χαίρει μὲν εὐκρινείᾳ καὶ καθαρότητι,
εἰς τὸ χρήσιμον δὲ καὶ τῇ περιβολῇ
κεχρημένος τῷ τε εὐκαίρῳ καὶ τῷ μὴ εἰς
μῆκος περιόδου ταύτην παρατείνειν οὐδὲν τῇ
σαφηνείᾳ λυμαίνεται, ἥθει τε καὶ ἀληθείᾳ
συγκέκρται, οὐδὲ τῆς γνωμολογικῆς
σπουδῆς ἀποσχῶν. Ἡ δὲ γε λέξις αὐτῷ τῶν
λογάδων οὐσα ἐν πολλοῖς οὐκ ἀεὶ τὸ γνήσιον
διώκει· ἔσθ' ὅτε γὰρ διὰ τὴν ἄκρατον τῆς
τροπῆς ἐκτροπὴν εἰς ψυχρολογίαν ἐκπίπτει
καὶ πρὸς τὸ ποιητικώτερον δὲ ἔστιν οὗ
παρασύρεται. Χρήσιμος δὲ ἔστιν αὐτὸς
ἑαυτοῦ μᾶλλον ἐκφράσεις καὶ ἐγκώμια
διεξερχόμενος. Ἔστι δὲ καὶ τῆς εὐσεβείας
ἐραστής, τὰ Χριστιανῶν ὄργια καὶ τεμένη
τιμῶν· πλὴν οὐκ οἶδ' ὅπως ὀλιγώρως καὶ
λόγῳ σὺν οὐδενὶ μύθους καὶ ἱστορίας
ἐλληνικάς, οὐ δέον, ἐγκαταμίγνυσιν τοῖς
ἑαυτοῦ συγγράμμασιν, ἔστιν ὅτε καὶ
ἱερολογῶν. Ποικίλα δὲ αὐτοῦ καὶ πολλὰ
συγγράμματα φέρεται· πλασματικοῖς τε γὰρ
καὶ πανηγυρικοῖς καὶ μονωδίαις καὶ
ἐπιθαλαμίοις καὶ ἀντιρρητικοῖς ἔστιν αὐτοῦ
λόγοις ἐντυχεῖν καὶ τοιούτοις ἑτέροις.

Foram lidas as diferentes declamações e
composições do sofista Corício de Gaza. Ele
gosta da clareza e da pureza, mas, se visando
algo maior, faz uso de uma prolixia, ela é
adequada e ele limpa as redundâncias do
período com distinção. Ele combina verdade
e caráter e não negligencia um cuidado com
as sentenças gnômicas. Seu estilo é, em
muitos escritos, bem escolhido, mas nem
sempre segue a verdade. De vez em quando,
ele cai na falta de senso através de digressões
exageradas e é levado a um estilo mais
poético. Ele dá o melhor de si mesmo ao
narrar descrições e elogios. É um devoto da
religião e honra os ritos e lugares cristãos.
Mas não sei o porquê de ele misturar sem
cuidado e sem razão, quando não é preciso,
mitologia e história helênica em seus
escritos, mesmo quando fala de coisas
sagradas. Muitos e diversificados são seus
escritos. É possível encontrar narrativas
inventadas, panegíricos, monodias,
epitalâmios, disputas e muitos outros tipos.
Seu ápice foi durante o tempo de Justiniano.
Ele foi aluno do professor Procópio, um dos
melhores, mas não o de Cesarea, que deixou

Ἡκμασε δὲ ἐν τοῖς Ιουστινιανοῦ χρόνοις.
Γέγονε δὲ μαθητὴς Προκοπίου ῥήτορος, ἐνὸς
τῶν ἀρίστων, οὗ τοῦ Καισαρέως δέ, ὃς ἐς
μέγα κτῆμα καὶ ὄφελος κατ' ἐκεῖνο καιροῦ
τὰς ἱστορικὰς γραφὰς συντάξας ἀείμνηστον
αὐτοῦ κλέος τοῖς σπουδαιοτέροις
καταλέλοιπεν· ἐτέρῳ δέ τινι προσωμίλησεν
ἐν τῇ αὐτῇ πατρίδι καὶ αὐτῷ λαχόντι
σοφιστεύειν, ὃς καὶ εἰς γῆρας ἐλάσας, ἡδέως
εἶχεν ὁρᾶν ἀνθ' ἑαυτοῦ τὸν ὁμιλητὴν τῆς
σχολῆς ἐξηγούμενον. Τούτου λόγοι πολλοί
τε καὶ παντοδαποὶ φέρονται, ἄξιον ζήλου καὶ
μιμήσεως χρῆμα, καὶ δὴ καὶ βιβλίον ὅλον,
στίχων Ὀμηρικῶν μεταφράσεις εἰς ποικίλας
λόγων ἰδέας ἐκμεμορφωμέναι, αἱ μάλιστα τὴν
τοῦ ἀνδρὸς περὶ ῥητορικὴν δύναμιν καὶ
μελέτην ἱκαναὶ πεφύκασιν ἀπαγγέλλειν· οὗ
τινος, ὥς ἐστι δυνατόν μαθητῇ, Χορίκιος
μιμητὴς κατὰ τοὺς λόγους γέγονεν. Ἄμφω δὲ
ἦσθην εὐσεβέε, καὶ πολλαχοῦ τοῖς λόγοις
αὐτῶν οὐδὲ παρέργως, περὶ τῆς ἱερᾶς
εἰκονουργίας διαλαμβάνουσι. Γέγονε δὲ
Χορίκιος καὶ ἡ τοῦ διδασκάλου τελευτὴ
ἐπιταφίου ὑπόθεσις.

uma grande obra e de muita ajuda, tendo
escrito a história de seu tempo e juntado
uma reputação imortal entre os letrados.
Corício teve aulas em sua terra natal com o
outro Procópio, que era também o sofista da
cidade. Quando ele envelheceu, com prazer
pôde ver seu discípulo comandando a
escola. Dele, Procópio, muitos discursos,
bastante diversificados, estão em circulação
e são dignos de estudos e imitação;
sobretudo todo seu livro no qual versos de
Homero são traduzidos e modificados para
todas as formas de discurso. Esse livro
mostra todo o poder retórico e treino no
falar que esse homem tinha. Dele, Corício,
na medida em que pode um aluno, tornou-
se imitador em seus discursos. Ambos eram
cristãos. Em seus discursos, além do tema
principal, discutiam sobre a confecção de
estátuas sagradas. A morte do professor foi
para Corício o tema de um epitáfio.

2. Texto grego (F.-R.) de *O Jovem Herói*

XVIII (=dial. 10)

Η ΔΙΑΛΕΞΙΣ

<σκοπὸν τιθεμένη πρὸς μείζονα τοὺς νέους ἐγείρειν σπουδὴν δείκνυσιν, ὥς ἄνευ πυκνοτέρας μελέτης ἐπισφαλεῖς αἱ τέχναι τοῖς μετιούσιν.>

1. Λέγει που ὁ ποιμὴν ὁ Ἀσκραῖος, οὐχ ὅτε ὑπῆρχε ποιμὴν, ἀλλ' ὅτε ποιητὴς ἐγεγόνει, ὥς γυμνασίας ἄτερ καὶ πόνων οὐ βούλεται θάλλειν ἀνθρώποις τὰ ἔργα. καίτοι σύ γε, ὦ βέλτιστε, οὐ μεράκιον ὢν ἐφοίτας εἰς διδασκάλου, ἀλλὰ νέμων τὰς οἷς δάφνην εἵληφας ἐκ Μουσῶν καὶ ἅμα λαβὼν ἦδες τὰ ἔπη. 2. τί οὖν ἐτέροις πονεῖν παραινεῖς αὐτὸς ἀπόνως φανείς ποιητὴς ἐκ νομέως; ἢ δῆλον ὅτι τοῦτο ἡμῖν ἐθέλων ἐνδείξασθαι, ὥς οὐδὲ Μουσῶν διδαχὴ βέβαιος ἄνευ μελέτης; 3. ἄγαμαι σφόδρα τὸ ἔπος καὶ ἐπαινῶ· ὅθεν ἐπαινῶν διηγῆσομαι. Λυσάνδρῳ τῷ Σπαρτιάτῃ τὰ τε ἄλλα ὑπῆρχε Λακωνικὰ καὶ δίαίτα κεκολασμένα καὶ σώφρων καὶ πληροῦσα Σπαρτιάτου γαστέρα· ἐπεὶ δὲ ἦκεν ἐς Ἰωνίαν, μετέβαλεν αὐτίκα ἐς ἀβρότητα καὶ τρυφήν. 4. ὥς οὖν κατὰ μικρὸν ἢ τοῦ σώματος ἰσχύς ἐθελύνετο καὶ ἐμιμείτο τὸν βίον αὐτοῦ καὶ ἦν <μαλθακὸς αἰχμητής,> τότε ἤδη τῆς πείρας ἐγίνετο μαθητὴς καὶ ἐπαιδεύετο ἄρα, ὥς ἔοικεν, ὥς οὔτε Σπαρτιάτης οὔτε Λύσανδρος ἀμελῶν ἐπιτήδειος ἐν πολέμῳ. 5. ταῦτα μὲν ἐκεῖνος ἡμάρτανέ τε καὶ ἔπασχε· εἰ δὲ μὴ ἐδεδοίκειν ἐγὼ τοὺς ἐπὶ τῇ μυθολογίᾳ με σκώψοντας, ἥδιστα ἂν ὑμῖν καὶ Αἰσώπου μῦθον διηγησάμην· νῦν δὲ ἵππον τινὰ καὶ χελώνην εἰς μέσον ἐνεγκών, <ὥς> <ποσὶν ἄμφω μὲν ἠριζέτην ἀλλήλοιν, ἥττητο δὲ ὁ ἵππος ἀργία>. εὖ οἶδα ὅτι μοι τὸν μῦθον ἀρχόμενον διακόψετε εἰς θέατρον· ἄγειν με φάσκοντες τὰ τῶν ἀρτίως εἰς Ἑρμοῦ παλαίστραν φοιτῶντων. 6. ἄρα οὖν ποδῶν μὲν ὀξύτης καὶ σώματος ῥώμη ἢ μὲν ἵππον, ἢ δὲ στρατιώτην ῥάθυμον ἀποσεύεται, λόγοι δὲ μένειν ἀνέχονται παρορώμενοι; καίτοι παλαιοὶ τοῦτό που ἄδουσιν ἄνδρες καὶ ἔγωγε πειθόμαι, ὥς πωλοῦσιν ἀνθρώποις οἱ θεοὶ τὰ καλὰ οὐ, μὰ Δία, χρυσίου, φασίν, ἢ ἀργυρίου – ποῦ γὰρ δέονται τούτων <θεοὶ δωτῆρες ἐάων;> –, ἀλλὰ μελέτης καὶ πόνων. 7. ἀτὰρ ἔοικα καὶ πρὸς ὑμᾶς, ὦ νέοι, παθεῖν τὸ τοῦ Μυκηναίου πρὸς

Τεῦκρον, ὃς τὸν τοξότην ὀρώων ἐπιμελῶς κεχρημένον τῇ τέχνῃ ὅμως ὑπ' εὐνοίας παρήνει ποιεῖν ὥσπερ ἐκεῖνος ἐποίει.

XIX (= dial. 11)

Η ΔΙΑΛΕΞΙΣ

ἐν μέσῳ τεταγμένη τοῦ λόγου δευτέρας δεηθέντος συνόδου πρόσφορον αὐτῇ δείκνυσι ταύτην οὖσαν τὴν τάξιν.

1. Τὸν Ἰθακήσιον Ὅμηρος εἵτε τὸν ἄνθρωπον ἐλεήσας τῆς κατὰ θάλατταν πλάνης εἵτε τὴν ποίησιν ἐθέλων διαποικίλαι, ἵνα ἔτι μᾶλλον θέλγοι τοὺς ἐντυγχάνοντας ἐξ ἐτέρας εἰς ἐτέραν ἄγουσα τέρψιν, τὸν Ὀδυσσέα τοίνυν ὁ ποιητὴς εἰς Ἰθάκην μὲν οὐπω, ἐς Φαιακίαν δὲ ἄγει, νῆσον μεγάλην τε καὶ εὐδαίμονα, καὶ τοῖς Ἀλκίνου βασιλείοις αὐτὸν ὑποδέχεται καὶ ξενίζει καὶ τινα παρὰ τὸν πότον προσάγει κιθαρωδόν, τὸν πέρι Μοῦσ' ἐφίλησεν, ὁ δὲ μεσοῦντος τοῦ δείπνου τὴν λύραν ἀναλαβὼν ἠδῖω τὴν εὐωχίαν ἐποίει τοῖς δαιτυμόσι μέλους τε ἀρμονία καὶ διαστάσει τῶν ὄψων. 2. ἀλλὰ καὶ ὅτε τοῖς Πισαίοις πανηγυρὶς ἦγετο τὰ Ὀλύμπια, οὐ μόνον αὐτοῖς ἀθληταὶ τὰ τελούμενα ἦν, ἀνάπαυλα δέ τις ἐγένετο μεταξὺ καὶ ῥαστώνῃ τοῦ τε ἀγῶνος τοὺς ἀθλητὰς ἀναπαύουσα καὶ τῆς συντόνου προθυμίας τὸ θέατρον. 3. τοσαῦτα ὁ πρόλογος βραχύτερα μὲν καὶ ἄλλως ἢ μακρότερα φθέγγεσθαι πεφυκώς, νῦν δὲ μᾶλλον εἰκότως τοῦτο ἐπιτηδεύσας, ἵνα δὴ μοι ὁ λόγος μὴ τρίτης ὑμῶν δεηθείη συνόδου.

XX (= decl. 5)

<ΑΡΙΣΤΕΥΣ ΝΕΟΣ>

Παῖδα φιλάργυρός τις εὖπορος ἔχων κόρην ἐβούλετο συνάψαι πρὸς γάμον αὐτῷ πλουσίαν μὲν, αἰσχρὰν δὲ τὴν ὄψιν. ἀποστρεφόμενος τὴν μνηστείαν ὁ νέος μεταξύ τινος ἐορτῆς γινομένης ἐτέρας ἡράσθη παρθένου καλῆς, ἐνδεοῦς δὲ χρημάτων ἐν τῇ πανηγύρει ταύτῃ ἰδὼν. περὶ ἧς τὸν πατέρα πρὸς γάμον αἰτήσας διήμαρτε. πολέμου καταλαβόντος ἠρίστευσε καὶ δωρεὰν ἦν ἐθέλει παρὰ τῶν νόμων ἔχων αἰτεῖν ἀξιοῖ τὴν ἐρωμένην λαβεῖν ἀντιλέγοντος τοῦ πατρός. μελετῶμεν τὸν νέον.

Θεωρία.

1. Δέχονται καὶ παῖδας ἀμφισβητοῦντας γονεῦσιν οἱ νόμοι τῆς τέχνης. ὅσας γὰρ ἡ πείρα συνίστησι δίκας, τοσαύτας μιμεῖται τὰ πλάσματα. 2. πολλαῖς μὲν οὖν ἀφορμαῖς ἐπισπᾶται πρὸς ἑαυτὸν ὁ νεανίσκος τὸν δῆμον· ἐτρέψατο δυσμενεῖς ἐπιόντας, ἐξήρπασε κινδύνου πατρίδα, συνήγορον ἤκει νόμον κομίζων, μέτριον γέρας αἰτεῖ παρθένον ἐνδεῶς τεθραμμένην· ἀλλὰ τοσαύτην ἔχων ἀφθονίαν δικαιωμάτων οὐπὼ φροντίδος ἀπηλλάγη οὐδὲ τεθάρρηκεν οὕτως ἀκονιτὶ τὸν ἀγῶνα κρατεῖν, συνέστηκε γὰρ παιδίον πρὸς πατέρα καὶ πενία πρὸς πλοῦτον πᾶσι μὲν ἀνθρώποις ἡδύν, φιλαργῦρῳ δὲ μάλιστα τίμιον. 3. ὅθεν εἰκότως τὰ μὲν που νεανιεύσεται, τὰ δὲ κολακεύσει φρόνημα μὲν ἐκ τοῦ πολέμου λαβών, τῷ δὲ πατρὶ ταπεινὸς καὶ μετὰ νίκην ὑπάρχων, μὴ ποτε τῶν ἀκρωμένων τινὲς ἐκ τῆς παρούσης ἀντιλογίας τὸν ὅλον αὐτοῦ τεκμαιρόμενοι βίον δύσεριν αἰεὶ καὶ θρασὺν περὶ τοὺς γονεῖς ὑποπτεύσαντες ἦττον εὐμενεῖς αὐτῷ δοῖεν τὰς ἀκοάς. 4. τὸ μὲν οὖν κράτιστον ἦν ἔρωτος εἶναι κρεῖττω τὸν παῖδα· ἐπεὶ δὲ τούτου διήμαρτε, κατὰ δεύτερον, φασί, πλοῦν τὸ μὴ δοκεῖν ἀσελγῆς ἀγωνίζεται τῷ τε νῦν πρῶτον ἐρᾶν τῷ τε μὴ βία τὴν κόρην λαβεῖν καὶ τῷ μηδὲν ἀπλῶς εἰς ὄνειδος φέρον, οἷα τοῖς ποθοῦσιν ἔθος τολμᾶν, διαπράξασθαι. ἅμα γὰρ ἑαυτὸν ἀκοσμίας ἐλευθεροῖ καὶ τὴν ἐρωμένην πλέον κοσμεῖ δεικνύων αὐτῆς τὴν εὐπρέπειαν σώφρονος νέου κρατοῦσαν. 5. ταῦτα ποιήσει καὶ πειράσεται μὲν, ὅσον ἔνεστι, πιθανῶς τῆς εὐπορούσης αἰρετωτέραν αὐτὴν παραστήσαι· εἰ δὲ που καὶ δόξει πέρα τοῦ δέοντος ταύτην κοσμεῖν, δοτέον ἐρῶντι. 6. τὸν μὲν οὖν πατέρα πρεσβύταις ἅμα καὶ φιλαργῦροις ὑπόθεσιν ὡς ὁμοτρόποις αὐτῷ παραπέμπομαι· ἐγὼ δὲ μελέτην εἰκότως τὸν νέον ἐποίησάμην· ἥλικα γὰρ δὴ καὶ ὁ παλαιὸς λόγος τέρπειν τὸν ἥλικα.

<Μελέτη.>

1. Εἴδει μὲν πρὸ τοῦ πολέμου τὸν φύσαντα τὴν ἐρωμένην ἐμοὶ συνάψαι πρὸς γάμον, ἵνα μὴ δόξω μισθὸν ἀπαιτεῖν τῆς ἀριστείας τὴν πόλιν καὶ μᾶλλον ὑμῖν ἐπαφρόδιτον φανῇ μου τὸ τρόπαιον προῖκα τῇ πατρίδι δοθέν· ὁ γὰρ ἀμοιβὴν φιλοτιμίας ἀπαιτῶν ἦν ἔδωκε χάριν ἀναλαμβάνει· ἀλλὰ μοι δοκεῖ τύχη τις ἀναβαλέσθαι τὸν γάμον, ὅπως ἐκ τῆς νίκης ἐράσμιος τῇ κόρῃ γενοίμην. οὐ γὰρ ἔπρεπεν, οἶμαι, χωρὶς ἀγῶνος τυχεῖν ἄθλου τοσούτου. 2. εἰ μὲν οὖν εὖσχημον ἦν ἐν ἐκκλησίᾳ παρθένον ἐστάναι· κὰν τοσούτων ἀνδρῶν ὀφθῆναι συλλόγῳ καὶ τῇ

παιδί σύνηθες ἦν ἀλλοτρίας ὄψεις ἀποτολμᾶν, οὐδὲν ἂν ἔδει φιλονεικίας ἡμῖν, ἀλλ' ὥχομην
 ἂν διπλὴν εὐθυμίαν κερδάνας τὸν ὑπὲρ τῆς ἐρωμένης ἀγῶνα νικήσας διὰ τῆς ἐρωμένης·
 οὕτως αὐτῇ πρόσσεστιν ἄμαχος ὥρα μὴ δεομένη προικὸς εἰς παραμυθίαν τῆς ἀπρεπείας· ἐπεὶ
 δὲ τὸ πρᾶγμα μὲν ἀναιδέες, ἢ δὲ πολλαχόθεν οἶδεν ἐρυθρίαν, ἐξ ἡλικίας, ἐκ φύσεως, ἐκ τροφῆς,
 καὶ νόμῳ κέκλειται γυναιξὶν ἐκκλησία, μεγάλη πρὸς τὸν ἀγῶνα ῥοπή καὶ πλεονεξία γίνεται τῷ
 πατρὶ τὸ μηδετέραν ἐνταῦθα παρεῖναι. 3. ἀμφοτέρων γὰρ ὁμοῦ φαινομένων μεῖζον <ἂν> εἶναι
 τὸ μέσον ἐκατέρας ἐδόκει τῆς μὲν ἔτι φαυλοτέρας τὸ πρόσωπον παρὰ τὴν ἐμὴν ὀρωμένης,
 τῆς δὲ πολὺ μᾶλλον πρὸς ἐκείνην εὐπρεπεστέρας. 4. ἀλλὰ κἂν εἰ νόμος ἐδίδου φανῆναι ταῖς
 κόραις, ὥς μᾶλλον ἐντεῦθεν ἐμὲ <πρὸς> τὸν ἀγῶνα πλεονεκτεῖν, εἰλόμην ἂν πρὸς ὄχλον
 μνηστήρων τὴν αὐτὴν μοι ποθούντων ἔχειν ἐν ὅπλοις ἄμιλλαν ἢ δοκεῖν πρὸς τὸν πατέρα
 θρασύνεσθαι. ῥᾶον γὰρ τοὺς ἐν πολέμῳ κινδύνους γεγύμνασμαι φέρειν τῆς πρὸς τὸν φύσαντα
 παρρησίας. καὶ γνῶσεσθέ μοι τὴν πρὸς αὐτὸν ἐπιείκειαν, εἴ μοι διὰ βραχέων ἀνέξεσθε τὸν
 ἐμὸν τρόπον εἰσηγουμένου· τὸ γὰρ παρθένου μὲν ἐρᾶν εὐπρεποῦς, ὁμοίως δὲ τὸν πατέρα
 τιμᾶν τὸν ἐκείνης ἀνανεύοντα γάμον τεκμήριόν ἐστι παιδὸς θεραπεύειν ἐπισταμένου γονεῖς.
 θεάσασθε τοίνυν, εἰ τοιοῦτον ὑμῖν ἦθος ἀσκήσαι δοκῶ. 5. Εμοὶ βίος ἦν οἷον ἂν τις
 ἐπιτηδεύσειεν ὑπὸ πατρὶ φειδωλῷ τρεφόμενος παῖς καὶ ἄλλως ἀκολασίαν μισῶν. οὐκ οὐκ
 ἐφάνην περὶ τε τὰ ἀφροδίσια καὶ περὶ κώμους τε καὶ εὐωχίας καὶ τὰς ἄλλας ἡδυπαθείας
 ἐπτοημένος, ὥστε μοι καὶ ὠνείδιζον ἡλικιωταῖς τινες κατηφῇ καὶ σκαιὸν ὀνομάζοντες καὶ μέχρι
 τίνος ἔση παιδίον πατρὶ δεδουλωμένος καὶ ὅλως αὐτὰ τοῦ βίου τὰ καλὰ μὴ γινώσκων; 6. ἀλλὰ
 τῶν μὲν τοιούτων σκωμμάτων ἦν ἐμοὶ λόγος οὐδεὶς, σπουδὴ δὲ πρὸς εὐκοσμίαν καὶ τὸ ζῆν
 ἐλευθέρως. καὶ ἢ γε τῆς σωφροσύνης ὑπερβολὴ μῦθον ἔπειθέ με δοξάζειν τοὺς περὶ Ἑρωτος
 λόγους, ὥς ἄρα τινὲς ἀκρατεῖς παραπέτασμα τῆς ἀσελγείας θεὸν ἑαυτοῖς ἔπλασαν Ἑρωτα. 7.
 πρώην μὲν οὕτως ἐξηπατώμην, ἐορτῆς δέ τινος ἀγομένης, ἐν ἣ φαίνεσθαι παρθένους
 ἀνδράσιν οὐ ψόγος, ἔδοξε τῷ πατρὶ κομψότερον ἢ κατὰ τὴν οἰκείαν φύσιν χρήσασθαι τῷ
 καιρῷ, καὶ ἐποίησεν οὕτως. οἶα δὲ ἐν πανηγύρει καὶ πότῳ γάμου πρὸς ἐμὲ μνημονεύει καὶ
 λόγον ἀφῆκε περὶ τοιαύτης παιδός, περὶ ἧς ἂν ἀπώκνησα δικαίως εἰπεῖν, ἵνα μὴ συνεισέλθῃ
 μοι τῇ μνήμῃ τὸ πρόσωπον, < κἂν>¹ εἰ μὴ τῇ φαντασίᾳ τῆς ἐρωμένης ἀπεκρουόμην τοῦ

¹ Leio < κἂν> εἰ μὴ, adição proposta por Russell (2009:112).

λογισμοῦ τὴν ἐκείνης μορφήν. περὶ τοιαύτης ἡμῖν διελέχθη πολλάκις μὲν ἤδη μάτην παρενοχλήσας, ὑπονοήσας δὲ τότε πιθανώτερος εἶναι συνήγορον ἔχων τὴν ἐορτήν. 8. εὐθὺς οὖν τῷ λόγῳ τὰ ὤτα πληγεῖς ἀναστὰς ἡρέμα τῆς θοίνης περιήειν τὰ τελούμενα θεωρῶν· τί δ' ἂν τις ἐν ἐορτῇ διαπράξαιτο νέος ἄλλως τε καὶ διάγειν οἴκοι πεπαιδευμένος; ὅσα γὰρ οὐ λίαν βλέπειν εἰώθαμεν ἡδέα, ταῦτα μᾶλλον ἐπιθυμοῦμεν ἰδεῖν. 9. ἐνταῦθα κόρην ὁρῶ κεκοσμημένην ἐν ἱματίοις λιτοῖς αὐτὴν τῆς ἡλικίας ἄγουσαν τὴν ἀκμὴν ἀπλάστῳ λάμπουσαν ἦθει καὶ τὸ τῆς ψυχῆς ἄκακον ὑποφαίνουσαν ἀδόλῳ τε κάλλει καὶ σχήματος ἀφελείᾳ. καὶ ὅτε τοῦ χοροῦ τῶν παρθένων ἡσυχῇ διαστᾶσα μόνη κοσμίως εἰστήκει, ἔπαθον τὴν ψυχὴν τοιαύτην ἰδὼν πολλαῖς περιπεσὼν ἔρωτος ἀφορμαῖς· πανήγυρις ἦν καὶ πότος καὶ παρθένος ὠραία καὶ νεότης πολλή καὶ πατὴρ ἐλπίδα γάμου διδούς. αἰσθομένη τοίνυν ἐμοῦ περιεργότερον εἰς αὐτὴν ἀφορῶντος ἐρυθρίασασα καλλίων ἐφαίνετο τοῦ προσώπου συγκεκραμένου χρώμασιν αἰδοῦς τε καὶ φύσεως. 10. ὥς οὖν τάχιστα συνεσκότασεν – ἡ γὰρ περὶ τὴν θεάν τῆς παιδὸς ἀπληστία πασῶν ἐλαχίστην ἐδείκνυ τὴν ἡμέραν ἐκείνην – , ὥς οὖν διέλυσε τὴν πανήγυριν ἡ νύξ ἐπελθοῦσα καὶ τῆς οἴκαδε πορείας ἀνέμνησεν ὁ πατὴρ, ἐπανήειν πρῶτον ἐνατενίσας τῇ κόρῃ καὶ τῇ διανοίᾳ τὸ πρόσωπον ὑπογράψας, ἵνα γενόμενος οἴκοι πρὸς ἑμαυτὸν εἰκονίσω. 11. λόγος ἦν παρὰ πᾶσαν τὴν ὁδὸν περὶ τῆς ἐορτῆς ἀμφοτέροις, πλὴν ὅσον ὁ μὲν ἐμοὶ τὴν δαπάνην ἡρίθμει καὶ πρόφασιν ἀσωτίας ἐκάλει τὰς ἐορτάς, ἐγὼ δὲ τὴν τῶν παρθένων εὐκοσμίαν ἐπὶ ἡνουν· τὸν πλησίον γὰρ ἕκαστος τὴν οἰκείαν φροντίδα διδάσκειν φιλεῖ. 12. ποῖαν εἰκὸς ἐπὶ τούτοις ἐμοὶ γενέσθαι τὴν νύκτα; ὄνειροι γάρ, αἱ τῶν καθευδόντων ἐλπίδες, εὐπειθῇ μοι τὸν πατέρα παρεῖχον ἄχρι τῆς ἔω καὶ πενιχρᾶς ἀνεχόμενον νύμφης. μέσος οὖν γεγονῶς αἰσχύνης καὶ πόθου, τῆς μὲν ἀγχούσης τὴν γλῶτταν, τοῦ δὲ μισοῦντος τὴν σιωπὴν, καὶ τῆς μὲν ἀπειθῇ μοι δηλούσης τὸν φύσαντα, τοῦ δὲ πειθοῦς χορηγοῦντος ἐλπίδα, τέως μὲν καθάπερ ἐν τρυτάνῃ πρὸς οὐδέτερον ἔρρεπον, καθελκούσης δέ με τῆς κόρης πρὸς ἑαυτὴν πεῖραν ἤδη τοῦ φύσαντος ἐποιούμην φανερώς μὲν οὐπω τὸ πάθος ὁμολογῶν, τεκμηρίοις δέ τισιν ὑποσημαίνων τὴν γνώμην καὶ πρόσωπον ἀθυμοῦντος ἐμφαίνων, ἵνα μου πύθεται τῆς κατηφείας τὴν πρόφασιν. 13. οὐδεμιᾶς οὖν ὑποψίας εἰς ἐμὲ φερομένης, οὐ γὰρ εἶα τοιαύτην ὑπόνοιαν προελθεῖν ἢ τῆς ἐμῆς σωφροσύνης συνήθεια, ἐδόκει λοιπὸν τῶν τοιούτων παυσασμένῳ προκαλυμμάτων ἀποδύσασθαι τὴν αἰδῶ. μελετήσας τοίνυν πολλάκις πιθανὴν

ὁμίλιαν, ὡς ἐπλησίαζον τῷ πατρὶ καὶ τὴν ἔννοιαν εἰς μέσον ἐνεγκεῖν ἡπειγόμενην, ἑτέραν εὐθὺς χροῖαν ἀλλάξας εἰς ἀφωνίαν ἐξέπιπτον. 14. πέρασ δ' οὖν ἑμαυτῷ κελεύσας παρρησιάζασθαι τηρήσας πολλὴν ἄγοντα σχολὴν τὸν πατέρα καὶ τι καὶ χαίροντα φιλόστοργον προσειπὼν καὶ πᾶν ὅτου δεοίμην ἀσμένως πειθόμενον, τούτοις αὐτὸν προθωπεύσας ὁμωμοκῶς τε κατ' ἑμαυτὸν ἐκλαλῆσαι τὸ πρᾶγμα τοῦ μηκέτι μοι χώραν σιωπῆς ὑπολείπεσθαι, ἡρξάμην λόγου τοιοῦδε, ὡς ἄρα δεῖ τὸν ἔτι μὲν νέον, ἱκανὴν δὲ κεκτημένον οὐσίαν εὐειδῇ μᾶλλον ἢ πλουτοῦσαν ἀγαγέσθαι γυναῖκα. οὐκ ἦνεγκεν ὁ πατήρ σαφέστερον λόγον, δεινὸν δὲ καὶ χαλεπὸν ἐμβλέψας ἐμοὶ πᾶσαν ἐκένωσε τῷ βλέμματι τὴν ὀργήν. 15. τί οὖν ἐντεῦθεν, ὦ πάτερ; ἡγροικισάμην τι περὶ σέ; διέβαλόν σου πρὸς ἄλλους τὴν περὶ τὸν υἱὸν δυσκολίαν; εἰπὼν τι προπετές; ῥαθυμότεραν σοι τῆς εἰωθυίας θεραπείαν προσήγαγον; εἴ μοι τι πέπρακται τῶν εἰρημένων, γενοίμην τῆς ἀπροσώπου κόρης ἀνὴρ. 16. Οἶδα τοίνυν, ὅτι τούτῳ πολλῷ χρήσεται τῷ λόγῳ· πρεσβύτη διαμάχεται νέος, παῖς ἀντιλέγει πατρί. τὰ τοιαῦτα πολλάκις ἐρεῖ πάντα διακονεῖν ἀξιῶν γονεῦσι τοὺς παῖδας. ὑμεῖς δὲ βραχύν μοι καιρόν, ὅσου δεῖται μόνον ὁ λόγος, τὴν διάνοιαν μεταστήσαντες τῆς ἀμφοτέρων διαφορᾶς ἀπὸ τῶν πραγμάτων λάβετε τὴν ἐξέτασιν τοῦτο δὴ πρῶτον κατανοοῦντες, ὡς ἅπαντα τὰ τοιαῦτα πρεσβύτης ἐγὼ καὶ πατήρ, νέος οὗτος καὶ παῖς λόγων ἀπορία δικαίων ἐστίν. 17. αἰ μὲν γὰρ ἀξιῶ τοὺς ἤδη γεγηρακότας τιμᾶν ὥσπερ ὁδοῦ τινος ἡγεμόνας, ἦν καὶ αὐτὸν ἴσως δεήσει πορεύεσθαι, καὶ πρὸς γε τὸν φύσαντα τοιοῦτον ἑμαυτὸν ἐπιτηδεύω παρέχειν, οἷος ἐμοὶ γένοιτο παῖς ἐκ τῆς ἐρωμένης. καὶ μάρτυρα τῆς περὶ τόνδε τιμῆς ἔχω τὸν πόλεμον. τίς γὰρ οὐκ οἶδεν, ὡς ἄνευ μὲν θεῶν εὐμενείας ἀμήχανόν τι χρηστὸν κατορθῶσαι, ταύτης δὲ τῆς συμμαχίας οὐκ ἔνι τυχεῖν τὸν περὶ τοὺς γονέας κακόν; οὐκοῦν τῇ μὲν νίκῃ θεοφιλὴς ἀναφαίνομαι, τῇ δὲ τῶν κρειττόνων εὐνοίᾳ καλὸς τῷ πατρὶ γηροτρόφος; 18. ἔχω μὲν οὕτως, ὡς ἔφην, οἶδα δὲ τὴν φύσιν οὐ τοῖς αὐτοῖς περικλείουσιν ὅροις δεσπότης τε καὶ γονεὺς· τοῖς μὲν γὰρ δέδοται βιάζεσθαι τοὺς οἰκέτας, γονεῦσι δὲ περὶ τέκνα πειθῶ πρέπει μᾶλλον ἢ βία. ὁρᾷς, ὦ πάτερ, ἐκκλησία συνέστηκεν ἀμφοτέροις καὶ μετὰ τῆς αὐτῆς ὁ δῆμος ἀκροᾶται σπουδῆς τῶν ἐκατέρου δικαίων. ποῖος ταῦτα θεράπων εὐτυχεῖ πρὸς δεσπότην; 19. τί δεῖ μήκους; ἡμῖν ἔναγχος πόλεμος ἦν. ἐκάλει πρὸς αὐτὸν ὁ καιρὸς τὸ τῆς πόλεως ἄνθος. εἰ τῶν γονέων οὖν ἕκαστος πατρικόν τι παθὼν οἶκοι καθῆστο τὸν παῖδα φυλάττων, καλῶς γε ἂν ἡ πόλις ἀπήλλαξεν οἰκουρούσης αὐτῇ τῆς

ἡλικίας, ἵνα μὴ παῖς ἀντιτείνῃ πατρί. καὶ μὴν, εἰ γονεῦσιν ἐχρῆν ἅπαντα πείθεσθαι, οὐκ ἂν τοὺς ἀριστεάς ὁ νομοθέτης ἐκάλει πρὸς ἐξουσίαν ἢς ἐθέλουσι δωρεᾶς, πάντως δ' ἂν, οἶμαι, προσέγραψεν· ὅτῳ δὲ τῶν ἀριστεῶν ἔτι τυγχάνει περιῶν ὁ πατήρ, τοῦτον τὸ δοκοῦν τῷ φύσαντι γέρας αἰτεῖν. 20. ἀλλ' οὐ γὰρ ἡ μνήμη τοῦ νόμου τοιαύτην ἔννοιαν συνεισφέρει τῷ λόγῳ, εἰ δὲ τῆς μάχης ἤδη συνισταμένης ὁρῶν ὁ πατήρ ἐνδύντα με πανοπλίαν καὶ φέροντα δόρυ καὶ πολέμῳ τὴν ἐμὴν ἐπιτρέποντα σωτηρίαν ἀδελον ὄν, εἰ τοῦ λοιποῦ με θεάσοιτο, εἴτα τὰ μὲν ἐλεῶν, τὰ δὲ καὶ προτρέπων ἔφη νικῶντί μοι διδόναι τὰ παιδικά, εἴτά μου τρόπαιον στήσαντος καὶ τὴν ὑπόσχεσιν ἄγοντος εἰς μνήμην αὐτῷ τῶν δεδογμένων ἐκὼν ἐπελάθετο, ἄρ' ἂν κατηγορίας ἀλλότριον διεπράττετο πρᾶγμα; 21. εἰ τοίνυν ἐνὸς ἀνδρὸς ἐπαγγελίαν ψιλῶς οὕτως ῥηθεῖσαν ἄτοπον ἔργῳ μὴ προσελθεῖν, ἢ που δεινότερον πόλεως ὅλης ὑποσχέσεις ἐγγράφους ἀκύρους γενέσθαι. οἱ γὰρ περὶ τῶν δωρεῶν κείμενοι νόμοι ἐπαγγελίαι τῆς πόλεως εἰσι γεγραμμέναι. ἦν δ' ἂν ἔλαττον, οἶμαι, κακὸν μὴ κεῖσθαι νόμους εὐγνώμονας ἢ παραβαίνεσθαι γεγραμμένους, ἵνα τῆς πολιτείας αὐτῆς, ἀλλὰ μὴ τῆς ὑμῶν προαιρέσεως τὸ ἔγκλημα γένηται. 22. ἑτεροὶ μὲν οὖν ἴσως ἐν ἑτέροις πολέμοις εὐδοκίμησαντες γύναια πολιτῶν ἢ μνηστευθείσας ἤδη παρθένους ἐξ ἀριστείας ἐκτήσαντο ταῖς ἐτέρων ζημίαις ἑαυτοῖς χαριζόμενοι καὶ δημοσίοις εὐεργετήμασιν ἐνίων ἀναμίξαντες συμφοράς, πάντων δὲ χαλεπώτατον ἐν κοιναῖς εὐφροσύναις ἐμπίπτουσα λύπη καὶ μᾶλλον ὑφ' οὗ τις ἡδίκηται, τοῦτον ὁρᾶν παρὰ τῶν ἄλλων τιμώμενον· ἐγὼ δὲ κόρην αἰτῶ μήπω παστάδος, μήπω μνηστείας τυχοῦσαν. 23. ὅτε τοίνυν ἀδικούσαις ἐνίοις τῶν οἰκητόρων τιμαῖς δωροῦνται τοὺς ἀριστεάς οἱ νόμοι, πῶς οὐ πᾶσιν ἂν εἴη κεχαρισμένος ἀνὴρ ἐκ μὲν τοῦ πολέμου τὸ κοινὸν ὠφελήσας, ἐκ δὲ τῆς δωρεᾶς ἀδικήσων οὐδένα; δύο γὰρ δὴ προτρέπει τοὺς αἰτουμένους εἰς πέρας ἄγειν τὴν αἴτησιν, ὅτι βραχὺ μὲν αὐτοῖς τὸ διδόμενον, μέγα δὲ τῷ ληψομένῳ δοκεῖ. τοῦτο γὰρ ἅμα καὶ τοὺς χορηγήσαντας οὐ λυπεῖ καὶ τὸν εἰληφότα ποιεῖ μεγάλην ἔχειν τοῖς δεδοκόσι τὴν χάριν. 24. ἡδέως δ' ἂν σου πυθοίμην, πρεσβύτερον γὰρ ὄντα πλείονας εἰκὸς ἑωρακέναι πολέμους· ἄρα τοῦτον ὑπέστη πρῶτον ἢ πόλις ἢ μνήμην ἄγεις τινὸς ἐτέρου συμβάντος; 25. εἰ μὲν γὰρ νῦν πρῶτος γέγονε, δεινὸν ἂν εἴη τὸν ἐν πρώτῳ πολέμῳ νενικηκότα μισθὸν ὃν ἤτησε μὴ λαβεῖν. πάσης γάρ, οἶμαι, πράξεως ἀγαστῆς ὁ τὴν ἀρχὴν δεδοκὼς ἄξιος μᾶλλον τιμᾶσθαι οὔτε μιμησάμενος ἕτερον καὶ τοῖς μετὰ ταῦτα καλὴν αὐτὸς καταλιπὼν

μίμησιν· εἰ δέ τις ἤδη καὶ πρὸ ἐμοῦ γενναίως ἀπεώσατο πόλεμον, εἰ μὲν ὃν ἤτησε τρόπον τετίμηται, τὴν ἴσιν ἐμοὶ φυλάξατε γνώμην· εἰ δέ τις ἀγνωμοσύνη πρὸς ἐκείνον ἀπήντησεν, ἰάσασθε καλῶ, φασί, τὸ κακόν, τῇ περὶ ἡμᾶς ἀμοιβῇ τὴν πρὸς ἐκείνον ἀχαριστίαν. 26. Ἴσως τοίνυν ταῦτα μὲν δίδως εὖ ἔχειν, ἐρεῖς δὲ γάμον ἐμοὶ λυσιτελέστερον ἐγγυᾶν παραφέρων μὲν τὴν προῖκα τῆς εὐπορούσης, παραφέρων δὲ τὴν τῆς ἄλλης ἀχρηματίαν καὶ ὅλως ἐγκώμιον πλούτου καὶ ψόγον πενίας ἡμῖν καταλέγων. οἷοι γάρ, ὦ πάτερ, ὅρον ὑπάρχειν ζηλωτοῦ γάμου τὰ χρήματα καὶ νύμφης ἀρετὴν εἶναι τὴν προῖκα. 27. ἀλλὰ σώματος ὥραν πρὸς ἀπρέπειαν σκόπει καὶ γυναικείων παιδείουσιν ἔργων πρὸς ἀσωτίαν ἀντίθες. πενία μὲν γὰρ εἰς ἔργα κινεῖ, ῥαθυμίαν δὲ πλοῦτος ὥς τὰ πολλὰ προσίεται καὶ τρυφήν. εἰ δὲ κάκεῖνην τις εἴποι φιλεργία τε χαίρειν καὶ μετρίαν εἶναι τοὺς τρόπους, οὐ σφόδρα μὲν πιθανὰ πλουτούσῃ γυναικὶ μαρτυρήσει· δεδομένων δὲ τούτων ἀντισηκοῦται χρήμασι κάλλος. 28. καὶ τοῦτο ῥαδίως ἐκεῖσε βλέψας μαθήσῃ· τεθέασαι γυμνικοὺς ἀγῶνας πολλάκις, εἶδες ἄθλα προκειμένα τοῖς νικῶσι τρίποδας, λέβητας, ἄλλα πρὸς ἀργύριον φέροντα. συναριθμεῖται δὴ ταῖς ἐπινικίαις τιμαῖς ὡραία γυνή, καὶ τὸν ἀθλοθέτην οὐδεὶς ἐλοιδόρησε πώποτε φαυλίσας τὸ δῶρον, φιλόκαλος δὲ τις καὶ λαμπρότερον εἶναι τῶν ἄλλων ᾤκηθη. 29. οὐ τοίνυν μόνον οἱ πρὸς τέρψιν ἀγῶνες τοῦτο δηλοῦσιν, ἀλλὰ καὶ τοῖς πολέμοις ἴσον ἐνίκησεν ἔθος. ἀλούσης γὰρ πόλεως καὶ λαφύρων ἐν κοινῷ προκειμένων, οἷοις ἀμείβονται τοὺς νικῶντας οἱ πόλεμοι, οἱ μὲν ἄλλοι τὴν ἄλλην μερίζονται λείαν ὅση τείνει πρὸς κέρδος, ὁ δὲ τὰ πλεῖστα κατωρθωκῶς ἄπεισιν ἐνίστε τὴν καλλίστην ἐκλεξάμενος τῶν αἰχμαλώτων. 30. ἤδη δέ τις ὅλην τρεψάμενος φάλαγγα καὶ παρὰ τῶν νόμων ἀκούσας, ὥς οὐδὲν ὅ τι οὐ λήψῃ, γῆς μὲν πλέθρα καὶ σίτησιν καὶ πᾶν εἰς χρήματα φέρον περὶ ἐλάττονος ἔθετο, ὁ δὲ γράψατέ με, φησί, καὶ τὴν μάχην καὶ πίπτοντας ὑπὸ τῆς ἐμῆς δεξιᾶς πολεμίους καὶ τὸ γέρας πεπλήρωται. οὗτος ἐκείνον εὐφρανεν ὁ μισθός, τοῦτον ἡγήσατο κέρδος. 31. οὕτως οὐ χρήμασιν ἀφώρισται τὸ συμφέρον, ἀλλὰ παντοίοις διήρηται πόροις δίκην γονίμου πηγῆς πολλοῖς ῥύαξι σχιζομένης. ἔχει γὰρ οὕτως ἕκαστος ὥς εἰπεῖν, <ὥς> ὧν <ἐνδεής> ἐστι² μᾶλλον ὀρέγεσθαι, πλούτου μὲν πένης ἀνὴρ, ὁ δὲ τὸ σῶμα νοσῶν ὑγείας, καὶ τὸν ἀνδρεῖον ὁ μὴ τοιοῦτος ζηλοῖ καὶ τιμὴ περιπόθητον τῷ αὐτῆς ἀμοίρῳ, καὶ πᾶς ὁ μήπω δοκεῖ κεκτῆσθαι χρηστόν, τούτου μειζόνως ἀντέχεται. 32. καὶ πάντων οὖν,

² Leio <ὥς> ὧν <ἐνδεής> ἐστι, adições propostas por Richsteig, como faz Russell, ao invés de ὥς ἔτι.

ὅπερ ἔφην, ὧν οἶονται πλέον ἀπορεῖν ἀγαθῶν, ταῦτα μᾶλλον ἀσπαζομένων οὐ σμικρὰν κεκτημένος οὐσίαν, κἂν ταύτης ἐκπέσω, μετρίοις ἀρκεῖσθαι παρὰ τοῦ πατρὸς παιδευθεὶς τιμιώτερον ἄγω ἐγὼ κάλλος χρημάτων. 33. Εγὼ μὲν οὖν ἑκατέραν ὑποθέμενος κόρην φιλεργὸν ἅμα καὶ <μὴ> φρονοῦσάν τι σοβαρὸν ὅμως δοκῶ μοι χρήσασθαι λογισμοῖς, ἐξ ὧν ἀποδεδειγμαι προκρίνων εἰκότως τὰ παιδικά· τὸ δὲ εἶκος τὴν μὲν δίδωσι τοιαύτην τεκμαίρεσθαι, τῇ δὲ τὴν ἐναντίαν ὑποψίαν προάσπτει. ἢ μὲν γὰρ ἑαυτῇ συνειδυῖα λαμπροτέρου τυχούσῃ νυμφίου πειράσεται πάντως οἰκονόμος εἶναί μοι δεινотάτῃ καὶ φειδωλὸς ἀγαθῇ τῇ τε πρὸς τὴν ταλασίαν σπουδῇ καὶ τῇ περὶ τὸν οἶκον ἐπιμελείᾳ καὶ διαίτης μέτρῳ συλλέγουσά μοι τὴν προῖκα· ἢ δὲ τῇ περιουσίᾳ κουφιζομένη θεραπαίνας κεκτημένη συχνὰς καὶ κόσμον πολυτελῆ καὶ ἐξόδους λαμπρὰς ἐξιούσα λήσει πρὸς ἔνδειαν κατ' ὀλίγον ἐκφερομένη. 34. εἰ δὲ καὶ θῆλυ γένοιτο παιδίον ἡμῖν παραπλήσιον τῇ μητρὶ τὴν ιδέαν, πολλῆς μοι προικὸς εἰς ἔκδοσιν τοῦ θυγατρίου δεήσει θεραπευούσης αὐτῇ τὴν μητρώαν μορφήν, ὥστε τῶν ὑπαρχόντων βραχὺν ἀπολαύσομεν χρόνον μεριζομένης ἡμῖν τῆς οὐσίας πολυτελείᾳ τε γυναικὸς καὶ θυγατρὸς ἀπρεπείᾳ. 35. Ἀλλὰ πρὸς ἐκείνην ἀναποδίζω τοῦ λόγου τὴν ἔννοιαν, ὡς ἢ μὲν ὑφ' ὧν ἐπάγεται χρημάτων ἐπαιρομένη τὰ πολλὰ κρατεῖν ἀξιώσει τοῦ συνοικοῦντος, ἢ δὲ χρηστὴν ἐμοὶ θεραπαίνης τάξιν πληρώσει τὸ διάφορον ἐνθυμουμένη τῆς τύχης. ἢλίκον οὖν ἐστὶ δεινὸν αἰσχροῦς ἀνέχεσθαι γυναικὸς, ἥς οὐδὲ τὸ κρατεῖν ἡδονὴν τῷ γήμαντι φέρει, εὐφροσύνη δὲ ὅση καλῇ συνοίκῳ προστάττειν, ἥ καὶ τὸ δεδουλωθῆαι τερπνόν. 36. ἀλλὰ μὴν δύο ταῦτα πάντες ὁμολογοῦσιν, ὡς οὐδὲν μὲν ἥδιον γάμου συζυγίαν ὁμογνώμονα κεκτημένου, οὐδὲν δὲ πικρότερον στάσεις καὶ διαφορὰς καὶ τοιαύτην ἔχοντος δυσκολίαν καὶ ταραχήν. οὐκοῦν ὁμονοίας μὲν ἀνδρὸς τε καὶ γυναικὸς προοίμιον ἔρως, ζηλοτυπία δὲ διχονοίας ἀρχή. 37. ἐξὸν οὖν εὐτυχεῖν ἀστασίαστον κοινωνίαν τί μοι πρὸς ἀπρεπῇ γυναῖκα ζυγομαχεῖν; αἰσθομένη γάρ μου τῆς πρὸς ἐκείνην εὐνοίας καὶ τὴν μὲν ἐκ τῆς ιδέας σιωπῶσα παράθεσιν, ὅτῳ δὲ κρείττων ἐστί, τοῦτο λογιζομένη καὶ τὴν προῖκά μοι πυκνῶς ὀνομάζουσα πανταχόθεν ἀφόρητος ἔσται θυμουμένη τε καὶ ζηλοτυποῦσα καὶ μαινομένη, ἢ δὲ πόλις τὴν ἡμετέραν ἄσει διαφορὰν· οὐ ῥάδιον γὰρ γυναῖκα ζηλοτυποῦσαν ἀνδρὶ μαχομένην τοὺς ἔξω λαθεῖν. 38. μόλις τοίνυν τοῦ λοιποῦ με συγκαταλέξει τοῖς τὰ κοινὰ διοικοῦσιν ὁ νόμος, ὁ γὰρ οἶκοι φιλόνηκός τε καὶ δύσερις εἶναι δοκῶν καὶ δημοσίᾳ στασιάζειν

ὑπονοεῖται, ὥστε μὴ μόνον ἰδίᾳ μοι βλαβερὸν, ἀλλὰ καὶ κοινῇ παραπλήσιον ὃν ἐπαινεῖς γάμον ὑπάρχειν. 39. Ἄνευ δὲ τούτων ἐγὼ τὰς ἐν κάλλει διαφερούσας ἡγοῦμαι μᾶλλον ἀκέραιον τὴν εὐνὴν τοῖς ἀνδράσι φυλάττειν ἢ τὰς εἰδους ἐχούσας κακῶς. θορυβεῖτέ μοι τὸν λόγον ὥς οὐ πιθανῶς εἰρημένον· παράδοξον τὸ λεχθέν, οὐ μὴν ἀληθείας ἀλλότριον. αἱ μὲν γὰρ παρὰ τῶν ἀνδρῶν, ὥς εἰκός, ἀγαπώμεναι τὸ ἴσον ἀποδιδόασιν εὐνοοῦσαί τε σωφρονοῦσιν· αἱ δὲ καταφρονούμεναι μὲν, ἀδυνατοῦσαι δὲ σωφρονεῖν, ὀλισθηρὸν γὰρ τὸ θῆλυ μὴ παρούσης εὐνοίας ἀνδρός, ἢ καὶ ἀμύνασθαι τοὺς συνοικοῦντας οἰόμεναι πρὸς τὰς ἔξω βλέπουσιν ἡδονάς. 40. Εἶεν, τῷ παιδί μὲν οὕτως ἀνόνητα παραινεῖς καὶ φέροντα βλάβην, τῇ θρεψαμένη δὲ πῶς; αἱ πόλεις, ὅσαι μὲν ἴσασι τιμᾶν ἀρετὴν, ἀνδρείους τῷ πολέμῳ συντελοῦσιν ἀγωνιστάς· ἐκεῖναι δὲ κάμνουσι καὶ ζῶσι περιδεῶς, ἐν αἷς οἱ σπουδαῖοι τῶν πολιτῶν ἐν ἴσῳ κεῖνται τοῖς φαύλοις· τῶν μὲν ἡσκημένων τὴν μάχην ἀθυμία τὴν ἐμπειρίαν ἀποβαλλόντων, τῶν δὲ μήπω πεπαιδευμένων οὐ λίαν ἀσκούντων ἄμισθον τέχνην. 41. συνιδὼν οὖν τις ταῦτα σοφὸς ἀνὴρ καὶ φιλόπολις, ὥς ἄνευ μὲν πολεμικῆς εὐεξίας ὁ βίος ἐπισφαλής, ἄνευ δὲ φιλοτιμίας οὐκ ἔστι ρώμην ἀσκεῖν, φιλότιμον δὲ χωρὶς ἀμοιβῶν οὐ ράδιον εἶναι, τίθησι νόμον· <ἂν τὴν πατρίδα, φησί, ῥύσῃ πολεμουμένην αἴτει θαρρῶν δωρεὰν οἷαν ἐθέλεις. ἀνέφξά σοι τὴν πόλιν εἰς ἀμοιβὴν ἀριστείας. ἤνπερ ἂν λάβῃς, οὐ δόξεις μείζονα χάριν εἰληφέναι τῶν πόνων. ἐπὶ τούτῳ σοι καθίζομεν ἐκκλησίαν καὶ τὸν δῆμον συλλέγομεν ἐνταῦθα. σαυτοῦ κύριος εἶ, κἂν ἔτι σοι τύχῃ περιῶν ὁ πατήρ. 42. Ζῆτει σοι τοίνυν, φησὶν, ἑτέραν οἰκίαν καὶ τὸ κάλλος σε τρεφέτω τῆς γυναικός· οὐ γὰρ τῶν ἐμῶν ἀπολαύσεις ἔτι χρημάτων οὕτω μου διαπτύων τὴν συμβουλήν.> 43. ταῦτα θυμός ἐστι μικρὸν ὕστερον λήγων. οἶδα τὴν φιλοστοργίαν τὴν σὴν. οὐ φέρεις τοῦ παιδὸς χωριζόμενος. ἐγὼ τὴν ἐκ τῆς οἰκίας ἐβουλευσάμην διάστασιν ὑποκρίνασθαι, ὅπως ἀλγήσας τῷ πράγματι συγχωρήσῃς ἢν προέκρινα γῆμαι· τὰ δὲ χρήματα, πάτερ, ἵνα τι πλεον παρρησιάζωμαι τοῦ συνήθους, ὅσον ἀγαπᾷς τε καὶ περιέπεις, τοσοῦτον οὐ δεῖ τὸν σεσωκότα λυπῆσαι. ὁ γὰρ τοὺς ἐπιόντας ἐχθροὺς ἀπωσάμενος καὶ τὸν ὑπάρχοντά σοι διεφύλαξε πλοῦτον καὶ δέδωκεν ἄδειαν ἕτερον τούτῳ προσθεῖναι. 44. Τί οὖν; ἔτι πιθανὸς ὑπολείπεται λόγος τοῖς ἐθέλουσιν ἐγκαλεῖν; ὑφορῶμαι, φησί, μὴ πολλὴν ἀδοξίαν ὀφλήσῃς εἰς τοσοῦτο κατενεχθεὶς ἀκρατείας, ὥς ἐλάττω τῆς ἀξίας ἀγαγέσθαι γυναῖκα. 45. ὅτι μὲν ὑπὲρ τῆς ἐμῆς δόξης ἀγωνιᾷς, οὐ μετρίως

εὐφραίνομαι· πατρικὴν γὰρ ἐντεῦθεν ὁρῶ σου κηδεμονίαν, ἣν τοσοῦτον ἐμοὶ πλέον ἐμφαίνεις, ὅσον οὐκ ἔχει σοι λόγον ὁ φόβος· ἡ γὰρ ἔμφυτος εὖνοια καὶ παρὰ καιρὸν οἶδε φροντίδας ἐμβαλεῖν φιλοστόργῳ πατρί. τί δὲ τοιοῦτον ἐάλωκα πράξας, οἷον ἂν ἀκρατὴς ἐτόλμησε νανίας; ἐνέδρα χρησάμενος, ὅθεν αἰεὶ προϊοῦσαν ἐώρων, φυλάξας ἐρημίαν καὶ σκότος ὥχόμην ἀρπάσας; ἡλικιώτας συναγαγὼν καὶ παραλαβὼν αὐλητρίδας παρὰ τὰς ἐκείνης ἐκώμασα θύρας; ἢ ταῦτα μὲν ἀνεδύομην ποιεῖν, μεστὰ γὰρ ἀναισχυντίας, ἐλάττονι δὲ τὸν πόθον ἀνεκούφιζον ἀναιδεία, καὶ διηκόνει τις ἐμοὶ πρὸς τὴν χρεῖαν οἰκέτης ἀπάγων τε καὶ φέρων τὰς ἀποκρίσεις, οἷα τοῖς ἐρῶσιν εἰς παραμυθίαν ἐξεύρηται; 46. ἀλλ' οὔτε ταῦτα πράξας ἐφάνην οὔτε τοὺς οἰκέτας ὑφορώμενος λαλήσας αὐτὸς ἐκείνη που, ἃ ποιεῖν ἔθος τοῖς ἄλλοις, <οῖ>³ τὸν βίον ἀβίωτον οἶονται μὴ πυκνῶς ἐντυγχάνοντες αἷς ἀγαπῶσι· μακρὰν ἀμέλει συνουσίαν ἐκτείνοντες ὅψε μὲν ἀναχωροῦσι πέρας δὴ λαβούσης τῆς ὁμιλίας, εὐθὺς δὲ μεταστρέφονται πάλιν προσθήσοντές τι παραλειφθὲν τοῖς εἰρημένοις καὶ μεστὸς οὐδεὶς γέγονεν ἐρωμένη λαλῶν. μόλις γοῦν ἀναστρέφουσιν οἴκαδε πολλάκις ἑαυτοὺς ἐπιπλήττοντες ὥς οὐκ ὀλίγων ὁμοῦ καὶ σπουδαίων πρὸς ἐκείνας ῥημάτων ἐπιλαθόμενοι, ταῦτα συνήθη τοῖς ἐρασταῖς. 47. τούτων οὐδὲν ἐγὼ ποιῆσαι προήχθην καίτοι δεόμενος τοιαύτης ψυχαγωγίας, καὶ γὰρ ἀήθης ὑπῆρχον τοῦ πράγματος, βαρύτεροι δὲ τοῖς σωφρονοῦσιν οἱ ἔρωτες καθάπερ τοῖς ὑγιαίνειν εἰωθόσιν αἱ νόσοι. τί οὖν ἀκράτειάν μοι προφέρεις καὶ τὴν ἐκ ταύτης αἰσχύνην; ἐγὼ γὰρ ἡγοῦμαι τὸν σωφρονοῦντα μὲν εὐδοξεῖν, τὸν δὲ βίᾳ τὴν ἡδονὴν μετιόντα καταγέλαστον εἶναι, τὸν δὲ τῷ πράγματι κεχρημένον εὐσχήμῳ, ὥστε τοῦ φύσαντος λάθρα ποιῆσαι μηδέν, τοῦτον οὐδεμιᾷ διδόναι χώραν αἰτία. 48. Εγὼ δὲ καὶ λήθην τῆς κόρης λαβεῖν πολλάκις ἐφιλονείκησα οὐχ ὥς ἀναξίας μου τυγχανούσης ἢ ῥαδίας ἐπιλαθέσθαι, ἐκ παντὸς δὲ πειρώμενος θεραπεύειν σε τρόπον. ἦλθον οὖν ἑμαυτῷ πολλάκις εἰς λόγους· <σὺ δὲ πειθαρχεῖν εἰωθὼς τῷ πατρὶ καὶ πάντα χαρίζεσθαι τούτων οὐκ οἶδ' ὅπως ἐκπίπτεις. 49. ταῦτα καὶ παραπλήσια τούτοις εἰπὼν ἀπίθανος ἑμαυτῷ σύμβουλος ἐγενόμην, καὶ πρὸς θάτερόν μοι τὸ πρᾶγμα περιστρέφετο. ὥσπερ γὰρ νοσῶν τις δειλίαν ἐν ἐρημίᾳ καὶ σκότῳ βαδίζων περιδεὴς ἐντεῦθεν, οἷα συμβαίνει, γινόμενος ὅσον ἀποτρίψασθαι πειρᾶται τὸν φόβον, τοσοῦτον αὔξει τὸ δέος, οὕτω δι' ὧν ἐπεχείρουν ἀποσβέσαι τὸ φίλτρον, ἐλάνθανον μᾶλλον ἐξάπτων. 50. Οὐ

³ Leio <οῖ> (Richsteig) ao invés de καί.

μὴν ἔξω συγγνώμης τι πεπονθέναι. εἰ μὲν γὰρ εἰς γῆρας ἔλθων καὶ τὴν ἡλικίαν ἄγων τὴν σὴν, ἡνίκα τῶν ἡδονῶν ἐλευθερία τις καὶ γαλήνη γίνεσθαι πέφυκεν, ἐπὶ τοῦτο προήχθην, εἰς ἔγκλημά μοι δικαίως τὸ τῆς ἐπιθυμίας ἔξωρον περίστατο, ἀλλὰ καὶ νέος ἔτι τυγχάνων, εἰ γυναικὸς ἔνδον μοι καθημένης εἰς ἄλλην ἔτρεψα τὴν διάνοιαν, τῶν μὲν συμβαινόντων τὸ πάθος, πλημμέλημα δὲ παρ' ἐμοί, καὶ καταψηφίζομαι τῶν οὕτω μὴ σωφρονούντων, πλὴν εἰ μὴ τύχοι τις ἔχων γυναῖκα τοιαύτην, οἷαν ὁ πατήρ ἐγγυῆσαί μοι βούλεται. 51. ἐπεὶ δὲ νεότητι μὲν ἐπανθῶν, γυναικὶ δὲ μὴ συνοικῶν ἔπαθόν τι πρὸς κόρην τοιαύτην ἀνδρὸς ὁμοῦ καὶ μνηστῆρος ἄμοιρον ἔτι καὶ ταύτην γέρας κατὰ τὸν νόμον αἰτῶ, ποῖον, ὦ παρόντες, ἀδίκημα τοῦτο; <ὅτι γυναῖκα,> φησὶν, <ἦν στέργεις λαβὼν οὐκ ἔἴς τοὺς ἐρώντας τῶν νέων πειραῖσθαι τὸ πάθος ἐκκόπτειν ἐλπίδα παρέχων αὐτοῖς τῆς ἐπιθυμίας τυχεῖν αἰτίος τε γενήσῃ τοῦ παρὰ τῶν παίδων ἀτιμάζεσθαι τοὺς γονεῖς. 52. ὁ δεηθεὶς ἐκκλησίας καὶ δήμου καὶ νόμου πρὸς τὸ πείσαι τὸν φύσαντα παρασκευάζει τοὺς παῖδας ἥττον ἐρυθριάσαι γονεῖς, ὁ περὶ τὸν ἔρωτα νήφων, ὡς μηδὲν ἄτοπον πρᾶξαι, τὴν ἥβην ἐγείρει πρὸς αἰσχρὰς ἡδονάς. ἐγὼ μὲν οὐ πρὸς ταῦτα, πρὸς ἀριστείαν δὲ μᾶλλον ἡγοῦμαι τοὺς ἐν ἡλικίᾳ προτρέπειν ἐνθυμουμένους, ὡς οὐ μάτην ὁ νόμος βοᾷ μηδεμιᾶς ἀποτυχεῖν ἀμοιβῆς τοὺς ἐν μάχαις εὐδοκιμοῦντας. 53. γυναῖκα μὲν οὖν ἦν στέργῳ λαβὼν παράκλησις γίνομαι τῇ νεότητι πρὸς πολεμικὴν ἀρετὴν, διαμαρτόντος δέ μου τοῦ γέρωσ εἴτα μιᾶς δωρεᾶς ἀφαιρέσει πασῶν ἀπίστων γενησομένων καὶ τῆς περὶ πολέμους ἀσκήσεως συναπολλυμένης τῇ πίστει τῶν ἀμοιβῶν πρόχειρον ἔσται θήραμα τοῖς ἐναντίοις ἢ πόλιν. 54. θαυμάζω δέ, εἰ τῆς τῶν ἄλλων σωφροσύνης κηδόμενος ὁ πατήρ τῆς τοῦ παιδὸς ἀμελεῖ. εὐδηλον γὰρ ὡς αἰσχρὰ μὲν ἕκαστος γυναικὶ συνοικῶν, κἂν ἐγκρατὴς ὑπάρχη καὶ σώφρων, ἀπρεπεία πολλάκις τῆς γυναικὸς ἀναπείθεται θηρεύειν ἡδονὴν ἀλλοτρίαν καὶ μάλιστα νέος ἀνὴρ καὶ πρὸς ἄλλην εὐπρόσωπον ἔχων τὸν νοῦν, ὁ δὲ καλὴν ἅμα καὶ ποθουμένην γήμας παρθένον, κἂν ἀκόλαστος ᾖ, σωφρονεῖ δεδουλωμένος τῇ συνοικουσίῃ. 55. πᾶν τοίνυν ἦσθην ἀκούσας που λέγοντος τοῦ πατρός, ὡς ἄρα σωφροσύνης μᾶλλον ἢ πολεμικῆς ἀγωνίας ἐπιμελητέον τὰ νῦν, ὅτι νενικημένοι, φησὶν, ἄρδην οἱ δυσμενεῖς πρὸς δευτέραν ἀπογνώσσονται πείραν. τοῦτο ἦσθην ἀκούσας· ἔστι γὰρ ἐγκώμιόν μοι μέγιστον τὸ λεχθέν, εἴπερ ἐκ μιᾶς νίκης ἀπειπεῖν τοὺς πολεμίους ἐπαίδευσεν. 56. διὸ καὶ μᾶλλον σοὶ πρέπει θεραπεῦσαι τὸν παῖδα. πρὶν μὲν γὰρ ἐπελθεῖν τῇ πόλει τοὺς δυσμενεῖς ἴσως περὶ τοῖς

ὑπάρχουσιν ἐδεδοίκεις τοῦ πρὸς τὰ χρήματα πόθου φαντάζεσθαι σε πολεμίους ποιούντος· νῦν δὲ τῆς ἥττης κατὰ τὴν σὴν μαρτυρίαν ἡσυχάζειν ἐκείνους πειθούσης ἔστι μὲν ἔχειν ἀδεῶς τὰ κτηθέντα, ἔστι δὲ φόβου χωρὶς ἄλλα συλλέγειν. ὅλως δέ, εἰ μὲν ἕτερον ὑφορώμεθα πόλεμον, ἀνδρῶν ἢ πόλις δεήσεται σώζειν εἰδότων, γενήσονται δέ, τοὺς πρότερον εὖ ποιήσαντας ἂν ἴδωσι τιμωμένους· εἰ δὲ τρόπαιον ἐν ἤρκεσεν ἀθάνατον δειλίαν ἐμβαλεῖν τοῖς ἐχθροῖς, ἀνεῖλον τὴν πρόφασιν ἀφ' ἧς δοκῶ σοι παρέχειν ἐλπίδα τοῖς νέοις τῆς ἐπιθυμίας τυχεῖν. 57. εἰ γὰρ χωρὶς ἀριστείας οὐ δίδωσιν ὁ νόμος ὅ τι βούλεται τις γέρας αἰτεῖν, πολέμου δὲ μὴ συμβαίνοντος ἀριστεύειν οὐκ ἔνεστιν, οὐ συμβήσεται δὲ τῶν ἐχθρῶν εἰσάπαξ ἀπειρηκότων, ἀνήρηται τοῖς νέοις ἢ τοῦ δουλεύειν ταῖς ἡδοναῖς ἀφορμή, ὥστε μιᾷ νίκῃ διπλὴν εὐεργεσίαν ὑμῖν προὔξενῃ, ἐλευθερίαν ἅμα καὶ σωφροσύνην. 58. Ἀλλὰ κινδυνεύει λίαν ἐπίφθονον ὑπάρχειν ἀνδραγαθία· ἐπειρᾶτο γοῦν τις ἀρτίως τὴν ἐμὴν φιλοτιμίαν αἰσχῦναι καὶ πρὸς τὸν πλησίον <ἔοικε,> φησίν, <οὗτος ὁ νεανίας,> ὑποδείξας ἐμέ, <πόθω τῷ πρὸς τὴν κόρην, οὐ τῇ περὶ τὴν πόλιν εὐνοίᾳ τὴν ἐν τῷ πολέμῳ προθυμίαν ἐνδείξασθαι.> ὁ δὲ τοῦτό με λοιδορήσας ἐτύγχανέ που μᾶλλον ἀποδημῶν, ἥνίκα τὴν πόλιν ἢ μάχῃ περιειστήκει· οὐ γὰρ ἐνὴν παρὰ τὸν τότε καιρὸν καὶ τὴν ἡμέραν ἐκείνην ἐρωτικόν τι φρονῆσαι. 59. ἀναμνήσθητε γάρ· ἡσυχία μὲν ἦν καὶ ῥαθυμία πολέμου παρασκευῆς καὶ πᾶσα δικαίως ἢ πόλις ἀνεπεπτώκει, ὁ γὰρ μηδὲν ἄδικον ἑαυτῷ συνειδῶς οὐ φυλάττεται· ἦκε δὲ τις ἀγγέλλων τοὺς πολεμίους ὥς ἤδη προσέρχονται, ὥστε ὅτι μήπω πάρεισιν θαυμάζειν ἐδόκει. ταραχῆς οὖν εὐθὺς περιθεούσης τὴν πόλιν, οἷαν ἀπροσδοκῆτου πολέμου φήμη ποιεῖ, μίαν, ὥς ἐν θορύβῳ, πάντες ἀσφάλειαν ἡγησάμεθα τὴν καταφρόνησιν τῆς ἀσφαλείας· οἱ γὰρ τοιοῦτοι καιροὶ τάχος μᾶλλον ἢ λογισμὸν ἀπαιτοῦσιν. 60. ἐπὶ τοσούτου δὴ φόβου τῶν πραγμάτων αἰωρουμένων ἐξήλασέ μου τῆς διανοίας τὴν κόρην ἢ πατρίς κινδυνεύουσα. ὥσπερ γὰρ θεράπαινά τις φιλόγελως οὐ παρούσης μὲν οἴκοι τῆς κεκτημένης κομψεύεται, ἄφνω δὲ φανείσης αὐτῆς ἡρεμεῖ σωφρονοῦσα τῷ δέει, οὕτως ἢ πόλις καθαπερεὶ δέσποινά τις ἐπιστάσά μου τῷ λογισμῷ τὴν ἐπιθυμίαν συνέστειλεν. 61. ὥς δὲ κατὰ νοῦν ἡμῖν ὁ πόλεμος ἔληξε καὶ τοῦ τροπαίου τὸ πλεῖστον ἔργον ἐμὸν ἐνομίσθη, τότε τρυφήσας τῇ τύχῃ καὶ νίκῃς εὐφροσύνη μεθύων ἀπέδωκά μου τὸν λογισμὸν τῇ παρθένῳ. τίνα δὴ τρόπον; ἀνεχώρουν μὲν τῆς μάχης, ὥς ἐβουλόμην. ἄνδρες δὲ καὶ γυναῖκες ἐξ αὐτῶν με πυλῶν ἐπὶ τὰς ἐμὰ παρέπεμπον θύρας τὸν

ἀριστεά, τὸν φιλόπολιν ὀνομάζοντες. 62. ἐνταῦθα τοίνυν ἐξίστατο μὲν ὁ πρὸ τῆς μάχης ἐνοχλήσας μοι φόβος, εἰσῆι δέ με πάλιν ἡ κόρη, ἐδόκουν γὰρ ὑπὸ ταύτης ὀραῖσθαι, καὶ σοβαρώτερον ὡς θεωρούσης ἐβάδιζον νικηφόρον αὐτῇ μηνύων τὸν ἐραστὴν ἔχαιρόν τε δοκῶν ἐκ τῆς νίκης καλλίων γενέσθαι καὶ πρὸς ἕκαστον ἔβλεπον τοῦτο παρὰ πάντων ἐλπίζων ἀκούειν. ταῦτά μοι τὴν ἐκείνης εἰσήγαγε μνήμην. οὐκουν ἐγὼ διὰ ταύτην εἰλόμην προκινδυνεύσαι τῆς πόλεως, ἀλλ' ὑφ' ἡδονῆς τοῦ σῶσαι τὴν πόλιν ἀνενεωσάμην τὸν πόθον. καὶ τί τοσοῦτον διατείνεσθαι χρή; εἰ γὰρ ὡς ἀληθῶς αἰτία τῆς νίκης ἡ κόρη, τὴν ἄξίαν ἀπόδοτε χάριν αὐτῇ, νυμφίον ἐρῶντα. 63. Μία τοίνυν ἔτι παρὰ τοῦ φύσαντος ἐμὶ λείπεται προσβολή. τίς οὖν ἐστὶν αὕτη; <εἰ τῆς εὐπορούσης τὸν γάμον,> φησὶν, <ἀποφεύγεις ὡς ἀνεράστου τὴν θέαν, ἀνάσχου βραχείας ἀναβολῆς· τάχα σοι καλὴν ὁμοῦ καὶ πλουτοῦσαν εὐρήσω γυναῖκα.> 64. οὐπω ποτὲ μᾶλλον, ὦ πάτερ, ἡράσθης ἀναβολὴν εἰσηγούμενος νέῳ γάμον ἤδη φανταζομένῳ τῶν παιδικῶν. οὐ γὰρ ἀνέχεται βράδους ὁ τῆς Ἀφροδίτης, ἄλλως τε κἂν ἐκ νόμου τις ἐν ἐλπίδι γένηται τοῦ τυχεῖν· ὁ γὰρ ἕκαστος οἶεται θάττον λαβεῖν, τούτου τὴν μέλλησιν εἰκότως οὐ καρτερεῖ. πλὴν ἀφήμι ταῦτα λέγειν ἐτέρῳ μὴ φέρειν ἐπιθυμίαν εἰδότε, αὐτὸς δὲ τί φημι καὶ πῶς οὐ δέχομαι τὴν παραίνεσιν; 65. πρῶτον μὲν σπάνιον ἐτέραν εὐρεῖν ἰσορρόπου μεταλαχοῦσαν μορφῆς. ἐν ἀπάσαις μὲν γάρ, ὅσαι παρ' ἡμῖν ὥραν ἄγουσι παστάδος, ἴσως ἂν τις εὐρεθῇ τοιαύτη· ἐπεὶ δὲ συστέλλεις τὸν ἀριθμὸν ἐν μόναίς ταῖς εὐπορούσαις ὁμοίαν ζητῶν, φύσει δύσκολον πρᾶγμα χαλεπώτερον οὕτω ποιεῖς. ἔπειτα κἂν ἐφάμιλλον τύχη τις ἔχουσα κάλλος, δόξει τὰ δεύτερα φέρειν παρὰ ποθοῦντι κριτῇ. τίς εὖ φρονῶν ἀνίσω δικαστῇ δείξει θυγάτριον ἡλικίαν ἔχουσαν γάμου; εὐλαβηθήσεται γάρ, μὴ ποτε φαύλη μοι νομισθεῖσα καὶ δόξαν ἐντεῦθεν αἰσχους ἐνεγκαμένη τοῦ συνοικήσοντος ἀπορήσῃ. 66. δεδόσθω δ' οὖν καὶ τοὺς τῶν ἐπιγάμων γονεῖς τὰς ἑαυτῶν ἐπιδείξιν μοι παῖδας καὶ μὴ χείρονά μοι φανήσεσθαι τὴν ἐκείνη παραπλησίαν· τοῦ δὲ τοιαύτην ὑπάρχειν ἐν ἀδήλῳ κειμένου τίς ἐγγυήσεται μοι τὸν τῆς ζητήσεως χρόνον, ὡς οὐ φθάσει τις ἕτερος γυναῖκα ταύτην λαβών; οὐ λείπουσι γὰρ τοιαύτη κόρη μνηστῆρες. ἢ δεησόμεθα τῶν αὐτῇ προσηκόντων τοσοῦτον ἀναμεῖναι καιρόν, ὅσον ἐτέραν ζητοῦμεν καὶ τοὺς μεταξὺ μνηστεύοντας ἀποβάλλειν; καὶ τίς οὕτως ἐλεεινὸς ἢ γέμων ἀνοίας, ὃ ἀνέξεται τῆς ἡμετέρας ἀναβολῆς; 67. ἔδει μὲν οὖν ἢ τὴν εὐπορον κόρην τῆς ἄλλης εὐτυχῆσαι τὴν φύσιν ἢ ταύτην

ἐκείνης τὸν πλοῦτον, ἐν μιᾷ γὰρ ἐκάτερον συνελθὼν τὴν πρὸς ἀλλήλους ἡμῖν ἔλυσεν ἔριν· ἐπεὶ δὲ διενείμαντο ταῦτα, γίνεται μὲν τις ἐντεῦθεν εὐσχήμων ἀπολογία· τοσοῦτον τῆς ἐν πλούτῳ διαφερούσης αἰρετωτέραν τὴν εὐειδῆ νομιστέον, ὅσον ἢ μὲν ἴσως ἂν εὖροι χρήματα – ἥδη γὰρ ἐρμαίῳ τινὲς περιέτυχον – , θησαυρὸν δὲ κάλλους οὐκ ἔνι. καὶ χρήματα μὲν τέχναι πολλαὶ χορηγοῦσι καὶ πόνοι, τὸ δὲ <κάλλος> φύσεως μᾶλλον ἢ τέχνης ἔργον ἐστίν, ὥστε ταύτην μὲν ἔνεστι τῆς εὐπορούσης ἔχειν τὸ πλεονέκτημα, τὸ δὲ ταύτης ἐκείνην ἀδύνατον κτήσασθαι. 68. εἰκότως, πάτερ, εἰκότως ἥδη γηράσας μικρὸν οἶοι δῶρον ἀνδρὶ σύνοικον εὐπρεπῆ, τῷ γὰρ τὰς ἐπιθυμίας ἀπομαραίνοντι χρόνῳ κάλλους οὐκέτι φροντίς· ἐγὼ δὲ ἐνταῦθά εἰμι τῆς ἡλικίας, ὅτε περιμάχητόν ἐστι τὸ κτῆμα. 69. καὶ σύ με φιλονεικότερον ἐποίησας ἐραστὴν δυσάλωτόν μοι καταστήσας τὴν ἄγραν. οὕτως οἱ θηραταὶ τὰ δυσκολώτερα τῶν θηρίων μέγα ποιοῦνται λαβεῖν, βραχὺν δὲ τῶν ὑπὸ χεῖρα τίθενται λόγον, ὥστε καὶ κατὰ τόνδε τὸν τρόπον εὐκαταφρόνητον εἶναί μοι τὴν παρὰ σοῦ διδομένην. εἰ μὲν γὰρ ἐλάνθανεν οὔσα φαύλη τὸ εἶδος, κοῦφον ἂν ἦν τὸ κακόν· ἐπισήμου δὲ γενομένης τῆς ἀπρεπείας ἐν ἐκκλησίᾳ καὶ δήμῳ αἰσχύνομαι τοὺς ἀποσκώπτειν ἐπιτηδεύοντας. 70. ὅπου γὰρ ἂν αἰσθῶμαι τούτους ἡρέμα φθεγγομένους ἀλλήλοις, περὶ ἐμοῦ τε καὶ τῆς γυναικὸς ὑποπτεύσω λαλεῖν. τί οὖν γένωμαι λεγόντων ἀκούων ἢ καὶ ἀκούειν δοκῶν· οἷαν ὁ τῆς πόλεως ἀριστεὺς ἔχει γυναῖκα; ἢ ποῖαν ἔξω καταφυγὴν, ὅταν ἐλαύνῃ με χαλεπῶς οἴκοθεν μὲν ἢ θεὰ τῆς γυναικὸς, ἐξ ἀγορᾶς δὲ τῆς θεᾶς ἢ φήμη; 71. Οἱ πρῶν ἡμῖν ἐπελθόντες τοιαύταις γυναιξὶ συνοικοῖεν· ἀμφοτέροις δὲ πρέπει, σοὶ μὲν εἶναι καλῆς κηδεστήν, ἐμοὶ δὲ νυμφίον. ἐπὶ ταύτῃ με στεφάνωσον, πάτερ, ἅπτε μοι δᾶδα γαμήλιον. ὑμέναιος ἔσται δημοτελὴς καὶ χορὸς ἐν τοῖς γάμοις ἢ πόλις συνηδομένη τῷ πρῶν αὐτὴν σεσωκότι τυχόντι τῆς ἐρωμένης. ἄσσονται μὲν ἄνδρες εὐφημα μέλη, ἄσσονται δὲ γυναῖκες τοιαῦτα, οἱ μὲν τὴν ἐμὴν ὑμνοῦντες ἀνδρείαν, αἱ δὲ τῆς νύμφης τὸ κάλλος. οἱ δὲ πρεσβύται σύλλογον περὶ σὲ ποιησάμενοι ζηλώσουσι μὲν τῆς εὐπαιδίας, ἀποδέχονται δὲ χρημάτων προκρίναντα τὴν τοῦ παιδὸς θεραπείαν. 72. ἔλπιζε δὴ παρ' ἐμοῦ προσθήκην τιμῆς, εἴπερ ἔνεστιν ἄρα προσθεῖναι. ἔλπιζε καὶ τὴν κόρην θυγατρὸς αἰδῶ σοι φυλάττειν. μὴ γὰρ ὅτι παρὰ φαῦλον αὐτὴν ἐποίησω, προσδέχου τινὰ παρ' αὐτῆς ἀτιμίαν. οὐχ οὗτος ὁ τρόπος ἐκείνης, ὡς εἰκάζειν ἐκ τῆς ιδέας παρέχει, ἐγὼ δὲ καὶ διαλιπὼν ἡμέρας ὀλίγας, ἵνα μὴ νύμφην οὔσαν εὐθὺς ἐνοχλήσω, πολλοῖς αὐτὴν προτρέψομαι λόγοις

ἐπιτηδείους ἀνδρὶ πρὸς γυναικὸς νουθεσίαν ἀγαπῶντι πατέρα· θεράπευε, γύναι, τὸν κηδεστήν. οὕτως εὐφραίνομαι μᾶλλον ἢ τιμώμενος ὑπὸ σοῦ. ἔδοξε δὴ σου προκρίνειν ἑτέραν. δεῖξον οὐκ ὀρθῶς προτιμήσαντα τῷ μηδαμῶς εἰδέναι μνησικακεῖν. 73. Καὶ περὶ σοῦ μὲν τοιαῦτα, τὰ δὲ ἐμὰ πρὸς ἐκείνην ἄνωθεν καταλέξω αἰσθομένη μὲν ἴσως, ἀλλὰ τοῖς ποθοῦσιν ἡδὺ λόγων εὐρεῖν ἀφορμὰς βουλομένοις διηγεῖσθαι ταῖς ἐρωμέναις καὶ ὅσα γε ἴσασιν ἀκριβῶς ἐγνωκυίας. διηγῆσομαι τοίνυν ὡς ἐορτάζουσιν εἶδον, ὡς ἰδὼν τῆς θεᾶς ἡττήθη, τὸν πόλεμον, τὴν ἀριστείαν, τὸν διδόντα μοι νόμον ὃ τι βούλομαι γέρας, τὴν ἐκκλησίαν, τὴν αἵτησιν, ὡς ἀπάντων αὐτὴν προτέραν ἐθέμην. οὕτως εὐνοοῦσαν αὐτὴν ἐμοί τε καὶ σοὶ καταστήσω. ἔστιν ἄρα καὶ πενομένη παρθένῳ λαμπρὰν ἐπάγεσθαι προῖκα, σώματος ἀγλαΐαν, ἦθος χρηστόν, καλὴν οἰκουρίαν. 74. Ἀπόδοτε τοίνυν, ὦ παρόντες, τὴν ἀμοιβήν. οὐ φιλονεικήσει τὴν δωρεὰν ὁ πατήρ. ἤδη πρᾶον ἐμοὶ προσβλέπει καὶ πατρικόν, ἤδη μοι πειθομένου πρόσωπον ἔδειξεν. οὐδὲ οἴκοθεν ἦκε λυπεῖν με βεβουλευμένος, ἀλλὰ μᾶλλον ὑμῖν ἐπιδείξων, ὡς οὐδὲ φιλονεικίας παρούσης ἐξάγομαί τι φθέγξασθαι προπετές· οὕτω μου πείραν λαμβάνει πολλάκις ἀντιλογίας προσχήματι.

<ὅτι χρή τοὺς παριόντας ἐπιχειρεῖν τὰ τῶν μελετωμένων ἥθη μιμεῖσθαι.>

1. Ἦδη που καὶ χορῶν ἐν Διονύσου γεγόνατε θεαταί, ἐν οἷς, οἶμαι, τινὰ καὶ ὀρχηστὴν ἐωράκατε νῦν μὲν ἀνδρείοις σχήμασι θέλγοντα τὴν σκηνήν, ἥνικα τὸν Θεσσαλὸν ἢ τὸ τῆς Ἀμαζόνος μειράκιον ἢ τινα ἕτερον ἄνδρα ὀρχεῖται, νῦν δὲ ποθουμένην τε τὴν Βρισέως καὶ Φαίδραν ἐρῶσαν εὖ μάλα μιμούμενον καὶ πειρώμενον πείσαι τὸ θέατρον οὐχ ὅτι ἄρα μιμεῖται, ἀλλ' ὅτι πέφυκε τοῦτο ὃ δὴ μιμεῖται. 2. οὕτω καὶ Ὅμηρος ὀρχεῖται τοῖς ἔπεσιν. ἢ οὐχ ὁρᾶτε τὸν ποιητὴν ὃ τι ἂν ἐθέλῃ τοῦτο εἶναι δοκοῦντα; ἐμοὶ μὲν, εὖ ἴστε, παρασύρει τὴν φαντασίαν, καὶ εἴ που νεανίσκον ἐξ Αἰτωλίας ἢ γέροντα Πύλιον ὑποκρίνοιτο ἢ τινα ὅλως τῶν Ἀχαιῶν καὶ οἷς ἐπολέμουν οἱ Ἕλληνες, αὐτὸν ὁρᾶν μοι δοκῶ, ὃν ἂν ἐκεῖνος ὑποκρινόμενος τύχοι, εἴτε οὖν αἱ Μοῦσαι αὐτῷ τοῦτο ἐνέπνευσαν εἴτε καὶ μῦθος αἱ Μοῦσαι, φύσεως δὲ τὸ πλεονέκτημα ἦν, ἄγαμαί τε αὐτὸ καὶ τι παρόμοιον εὐξαίμην ἂν μοι προσεῖναι. 3. ἀλλ' Ὀμήρῳ μὲν εὐτράπελός τε καὶ εὐχαρὶς καὶ πρὸς ἅπαν ἦθος εὐκόλος ἐστὶν ἢ γλῶττα, ἐμοὶ δέ, ὡς ἔοικεν, Ἀθηνᾶ τε ἐπιζητητέα καὶ ἡ τῆς θεοῦ ράβδος, ἢ τὴν Ὀδυσσέως ιδέα τρέπει πολλάκις ἐκείνη, ἵνα με πρεσβύτην ὑποδείξειε νῦν, ὅτε τοιαύτην ἦκω ζηλώσων ὑμῖν ἡλικίαν. 4. ἢ που ἐκεῖνον μέμνησθε τὸν γέροντα τὸν φιλάργυρον, οὗ πενιχρᾶς ἡράσθη κόρης ὁ παῖς, ἦν γὰρ εὐπρόσωπος αὕτη. ὁ δὲ ἄρα οἱ παρθένον οὐκ εὐειδῆ συνάπτειν ἡξίου, ἦν γὰρ εὐπορος αὕτη. εἴπερ οὖν ἐκεῖνον ἔχετε κατὰ νοῦν, οὗτός ἐστιν ἡ παροῦσα μελέτη. ὥστε μοι καὶ γήρως ἔδει τὰ νῦν καὶ ἅμα φιλοχρήματον εἶναι τὸ ἦθος· ἐναργεστέρα γὰρ ἡ τοῦ λόγου φαίνεται μίμησις, ἥνικα ὁ λέγων ἡλικιώτης ἐστὶ καὶ ὁμότροπος, ὅτου ἂν ἑαυτῷ πλάσας τυγχάνοι. 5. ἀτὰρ οὐδετέρας οἶμαι δεῖσθαι προσθήκης, εἰ τοσαύτην εὐνοίαν ἀπονέμοιτε τῷ πρεσβύτῃ, ὅσην αὐτοῦ πρώην ἐδώκατε τῷ παιδί· ὡς ἔμοιγε, ὦ φιλότης, ἄτοπον ἔδοξεν εἶναι ὑπὲρ νέου τε καὶ κόρης ωραίας ἀγωνισάμενον ἄνδρα γεγηρακότα περιδεῖν καὶ παρθένον ἁμοῖρον κάλλους.

καίτοι τοῦ λόγου <ή>⁴ μείζων ἐστὶν ἀρετὴ τὰ μὴ καλὰ ποιῆσαι <μὴ>⁵ τοιαῦτα ὀφθῆναι. ζωγράφος μὲν γὰρ ὅπως ἂν ἔχοι τὰ εἶδη φιλοτεχνεῖτω, τοῦτο γὰρ ἐκείνου τὸ ἔργον, ῥήτορι δὲ τὰ αἰσχροῦ, εἴτε σώματα εἴτε πράγματα φαίνοι, δίδωσιν ἐπισκιάζειν ἢ τέχνη.

XXII (=dial. 13)

Η ΔΙΑΛΕΞΙΣ

εἰς τὸ δευτέρας τὸν λόγον δεηθῆναι συνόδου.

1. Ἀλλὰ καὶ ἀνὴρ ὁδοιπόρος ὁδοῦ μῆκος βαδίζων τῇδε κάκεισε περιφέρει τὰ βλέμματα, εἴ τινά που ἐν μέσῳ γινόμενος ἴδοι καταγωγὴν. εἴτα ἰδὼν ὅπερ ἐπόθει ἐνταῦθα ἄσμενος ὑποδὺς μείνας τε ὅσον ἀναπαῦσαι τῷ πόδε τότε δὴ εὐπετῶς ἀποδίδωσι τῆς πορείας τὸ λείπον. 2. οὕτω ποτὲ καὶ Φιλιππίδης ἀμέλει, ἥνικα ἦκεν Ἀθήναζε, μικρὰς μεταξὺ ῥαστώνης ἀπέλαυνεν. ὕπνος δὲ ἦν ἢ ἀνάπαυλα καὶ ὄναρ λυσιτελές· ἔδοξε γὰρ οἱ τὸν Πᾶνα εἰπεῖν, ὡς ἐπιμελοῖτο τοῦ δήμου τῶν Ἀθηναίων κὰν τῷ πρὸς Μήδους πολέμῳ, τότε γὰρ ἐνειστήκει, σφίσιν ἀρήξοι. 3. ἀλλὰ καὶ Κῦρος ὁ Δαρείου καὶ Παρυσάτιδος, ὅτε δύναμιν ἀγείρας εἰς Πέρσας ἀνήει τῆς βασιλείας τὸν ἀδελφὸν ἀπαιτήσων τὸ μέρος, νῦν μὲν παρὰ τὴν Μίδου κρήνην κατέλυε τὴν πορείαν, ἣν οἶνω λέγεται κεράσας ὁ Μίδας θηρᾶσαι τὸν Σάτυρον μέθη, νῦν δὲ ὅπου πεδίον ἑώρα μέγα τε καὶ ἐπίρρυτον καὶ φέρον ἅπαντα ὅσα φύουσιν ὦραι. οὕτως ἄρα ἐκάστῳ δεῖ τινος ἀναπαύλης, ἄλλως τε ὅταν τύχη τις ἤδη γεγηρακώς, οἷαν ὁ τοῦ λόγου φιλάργυρος ἡλικίαν ἄγων τυγχάνει. 4. δεινὸν οὖν ὑμῖν εἰκότως ἐφάνη τῷ μὲν ἐκείνου παιδὶ νέῳ τε ὄντι καὶ σφόδρα ἐρρωμένῳ τὸ σῶμα, πολεμικὸς γὰρ ὑπάρχει καὶ ἀριστεύς, τούτῳ μὲν ἡμέρας φιλοτιμήσασθαι δύο πρὸς τὸν ἐκείνου ἀγῶνα, τὸν πρεσβύτερον δὲ ἀπαιτεῖν ὅλον ἐν ἡμέρᾳ μιᾷ τὸ στάδιον διανύσαι.

XXIII (= decl. 6)

<ΦΙΛΑΡΓΥΡΟΣ ΠΡΕΣΒΥΤΗΣ.>

Παῖδα φιλάργυρός τις εὖπορος ἔχων κόρην ἐβούλετο συνάψαι πρὸς γάμον αὐτῷ πλουσίαν μὲν, αἰσχρὰν δὲ τὴν ὄψιν. ἀποστρεφόμενος τὴν μνηστείαν ὁ νέος μεταξύ τινος ἐορτῆς γινομένης ἐτέρας ἠράσθη παρθένου καλῆς, ἐνδεοῦς δὲ χρημάτων ἐν τῇ πανηγύρει ταύτῃ

⁴ Acrescento o artigo, conforme sugerido por Foerster-Richsteig (1929: p.249).

⁵ Leio <μὴ> τοιαῦτα.

ιδών. περὶ ἧς τὸν πατέρα πρὸς γάμον αἰτήσας διήμαρτε. πολέμου καταλαβόντος ἠρίστευσε καὶ δωρεὰν ἦν ἐθέλει παρὰ τῶν νόμων ἔχων αἰτεῖν ἀξιοῖ τὴν ἐρωμένην λαβεῖν ἀντιλέγοντος τοῦ πατρός. μελετῶμεν τὸν φιλάργυρον.

Θεωρία.

1. Καὶ τὸν ἐν τῇ μελέτῃ πρεσβύτην ἔρως κατείληφεν, οὐ παρθένου καλῆς, φιλεῖ γὰρ σωφρονεῖν τὰ τοιαῦτα τὸ γῆρας, ἀλλὰ πλουσίας προικός, κἂν δόξη τὸν παῖδα προτρέπειν εἰς εὐκοσμίαν κἂν ὀνειδίση τῆς κόρης τὸν πόθον αὐτῷ, πρὸς ἓνα σκοπὸν ἅπαντα φθέγγεται, πρὸς ὃν ἐξ ἀρχῆς ἔκρινεν ἰθῦναι τὸν βίον. 2. ὅθεν αἰρετωτέραν ἡγεῖται τὴν εὐποροῦσαν ἴσως οὐδὲ λῖαν αὐτὴν ὁρῶν ἀπρεπῇ τυφλωττούσης αὐτῷ τῆς διανοίας ἔρωτι τῆς προικός, ὥστε καὶ τῆς ἀπόρου τὸ κάλλος ἢ πενία συστέλλει παρὰ φιλαργύρῳ κριτῇ· σκάζει γὰρ ἀμφοτέροις ἢ κρίσις, τῷ μὲν εὐνοία παρθένου, τῷ δὲ πόθῳ χρημάτων. 3. πολλὰ μὲν οὖν τούτῳ πιέζει πάθη τὸν λογισμόν, ἐπιθυμία καὶ φόβος καὶ λύπη· ἐρᾷ μὲν χρημάτων, ὑφορᾶται δὲ πενιχρᾶς κόρης κηδεῖαν, ἀλγεῖ δὲ γλυκειάς ἐλπίδος ἀποτυχῶν χρυσίον ὑποφαινούσης ἐκ τῆς ἀριστείας· ὁ γὰρ ἐβούλετο, τοῦτο καὶ ἠλπιζε γέρας αἰτῆσαι τὸν παῖδα. 4. ἀλλὰ τοσαύταις ὑποκνιζόμενος ἀφορμαῖς οὐπὼ πάνυ ὀργίλος ἔσται τῷ νέῳ, μὴ καὶ τραχύνη τὸν δῆμον πικρότερον προσιῶν τῷ σεσωκότι τὴν πόλιν, ἀλλὰ νῦν μὲν ἀφήσιν αὐτὸν εἰς ὀργήν, ὡς πατὴρ ὁμοῦ καὶ πρεσβύτης, ὁξύθυμον γὰρ κατὰ φύσιν ἢ πολιά, νῦν δὲ χαλιναγωγεῖ τὸν θυμὸν τῇ τοῦ παιδὸς ἀριστείᾳ τὴν πραότητα νέμων. 5. τοῦ δὲ νεανίσκου παλαιὰν ἑαυτῷ μαρτυρήσαντος σωφροσύνην καὶ τὸ τιμᾶν εἰδέναι γονεῖς πείθεται τούτοις, ὡς εἰκός, ὁ πατήρ, ἵνα πρὸς ζῆλον αὐτὸν ἑαυτοῦ παρακαλέσῃ τὸν παῖδα καὶ δείξῃ πλείονος ὑπεύθυνον ὄντα κατηγορίας. ἢ γὰρ ἐκ βίου χρηστοῦ πρὸς τὸ ἐναντίον μεταβολὴ διπλασίαν ἀπεργάζεται τὴν αἰσχύνην. 6. οὕτω τὸν πατέρα μιμήσομαι τὸν φιλάργυρον οὔτε χρημάτων, οἶμαι, σφόδρα πεφυκῶς ἐραστής οὔτε παίδων ὑπάρχων πατήρ, ἀλλὰ τὴν μίμησιν ἐκατέρας ποιότητος ἐκ τῆς τέχνης παραλαβών.

<Μελέτη.>

1. Ἠλπιζον μὲν ἀριστεύσαντος τοῦ νεανίσκου καὶ πρὸς μείζονα νῦν ἀναβάντος ἀξίαν καὶ πλείονα προῖκα τὴν εὐποροῦσαν ἀπαιτῆσαι παρθένον, ὁ γὰρ ἀνόνητον ἑαυτῷ τὴν ἀριστείαν ποιῶν εὐήθης ἐκ τούτου φανεῖς ἐξ εὐτυχίας ἀλόγου νικᾶν ὑποπτεύεται· ἀλλὰ πᾶσιν, ὡς ἔοικε,

λυσιτελῶς ἡγωνισμένος ὁ παῖς τῷ φύσαντι μόνον ἐπιζήμιον ἴσῃσι τρόπαιον. παραδοὺς γὰρ αὐτὸν τύχῃ πολέμου καὶ τοὺς ἐπιόντας ἐχθροὺς ἀπωσάμενος καὶ συναγαγὼν ἐκκλησίαν καὶ δῆμον ἀγείρας πατρὸς νουθεσίαν ὑπεριδὼν γύναιον ἤτησεν ἄπροικον. 2. ἅπασι μὲν οὖν ὥς εἰπεῖν ἔμφυτος ἔνεστι πρὸς ἀργύριον ἔρως, καὶ τοῦτο πάντων ἡμῖν ἡδιστον ἅμα καὶ τιμιώτατον· ὅσοι δὲ πόνοις ἰδίους συλλέγουσι χρήματα, τούτους μᾶλλον εἰκὸς ὥς οἰκειότερον τὸν πλοῦτον φιλεῖν· οἱ μὲν γὰρ πόνοι μείζον ποιοῦσι τὸ κτῆμα δοκεῖν, ἡ δὲ τοῦ μείζονος δόξα συναύξει τὸν πόθον. 3. ἐγὼ τοίνυν μέτριά μοι τοῦ πατρὸς καταλείψαντος ἐκ τούτων σπουδαῖος ἐγενόμην χρηματιστής. ἐγενόμην δὲ ὥδε. ἄρτι μὲν ἐκ παίδων εἰς ἐφήβους ἐξήειν, ἐδόκουν δέ μοι δύο τοιαύτας ὁδοὺς βίου προκεῖσθαι, τὴν μὲν εὐκόλον καὶ ῥαδίαν, τὴν δὲ τραχεῖαν καὶ χαλεπὴν λυσιτελεῖς ἔχουσιν πέρας. 4. διασκεψάμενος οὖν, ἦν ἄμεινον εἴη βαδίζειν, τὴν ἐπὶ τὸ κέρδος ἐπορευόμην καταβραχὺ βραχέα συλλέγων, καὶ τὰς αἰσχροὺς ἐπιθυμίας, ἃς ἡδονὰς ὀνομάζουσιν, ἀμοίρους ἡγούμην τέρψεως εἶναι. τί γὰρ ἂν γένοιτο μετὰ ζημίας ἡδύ; οἷα δὲ ταύτην ἐλόμενος τὴν ὁδὸν δεινὸς γίνομαι φύλαξ τῶν ὄντων. 5. οὐκ οὐκ ἡρεμεῖν τὴν πολλὴν δύναμαι νύκτα κλοπὴν ὑφορώμενος καὶ πάντα θόρυβον ληστὰς ὑποπτεύων, ὥστε τῆς ὑποψίας καὶ πρὸς τοὺς οἰκέτας ἐκτεινομένης ἐδόκει μοι γῆμαι κοινωνὸν ἔχειν ἐθέλοντι τῆς τῶν ὑπαρχόντων φρουρᾶς, καὶ δόξαν οὕτως ἦγον εἰς πέρας τὴν γνώμην. καὶ χάριν ἔχω τῷ Γάμφῳ· εὖρον ὁμότροπον κόρην τάλαντα πολλὰ κεκτημένην, γυναικείων ἔργων τεχνίτιν, οἰκουρὸν ἀκριβῆ· μικροῦ καὶ ἄσωτος τῇ πρὸς ἐκείνην παραθέσει δοκῶ. τοιγαροῦν στέργω καὶ ἀποδέχομαι καὶ ζηλῶ. καὶ τῆς συνήθους διαίτης τοσοῦτον ἀφεῖλον, ὅσον ἀναπληρῶσαι τὴν τοῦ γάμου δαπάνην καὶ τὴν ὑπὲρ τοῦ παιδὸς κεχυμένην, ὅσην ἀνάλωσα τρέφων τε καὶ παιδεύων καὶ ποιῶν ἀριστερά. 6. ταῦτά μοι πρὸς αὐτὸν παραινέσεων ἀφορμὰς ἐχορήγει καὶ νουθετῶν διετέλουν· ὦ παῖ, τὰμὰ χρήματα σὲ πεποίηκεν ἄνδρα. τοῖς ἐμοῖς χρήμασιν εἰς παλαίστραν⁶ ἐφοίτας. ἐκ τῶν ἡμετέρων ἐγένου πολεμικός. ζητεῖ τοίνυν καιρὸν ἀμοιβῶν, ἵνα μοι πληρώσης ἦν ἐκένωσας οἰκίαν. 7. τί οὖν ἔδρασαν αἱ πολλαὶ νουθεσίαι; πανήγυριν ἢ πόλις ἄγει δημοτελεῖ κατά τινα χρόνου περίοδον ὠρισμένην. ἐπὶ ταύτην ἡμᾶς ἔναγχος ὁ καιρὸς ἐκάλει, καὶ ὑπηκούσατε. ἐγὼ δὲ φεύγειν τὰς ἐορτὰς εἰωθώς, ὅτι καθάπερ ἐταῖραι τοὺς ἐραστὰς ἐρεθίζουσι καὶ προτρέπονται δαπανᾶν, ἐπειδὴ κατηφῇ καὶ

⁶ Leio παλαίστραν, acusativo, ao invés do genitivo de Foerster-Richsteig. O uso acusativo é registrado em Platão, *Górgias*, 356d.

σύννουν εἶδον τὸν παῖδα καὶ τῆς ἀθυμίας τὴν αἰτίαν ἡσθόμην, ὡς νέος ἐστὶν καὶ τοὺς ἡλικιώτας ἐορτάζειν ἀκούει καὶ πρόφασιν ἔχει τῆς λύπης, ἐβιασάμην τὴν φύσιν τὴν ἐμαυτοῦ χαρίσασθαι τῷ παιδί. καὶ πῶς ἀβροδίατος ὦφθην οὕτω πρότερον τοῦτο τολμήσας, ὥστε καὶ ἔδοξα θέαμα καινὸν ἐν πανηγύρει φανείς, καὶ πολλοὶ τὰς χορείας ἀφέντες ὀψόμενοί με συνέθεον ἄλλων ἄλλους μετὰ γέλωτος ἐλκόντων ἐπὶ τὴν θέαν ὡς παράδοξον ἅμα καὶ παρέχουσιν ἡδονήν. 8. ἐνταῦθα ἡμῖν ὁ νεανίας ἡράσθη, οὐ χρυσοῦ τινος σκεύους οὐδ' ἐκπώματος ἀργυροῦ πολλῶν προκειμένων ἐν τῇ πανηγύρει τοιούτων, ἀλλ' ἡμέτερος παῖς κόρης ἑάλω, κόρης, ὧ παρόντες, οὐ χρυσία περικειμένης, οὐ ποικίλον ἐνδεδυμένης καὶ πολυτελῆ χιτωνίσκον, ἀλλὰ τελοῦσης τὴν ἐορτὴν ἐν ἱματίοις λιτοῖς. τοιαύτην ἰδὼν ἔρωτι συνεχύθη τὸν λογισμὸν πολλὰς ἔχων προφάσεις τοῦ μὴ πενομένης ἐπιθυμῆσαι παιδός· πατὴρ ἦν φειδωλὸς καὶ δαπάνη καὶ λύπη πρὸς τὴν ζημίαν καὶ μνήμη πλουσίας παρθένου⁷. 9. ἔληγεν ἡμέρα λοιπόν, συνέληγεν ἡ πανηγυρίς. ἐβαδίζομεν οἴκαδε τὰ ἐαυτῶν διηγούμενοι φροντίδας ἀλλήλοις. οὗτος μὲν οὖν ὀνείρασιν ἔφη τὴν ψυχὴν πυρωθῆναι δωρουμένοις αὐτῷ τῆς ἐρωμένης τὸν γάμον, ἐγὼ δέ – πῶς γὰρ ἂν ἴδοι τις μὴ καθεύδων ἐνύπνιον; – οὐδὲ ὄναρ ἀπέλαβον τὴν ζημίαν, ὑπὸ δὲ τῆς ἀγρύπνου φροντίδος ἐπεπείσμην οὐποτε μακρὰν οὕτω νύκτα γενέσθαι καὶ πολλάκις ἀμέλει συγκαλυψάμενος τῶν ἀνηλωμένων ἀριθμὸν ἐποιοῦμην, εἶτα τὸ πρόσωπον ἀπεκάλυπτον ἰδεῖν ἐλπίζων τὴν ἔω. 10. ὡς οὖν μόλις ὑπέφαινε, συγκαλέσας τὸ γύναιον καὶ τὸν παῖδα καὶ τῆς ἐορτῆς τὴν δαπάνην καὶ τὴν ἐπὶ ταύτῃ νυκτερινὴν ἀθυμίαν διεξελθὼν καὶ νεύσας τῇ γυναικὶ πάλαί μοι προμαθούσῃ τὴν γνώμην κοινωνῆσαί μοι τῆς πρὸς τὸν υἱὸν συμβουλῆς διελέχθην περὶ κόρης τινὸς ὡραίας τε γάμου καὶ πλούτῳ κομώσης καὶ ζητούσης τὸν παῖδα. ὁ δὲ μάλα σκυθρωπάσας καὶ κύψας εἰς γῆν καὶ δόξαν ἡμῖν δεδοκῶς ἐπιεικείᾳ φεύγειν τὸν γάμον ἔρωτος ἐμνημόνευσε κόρης οὐδὲ ὅσον ἀποζῆν κεκτημένης. τί λέγεις; εὐθέως ἐγώ, ταῦτα φέρων ἡμῖν ἐκ τῆς πανηγύρεως ἡκεις; οὕτως ἐτράφη; οὕτως ἐπαιδεύθη; τοιοῦτον ὁρᾷς τὸν πατέρα; 11. οὕτω τοίνυν ἐμοῦ χαλεπαίνοντος συνωργίζετο μὲν ἡ γυνή, οἷα δὲ γυνή τε καὶ μήτηρ ἐδεῖτό μοι παύσασθαι τῆς ὀργῆς ἐγγνωμένη τὸν παῖδα κατὰ τὴν ἐμὴν φέρεσθαι γνώμην. ὁ δὲ σεμνὸς ἀριστεύς, οἷος ἐκ τῆς ἐορτῆς, τοιοῦτος ἐκ τῆς

⁷ A passagem πατὴρ ἦν φειδωλὸς καὶ δαπάνη καὶ λύπη πρὸς τὴν ζημίαν καὶ μνήμη πλουσίας παρθένου foi considerada uma glossa marginal por Herwerden (Cf. F.-R. p. 255, aparato crítico para linha 28 *et seq.*). Russell (2009: 127, nota 3) concorda com Herwerden, mas mantém a passagem.

μάχης ἐπανῆλθεν, ἐρωτικός, καὶ ταῦτά μοι κομίζων ἦκει τὰ λάφυρα. εἴτα τὸν περὶ τῆς ἀριστείας ἀναγινώσκει μοι νόμον καὶ πάσης ἑαυτῷ δωρεᾶς ἄδειαν ἀποδίδωσιν ἐκ τῶν συλλαβῶν ἀπατῶμενος. 12. μὴ γάρ, ὅτι τῷ ῥήματι πᾶσαν ὁ νόμος ἐπαγγέλλεται δωρεάν, αὐτοκράτωρ ἡγοῦ καὶ δεσπότης τῶν ἐν τῇ πόλει γεγονέναι τιμῶν. μὴ τοσαύτην λάβοι τις ἐξουσίαν δημοκρατίας ἀνθούσης. εἰ γὰρ οὐδένα ταῖς ἀμοιβαῖς ἔστησεν ὅρον ὁ νόμος καὶ πᾶσαν ἐποίησε δωρεάν τοῖς ἀριστεῦσι βάσιμον καὶ τὸν δῆμον ἐπὶ ῥήτοισι εἰς ἐκκλησίαν ἡγείρε κυρώσοντα πάντως τὴν αἴτησιν, ἣν ἂν πολλάκις ὁ πόλεμος φιλανθρωπότερον ἀριστείας τοῦ μὲν ἐνίστε τυραννίδα γέρας αἰτοῦντος καί, τό γε τῆς δυναστείας εὐτύχημα, καρπούμενου τὰς ἀπάντων οὐσίας, τοῦ δὲ τὸ σὺν ὀλίγοις ἄρχειν τῶν πολιτῶν, ἐταίροις αὐτοῦ καὶ συμπόταις, πρᾶγμα τυραννίδος πικρότερον· ἔστι γὰρ ἢ τῶν ὀλίγων ἀρχὴ πολλοὶ μιᾶς πόλεως τύραννοι. 13. πρὸς τί τοίνυν ὁ νομοθέτης ὁρῶν ἀνεξέταστον εἶασε πρᾶγμα τοσοῦτον καὶ τῇ γνώμῃ τῶν ἀριστεῶν ἐπιτρέπει τὴν αἵρεσιν; ἐκείνον, οἶμαι, λογισμὸς εἰσῆλθε τοιοῦτος, ὥς οὐκ εἰκὸς τὸν αὐτὸν ἄνδρα κοινῇ μὲν ὅλην διασῶσαι τὴν πόλιν, ἰδίᾳ δὲ τινὰ τῶν ἀστῶν ἀδικῆσαι τῇ δωρεᾷ, εἰ δὲ μηδένα τῶν ἄλλων, πολὺ μᾶλλον τὸν φύσαντα. 14. ὁ γὰρ ὅλην μὲν ἀπαλλάξας κινδύνου τὴν πόλιν, ἰδίᾳ δὲ τινὰ τῶν ἀστῶν ἀδικεῖν ἀξίων τῷ τρόπῳ τῆς ἀμοιβῆς οὐδὲν διενήνοχεν ἱατροῦ νόσου μὲν ὅλον ῥυομένου τὸ σῶμα, μισθὸν δὲ τῆς ἰατρείας αἰτοῦντος τὸν κάμνοντα μέρος οὐπὲρ ἰάσατο σώματος βλάβαι. ὃν γὰρ ἂν τρόπον ἐκεῖνος ἡδίκηκε τὸν ἰαθέντα τῇ βλάβῃ τοῦ μέρους, οὕτω καὶ σὺ τὴν πόλιν ἣν ἐρρύσω λυμαίνῃ τὸ πάντων σοι κυριώτατον μέρος αὐτῆς ἀδικῶν, τὸν οἰκεῖον πατέρα. 15. ἤδη τοίνυν τινὲς ἀγωνισάμενοι πόλεμον ἀμέτρῳ κεχρημένοι φιλοτιμίᾳ καὶ βουλόμενοι δόξαι μείζονα πλούτου φρονεῖν καὶ πρὸς εὐκλειαν ἄμισθον βλέπειν τοιοῦτοί τινες εἰκόνας 23.2.15.5 τυχεῖν ἐδεήθησαν ἢ κότινον ἔλαβον γέρας φύλλα καὶ χρώματα περὶ πλείονος πεπονημένοι χρυσίου. καὶ τοσοῦτον ἀμάρτημα πλημμελοῦντες ἤττον ἀμαρτάνουσι τοῦ νεανίσκου. οἱ μὲν γὰρ οὐ ζημιοῦσι τὸν οἶκον, ὅτι δὲ μηδὲν ὠφελοῦσι τῆς ἀριστείας χορηγούσης τὸ κέρδος, τοῦτο δικαίως ἂν ψέγοιντο· ὁ δὲ τοῦ πολέμου τὴν νίκην οὐ μόνον ἀνόνητον, ἀλλὰ καὶ ζημίας καταστήσει μοι πρόφασιν πενομένης με γυναικὸς ποιῶν κηδεστήν τοις ἡμετέροις εἰς ἀποτροφὴν κεχρημένης. ὦν νίκης ὑπὲρ ἅπασαν ἤτταν ἐμοὶ λυπηρᾶς, ὦ τροπαίου κατὰ τῶν ἐμῶν ἐστηκότος χρημάτων. 16. Ἄλλ' ἐγὼ σοι, φησὶν, ἐκ τῶν πολεμίων ἔσωσα τὰ ὑπάρχοντα, ὑπὲρ οὗ τὴν κόρην ἣν βούλομαι χάριν

αἰτῶ σε· καὶ δός μοι. οὐκοῦν τοῦ σῶσαι τὰ χρήματα μισθὸν ἀπαιτεῖς τὸ δαπανῆσαι τὰ χρήματα καὶ γίνῃ τῶν πολεμίων πικρότερος τῷ πατρί. ῥᾶον γὰρ φέρομεν ὑφιστάμενοί τι δεινὸν παρὰ τῶν τοῦτο προσδοκωμένων ποιεῖν ἢ παρ' ὧν οὐδὲν ὑποπεύομεν δυσχερές· ἡ γὰρ ἀνέλπιστος ἀθυμία, κἂν μικρὸν ἐλαττῶται τῆς κατ' ἐλπίδα συμβάσης, δύναται πλέον τὸν πεπονθότα λυπῆσαι. 17. εἶχον δ' ἂν καὶ ἄλλην, οἶμαι, παραψυχὴν ὑπὸ τοῦ πολέμου πένης γεγεννημένος, ὅτι πολλὰς ἤδη πολλάκις οὐσίας ἡ κατὰ πόλεμον ἀνέτρεψεν ἥττα, ὥστε τοῖς παραδείγμασι τῆς συμφορᾶς ἐκουφίζομην τῆς λύπης. ἀριστεία δὲ πενίας ποῦ γέγονε πρόφασις; ὅσῳ τοίνυν ἐξαίρετον τὸ δυστύχημα τῶν ἐν συνηθείᾳ κακῶν, τοσοῦτῳ μᾶλλον ἐμοὶ χαλεπώτερον γίνεται. 18. ἀλλὰ γὰρ ὁ τῆς κόρης ἔρωσ οὐκ εἰωθότα σε πρὸς τὸν πατέρα θρασύνεσθαι πρὸς τοσαύτην ἐξήνεγκε παρρησίαν καὶ λαβεῖν οὐκ ἔᾶ κατὰ νοῦν, ὅτι τοῖς ἐμοῖς ἐκτήθη τὰ χρήματα πόνοις. ἀπόδος οὖν αὐτός μοι μισθὸν φυλάττων ταῦτα τῇ νίκῃ καὶ μὴ τὴν χάριν ἣν ὀφείλεις ἐμοὶ ταύτην εὐεργεσίαν μοι λογισάμενος ἀμοιβὴν ἀξιώσης κομίζεσθαι· παραπλήσιον γάρ, ὥσπερ ἂν εἴ τις δάνειον ἀποδοὺς ἀπῆται καὶ μισθὸν τὸν δανείσαντα. 19. οἱ μὲν οὖν ἄλλοι πάντες τέχνας τε παντοίας ἐξεῦρον καὶ μηχανὰς μικροῦ πολλάκις ἔνεκα κέρδους, ὥστε καὶ θαλάττῃ πολλούς, ἀπίστῳ πράγματι, παραδιδόναι τὴν σωτηρίαν· σοὶ δὲ μόνῳ τῶν πάντων ὑπὲρ ἐνδείας, ὡς ἔοικεν, ὁ τοῦ πολέμου τετόλμηται κίνδυνος. 20. τί οὖν, ὦ παρόντες, τὸ ποικίλον ἐπιχείρημα ⁸ τοῦ παιδός; καλῆς δεῖ μοι γυναικός, οὐ πλουσίας ἱκανῶς ἔχοντι βίου. δεῖ γὰρ ἄνδρα μὲν πένητα γυναῖκα ζητεῖν εὐποροῦσαν, κἂν ἢ δυσειδής, τὸν δὲ πλούσιον εὐπρεπῇ, κἂν ἢ πενιχρά. 21. οὗτος ὁ νόμος οὐδαμοῦ τῆς ἀξίας φυλάττει τοὺς ὅρους καὶ κρατοῦντος αὐτοῦ διχόθεν ἐκπίπτει συμμετρίας ὁ γάμος οὔτε τῶν δεομένων οὔτε τῶν εὐπόρων ἀγομένων γυναικας μετρούμενας τῇ Τύχῃ. λογίζου δὲ κάκεῖνο, ὅτι γύναιον ἐνδεῶς τεθραμμένον, εἰ λάβοιτο πλουτούσης οἰκίας, εἰς ἀπληστίαν τε καὶ τρυφὴν ἀπειροκάλως ἐκφέρεται κατὰ τοὺς ἐκ νόσου ραΐζοντας ἀκρατῶς τοῖς σιτίοις χρωμένους. 22. Ἄνευ δὲ τούτων ἡ μὲν ἅπαξ ἀγαπωμένη τοῦ κάλλους αὐτῇ πρὸς τὸ παρὰ σοῦ φίλτρον ἀρκέσαι δοκοῦντος βραχεῖαν τῆς ταλασίας ποιήσεται πρόνοιαν ὡς οὐ δεομένη τῆς ἐκ τῶν ἔργων εὐνοίας· ἡ δὲ τὴν ὄψιν αἰσθομένη σοι μὴ λίαν ἀρέσκειν διὰ τῆς ἀρετῆς εὐφραίνειν πειράσεται τῇ τε περὶ τὸν οἶκον σπουδῇ καὶ χρηστότητι τρόπων ἑαυτὴν καλλωπίζουσα, ὥστε κατ' ὀλίγον

⁸ Leio ἐπιχείρημα e não ἐγχείρημα, conforme sugestão de Richsteig e Russell.

ἀνακτήσεται ἀνδρὸς φιλίαν ἤθους τε δεξιότητι καὶ μεγέθει προικὸς καὶ γυναικείων ἔργων ἐπιμελείᾳ. 23. καὶ τὸ μὲν τῆς εὐνοίας προοίμιον ἐντεῦθεν ἔσται σοι πρὸς ἐκείνην, τῆς εὐνοίας δὲ πόθον τικτούσης οὐδὲ τὴν θέαν αἰσχροῖ σοι φανήσεται τῆς ἔνδον εὐπρεπείας ὠραϊζούσης αὐτῇ τὴν ἔξω μορφήν, κἂν τι προσῇ δυσειδές, οὐδὲ τοῦτο χάριτος ἄμοιρον εἶναί σοι δόξει· τὰ γὰρ τῶν παιδικῶν ἐλαττώματα φιλεῖ τοῖς ἐρῶσιν ἐπαφρόδιτα φαίνεσθαι. 24. ἡ μὲν εὐποροῦσα τοιαύτη· ἡ δὲ τῶν ἔργων, ὥσπερ ἔφην, ὀλιγωροῦσα καταβραχύ σε τοῦ πρὸς αὐτὴν ἀφίστησι πόθου. σῶμα γὰρ εὐειδὲς ἄνευ τῆς ἐντὸς ἀρετῆς ὀλίγον ἀγαπᾶται καιρὸν καὶ μάλιστα μεταβαινούσης εἰς σύνοικον τῆς ἐρωμένης. κατορθωθείσα γὰρ βεβαίως ἐπιθυμία ταχέως ἀπομαραίνεται. ἀλλὰ νῦν μὲν ὡς ἐραστῆς ἀπὸ τῆς θέας ἐξετάζεις τὴν κόρην, ἀνὴρ δὲ γενόμενος προῖκα ζητήσεις καὶ σεμνότητα τρόπων. 25. ἐγὼ μὲν οὐδὲ τοσοῦτον οἶμαι τὴν εὐποροῦσαν ἠττάσθαι πρὸς ἄμιλλαν εἶδους, ὅσον ἐν πλούτῳ προέχει, καὶ σύ μοι δοκεῖς οὐχ οὕτω τῆς ἀπορούσης θαυμάσαι τὸ κάλλος ὅσον αὐτῆς ἐλεῆσαι τὴν ἔνδειαν. ἰδὼν γάρ, οἶμαι, ταπεινῶς ἐορτάζουσιν ἔπαθές τι τὸ πρῶτον ἐλεεινόν, εἶτα κατὰ μικρὸν ὁ πρὸς ἐκείνην οἶκτος εἰς ἔρωτά σοι μεθίστατο. μὴ τοίνυν τῆς πενίας τὴν συμφορὰν, ὑπὲρ ἧς ἐκείνην οἰκτεῖρεις, ταύτην σαυτῷ φιλονείκει προσάπτειν. 26. ἀλλὰ γὰρ εὖ ποιῶν ὠμολόγησας, ὅτι πολλά σοι τὸν ἔρωτα συνήγαγον ἀφορμαί, πανήγυρίς τε καὶ πότος καὶ πλησμονὴ καὶ πατὴρ ἐλπίδα γάμου διδούς. οὐκοῦν ταῦτα μὲν αἰτία σοι τοῦ φίλτρου, τὸ δὲ φίλτρον αὐτὸ τοῦ καλὴν σοι δόξαι τὴν κόρην. θῶμεν τοίνυν ἑκατέραν αὐτῶν οὕτως ἰδέας ἔχειν ὡς σοὶ φαίνεται· ἐκεῖνο δὲ πῶς πείθειν ἡμᾶς ἀξιοῖς κοσμιωτέραν εἶναι τῆς εὐπορούσης τὴν ἐν πενίᾳ τραφεῖσαν; τοῦτο γὰρ ἀρτίως ἐβιάσω δεικνύναι. 27. καὶ τίς ἂν ἀγνοήσῃ, πρὸς θεῶν, ὡς ἡ μὲν περιουσίαν τε κεκτημένη καὶ νικωμένη σώματος ὥρᾳ σωφροσύνην ἐκ τῶν εἰκότων ἀσκήσει, ἡ δὲ δαπανῶσα μὲν ἑμοὶ τὴν οὐσίαν ἀπληστίᾳ τε καὶ ῥαθυμίᾳ τῶν ἔργων, τῆς δὲ συνήθους ἀπολαύειν βουλομένη τρυφῆς προσδόφῃ χρήσεται βίου τῷ κάλλει τοὺς ἀκολάστους θηρωμένη τῶν νέων; 28. σὺ δὲ δι' ἐκείνην μὲν δέδοικας, ἣν οὐκ ἀσμένως ὀρᾷς, ὁ δὲ τῆς ἐρωμένης ἀδεῆς ἐστὶ σοι γάμος, ἄτοπὰ γε καὶ λίαν ἐναντία τῇ πείρᾳ. ὅσοι γάρ, οἶμαι, συνοικοῦσι ταῖς ποθουμέναις, ὅσον αὐτῶν ἐρῶσι καιρόν, περίφοβοί τέ εἰσι καὶ μετὰ κακῆς ζῶσιν ἐλπίδος ἐτέρους ἐρᾶν ἐξ ἑαυτῶν ὑποπτεύοντες, ὥστε μόλις αὐταῖς οἴκοθεν ἐνδιδόασιν ἐξιέναι, κἂν ἄρα ποτὲ τοῦτο ποιεῖν ἐπιτρέψωσιν, μικρὸν ἄπωθεν ἔπονται πρὸς ἀσφάλειαν, κἂν προσβλέψῃ τις παριῶν κἂν

τύχη τις ἑτέρα προφάσει μειδιάσας πρὸς ἕτερον, ὑπόνοια καὶ λύπη καὶ θυμὸς καὶ λαιδορία. καὶ κατατέμνονται λογισμοῖς ἀμφιβόλοις οὐδέτερον ἑαυτοὺς δυνάμενοι πείσαι βεβαίως, οὔτε μὴ σωφρονεῖν αὐτοῖς τὰς γυναῖκας οὔτε πορνείας παντελῶς ἀπηλλάχθαι. τὸ μὲν γὰρ δεδιέναι τὴν ὑποψίαν ποιεῖ, τὸ δὲ μὴ θέλγει τὴν ἀπιστίαν. ἐν τοιαύταις ἔση φροντίσιν, ὦ παῖ, λαβὼν ἦν στέργεις γυναῖκα. 29. Πολλὰ δέ σου τῶν σοφισμάτων μόλις κατανοήσας ἐκεῖνο ῥαδίως ἐφώρασα τὸ κακούργημα, ὅτι τῶν παρθένων τὴν μὲν ἐκ τῆς ἰδέας ἀποσεμνύνων, τῇ δὲ κακίαν ὀνειδίζων μορφῆς τὴν εὐειδῇ μὲν ἐκάθισας ἐργαζομένην οἴκοι τῷ λόγῳ, τὴν δὲ μὴ τοιαύτην προήγαγες ἀπιθάνως εἰς ἀγοράν. εὐδηλον γὰρ ὡς ἐκείνη μᾶλλον ἀβρυνομένη τῇ φύσει καὶ μάρτυρας ἔχειν βουλομένη τοῦ κάλλους, εὐπρεπείας γὰρ οἴησιν ὁ σὸς ἐκείνη δέδωκεν ἔρω, ἐξόδοις χρήσεται πυκνοτέραις τὸ μὴ συναντῆσαι πολλοῖς ἡγουμένη ζημίαν, ἵνα σοι τῆς ἀγορᾶς ἀνιοῦσα διηγήσῃται, πόσους εἴλε τῶν θεωμένων, ἐπαιρομένη μὲν τοῖς διηγήμασιν, ἐρυθρίαν δὲ προσποιουμένη. 30. τοιαύτας εἰσάγει μοι περὶ αὐτῆς ὑποψίας ἡ κόρη θεασαμένη τὴν ἔναγχος ἐορτήν. ποῖ φέρη, παρθένη; τί μὲν ἀνδράσι καὶ κόραις κοινόν; τί δὲ πενία καὶ πανηγύρει; σὺ δὲ πῶς αὐτουργὸς οὔσα καὶ μίαν ἀφορμὴν ἔχουσα βίου τὰς χεῖρας ἐορτῇ παραβάλλεις; ἔοικας οὐ θεωρεῖν τὴν πανήγυριν, ἀλλὰ θεωρεῖσθαι μᾶλλον ἐθέλεις. γυνὴ δὲ καλὴν ἑαυτὴν οἰομένη καὶ μέγα τούτῳ φρονοῦσα περιέργοις τε σχήμασι καὶ θρυπτομένῳ βαδίσματι κεχηρμένη καὶ πυκνῶς ἑαυτὴν περιβλέπουσα τούτοις ἀμβλύνει τὸ κάλλος· ἅπαν γὰρ πλεονέκτημα προσλαβὼν οἴησιν ἀμαυροῦται. 31. μὴ τοίνυν τὴν ἐκείνης αἰδῶ, φῆς γὰρ αἰσθομένην σου ποθοῦντος ἐρυθριᾶσαι, νόμιζε πάντως εὐκοσμίας εἶναι τεκμήριον. μᾶλλον γὰρ ἐραστοῦ λαβομένη καὶ τούτου τὴν αὐτῆς ὑπεραίροντος τύχην ὑφ' ἡδονῆς ἡρυθρίασεν. 32. οἷα τοίνυν ἄνδρα τὸν ἐραστὴν εὐτυχοῦσα περιφανῇ τε χιτῶνα καὶ λαμπρά σοι χρυσία περιποιεῖν ἐπιτάξει καὶ πείσει πάντα ῥαδίως. ἐρῶντι γὰρ οὐδὲν φαίνεται δύσκολον ἐρωμένης ἐπίταγμα· δυσχεραίνει μὲν οὖν, εἰ μὴδὲν ἐπιτάττοιο. 33. εἰ δὲ τῆς προλαβούσης ἐνδείας λογισμὸς αὐτὴν εἰσιῶν μέτρια παρασκευάσει φρονεῖν, αἱ τῶν γυναικῶν ὁμιλίας ῥαδίως αὐτὴν ἐξογκώσουσιν, ὅτε παρούσης ὑποφθέγονται πρὸς ἀλλήλας τοσοῦτον ἐξαίρουσαι τὴν φωνήν, ὅσον ἐκείνην ἀκοῦσαι· <μάτην ἔδοξεν αὐτῇ σύνοικον ἔχειν ἐρῶντα· ποία γὰρ ἀνδρὸς εὖνοια μὴ χορηγοῦντος ἐσθήματα καὶ χρυσόν;> 34. ἐκ τοιούτων ἐπανερχομένη σοι λόγων κατηφὲς ἀναπλάσεται πρόσωπον καὶ τραπέζης παρούσης ἄσιτος καθεδεῖται νεύουσα κάτω καὶ πρὸς

εὐνήν καλοῦντος δυσμενῶς ὑπακούσεται. τίς οὕτως ἔχουσιν ἐρωμένην ἰδὼν οὐ πάντα πράττειν ὁμολογήσει; ποῖος δὲ πλοῦτος ἀρκέσει πρὸς τοιαύτην ὑπόσχεσιν; 35. Πρὸς ταῦτα τοίνυν ἰσχυρὸν ἔχων οὐδὲν εἰς γέλωτα τὴν ἐκκλησίαν ἐκίνεις ὑφορᾶσθαι σχηματιζόμενος, μή ποτέ σοι τὴν εὐπορον γήμαντι θῆλυ τεχθεῖν παιδίον ἐοικὸς τῇ μητρὶ καὶ πολλῆς ἐκ τούτου δεηθεῖν προικὸς καὶ λάθοις ἐντεῦθεν εἰς πενίαν ἀπενεχθεῖς. πρᾶγμα τοίνυν ἄδηλον δεδοικῶς εὐτύχημα φανερόν ἀποστρέφῃ, τὸν πλοῦτον. 36. οὐκ οἶσθα, ὅτι τὸ παρὸν αἰεὶ διώκομεν ἀγαθὸν οὐδὲν ἐκ τούτου λογιζόμενοι φαῦλον; οὕτω παιδοποιεῖν ὀρεγόμεθα τέκνων οὐ προσδοκῶντες ἀποβολήν. οὕτω πελάγους κατατολμῶμεν ἐπισφαλοὺς τε καὶ γειτνιώντος θανάτῳ πλέον νέμοντες μέρος τῇ προσδοκίᾳ τοῦ κέρδους ἥπερ τῷ δέει τῆς τελευτῆς. εἰ τοίνυν διπλῆς ὑποκειμένης ἐλπίδος ἢ κρείττων αἰεὶ τῆς χείρονος περιγίνεται, πῶς οὐ λίαν εὐηθες ἀποβάλλειν ἤδη προτεινόμενον κέρδος φόβῳ ζημίας ἀδήλου; 37. θαυμάζω δέ, εἰ χρημάτων ἀποβολὴν ὑφωρόμενος ἔνδειαν σαυτῷ προξενεῖς καὶ μέλλουσιν μὲν δυσχεραίνεις πενίαν, παροῦσαν δὲ στέργεις. καὶ τίς ὁ φυλάττεται μὴ παθεῖν, τοῦτο πάσχειν ἐπείγεται; 38. εἶτα προλέγων, ὅτι τὸ γύναιον γόνιμον ἔχει γαστέρα καὶ τίκτει καὶ θῆλυ τὸ τικτόμενον ἔσται καὶ τῇ μητρὶ παραπλήσιον καὶ πρὸς ἡλικίαν ἀφίξεται γάμου, τοσαῦτα δὴ μαντευόμενος προδήλου καταφρονεῖς εὐπραγίας, πόθεν, εἰπέ μοι, τὴν ὁμοιότητα τῆς μορφῆς εὐλαβούμενος; πόσαι μὲν ἀπρεπῶν θυγατέρες ὥρα λάμπουσιν ὄψεως; πόσαι δὲ τοῦ μητρώου κάλλους ἐκπίπτουσιν; οὐ γὰρ εἶδους γονέων κληρονομοῦσι πάντως οἱ παῖδες· ἀλλὰ γυνὴ μὲν αἰσχρὰ 38. καλὸν ἂν ἴσως τέκοι παιδίον, ἐκ πενιχρᾶς δὲ μητρὸς εὐπορος οὐ τίκτεται παῖς. 39. θῶμεν τοίνυν εἶδους ὑπάρχειν ὥσπερ κλήρου διαδοχὰς καὶ παῖδας γονέων παραλαμβάνειν μορφήν καὶ γίνεσθαι σοι θυγάτριον ἐκ τῆς ἐρωμένης ἐοικὸς τῇ μητρὶ. δῆλον οὖν ὅτι ζητήσεις ἄνδρα τῇ θυγατρὶ σώματος ἀγλαΐαν ἀντὶ χρημάτων αἰρούμενον ἀφθονίας. ἢ πόθεν αὐτῇ πλουτοῦντα νυμφίον εὐρήσεις; ἐξ ὧν ἡ μήτηρ εἰσάγει, νῆ Δία. ἀλλ' ἡ προῖξ αὐτῇ λιτόν ἐστιν ἱμάτιον. λείπεται δὴ σοι τῶν πατρῶων ἐκβεβλημένῳ πένητι τὸ θυγάτριον ἐγγυῆσαι. καὶ μάλα πρέπων ὁ γάμος ἀριστεῶς παιδί. 40. ἐξέτασον τοίνυν παρ' ἄλληλα, τί μὲν ἐκείνης, τί δὲ ταύτης ὁ γάμος σοι προξενεῖ. οὐκοῦν ὁ μὲν ἡδονήν, ὁ δὲ κέρδος εἰσάγει; καὶ τοῦ μὲν ἡ τέρψις ὀλίγη συμπαυομένη τῷ πόθῳ, τοῦ δὲ τὸ τῆς ὠφελείας διηνεκὲς τοῖς φειδομένοις. καὶ τῇ μὲν τελευτῶσῃ συνοίχεται δήπου τὸ κάλλος, ἡ δὲ ἀπιοῦσα τοῖς τέκνοις καταλείπει τὴν προῖκα. τίς

οὖν εὖ φρονῶν ἀντὶ τοῦ συμφέροντος τὸ τερπνόν, ἀντὶ τοῦ βεβαίου τὸ σφαλερόν, ἀντὶ τῆς ἑαυτοῦ καὶ τῶν παίδων εὐδαιμονίας τὴν ἑαυτοῦ μόνον βραχεῖαν εὐφροσύνην αἰρεῖται; 41. νόμιζε δὴ τοὺς ἐκ τῆς πενομένης σοι παῖδας ὁρᾶν ἀπορίᾳ σιτίων δακρύοντας νῦν μὲν εἰς σὲ βλέποντας, νῦν δὲ πρὸς τὴν μητέρα. τότε δὴ, τότε λήψῃ με κατὰ νοῦν καὶ τὰς ἐμὰς παραινέσεις. τότε δὴ γυναῖκα ζητήσεις, οἷαν ἐγγυῆσαί σοι βούλομαι· οὔτε γὰρ ἐκείνην ὁ σὸς ἂν θρέψειεν ἔρως οὔτε σὲ τὸ τῆς γυναικὸς εὐπρεπὲς οὔτε τοὺς παῖδας τοιοῦτοι γονεῖς. 42. <Ἄλλὰ κἂν ἐκπέσω,> φησί, <τῶν πατρῶων, οἶδα μετρίοις ἀρκεῖσθαι τοῦτο παρὰ σοῦ παιδευθεῖς.> ἐν πλούτῳ μετρίοις ἐδιδάχθης ἀρκεῖσθαι, πενόμενος δὲ τάχα δαπανᾶν ἐθελήσεις, ὅτε σοι τοῦτο μὴ πρόσεστιν. οἷς γὰρ οὐ δίδωσι τρυφῆς ἐξουσίαν ἡ Τύχη, τούτοις εἴωθε περιπόθητον γίνεσθαι τὸ τρυφᾶν. πολλοὶ γοῦν ἐξὸν μὲν αὐτοῖς πολυτελῶς διαιτᾶσθαι κολάζουσι τὴν γαστέρα, ἐστερημένοι δὲ τῶν ὑπαρχόντων ἀβροτέρας ἐπιθυμοῦσι διαίτης. 43. ἔτι τοίνυν, εἰ μὲν παῖς ὑπῆρχες ἀπόρου πατρός, ἴσως ἂν ἐκαρτέρεις τὴν ἔνδειαν τὴν συνήθειαν ἔχων οἴσεις τὴν ἀπορίαν. ἅπαν γάρ, οἶμαι, χρηστὸν λυπεῖ μὲν ἐξ ἀρχῆς μὴ παρόν, λυπεῖ δὲ πλέον ἀφαιρεθέν· εἰ γὰρ ἐτέρους πλουτοῦντας ὁ πένης ὁρῶν οὐ φέρει τὴν θέαν ἀλύπως, πολὺ μᾶλλον ἀλγήσει παλαιᾶς αὐτοῦ μεμνημένος εὐδαιμονίας. 44. Φέρε, πῶς ἔχειν εἶκος τοὺς ἐκ τοῦ πολέμου περισωθέντας τῶν δυσμενῶν; ἢ δῆλον ὅτι πικρῶς ὀλοφύρονται καὶ θρηνοῦσιν ἄλλος ἄλλην ἔχων πρόφασιν πένθους; εἴ τις οὖν ἐκείνοις ἀγγείλειε τὸν αἴτιον αὐτοῖς τῶν κακῶν τῆς πατρῴας ἐκβεβλημένον οἰκίας μετὰ τῆς ἑαυτοῦ πένεσθαι γυναικὸς καὶ ζῆν οὕτως ἐλεεινῶς, πηλίκον, οἶει, περιχαρεῖς γεγονότες ἀναβοήσονται καὶ φήσουσιν οὐ βραδέως μετελθεῖν σε τὴν δίκην. 45. Οὕτω τῆς πενομένης ὁ γάμος σοὶ μὲν ἀπορίαν πολλήν, τοῖς δὲ πολεμίοις παραψυχὴν, ἐμοὶ δὲ λύπην εἰσάγει. τοσοῦτος γὰρ ἔχει με πόθος χρημάτων, ὥστε πάσχω τι πρὸς ταῦτα παρόμοιον οἷον πρὸς ἵππους ἢ κύνας οἱ φίλιπποί τε καὶ προσκείμενοι τοῖς κυσὶ. καὶ γὰρ ἐκείνοι τιθασσεύουσιν τε καὶ διαλέγονται τούτοις οὐ λίαν αἰσθανομένοις ἀνθρωπείας φωνῆς. 46. ἐγὼ δὲ πολλάκις ἐξάγομαι τοῖς ἐμοῖς χρήμασιν ὁμιλεῖν καὶ καθάπερ ἄλλοι τοῖς παιδικοῖς παρακάθημαι, πλὴν εἰ μὴ δεήσει χρέος εἰσπράξασθαι. κἂν τύχω τι κομισάμενος, ἡδονὴ με λαμβάνει καὶ φόβος ἐκ τῆς εὐθυμίας, μὴ λάθῃ μου τῆς χειρὸς ἐκπεσόν, καὶ τοῦ συνήθους ὀξύτερον ἐπ' οἴκου βαδίζω τοὺς εὐρίσκοντάς τι μιμούμενος· τὸ γὰρ ὀφειλόμενον ὑπὸ τῆς εὐφροσύνης ὡς ἔρμαιον δέχομαι. 47. εἴτα ποθεινὸν οὕτω καὶ χρήσιμον

κτῆμα περιόψομαι δαπανώμενον ὁ μὴδὲ τόκων μέρος ἐνδοῦναί τινι καρτερήσας. ἅμα τε τοὺς
 ὀφειλομένους ἀπολαμβάνω καὶ τοὺς ἐσομένους ἀναλογίζομαι καὶ τοῦ γε καιροῦ
 πλησιάζοντος ἤδη τὴν ὠρισμένην ἡμέραν εἰδὼς οὐδὲν ἤττον περὶ ταύτης ἀνερωτῶ γλυκεῖαν
 κερδᾶναι βουλόμενος ἀκοήν, ὥσπερ καὶ οἱ ταῖς ἐορταῖς μάλιστα χαίροντες πόρρωθεν
 ἐννοοῦνται τῆς πανηγύρεως τὸν καιρὸν καὶ προσιούσης ἤδη πυνθάνονται τὴν ἡμέραν
 σαφῶς αὐτὴν ἐπιστάμενοι, ὅπως εὐφραίνονται μᾶλλον ἀκούοντες, ὅπερ ἴσασί τε καὶ
 βούλονται. οἷον οὖν πάσχουσι πρὸς τὰς πανηγύρεις ἐκεῖνοι, τοιοῦτον ἐγὼ πρὸς τοὺς τόκους,
 τὰς ἐμὰς ἐορτάς. ἅπαν δὲ κέρδος ἐμοὶ μέγα φαίνεται καὶ βραχύ· ἡ γὰρ ἐπιθυμία καὶ τὸ
 προστυχὸν ἀγαπᾷ καὶ τὸ πλεόν ἐπιζητεῖ. οὕτως ἔχοντά με γνώμης εἰδὼς φιλονεικεῖς ἐνδεὲς
 ἄγεσθαι γύναιον. 48. ἔστιν, ὦ παῖ, καὶ στέφανος εὐπρεπὴς ἐξ Ἴων καὶ ρόδων πλεκόμενος καὶ
 τάχα παιδίῳ μήπω χρημάτων αἴσθησιν ἔχοντι δόξειεν ἂν αἰρετώτερος εἶναι στεφάνου χρυσοῦ,
 ἀνὴρ δὲ πρὸς ὄνησιν πράγματα κρίνων οὐ προτιμήσει τῇ θεᾷ δελεασθεὶς τὸν ἀλλότριον
 κέρδους καὶ μικρὸν ὕστερον ἀπανθήσαντα. οἱ μὲν οὖν εὖ φρονοῦντες ἐν χρήσει τὴν ὠφέλειαν
 ὀρίζονται, οἱ δὲ φιλοτιμίαν ἀσκοῦντες ἐν δόξῃ. σὺ δὲ τούτων οὐδετέρας μεθέξεις ἄπορόν τε
 γυναῖκα καὶ ταύτην ἐξ ἀκρατείας λαβών. 49. <Καὶ ποίας ἐγώ,> φησὶν, <ἀδοξίας ὑπεύθυνος;
 οὐ προήχθην ἀρπάσαι τὴν κόρην, οὐ πρὸς αὐλὸν ἄδων ἐφάνην παρὰ τὰς θύρας ἐκείνης, οὐδὲν
 οἷον ἂν δράσειε νεανίας μὴ φέρων τὸ πάθος διεπραξάμην.> 50. οἶεται μᾶλλον ὁ νεανίσκος ἐν
 χορῶ τετάχθαι σωφρόνων, ὅτι, φησὶν, <οὐ περιήλθεν αὐλούμενός τε καὶ ἄδων.> ἄνευ γὰρ
 αὐλοῦ καὶ ᾠσμάτων μικρὸν ὄνειδός σοι δοκεῖ κόρης ἀλῶναι τοσοῦτον ὅσον ἐνδειαν πλούτου
 προκρίναι. ἀλλ' οὐκ εἴ τινες ἀναιδέστερον παροinouσι, σὺ δὲ τούτων ἔλαττον ἡμαρτες, διὰ
 τοῦτο τὴν προσήκουσαν μέμψιν ἐκκλίνεις. εἰ γὰρ τὸ μείζον ἐλάττωμα λύσις αἰεὶ τοῦ ἐλάττονος
 ἦν, ἐν ἂν ὑπεύθυνον ἔγκλημα τὸ μέγιστον κατελείπετο. κἂν ἐγώ τινα λοιδορήσω, τῷ μὴ
 πατάξαι πλημμελεῖν οὐ δοκῶ; κἂν ἀδίκων ἄρξω χειρῶν, τῷ μὴ ποιῆσαι τραυματίαν ἀθῶος
 ἀπέρχομαι; καὶ τραῦμα τολμήσας, ὅτι μήπω καὶ φόνον, ἀνεύθυνός εἰμι; 51. οὐκοῦν ἅπαντας
 ἐφεξῆς διαγραφτέον τοὺς νόμους πλὴν ὅσοι περὶ φόνων εἰσὶ γεγραμμένοι, μᾶλλον δὲ καὶ
 τούτων τοὺς περὶ τῶν ἀκουσίων τεθέντας. τοῦτο γάρ, οἶμαι, κεφάλαιόν ἐστι τῶν κακῶν. ὁρᾷς
 εἰς ὅσῃν ὁ λόγος ἀτοπίαν προβαίνει τοῖς παρὰ σοῦ ρηθεῖσιν ἀκολουθῶν. 52. σὺ δὲ πόθεν
 ᾠσμάτων, πόθεν αὐλημάτων ἐδέου; οὐ γὰρ ὅσον εἰς ἀνάξιον ἡδονὴν ἔμελέ σοι τῆς κόρης·

γάμον ἐμελέτας καὶ διηνεκῇ συζυγίαν, ἵνα βεβαίως ἐκείνην ὑποτάξης τῷ γάμῳ, ὥστε σου τὴν ἐγκράτειαν λέγων εἶναι μείζονος πόθου μὴ ποτε δὴ τι καὶ τοιοῦτον διενεόηθης· <κοσμία μοι καὶ σεμνὴ καὶ σώφρων ἡ κόρη,> τῆς εὐνοίας σοι τοῦτον ὑπαγορευούσης τὸν ἔπαινον; <ἂν οὖν κωμάσω τοιαῦτα, λυπήσω δι' ὧν εὐφραίνειν ἠγοῦμαι παρθένον ἐπισταμένην ἐρυθριά.> μὴ τοίνυν ὅσα τῆς ἐρωμένης εἰς θεραπείαν ἐποίεις, ταῦτα πρὸς ἀπόδειξιν καρτερίας μεταφέρειν βιάζου. 53. καὶ μὴν ὅσοι τοιούτοις ἀποκέχρηται κώμοις, πρὸς θήραν ἀεὶ χρῶνται τῶν παιδικῶν· σὺ δὲ παῖς ὑπάρχων εὐπόρου πατρός τὸ μέγιστον δέλεαρ εἶχες· τοῦτο γὰρ ἐλεῖν ἱκανὸν καὶ μνηστεῦσαι παρθένον καὶ μάλιστα πενία πιεζομένην. 54. πρὸς ἅπασιν δὲ τοῖς εἰρημένοις, οἶδα ἐγὼ τῶν ἐρώντων πολλοὺς ἃς ἀγαπῶσι γυναῖκας ὀκνοῦντας ἀρπάζειν οὐ δι' ἐγκράτειαν, ἀλλ' ἐξ ἄκρας εὐνοίας, ὑφορωμένους, μὴ πως οὐ τύχοιεν χαίρουσαι τῇ βίᾳ τῆς ἀρπαγῆς. παῦσαι δὴ σαθοῖς τεκμηρίοις τὴν καρτερίαν ἐμφαίνων. βούλει δοκεῖν ἀπλῶς ἐγκρατὴς, ἀπόθου τῆς διανοίας τὴν κόρην. 55. πολλοὶ σε προτρέποντες σύμβουλοι πρὸς ἐγκράτειαν, ὁ πατήρ, ἡ τεκοῦσα καὶ μετὰ τούτων ἡ προτέρα σου σωφροσύνη. οἱ μὲν γὰρ ἀκόλαστον ἐξ ἀρχῆς ἐνστησάμενοι βίον, εἴ πού τι φανεῖεν ποιοῦντες αἰσχρόν, οὐ λίαν ἐπίσημοι γίνονται τῇ συνηθείᾳ τῆς ἀσελγείας· ὅσοι δὲ λειοπότες τὴν σώφρονα τάξιν πρὸς τὴν ἑτέραν ἐξαίφνης αὐτομολοῦσιν, αἰσχυρὰς οὗτοι πληροῦσι φήμης τὴν πόλιν. ἡδεῖαι γὰρ οὔσαι καὶ ἄλλως αἱ λαιδορίαι ταῖς ἀθρόαις ἐπὶ κακίαν μεταβολαῖς, περιβόητοι μᾶλλον καὶ τερπνότεραι γίνονται. 56. μὴ τοίνυν ὄνειδος σαυτῷ περιάψης λαμπρόν, ἀλλ' ὅταν ὁ τῆς Ἀφροδίτης εἰσάγη σου τῇ ψυχῇ τὴν παρθένον, ἀντίθες αὐτῷ τὴν πενίαν, τὰς ἐμὰς ὑποθήκας, τὴν προῖκα τῆς εὐπορούσης, τὸ πάλαι σου κόσμιον. ὅψει παραχωροῦντα, κἂν φιλόνεικος ὑπάρχη καὶ δύσερις. στήσον οὖν ἕτερόν τι τρόπαιον κατὰ φαύλης ἐπιθυμίας, οἷον ἄρτι κατὰ δυσμενῶν ἀδικίας. ἄτοπον γὰρ ἑτέρων κρατοῦντα μόνον οὐ κρατεῖν ἑαυτοῦ. πρὸς ταύτην οὐ δεῖ σοι τὴν νίκην ὅπλων οὐδὲ κινδύνου. τοῦτο τὸ τρόπαιον σοὶ λογιζόμεθα μόνῳ· τῆς γὰρ δι' ὅπλων σοι νίκης τοσοῦτοι κοινωνοῦσιν ὅσοι τῆς μάχης. 57. <Ἀλλὰ ψιλοῦμεν,> φησὶν, <ἀνδρῶν μαχίμων τὴν πόλιν· φύσει γὰρ οὔσα φιλότιμος ἡ νεότης ἐλπίδι τινὸς ἀμοιβῆς γυμνάζεται τὰ πολέμια, ἐκάστῳ δὲ μισθὸς ἐστὶ τὸ ποθούμενον. τίς οὖν οὐ δεινῶς ἀθυμήσει διαμαρτάνοντός μου τῆς κόρης ὡς ἂν οὐ πιστεύων κεχαρισμένην αὐτῷ δωρεὰν ἀπολήψεσθαι; τίς δὲ μὴ τοῦτο πιστεύσας τέχνην ἀσκήσει πολεμικὴν;> 58. πολὺ μὲν τῶν ῥημάτων τὸ μῆκος,

εὐάλωτον δὲ ὅμως καὶ ῥάδιον λῦσαι. τῶν γὰρ ἐν ἡλικίᾳ τοὺς μὲν βιῶναι κοσμίως συμβαίνει, τοὺς δὲ πρὸς ἡδονὰς ἐπτοῆσθαι, καὶ τῶν εἰς τὴν δευτέραν μερίδα τελούντων τοὺς μὲν εὐπορωτέρων ἐρᾶν γυναικῶν, τοὺς δὲ παραπλησίων τὴν τύχην, τοὺς δὲ λειπομένων ἐν πλούτῳ. 59. οἱ μὲν οὖν σωφρονοῦντες τῶν νέων ἢ χρήμασι προεχούσας ἀγαπῶντες παρθένους ἢ τὴν ἴσιν αὐτοῖς κεκτημένας οὐσίαν οὗτοι μὲν ἅπαντες οὐδαμῶς ἀθυμήσουσι διαμαρτάνοντός σου τῆς κόρης, τὸ δὲ λοιπὸν τῆς νεότητος μέρος, οἱ φαυλότερα τῆς ἀξίας γύναια στέργοντες, ἀνιάσονται μὲν, ὡς εἰκός, ὁρῶντες δέ σου τὴν αἴτησιν οὐ προβαίνουσιν καὶ τῇ ψήφῳ τοῦ δήμου κατεγνωσμένην καὶ τῷ πολλοῖς ἐπίψογον δόξαι φαύλην ἡγούμενοι τὴν ὁμοίαν ὑφορώμενοι μέμψιν πειράσσονται σωφρονεῖν. 60. ἀποτυχῶν μὲν οὖν ἥς ἐρωμένης οὐδὲν ἡμῖν εἰς ἀνανδρίαν λυμαίνει· ἂν δὲ τὸ πάθος ἐκτείνης ἄχρι τοῦ τῆς ἐπιθυμίας τυχεῖν, ἄβατον ποιεῖς τῇ σωφροσύνῃ τὴν πόλιν ἄνθρωπος δόξαν εἰληφῶς εὐκοσμίας. φθείρουσι γὰρ ἥθη σεμνὰ μειρακίων οὐχ οὕτως οἱ παροινεῖν εἰωθότες, ὅσον τις εἰς ἀκοσμίαν ἐκ παλαιᾶς σωφροσύνης μεταβαλὼν· εὐσχήμονα γὰρ ἀπολογίαν ἡγοῦνται τῷ τοιούτῳ συναμαρτάνειν, ἄλλως τε καὶ ὁρῶσι τὸν δῆμον, μὴ λίαν πικρὸν εἰπεῖν ἢ, προαγωγοῦ τινος ἔχοντα τάξιν. 61. ἐντεῦθε καὶ παῖδες ἀμελήσουσιν, οἶμαι, γονέων. ὁρῶντες γὰρ ὑπεριδόντα σε τοῦ πατρός, ὃ πᾶσαν εἰώθεις αἰδῶ τε καὶ θεραπείαν προσάγειν, εἰκόνι σοι χρήσονται τῆς περὶ τοὺς οἰκείους γονεῖς ἀτιμίας. τοιούτων οὖν ἔργων τοῖς ἡλικιώταις ἔση παράδειγμα, καὶ πρώην ὀνόμασιν εὐφήμοις καλούμενος <ὁ> <σώφρων, ὁ τὸν πατέρα τιμῶν> ἀντιπάλαις ἐπωνυμίαις κληθήσῃ. μὴ γὰρ ἢ κατὰ πόλεμον ἀριστεία τὴν ἐκ τοῦ μὴ σωφρονεῖν αἰσχύνῃ ἐπικουφίζει; περιφανῇ μᾶλλον αὐτὴν ἀπεργάζεται. τοῦ τροπαίου γὰρ ἢ λαμπρότης τὴν ἐξ ἔρωτος ἀδοξίαν κηρύττει, καὶ λανθάνειν οὐκ ἔνεστιν ἄνδρα τοιοῦτον νόσφ' τοιαύτην δεδουλωμένον. 62. Ἀλλὰ γὰρ οὐκ ἔχων σαυτῷ χρήσιμον δεῖξαι τὸν γάμον ἥς ὁρέγῃ παρθένου πρὸς τὸ δοκεῖν κήδεσθαι τοῦ κοινοῦ καταφεύγεις καὶ τῇ προσηγορίᾳ τῆς πόλεως ὑφαρπάζεις οἷε τὴν ἐκκλησίαν· πλὴν ἐπειδὴ τὴν πόλιν ἄγεις εἰς μέσον καὶ μαχίμους ἄνδρας ἔχειν αὐτὴν ἀξιοῖς δίκαια λέγων, ἐγὼ τοὺς εὐπόρους ἡγοῦμαι προθυμότερον πολεμεῖν τῶν ἀπόρων διακειμένων. 63. οἱ μὲν γὰρ τῆς δεομένης μερίδος οὐκ ἔχοντες ὑπὲρ ὧν εὐλαβήσονται κοῦφον ἀτύχημα καὶ μικρὸν ἡγοῦνται τὴν ἥτταν· οἷς δὲ πρὸς ἔνδειαν ἢ μεταβολὴ αλεύει τοῦ βίου, τούτους προτρέπει γυμνάζεσθαι τὰ πολέμια τὸ τῆς ἥττης ἀφόρητον. διὰ τοῦτο καὶ δούλου σπουδαιότερον ἐλεύθερος

αγωνίζεται· ὁ μὲν γὰρ ἐλευθερίας δέδοικε στήρησιν, ὁ δὲ παρὰ τῶν πολεμίων ἀλούς οὐδὲν οἶται καινότερον πάσχειν, μᾶλλον δὲ πραοτέραν τὴν ὑπ' ἐκείνοις ἡγεῖται δουλείαν. οἰκέτη γὰρ ὁ παρῶν δεσπότης αἰεὶ τοῦ προσδοκωμένου βαρύτερος. 64. Αἰσθάνεσθαι μοι δοκῶ τὸ προσιστάμενον τῷ νεανίσκῳ. ἴσως ἐννοεῖται πρὸς ἑαυτόν· <ἔτυχον ἅπαξ δημοσιεύσας τὸ πάθος. ὅπου τις ἐμοῦ μνημονεύει, προστίθῃσί μοι τὴν κόρην. τί οὖν ζημιῶμαι τὴν ἐρωμένην μὴ διαφεύγων ἐκ τούτου τὴν ἀδοξίαν;> ταῦτα μὲν οὐδὲν ἀπεικὸς διανοεῖσθαι τὸν παῖδα, οὐ μὴ ἐγὼ τὸν τοιοῦτον ἀποδέχομαι λογισμόν. 65. ὀρίζομαι γὰρ ἄνδρα μὲν ἄριστον τὸν οὐ φρονούντά τι φαῦλον, ἔπειτα δεῦτερον τὸν ἄτοπα μὲν ἐννοούμενον, ἐρυθριῶντα δὲ λέγειν καὶ πράττειν· ὁ δὲ γνώμη μὲν ἀμαρτάνων καὶ γλώττη, καθαρὸς δὲ τοῖς ἔργοις τρίτος μοι τέτακται. τὸν δὲ γε διανοία τε καὶ λόγοις καὶ πράξεσι πλημμελοῦντα τοῦτον οὐδαμοῦ θήσομαι. ἐβουλόμην μὲν οὖν ἄριστον ἢ δευτέρον σε τετάχθαι· ἐπεὶ δὲ τὰς ἀμείνους ἀπολέλοιπας τάξεις ὁμοῦ τε τὸ φίλτρον ἐνθυμηθεὶς καὶ τὴν ἐννοίαν ἐξειπὼν, τὴν γοῦν ὑπόλοιπον φύλαττε τάξιν μὴ πρὸς ἔργον ἄγων τὸ πάθος. 66. ταύτας ἐπᾶδε σαντῷ τὰς νουθεσίας, ὦ παῖ, χρησιμωτέρας ὧν ἐφθέγξω ῥημάτων· ἐφ' οἷς ἐγὼ λεγομένοις καταδύομενος πρὸς ἐκεῖνον ἀπεπνιγόμενην τὸν λόγον, ὅτε τὸν πόλεμον ἔφης, ἕως μὲν συνειστήκει, τὴν κόρην ἐκβαλεῖν σου τῆς διανοίας, κατὰ νοῦν δέ σοι λυθέντα πάλιν αὐτῆς ἀναμνήσαι. 67. πῶς τοῦτο λέγεις, ὦ παῖ; νῦν γὰρ μᾶλλον ἐχρῆν ταπεινὸν σοι φανῆναι τῆς ἀπορούσης τὸν γάμον. τὸν γὰρ ἀνάξιον ὄντα σου πρὸ τῆς ἀριστείας ἔτι καταδεέστερον ἔδειξεν ἢ τῆς μάχης ἀνδραγαθία, καὶ μικρὸν οὐδὲν ἔδει φρονῆσαι πλούτῳ πατρώῳ τροπαίου συνελθόντος ἰδίου. 68. ὅλως δέ μοι δίδως θαυμάζειν, ὅπως ἐσχόλαζέ σοι μεμνήσθαι τῆς κόρης ὁ λογισμός. τὸν γὰρ ἐκ πολέμου καὶ νίκης ἐλθόντα καὶ πανδήμων ἀπολαύοντα κρότων καὶ διπλῇ τὴν ψυχὴν ἀσχολούμενον εὐφροσύνη, τροπαίου τε πολεμίων καὶ τῆς ἐκ τῶν οἰκείων τιμῆς, τοῦτον ἔδει τὴν κόρην ἀποθέσθαι τῆς μνήμης. οἱ μὲν γὰρ ἐξεπίτηδες ἀφορμὰς ἑαυτοῖς μηχανώμενοι πρὸς λήθην τῶν παιδικῶν φιλονεικότερον ποιοῦσι τὸν ἔρωτα· ὅσοις δὲ προφάσεις αὐτόματοι παραπίπτουσιν εἰς ἕτερα τὸν νοῦν ἐφελκόμεναι, τούτους ὧν ποθοῦσιν ἐπιλελῆσθαι προσήκει. 69. ἀλλὰ μὴν οἶδά που τοῦτο παρὰ τῶν ἐρώντων λεγόμενον, παρ' ὧν καὶ τᾶλλα τυγχάνω μαθὼν, ὅσα τοιαῦτα διήλθον, ὥς ἄρα τοῖς βουλομένοις κρατῆσαι τοῦ πάθους τὰ πρῶτα μὲν ὀδύνη τις γίνεται, βραχὺν δὲ τῆς ἐγκρατείας λαβούσης καιρὸν οὐ λίαν ἐπιπόνως αὐτοῖς ἢ

λήθη προβαίνει. πῶς οὖν τοῦ πολέμου σοι τὸ φίλτρον ἀπωσαμένου πάλιν ἀνενεώσω τὸ νόσημα; ἡ γὰρ τοιαύτη φιλία λύσεως ἀρχὴν δεξαμένη μόλις πρὸς ἑαυτὴν ἀναστρέφει. 70. Εἰ δέ σοι πάντως ἐκέκριτο γῆμαι τὴν ἐρωμένην, ἔδει κατορθώσαντά σε τὸν πόλεμον προσελθόντα μοι, πρὶν τὴν παροῦσαν ἐκκλησίαν συστήναι, κολακικῶς οὕτω καὶ πράως, <πάτερ,> εἰπεῖν, <οὐπω τὴν κόρην ἐκείνην τὴν ἐν τῇ πανηγύρει, περὶ ἧς ἤδη σοι διελέχθην, τῆς ψυχῆς ἀπεθέμην καὶ ταῦτα πολλὴν ποιησάμενος περὶ τοῦτο σπουδὴν αἰδοῖ τε καὶ θεραπεία τῇ σῇ. ταύτην εἴ μοι γυναῖκα λαβεῖν ἐπινεύσεις, αἰτήσω τὸν δῆμον ἀμοιβὴν τῆς ἀριστείας χρυσίον τοσοῦτον, ὅσῃν ἐπαγγέλλεται προῖκά μοι φέρειν ἢ πλουτοῦσα παρθένος.>

71. ἦν μὲν ἂν οὐδ' οὕτω μοι φορητὸν ἀμφοτέρω βουλομένῳ, καὶ προῖκα λαμπρὰν καὶ δεύτερον κέρδος ἐκ τῆς ἀριστείας, ἴσως δ' ἂν ἐπειθόμην ἐνδοῦναι. μὴ ποτε κέρδους ἐκατέρου γλιχόμενος ἀμφοτέρων ὁμοῦ διαμάρτω δωρεὰν σου τὴν κόρην αἰτοῦντος, εἴ γε δεῖ τοῦτο δωρεὰν ὀνομάζειν. 72. τὸ μὲν γὰρ τῆς νίκης ἀντίρροπον γέρας σαφές ἐστι δωρεὰ καὶ δικαίως ἂν τοῦτο κληθεῖη, τὸ δὲ τοῦ λαβόντος ἀνάξιον οὐ μετρίως αὐτῷ πρὸς δόξαν ἐπιβουλεύει. ὥσπερ γὰρ οἱ τῶν ἀμαρτημάτων ἐλάττους σωφρονισμοὶ μετρίωτερα ποιοῦσι τὰ πλημμελήματα, οὕτω τὴν ἐκ τῶν κατωρθωμένων συστέλλουσιν εὐκλειαν αἱ τῆς ἀξίας ὀπίσω χωροῦσαι τιμαί. ἀπὸ γὰρ τῶν μισθῶν οἱ πολλοὶ τῶν ἔργων ποιοῦνται τὴν βάσανον. 73. Εἰ μὲν οὖν ἢ τὴν ὡραίαν παρθένον τοῖς ἐκείνης χρήμασιν ἐπανθεῖν ἢ τὴν εὐποροῦσαν τοσοῦτον ἐν εἴδει νικᾶν ὅσον ἐν πλούτῳ· ἐπεὶ δὲ μὴ τοῦτο συμβέβηκεν, ἐγὼ σε διδάξω, πλούτου πρὸς κάλλος ὅσον ὑπάρχει τὸ μέσον. 74. προσώπου μὲν ἄνθος χρόνου δεδούλωται μήκει καὶ νόσῳ, πλούτῳ δὲ πρόσεστιν ἐλευθερία τις ἔμφυτος ἐκατέρου κακοῦ. καὶ χρήματα μὲν ὑπόκειται μᾶλλον φρουραῖς ἀνθρωπίναις, οὐ μὴν βίβαιος φύλαξ ἔσθ' οὗ κάλλους. δεῖ γὰρ ἐπιούσαν τε νόσον καὶ γῆρας ἀποσοβεῖν, ὧν οὐδέτερον ἀνθρώπου δέδοται φύσει. 75. χωρὶς δὲ τούτων, γυναικῶν μὲν εἶδος ἄλλος ἄλλο προκρίνει πολλῆς ἐνταῦθα κρατούσης ἀνωμαλίας, οὔτε γὰρ ἅπασιν μίαν ὅψει κεχαρισμένην οὔτε τὴν αὐτὴν τοῖς αὐτοῖς διὰ τέλους ἀρέσκουσιν· χρήματα δὲ πάντες ἀεὶ στέργουσιν ἄνθρωποι. ποῖον δὲ κάλλος, εἰπέ μοι, πρὸς εὐπρέπειαν ἀμιλλᾶται χρυσοῦ; διὰ τοῦτο χρυσὴν, οἶμαι, καλοῦσι τὴν Ἀφροδίτην οἱ ποιηταὶ καλλωπίζοντες τὴν θεόν. 76. εἰκότως, ὃ τέκνον εἰκότως μικρὸν οἶει κτῆμα τὸν πλοῦτον ἐκ τῶν πατρώων τρεφόμενος ἔτι, τῷ γὰρ οὐπω λαβόντι πεῖραν ἐνδείας ἐλάττω παρέχει τῆς ὠφελείας τὴν αἴσθησιν, ἂν δὲ

τῶν ἡμετέρων ἐκπέσης, γνώση, πόσης ἐπιμελείας ἀξία τῶν χρημάτων ἢ κτῆσις. οὐχ ὁρᾷς
 ὅποιον θυγατέρες εἰσὶν ἡλικίαν ἔχουσai γάμου; εἰ μέγαν αὐταῖς ἡ Τύχη ρεύσειε πλοῦτον,
 δρόμος ἐνταῦθα μνηστήρων καὶ πρῶτον ἐρώτημα· <πόση τῆς κόρης ἢ προίξ;> καὶ λαμπρὰν
 μὲν ἀκούων τις ἐρωτᾷ δὴ καὶ τὰ δεύτερα, εἰ γένους ἔχει καλῶς καὶ τρόπων καὶ θεᾶς· βραχεῖαν
 δὲ προῖκα καὶ φαύλην ἀκηκοὺς ἄπεισι περὶ τῶν ὑπολοίπων οὐδὲν ἀξιῶσας πυθέσθαι· οὕτω
 πᾶσι τοῖς γῆμαι βουλομένοις ἐσπούδασται λίαν ἡ προίξ, ἐνίοις μὲν πρώτη, τοῖς δὲ πλείοσι
 μόνη. 77. Ἄλλ', ὦ πλείστον ἀποβουκολίσασαι τὸν βίον ἐλπίδες, ὅπως ἐμὲ πρῶην
 ἀνεπτερώσατε πείθουσαι μεγάλα προσδέχεσθαι κέρδη τῷ τροπαίῳ τοῦ νέου. καὶ μοι, πρὸς
 θεῶν, ὦ παρόντες, δότε διὰ βραχέων εἰπεῖν, οἷαις με φαντασίαις αὐταὶ διέπαιζον· εὔρηται γάρ
 τις παραμυθία τῶν λυπηρῶν ἢ τούτων διήγησις. 78. Εγὼ τοίνυν, ἐξ ὧν ὁ παῖς εὐδοκίμησε,
 χρυσίον ὠνειροπόλουν καὶ περιήειν φαιδρός τε καὶ μειδιῶν ἕκαστον ἀξίων μοι συγχαίρειν
 ἐκάστῳ διεξιὼν, ὅτι παῖς ἐστὶν ἐμὸς ὁ τὸν ἀγῶνα νικήσας. τοιαύταις οὖν ψυχαγωγίαις
 ἡπατημένος ἐνέδωκα τῷ παιδὶ συγκαλέσαι τοὺς φίλους εἰς ἐπινίκιον εὐωχίαν, καὶ συνῆλθε
 πολυτελὲς συμπόσιον παρ' ἐμοί, πάντες νέοι καὶ πέρα καιροῦ τρυφῶντες, πῶς γὰρ ἐνῆν
 διαιτᾶσθαι μετρίως ἀνθρώπους τε νέους καὶ χαίροντας τῇ νίκῃ τῆς πόλεως λαβομένους
 ἀλλοτρίας τραπέζης; ἴσως δέ με καὶ ὑποκνίσαι βουλόμενοι προσέθηκαν τῇ τρυφῇ. 79. ἐγὼ δὲ
 καρτερεῖν ἐμαυτὸν ἐνουθέτουν τῇ προσδοκίᾳ τῆς ἀμοιβῆς τὴν ἐπὶ τῇ δαπάνῃ
 παραμυθούμενος λύπην. τῆς θοίνης οὖν λελυμένης πολὺς ἐνεκείμην τῷ νέῳ καὶ παρήνουν,
 ὅσον τάχος, ἀγεῖραι τὴν ἐκκλησίαν, ἕως ἡμῖν ὁ πόλεμος ἐντετύπεται τῇ διανοίᾳ· αἱ γὰρ
 ἀναβολαὶ τὰς χάριτας ἐπὶ ἔλαττον καταφέρουσιν ἐλαττοῦσαι τὴν μνήμην. 80. ὁ δὲ θαῆττον ἢ
 βούλομαι τὸν δῆμον ἔφη συνάγειν ἑτέρα σπεύδων προφάσει, νῦν γὰρ τοῦτο μανθάνω. ὁ μὲν
 γὰρ δῆμος ὑμεῖς ἦτε συνειλεγμένοι, ὁ δὲ παρήει πρὸς τὸ βῆμα φυσῶν καὶ τοῦ πολέμου βραχέα
 μνησθεῖς· ἡπείγετο γὰρ πρὸς τὴν κόρην, ἦτησε δωρεὰν τὰμὰ δαπανῆσαι. τοιαῦτα τῆς
 ἀριστείας ἀπέλαυσα τοῦ παιδός. οὕτω καλὸν ἔβοσκον ἐμαυτῷ γηροτρόφον. 81. ἀλλὰ μὴ
 τοσοῦτον ἔχε πρὸς τὸν φύσαντα φιλονείκως. ἔστιν ὅπου καὶ νίκη τῷ νικήσαντι βλαβερόν, ὦ
 μοι εὐδοκίμησας πολεμίων κρατήσας καὶ πατρός ἡττηθεῖς τὸ δέον εἰσηγουμένου. πόσον ἔτι
 χρόνον ἐγὼ τὰ ὑπάρχοντα κεκτήσομαι; πρεσβύτης εἰμί· βραχὺ διέστηκε γῆρας θανάτου.
 διόπερ ἐξεπίτηδες κτώμεθα παῖδας, ὅπως, ἐπειδὰν ἡμεῖς οἱ πρεσβύται μηκέτι χρηματίζεσθαι

διὰ τὸ γῆρας οἰοί τε ὦμεν, ὑμεῖς οἱ νέοι μείζω ποιήσητε τὴν οὐσίαν. πρὸς τοῦτο τοίνυν ὀρῶντες παιδοποιούμεν γνησίους βουλόμενοι κληρονόμους καταλιπεῖν μὴ καρτεροῦντες εἶναι χρημάτων ἐκτός. ἐπεὶ δὲ τῇ τελευτῇ χωριζόμεθα τούτων, μηχανώμεθά πως καὶ μετὰ θάνατον τὴν ἀπόλαυσιν τοῖς ἐξ ἡμῶν πεφυκόσι παραδόντες τὸν κλῆρον.⁸² μὴ τοίνυν τούτου σαυτὸν ἀποστέρει πένητι γάμψ, μὴ ποτε δόξης χρημάτων ἀνάξιος τῷ τούτων ἐκπίπτειν, ἀλλὰ δὸς ἅπασιν εὐχεσθαι τοὺς υἱεῖς τοιούτους ἰδεῖν. δὸς μοι σεμνύνεσθαι πρὸς τοὺς τῶν ἄλλων γονεῖς καὶ λέγειν, ὥς οὐδὲ ποθήσας ὁ παῖς ἠπειθήσε τῷ πατρί. χορήγησον τοῖς συλλόγοις περὶ σοῦ διηγήματα καθαρῶν ἐγκωμίων καὶ μὴ τοῖς ὑπὲρ ἀνδρείας ἐπαίνοις ἀναμίξης ἀκρατείας διαβολήν. ⁸³. δὸς τῇ τεκούσῃ μεγαλαυχεῖν πρὸς τὰς τῶν ἄλλων μητέρας, ἥ που στοχαζομένη λοιπὸν ἡμᾶς ἐπανάκειν τῆς αὐλείου θύρας προκύπτει τὴν ἡμετέραν ἄφιξιν ἀναμένουσα κἂν αἰσθηταί μου πράξαντός τι κατὰ νοῦν, προσδραμοῦσα σὲ περιπτύξεται καὶ ἅμα σοι περιβάλλουσα τὰς χεῖρας εἰς ἐμὲ βλέπουσα λέξει· <ταῦτά σοι τὸν παῖδα ποιεῖν ὑπεσχόμην· ταῦτα πεποίηκεν.> μὴ τοίνυν ψευδῇ τὴν ὑπόσχεσιν τῆς μητρὸς ἀποφήνης. εὐμενέστερον ὥς εἰπεῖν ἐκ τῆς ἐκκλησίας σε δέξεται τῷ πατρὶ πεπεισμένον ἥπερ ἐκ τῆς μάχης νενικηκότα. πολλὰς ἀπαριθμήσεται σοι γυναῖκας ταύτης ἐλάττους τὴν θέαν τοῖς ἀνδράσιν ἡγαπημένας, πολλὰς καταλέξει νικώσας εὐπρεπείᾳ τὴν πενομένην, αἷς οἱ γήμαντες οὐ κατὰ νοῦν συνοικοῦσιν. διηγήσεται, πόσας εὐπορούσας οἰκίας ἀνάλωσε κάλλος ἄνευ προικὸς εἰσελθόν. ⁸⁴. σοὶ μὲν ἡ μήτηρ τοιαῦτα· τὴν πλουτοῦσαν δὲ κόρην τάχα που πρὸς σὲ λυπούμενην ἐν δευτέρῳ πεποιημένην αὐτὴν τῆς ἀπορούσης τοιούτοις παραμυθήσεται λόγοις, ὥς νεότητι μὲν ἐπὶ τοῦτο προήχθης, ἤδη δὲ σοι μεταμέλει καὶ τοῖς ἵχνεσιν ἀκολουθεῖς τοῦ πατρὸς πάντα χρημάτων δεύτερα κρίνων. ⁸⁵. Βούλομαι τοίνυν τὸν πλοῦτον ὅσον ὄφελός ἐστι τῷ βίῳ διὰ βραχέων σοι δείξας καταλῦσαι τὸν λόγον. οὗτος, ὦ παῖ, κοινὸς ἀπάντων ἐστὶ τροφεύς, οὗτος πόλεων οἰκιστὴς ἅμα καὶ φύλαξ, καινὰς μὲν δημιουργῶν, ἐπανορθῶν δὲ πεπονηκυίας. ἕως κέκτησαι πλοῦτον, κέκτησαι φίλους, συγγενεῖς, ἐπαινέτας. ἂν δὲ ἀναλώσας λάθῃς, συνανάλωσας ἅπαντα. τὸ δὲ μέγιστον, ἀρετὴ γὰρ τοῖς μὲν εὐποροῦσιν ἂν ἀπῇ, παρεῖναι δοκεῖ· τοῖς δὲ πενομένοις καὶ παροῦσα λανθάνει. ⁸⁶. Ὅρᾳς κατανεύοντα τοῖς λεγομένοις τὸν δῆμον. ποιεῖ τοίνυν παλινωδίαν τοῖς χρήμασι καὶ λῦσον ἐπαίνῳ δικαίῳ τὸν φθάσαντα ψόγον καὶ δίκασον ἑκατέρᾳ παρθένῳ μὴ πρὸς ἡδονήν, ἀλλὰ πρὸς ὠφέλειαν ἄγων τὴν ψῆφον.